

HELENA
HUNTING

*Marcados
para
sempre*

A flor da pele
LIVRO
2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HELENA HUNTING

*Marcados
para
sempre*

LIVRO
2

Tradução
Thalita Uba



DEDICATÓRIA

Kato, este é para você.

AGRADECIMENTOS

Brooks, você tem mesmo uma firmeza bem firme.

À minha equipe na Orion: obrigada, vocês são demais.

Alex, Anne e Kris, obrigada por me ajudarem a domar a fera. Tenho muita sorte por conhecer vocês.

Filets, tenho orgulho por ser uma de vocês.

Enn, você é única e totalmente maravilhosa.

Deb, você é a pessoa mais sensacional do mundo. Tenho muita sorte por tê-la como amiga. Se não fosse por você, eu jamais teria sequer começado esta jornada maluca.

Obrigada aos meus amigos e à minha família, que têm me apoiado tanto durante todo este processo, da ideia à publicação e em todos os passos ao longo do caminho.

Àqueles que estão ao meu lado nesta jornada desde o começo: estou em dívida com vocês. Obrigada por acreditarem em minhas palavras.



TENLEY

Às seis e vinte e três da manhã, a porta da rua se abriu no andar de baixo, e o alarme de segurança apitou, sinalizando a chegada de Trey. Prendi a respiração enquanto prestava atenção no barulho da senha sendo digitada, depois um bipe de alerta seguido por um xingamento de Trey.

Na noite anterior, eu tinha mudado a senha do alarme pela sétima vez em uma semana. Passei a fazer isso depois que acordei com ele de pé ao lado da minha cama, berrando sobre a tatuagem nas minhas costas. Sofrendo abuso verbal do meu quase cunhado não era uma boa maneira de acordar. Então, como ele frustrou minhas tentativas de trocar a fechadura, fiz do sistema de alarme o pesadelo da vida dele.

Trey inventou frases bem criativas que descreviam exatamente o que pensava de mim; ele sabia que o alarme dispararia a qualquer momento. Peguei meu iPhone, coloquei os fones de ouvido e busquei a lista de músicas que eu tinha criado para aquele show de horrores. Um rock pesado encheu meus ouvidos quando o alarme disparou com força total.

Pouco depois, ele começou a bater à porta do meu quarto. Peguei o controle remoto na mesa de cabeceira, liguei o som conectado à TV, mandei ver no techno e fui tomar banho. Trey odeia techno.

As batidas haviam cessado quando saí do banho e me vesti. Furtiva como uma assaltante, girei a maçaneta da porta e a abri um pouquinho para espiar lá fora. Nada de Trey, mas isso não queria dizer que ele tinha ido embora. Ele já havia esperado por horas outras vezes; sua persistência não tinha limites.

Ao lado da porta havia uma pilha de papéis e uma caneta para eu assiná-los e assim ceder o imóvel para ele. Trey tinha aparecido todos os dias, mas, na última semana, suas táticas haviam mudado um pouco. De vez em quando, ele

deixava os papéis e me pegava de surpresa mais tarde ou à noite. Nos últimos dias, tinha voltado à estratégia da espera.

Minha reação era sempre a mesma: eu rasgava os papéis e os observava caírem no chão como flocos de neve. Destruí-los havia se tornado um ritual que eu apreciava.

Eu estava prestes a rasgar os que ele tinha deixado para mim naquela manhã quando reparei que não eram os mesmos de sempre. A pilha era menor. Folhiei os documentos, franzindo a testa enquanto assimilava o conteúdo. A última página continha minha assinatura desleixada. Segundo o que eu estava lendo, eu havia assinado uma procuração em nome de Trey.

Eu não tinha nenhuma lembrança de ter lido aquele documento, tampouco de tê-lo assinado. De acordo com a data, havia sido redigido e escriturado dois meses depois do acidente. Eu já havia saído do hospital naquela época, mas não tinha condição alguma de cuidar de mim mesma. Por isso, Trey havia se disposto a controlar minha medicação. Agora eu entendia por quê.

— Trey! — gritei, amassando os documentos e correndo escada abaixo.

Ele estava sentado à bancada da cozinha, digitando no laptop com o café ao lado. Como se aquela fosse a casa dele, e não a minha. Fechei o laptop com tudo nas mãos dele.

— Qual é o seu problema? — berrou Trey, levantando-se e deixando a cadeira cair para trás. O ruído metálico ecoou no espaço amplo.

— O *meu* problema? — Empurrei os papéis no peito dele. — Qual é o *seu* problema? Você acha que vai conseguir me chantagear para passar a casa para o seu nome?

Ele me segurou pelo pulso para me impedir de atacá-lo. Seu lábio se curvou em um sorriso de desdém.

— Tenho uma procuração. Posso tirar *tudo* de você se eu quiser.

— Ficou maluco? Você realmente acha que isso vai funcionar? Eu nem estava lúcida quando assinei esse documento.

Tentei me desvencilhar, mas ele apertou ainda mais, fazendo os ossos do meu pulso rangerem dolorosamente.

— É só me ceder a casa que isso não vai ser mais um problema.

— Não vou ceder nada para você, muito menos agora!

— Me passe a merda da casa, porra! — rugiu Trey.

— Por que você quer tanto me obrigar a isso? — gritei de volta.

— Porque a herança é inútil se eu não tiver a posse desta casa!

Ele me soltou, se virou e começou a andar pela cozinha, tentando se recompor, o corpo magro tremendo. Trey nunca havia perdido o controle. Esfreguei os pulsos, manchas vermelhas marcavam a pele na área em que ele apertara com força demais. As narinas de Trey se dilataram, os olhos queimavam de ódio. Ele respirou fundo e ajustou a gravata.

— O patrimônio é composto de cinco casas; por que você precisa desta? — perguntei sem entender. Apesar de que, com Trey, nada precisava fazer sentido.

— Você é mesmo tão burra assim? Não posso vender os imóveis a não ser que tenha *todos* eles.

— Mas no testamento dos seus pais...

— O testamento não importa mais! Meus pais estão mortos graças aos seus planos brilhantes de casamento, então o que eles queriam é irrelevante.

A culpa me atingiu como uma bala no peito.

— Isso não é justo.

— Não gosta da verdade? É demais para você suportar? Quer que eu pegue um analgésico?

— Chega — falei, erguendo a mão.

Eu jamais viveria naquela casa — no lugar que simbolizava tudo o que poderia ter sido, mas que jamais seria. Eu não suportava a ideia de a casa não pertencer mais à família dele. Principalmente porque Trey tinha vários parentes próximos que agarrariam a primeira oportunidade de chamar aquele imóvel de lar. A casa estava na família dele havia gerações.

— Mesmo se eu abrisse mão daqui, a casa de veraneio ainda é dos seus tios, não é?

— Eles vão vender.

— Como você pode ter certeza?

— Porque todo mundo tem um preço. Só não sei ao certo qual é o seu. Quer dizer, você ficou com Connor mesmo depois de ele ter comido metade

das mulheres da Universidade de Cornell enquanto vocês estavam dando um tempo ou seja lá como chamaram aquilo — zombou Trey. — E aí você ficou toda animada com aquela merda de pedido de casamento. Então talvez o dinheiro seja mais importante do que você deixa transparecer. Anda mais do que disposta a abrir mão da sua autoestima hoje em dia, pelo que vi em Chicago. E se eu dobrar a oferta? Você aceita?

Qualquer gota de empatia que eu pudesse ter por Trey se dissolveu. Connor não era perfeito, assim como nosso relacionamento, mas a alegação de Trey parecia mais um de seus estratagemas para me magoar. Fosse verdade ou não, eu não precisava daquela mancha na memória de Connor.

— Por que você é tão cruel?

Trey abriu um sorriso malicioso.

— Você é o único obstáculo no caminho, e vou fazer o que estiver ao meu alcance para conseguir o que quero. Se você não passar a casa para mim, eu vou tomá-la. O pedido foi uma cortesia, mas estou vendo que você é egoísta demais para entender isso. Como sempre.

Mostrei os papéis amassados. Minha paciência estava se esgotando.

— Isso não vale nada.

— Veremos.

Ele ergueu a cadeira e pegou o paletó. Ao enfiar o laptop na maleta, tirou outra pilha de papéis. Aqueles eu reconhecia.

— Só vou deixar isto aqui para você, que tal? Caso essa sua cabecinha mude de ideia — disse ele, virando-se e saindo da casa.

Assim que o carro de Trey desapareceu na curva, desabei em uma cadeira. As palavras dele eram como lascas cravadas na minha pele.

Meu relacionamento com Connor sempre foi complicado. Ele era mais velho e tinha algumas expectativas irreais — em sua maioria, noções antiquadas de propriedade. No fim das contas, tudo era questão de manter as aparências. Se tivéssemos nos casado, eu teria sido obrigada a equilibrar isso por toda a minha vida. Todas as minhas “maluquices”, como Connor as chamava, teriam sido deixadas de lado ou canalizadas para coisas mais aceitáveis. Ou escondidas debaixo de roupas e cabelos, como minha pequena tatuagem e os piercings na orelha.

Connor havia morado do outro lado do país por anos. Só voltava a Minnesota nos feriados e para passar os meses de verão. Quando começamos a namorar, ele passou a voltar com mais frequência, mas a distância desgastou a relação, e no meu último semestre da faculdade ficou difícil demais. Eu precisava me concentrar nos estudos, e não ficar sofrendo por um namorado distante. Então pedi um tempo. Durou oito semanas. Eu nunca o questionei sobre aquele período. Não achava necessário saber, já que pouco depois ele me pediu em casamento.

Infelizmente, aquela alfinetada de Trey acabou levantando outras preocupações que não tinham nada a ver com Connor. Uma imagem de Sienna se jogando em cima de Hayden surgiu em minha mente. Meu estômago se revirou. Eu não conseguia suportar a ideia de Hayden com outra pessoa. O que não era justo, porque eu que fui embora, e não o contrário.

Se ele voltasse para ela durante minha ausência, a culpa seria toda minha. Duas semanas eram tempo suficiente para que Sienna encontrasse um modo de enfiar as garras nele de novo, ainda mais levando em conta o estado em que eu havia deixado as coisas. Aquilo tornava ainda mais urgente a necessidade de pôr os pingos nos is. Eu sentia tanta falta dele que esse medo era uma distração constante e dolorosa.

Larguei a procuração na bancada. Aquilo não era como remexer nos pertences de Connor ou administrar a parte financeira do acordo: não era algo com que eu pudesse lidar sozinha. Peguei minha bolsa e os documentos, e fui para a garagem.

O trajeto familiar para Minneapolis não levou muito tempo, e logo cheguei à Williams & Williams Advogados Associados. Eu deveria ter ligado antes, mas Frank Williams era um amigo de longa data do meu pai. Eu tinha certeza de que ele me atenderia mesmo sem ter marcado horário.

O passeio de elevador até o décimo segundo andar levou uma eternidade. O espaço confinado me deixou ansiosa; eu não ia ao escritório de Frank desde que assinara a papelada relativa ao acordo com a companhia aérea e o testamento dos meus pais.

A recepcionista pareceu surpresa ao me ver.

— Tenley!

— Oi, Catherine. Infelizmente não marquei um horário, mas não me importo em esperar se o Frank estiver por aí.

— Está tudo bem? Algum problema com o acordo?

— É sobre os imóveis do Connor. Tenho... algumas perguntas.

— Já volto.

Ela foi até a sala de Frank, no final do corredor, e em menos de um minuto depois ele apareceu, com Catherine logo atrás.

— Tenley! Que bom ver você. — Embora estivesse sorrindo, percebi sua preocupação enquanto me dava um abraço paternal. — Como está a vida em Chicago?

— Estou tirando uns dias de folga. Tem algumas coisas exigindo minha atenção por aqui.

— Por que não vamos até minha sala? — Ele olhou para Catherine. — Pode reagendar aquela reunião da hora do almoço?

— Claro.

— Eu aviso se precisar reagendar qualquer outra coisa esta tarde — disse Frank, guiando-me até a sala dele.

A portas fechadas, eu lhe expliquei tudo e lhe entreguei os documentos. Frank ergueu os óculos que estavam pendurados no pescoço, franzindo cada vez mais a testa enquanto analisava os papéis.

— Por que só estou vendo isto agora?

— Só descobri hoje de manhã. Vim direto falar com você. Trey tem razão? Ele pode me tomar tudo?

Os imóveis e o valor deles não me importavam. O problema era alguém tirar o controle das minhas mãos. A possibilidade de sofrer mais perdas era demais para eu suportar.

— Esta é a sua assinatura? — Ele foi até a última página e a virou para mim.

— Sim, mas eu tinha acabado de sair do hospital e estava tomando muitos remédios. Não me lembro de ter assinado isso.

— Aquele filho da... — Frank balançou a cabeça. — Podem cassar a licença dele por isso.

— Existe algo que a gente possa fazer?

— Vou precisar de alguns dias, mas tenho certeza de que consigo anular isto. Ele deveria ser processado, mas tenho a sensação de que você não vai querer fazer isso.

— Não tenho energia suficiente para enfrentar Trey na justiça. Só quero garantir que ele não tenha poder nenhum sobre mim e que não consiga me tomar a casa. Quero isso resolvido para poder seguir em frente.

— Como quiser. Mas a Catherine disse algo sobre os imóveis do Connor. Tem mais assuntos para resolvermos?

— Sim.

Tirei da bolsa uma cópia dos documentos de transferência de propriedade que Trey me dera e o valor proposto. Tanta coisa havia mudado desde que eu assinara os papéis do acordo... Eu me afogava em culpa por aceitar uma compensação financeira por perdas emocionais tão terríveis. No último ano, pensei que a perda fosse resultado direto do meu egoísmo. Trey tinha jogado essa carta, mas eu finalmente percebi que o que aconteceu estava muito além do controle de qualquer pessoa. Eu não permitiria que ele usasse isso contra mim de novo.

Quatro dias depois, voltei ao escritório de Frank com o primo de Connor, Weston.

Frank havia conseguido anular a procuração. Ele também descobrira informações sobre uma recente proposta para os imóveis dos Hoffman, cinco casas que totalizavam mais de quarenta mil metros quadrados. Trey tinha entrado com um pedido na Câmara Municipal para fazer zoneamento comercial e demolir.

Minha casa e a parcela de oito mil metros quadrados do terreno haviam sido um presente dos pais de Connor, que ganharíamos quando nos casássemos. Íamos nos mudar para lá quando voltássemos do Havaí — só que isso nunca aconteceu.

Fiquei chocada ao descobrir que o imóvel havia sido deixado para mim. Trey ficara furioso, principalmente porque Connor, especialista em direito

imobiliário, não tinha deixado nenhuma brecha para que o irmão o tomasse de mim.

Os planos dele para o imóvel eram desconhecidos, mas algumas das casas, se não todas, corriam o risco de ser demolidas. Eu não podia aceitar isso.

Ao elaborar o novo acordo de transferência de propriedade, Frank incluiu uma cláusula que estipulava que a casa e os oito mil metros quadrados permaneceriam no estatuto de zoneamento residencial. E, como a casa ficava bem no meio da propriedade, isso sabotava os planos de Trey.

Com a caneta na mão, Weston me olhou.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Connor ia querer que os imóveis ficassem na família.

A família de Weston também tinha direito a metade da casa de veraneio. Assim que a minha passasse para eles, Trey estaria ferrado de verdade.

Weston e Connor foram amigos na infância. Weston quase comparecera ao casamento, mas não havia conseguido encaixá-lo na agenda. Ele tinha ficado muito frustrado, mas naquele momento eu estava feliz por isso...

Com um aceno respeitoso de cabeça, ele se debruçou sobre os papéis, assinando em todas as setas amarelas. Após a última página, ele largou a caneta.

— Feito? — perguntei a Frank. — A casa agora é de Weston?

— Feito. As chaves serão entregues amanhã, às cinco da tarde.

Isso me daria tempo suficiente para encaixotar o restante dos pertences de Connor, enviá-los para alguma instituição de caridade e arrumar minhas malas. A tensão das últimas semanas tinha se esvaído de mim. A procuração fora anulada. A casa não era mais responsabilidade minha; pertencia a alguém que realmente a merecia. Eu não queria nenhum dinheiro em troca, mas Weston insistira. Frank me garantiu que podíamos fazer um fundo fiduciário. Só me sobrara a casa dos meus pais, da qual eu ainda não estava pronta para me desfazer.

Weston me abraçou.

— Obrigado por fazer isso pelo Connor. Eu sei que deve ter sido difícil para você abrir mão da casa.

Era mais um alívio, especialmente sabendo que a casa estava em mãos seguras.

— Lamento por você ter que lidar com Trey.

Ele riu.

— Não se preocupe. Eu lidei com ele a vida toda. Está na hora de alguém colocá-lo em seu devido lugar.

Depois que saí do escritório de Frank, fui para a casa dos meus pais. Apesar das visitas diárias, eu não tinha ido muito longe na limpeza do lugar onde havia passado a infância. A tristeza era maior do que o calor do ambiente familiar. Estar ali sem minha família era doloroso; o lugar tinha se tornado um mausoléu em vez de um lar.

Perambulei pela casa, apreciando alguns tesouros, encaixotando coisas que eu me sentia obrigada a levar. Quase conseguia ver meus pais na sala de estar, aconchegados no sofá, vendo TV. Eu sentia falta do senso de humor ríspido do meu pai e do carinho da minha mãe. Sentia falta dos jantares no quintal dos fundos durante o verão, das noites de filme às sextas-feiras, das viagens de acampamento sob chuva. Sentia falta da vida que eu levava antes de ela desmoronar.

Mesmo assim, eu percebia que, se pudesse ter tudo novamente, nada voltaria a ser igual. Eu era uma pessoa diferente agora. Não conseguiria viver no casulo protetor da minha antiga vida; eu tinha visto coisas demais. O trauma desencadeara minha metamorfose.

Parei na porta do meu quarto. O edredom preto combinava perfeitamente com os pôsteres de banda e as impressões de Escher e Dalí. Meus pais sempre deram espaço para minha criatividade. Talvez acreditassem que aquilo era escape suficiente para minhas tendências rebeldes, mas não era. Mamãe brigou comigo por causa dos piercings que cobriam minha orelha. Quando mencionei a possibilidade de uma tatuagem, recebi um sermão sobre que tipo de imagem eu queria projetar.

Quando Connor concordou com eles, eu fui lá e fiz uma tatuagem mesmo assim. Quando ele ficou chateado, minha retaliação foi pintar o cabelo de vermelho pouco antes de um enorme evento de família. Não me deixaram aparecer nas fotos, mas me enfiar no fundo do mesmo jeito.

Eu sempre brincava com os limites. Muitos dos meus interesses eram inaceitáveis na minha esfera social, então eu os fomentava por meio dos assuntos que escolhia estudar.

Até conhecer Hayden.

Atravessei o cômodo e passei a mão pela colcha. O que Hayden acharia do meu quarto de adolescente? O que meus pais achariam de Hayden? Eles enxergariam além do exterior nada convencional? Eu queria acreditar que sim.

Talvez o vissem como uma fase, algo que eu fosse experimentar e, em algum momento, abandonar. Talvez, antes do acidente, eu também pensasse em Hayden como um experimento de rebeldia, mas a verdade era que eu me sentiria atraída por ele de qualquer forma. Só que não teria coragem de tomar uma atitude em relação a isso. O fascínio que ele despertava em mim seria ofuscado pelo desejo de me encaixar em um molde impossível. Minha perda o tinha tornado acessível de um modo que ele jamais teria sido se não fosse por isso. Hayden entendia meu desejo pelo diferente.

Sua inteligência silenciosa e discreta e sua percepção única do mundo me mantinham intrigada. Além disso, nossa conexão física superava — e muito — a mera necessidade. Desde a primeira vez, o sexo com Hayden foi transcendental. Eu nunca tinha experimentado algo parecido.

Eu sentia falta da nossa conexão física. Sentia falta do gosto dele, da sensação de sua pele, das intermináveis linhas de tinta que cobriam seu corpo. Eu o queria de volta — mas antes precisava merecê-lo.

Andando pelo meu antigo quarto, tirei os pôsteres da parede e os enrolei. Então joguei em uma caixa algumas bugigangas que não conseguiria deixar para trás e desci até o primeiro andar para trancar tudo. Eu só voltaria àquela casa depois de decidir o que fazer com ela. A cada pedacinho do meu passado que eu libertava, eu me sentia mais capaz de aceitar o futuro.

Na volta, decidi fazer a única coisa que eu tinha evitado desde que retornara: parei em uma floricultura e comprei alguns copos-de-leite. Não iam durar muito naquele clima, mas eu queria deixar algo bonito para trás. Quando entrei no cemitério Hillside, senti uma pontada de culpa por não ter feito isso antes. O funeral havia sido horrível, nada reconfortante, o que contribuía para que eu evitasse o cemitério.

Era inútil tentar entender por que o acidente tinha tirado tanta coisa de mim. Eu havia internalizado aquela dor, permitindo que tomasse conta da minha vida, mas não podia mais fazer isso. Não se quisesse voltar para Chicago, para Hayden. Foi preciso voltar a Arden Hills para enfim perceber que a tragédia não fora uma punição pelas minhas transgressões.

No cemitério, visitei todo mundo: os amigos que perdi, os pais de Connor, meus pais. Passei um bom tempo no túmulo da minha mãe, contando a ela sobre Chicago. Contei quanto odiava meu orientador e disse que não sabia se conseguiria lidar com as expectativas irreais dele, com as cobranças sempre mutantes e seu interesse indesejado por mim. Contei sobre meu trabalho no Serendipity e os amigos que fiz; como ela gostaria deles, mesmo sendo diferentes. E contei sobre a tatuagem e o artista que tinha mudado meu mundo; contei que queria ficar com ele, apesar do medo.

Deixei Connor por último. Leves flocos de neve começaram a rodopiar à minha volta quando coloquei um copo-de-leite na lápide dele. Eu me sentei na grama, indiferente à umidade fria.

Sua vida tinha acabado muito cedo. Passei o dedo por seu nome na pedra e, depois, pelas datas de nascimento e morte. Connor era uma constante na minha vida; eu havia crescido com ele. No verão antes de eu começar a faculdade, as coisas mudaram entre nós. Ele passou a me olhar de modo diferente; a me tratar diferente.

Namorar foi uma progressão natural. No início, não contamos a ninguém. O segredo fazia parte da magia: as fugidinhas, as sessões intensas de amassos quando estávamos sozinhos. Eu gostava da rebeldia daquilo tudo, do fato de ele ser mais velho, do fato de a atração que sentia por mim torná-lo imprudente e de eu ter tanto poder sobre ele.

No cemitério frio e silencioso, chorei por minha antiga vida, enfim me permitindo o luto por Connor, por nossas famílias e nossos amigos de forma que eu ainda não o tinha feito. A culpa e a dor transbordaram em rios de lágrimas, mas senti uma paz que nunca havia experimentado até então. Eu amaria Connor para sempre, mas ele se fora. Era hora de deixá-lo para trás.



HAYDEN

Alguns dias, uma semana, só mais um pouquinho. Todo mundo me dizia que ela precisava de tempo. O silêncio de Tenley me dizia que ela precisava de tempo.

Foda-se o tempo.

O tempo passou. Um ciclo interminável de dormir, acordar, viver em agonia e, depois, tudo de novo. Eu odiava o tempo.

Tenley tinha ido embora havia três semanas. Todos os dias sem ela eram uma privação sensorial prolongada e torturante do começo ao fim. Na primeira semana, liguei para ela todos os dias. Sempre caía direto na caixa postal. Ela jamais retornou as ligações. Parei de ligar, porque era horrível saber que eu tinha sido descartado com tanta facilidade.

Lembranças dela em todos os lugares: casa, trabalho, Serendipity. Não dava para fugir. Então ao menos eu entendia por que Tenley tinha vindo para Chicago: para se afastar das lembranças incessantes. No entanto, não consegui descobrir o que a fizera voltar. Ela podia fugir de mim quanto quisesse, mas voltar para o lugar de onde havia escapado não fazia sentido. A não ser que estivesse tentando se afundar em culpa de novo. Era fácil negar a possibilidade de um futuro se ela deixasse o passado arrastá-la. Eu sabia como era. Tinha feito isso por anos, até Tenley aparecer.

Alguém bateu de leve à porta da sala de tatuagem. Era Lisa de novo, conferindo se eu estava bem.

O Inked Armor estava fechado, mas, nas três semanas anteriores, eu tinha passado a maior parte do tempo livre no antiquário ou no apartamento vazio de Tenley. Ficar sozinho em casa era insuportável. Ao menos no antiquário eu podia fingir que as coisas não estavam tão ruins. Vestígios da presença dela ainda espreitavam como sombras, mas não como na casa dela ou na minha. Era

depressivo pra caramba. De qualquer forma, eu ia ao apartamento dela todos os dias, mesmo que fosse só para ver se estava tudo certo. Nos piores dias, eu passava horas lá e mergulhava na dor de estar ali sem ela.

Lisa enfiou a cabeça na fresta da porta.

— Oi, tentei ligar para você.

— Desculpe, meu telefone deve estar desligado.

Peguei uma caneta vermelha e coloquei um pouco de cor no meu esboço. Não era o tom certo. Com o desenho arruinado, arqueei-o em uma pasta junto com os demais e peguei outra folha de papel.

— A Cassie está esperando que a gente chegue em uma hora. Por que você não larga isso e pega carona comigo e com o Jamie?

— Ah, então. Acho que não vou.

Depois que boicotei o Dia de Ação de Graças, Cassie tinha passado a convidar a galera do Inked Armor para ir lá todo domingo. No começo, eu recusava porque alguém precisava ficar no estúdio. Então Lisa mudou os horários para não abirmos mais aos domingos. Ninguém me consultou. Como Chris e Jamie eram sócios e os dois concordaram, a lei da maioria prevaleceu. Lisa deu como desculpa o movimento fraco do inverno quando discuti a decisão com ela. Eu não era idiota. Interações sociais forçadas não iam adiantar. Tenley era a única que podia melhorar as coisas, e ela não estava falando comigo — então eu estava ferrado.

Lisa puxou a cadeira de rodinhas e se sentou, rolando até o lado oposto da mesa. AG soltou um miadinho atordoado. Ela se sentia solitária passando o dia todo sozinha no meu apartamento, então eu a levava comigo quando, para fugir do vazio, ia para o estúdio fora do horário comercial. Ela ia comigo ao apartamento de Tenley também.

— Você não pode faltar ao jantar desta vez — disse Lisa.

— Quero acabar isto aqui.

Coloquei a folha de papel sobre o esboço e comecei a traçar o contorno do desenho de novo. Depois que aperfeiçoasse o esquema de cores, eu planejava convencer Chris a tatuá-lo em mim. Eu preferiria que Jamie o fizesse, pois era um retrato, e não um tribal, mas ele já tinha dito que não. Chris também, mas eu o faria mudar de ideia. Não tinha mais nenhum espaço nos meus braços

para aquele desenho, a não ser que eu cobrisse alguma tatuagem antiga. Eu estava considerando seriamente fazer isso, pois queria o desenho à mostra. A possibilidade de uma nova tatuagem fazia com que eu me sentisse melhor.

Lisa colocou a mão sobre a minha. Recuei. O contato físico era insuportável.

— Por que não faz uma pausa? O desenho vai estar aqui quando você voltar.

— Melhor não.

Sentia os olhos dela em mim, me avaliando. Eu provavelmente precisava de um banho e sem dúvida precisava fazer a barba, mas eram coisas que exigiam esforço.

— Há quanto tempo você está aqui? Foi para casa ontem à noite?

— Fui. — Era uma meia verdade.

— Dormiu?

— Algumas horas.

Desde que Tenley tinha ido embora, o sono era arduo. Eu conseguia dormir por três, talvez quatro horas antes de os pesadelos começarem. Às vezes eram com meus pais, mas a maioria era com Tenley. No mais frequente, ela estava com um vestido de cetim creme, e um pequeno ponto vermelho manchava o tecido entre os seios. A mancha se espalhava, transformando o creme em um vermelho intenso. No sonho, eu não conseguia alcançá-la. Preso sob uma porta, eu via, sem poder fazer nada, a vida se esvaindo dela. Por fim, sua pele se tornava da cor do cetim.

Eu nunca conseguia voltar a dormir. Os pesadelos eram vívidos demais. Depois do primeiro, liguei para Tenley no meio da noite. Não deixei recado, mas, como um otário, liguei várias vezes só para ouvir a voz dela gravada.

— Acho que você deveria ir com a gente — insistiu Lisa.

— Não sou uma companhia muito boa no momento e não quero deixar a AG sozinha — falei. Meu pé batia no chão enquanto eu esperava que Lisa me deixasse em paz.

— Eu sei que você sente falta dela, mas se afastar de todo mundo não vai ajudar.

Soltei o lápis e fechei os olhos. Lisa não ia desistir.

— Não estou a fim de ir, então dá para você me deixar quieto?

Assustada, AG enfiou as unhas na minha perna.

— Tudo bem. Se é isso que você quer.

Lisa se levantou, se debruçou sobre a mesa para pegar AG do meu colo e seguiu para a porta.

— Que merda você está fazendo? — perguntei. Eu me levantei rápido demais e fiquei tonto, sendo obrigado a me sentar de novo.

— Indo à casa da Cassie. Até mais tarde.

Tentei de novo. Dessa vez, consegui ficar de pé, apesar da leve tontura.

— Me dá a AG.

— Não.

— Me dá a droga da gata!

Era completamente irracional da minha parte estar tão chateado. Lisa não ia fugir com ela, mas a razão e eu não andávamos nos dando muito bem nos últimos tempos.

Lisa aninhou AG com delicadeza contra o peito, alisando seus pelos eriçados.

— Só se você concordar em ir à casa da Cassie.

— Você vai me chantagear para eu ir ao jantar?

— Eu sei que é difícil, Hayden, mas o que você está fazendo não vai trazer Tenley de volta. Cassie está morrendo de preocupação com você. Eu estou preocupada com você. Todos estamos preocupados. Você não está colaborando.

— Estou me virando bem.

— É mesmo? Que eu saiba, isolamento e falta de higiene pessoal não são bons indicadores.

— Podemos não fazer isso agora? É difícil demais. Sei lá... — A raiva evaporou de mim, substituída pelo vazio desgastante que eu sentia desde que Tenley tinha ido embora.

Lisa se afastou da porta.

— Vamos subir até o seu apartamento para você tomar um banho, quem sabe até se livrar dessa barba hipster que você anda cultivando. Aí a gente vai ao jantar da Cassie.

Suspirei, cansado demais para discutir.

— Tudo bem.

AG pulou dos braços de Lisa e foi saltitando até mim, passando entre as minhas pernas. Quando a peguei, ela se espreguiçou e pôs as patas no meu peito, depois empurrou meu queixo com a cabeça, como se aprovasse o plano.

Sáímos do estúdio e tranquei tudo. Jamie tinha estacionado ali na frente e esperava no carro. Ele saiu, e os dois foram comigo até a entrada do meu prédio. Havia vantagens e problemas em morar em cima de onde eu trabalhava, ainda mais agora que eu não queria ficar em casa. Eles subiram comigo até o segundo andar. Levei um tempo para encontrar a chave e a inseri na fechadura com a mão trêmula. Não lembrava se tinha comido naquele dia. Nem no dia anterior — o que explicava a tontura no estúdio.

Entrei e tirei os sapatos, guardando-os no armário.

— Hum, esperem um instante. Eu não estava esperando visitas; preciso guardar umas coisas.

Era mentira. Minha casa estava imaculada, como sempre. O fato de eu tolerar a desorganização constante de Tenley era evidência da importância dela na minha vida, mas aquela confusão geralmente me deixava louco. Embora coisas como fazer a barba tivessem se tornado facultativas desde a partida de Tenley, minhas tendências ao TOC haviam se alastrado para outras áreas. Minha compulsão por organização e perfeição se tornava mais extrema à medida que o tempo passava e Tenley não voltava.

Atravessei o corredor, acendi a luz e virei à direita. Chequei todos os quartos, deixando o meu por último. A corda bamba da ansiedade se desfez quando acionei o interruptor e a luz banhou o cômodo com um brilho quente. Analisei as linhas suaves do meu edredom acinzentado e dos travesseiros recostados na cabeceira. A almofada vermelha e preta, no centro, era a única coisa que interrompia a fluidez das linhas. Eu a havia pegado do apartamento de Tenley, pois era o que ela usava para dormir.

Fui ao encontro de Lisa e Jamie, que esperavam pacientemente à porta. Eles sabiam bem o que eu precisava fazer antes que pudessem entrar. Já tinham tirado os sapatos e os guardado no armário.

— Tudo certo? — perguntou Jamie.

— Sim. Fiquem à vontade. — Acenei em direção à sala de estar.

— Caramba, Hayden, está mesmo uma bagunça aqui — brincou Jamie, quase trombando em Lisa quando ela parou no meio da sala.

— Uau — disse Lisa, com um suspiro.

Ela estava reagindo ao novo desenho na parede. Lisa e Jamie não viam a casa fazia algum tempo — desde que as coisas começaram a esquentar com Tenley. Antes, eles iam para lá depois do trabalho para uma “pré”. Minha última saída, sem contar uma visita à Dollhouse, tinha sido muito tempo antes, em setembro, quando vi Tenley socar aquele filho da puta com mão-boba.

Eu não sabia que aquela noite seria o começo do fim para mim. Sem Tenley, eu estava pior do que antes de ela aparecer na minha vida, mesmo sem os vícios.

— Você tem andado ocupado — observou Jamie com seu jeito discreto, sem julgar.

— Ajuda a passar o tempo quando não consigo dormir.

Lisa se aproximou, olhando fixamente para os desenhos emoldurados. Eu me sentia exposto vendo-a inspecioná-los. Meus olhos eram os únicos que deveriam observá-los.

— Tenley viu esses?

Até ouvir o nome dela era doloroso.

— Só o do meio.

Eu queria rebobinar minha vida três semanas. Eu a teria mantido nua na minha cama em vez de ir buscar AG no apartamento dela; a gata teria sobrevivido a uma noite sem comida. Então, talvez, seu ex-cunhado não a tivesse levado embora.

Mas as coisas não tinham corrido dessa maneira. Tenley tinha ido embora. Quando voltasse, não havia certeza se eu ainda seria um fator na equação dela. Como não falava comigo, eu presumia que nosso relacionamento tinha acabado.

Eu era um retardado. O tempo que estávamos separados era quase metade do tempo que tínhamos passado juntos, mas não conseguia superar.

— Vou tomar um banho. Se quiserem, preparem um drinque. Vocês sabem onde tudo está.

Aquela sensação de esgotamento tomou conta de mim mais uma vez enquanto eu atravessava o quarto e ia ao banheiro. Liguei o chuveiro e voltei para o quarto, onde tirei a roupa e a separei nos cestos de roupa suja organizados por cor, e voltei para o boxe. Chequei para ver se a água estava quente e entrei no chuveiro.

Vinte minutos depois eu estava limpo, de barba feita e vestido. Normalmente eu usaria camisa social e gravata para um evento na casa de Cassie, mas só consegui vestir uma calça jeans e uma camisa.

Encontrei AG em seu lugar de costume: na minha cama, enrolada no travesseiro de Tenley.

— Já volto — falei, fazendo um carinho no queixo dela.

Antes de sairmos, troquei a água e coloquei um pouco de ração no pote. Quando chegamos à rua, Chris e Sarah estavam esperando na porta do carro. Eu ficaria “de vela” aquela noite. Quase dei meia-volta e retornei para o prédio.

— Você vai na frente, Hayden. Tem mais espaço para as pernas — disse Lisa, sentando-se no banco de trás, ao lado de Sarah.

Eu me acomodei no banco do carona, divertindo-me ao ver como Chris tinha que se espremer para caber atrás de mim, mesmo depois de eu ter puxado o banco para a frente.

Enquanto percorríamos o breve trecho até as redondezas da cidade, onde Cassie e Nate moravam, Lisa e Sarah conversaram sobre alguma porcaria de ida a um spa que tinham organizado. Se Tenley ainda estivesse ali, elas a teriam raptado para o passeio.

Cassie e Nate moravam em uma casa centenária na parte norte de Chicago, perto do mar. Estacionamos na entrada da garagem e todos saíram, com exceção de Chris. Ele grunhiu um xingamento enquanto se apoiava na porta e se esforçava para sair. Era como assistir a alguém se libertar de um carro de brinquedo. Sorri.

— Você — disse ele, apontando para mim —, vai sentar atrás na volta.

— Não é minha culpa se você não tem o bom senso de comprar um carro com portas, já que neva cinco meses por ano.

— Não preciso de uma caixa de ferro, minha garota tem um. — Ele passou o braço em torno de Sarah e a puxou para si.

Os soquinhos e as repreensões sussurradas que se seguiram me irritaram e desviei o olhar. Eu odiava o fato de estar sensível demais para conviver com a felicidade deles. Atravessei o caminho de pedras até os degraus da entrada e toquei a campainha.

Parei de ir ao Serendipity depois que Tenley foi embora. Cassie precisou contratar outro funcionário de meio período para o lugar dela — e, ao menos, não era uma garota dessa vez. Cassie disse que ele ficaria apenas durante as festas de fim de ano, mas eu não suportava ver outra pessoa sentada atrás do balcão do caixa, então Lisa e Jamie iam buscar todos os cafés agora. Cassie também não mandava o novo funcionário me entregar coisas, o que era um alívio. Isso provavelmente me tiraria do sério.

Agora, quem levava os livros para mim era a própria Cassie, um de cada vez, garantindo duas visitas por semana. Eu os aceitava, ciente de que ela queria era ver se eu estava bem. No entanto, não permiti que me colocasse contra a parede, porque eu sabia como a conversa terminaria e não estava pronto para aquilo.

Cassie atendeu à porta como se já tivesse nos visto pela janela.

— Hayden! Estou tão feliz por você ter vindo! — exclamou ela, jogando os braços ao meu redor, em um abraço forte.

— Lisa não me deu muita escolha.

Acariciei as costas de Cassie. O contato físico era estranho e desconfortável.

— Você emagreceu. Está comendo direito? Quer que eu pegue alguma coisa para você?

Era por isso que eu não queria ir. Não queria pena ou preocupação.

— Estou bem por enquanto, obrigado.

Ela me puxou para dentro, permitindo que os outros entrassem no hall. Deixei de ser o centro das atenções quando Cassie foi cumprimentar todo mundo, dando abraços e batendo papo. Nate apareceu vindo da sala de estar, um copo de uísque na mão. Tirei os sapatos e o casaco e fui até ele. Fizemos aquela coisa de aperto de mão/tapinha nas costas.

— Como você está? — perguntou Nate com a mesma cara que todo mundo fazia nos últimos dias.

— Bem. Mas preciso beber alguma coisa.

Eu o contornei e fui até o bar, servindo-me de uma boa dose de uísque. Nate sempre tinha bebidas de boa qualidade. Não me preocupei em pôr gelo, porque não queria que ficasse aguado. Então me sentei e tomei um gole, tentando impedir que minhas mãos tremessem.

Cervejas foram abertas, vinho foi servido, os aperitivos estavam na mesa; todo mundo se acomodou, casais sentados juntinhos em vários lugares. O papo rolava à minha volta enquanto eu observava meu uísque desaparecer — conversas sobre os planos para o Natal, as celebrações de Ano-Novo, organização de compras de última hora. E assim por diante. Sem parar. E nada daquilo importava. Não era nada de que eu quisesse fazer parte.

Fiquei tentando imaginar o que Tenley ia fazer, se tinha planos para as festas de fim de ano. Devia ter amigos lá em Arden Hills que queriam passar um tempo com ela; pessoas que havia deixado para trás. Ou talvez ela voltasse para Chicago. Eu ia comprar um presente para ela de qualquer forma, para garantir, mesmo que não quisesse mais ficar comigo.

Deixei o copo na mesa e fui até as escadas, inquieto demais para permanecer ali. Sentia o corrimão liso sob a mão enquanto eu subia os degraus em caracol. Às vezes, escadas me deixavam nervoso.

Depois dos aromas, era do caminho para o segundo andar que eu me lembrava com mais nitidez da noite do assassinato dos meus pais. A subida lenta enquanto eu tentava, sorrateiramente, entrar no meu quarto sem acordá-los. Os miados de alerta de Travessa quando cheguei lá. O corredor infinito. A luz estranha que saía por baixo da porta do quarto deles. E o odor forte da morte, seguido pela cena terrível quando abri a porta, ciente de que havia algo errado.

Quando cheguei ao topo, soltei o ar que estava prendendo. Espiei todos os quartos e parei no que tinha sido meu durante minha breve estada na casa de Cassie e Nate. Eu me sentei na beirada da cama, a exaustão tomando conta de mim. As três semanas anteriores tinham sido uma montanha-russa de ansiedade, e o estresse tinha acabado comigo. Não sei por quanto tempo fiquei ali sentado, mas, em algum momento, alguém bateu à porta.

Nate a abriu.

— Achei que você estivesse aqui em cima.

— Precisava de um pouco de espaço.

— Tudo bem se eu lhe fizer companhia? — Ele me entregou o copo que eu tinha deixado lá embaixo, agora cheio.

Como dei de ombros, ele se sentou ao meu lado. Inclinou-se para a frente, os cotovelos apoiados nas coxas enquanto girava o próprio copo, cubos de gelo batendo no cristal.

Esperei que ele dissesse alguma coisa. Nate era o tipo de cara que dizia tudo o que pensava. Aquilo foi um problema para mim quando fiquei na casa deles. Nate queria que eu falasse sobre o que tinha acontecido comigo. Naquela época, contei sobre os pesadelos, e ele insistiu para que eu consultasse um terapeuta — outra pessoa, e não ele, que pudesse ter uma visão imparcial. Recusei. Pouco depois que completei dezoito anos, saí de lá, e as coisas desandaram rapidamente desde então. Sem alguém para impor limites, saí da linha. Passaram uns bons dois anos até que minha cabeça voltasse para o lugar.

— Sem querer ofender, Hayden, mas você não está com uma cara muito boa.

— Você devia ter me visto antes de eu fazer a barba. — Como ele não disse nada, suspirei. — Não tenho dormido bem.

— São aqueles pesadelos de novo?

— Não é nada de mais. Acontecem quando estou estressado.

Nos últimos dois anos, eu tinha conseguido administrá-los. De vez em quando eles voltavam, mas, depois de algumas semanas, sumiam de novo. Até que Tenley foi embora. Agora, eles vinham todas as noites.

— Sobre o que são?

— O de sempre. — Não era bem verdade.

— São como aqueles que você tinha depois que seus pais foram mortos?

— Mais ou menos.

Embora os sonhos com meus pais me aborrecessem, os pesadelos com Tenley me assustavam pra cacete. Em geral, eram mais como flashes de acontecimentos e lembranças, como o interrogatório com Cross. Alguns dos pesadelos eram com outras mulheres com quem já fiquei, que sempre se transformavam em Tenley. O fato de meu inconsciente permitir esse tipo de

coisa me assustava, porém, por mais terríveis que fossem, eram apenas sonhos fundidos com lembranças. Nada que Nate precisasse saber.

— Quer que eu prescreva algum remédio para a insônia?

— Não, vai passar.

Já havia remédios no meu armário, e, com exceção de uma única vez, uns dois meses antes, eu me recusava a tomá-los. Podia ser que não estivesse lidando bem com as coisas, mas eu sabia como era a dependência de drogas. Prescritas ou não, eu não tinha nenhuma intenção de recair naquela arena de autodestruição. Ficamos sentados ali por um tempo. Eu esperava que Nate me pressionasse mais um pouco, mas ele não fez isso. Até que as palavras saíram, mesmo depois de eu jurar que não conversaria com ele sobre o assunto.

— Não paro de lembrar a noite em que ela foi embora, tentando imaginar se eu poderia ter feito algo diferente. E tem uma coisa que o cunhado dela disse que não sai da minha cabeça.

— O quê?

— Ele disse que eu sou o castigo dela.

— Castigo? — Uma ruga se formou entre os olhos de Nate. — Pelo quê?

— Não sei. Por ter sobrevivido? — Cogitei, coçando a nuca.

— Isso parece meio radical, considerando o que a Tenley viveu.

— Mas ela não negou. Então deve ser verdade.

— Não sei se concordo com isso. Depende do contexto, não é? E aquele cunhado dela deve ser um babaca pelo que ouvi falar. Acho que a pergunta certa é: você se sente assim em relação a si mesmo?

Hesitei.

— Talvez. Pode ser que Tenley estivesse se rebaixando, como ele disse.

— Se rebaixando? Você não é nenhum pobre coitado.

— Mas também não sou um ótimo partido, sou? Me deram o diploma do ensino médio por pena, e não por mérito. Não tenho ensino superior e sem dúvida não atendo às expectativas da sociedade.

Em geral, as únicas pessoas que se aproximavam de mim eram as que queriam uma tatuagem. E isso já dizia muito a meu respeito.

— Em primeiro lugar, a maior parte dos ótimos partidos é de cuzões narcisistas, então é melhor não querer esse status. Segundo, seu problema no

ensino médio não foi falta de inteligência. Você ganhou seu diploma por competência. Estava quilômetros à frente dos outros e ficava entediado pra caramba. O que explica, em parte, por que você se comportava daquela forma.

— Eu teria sido um rebelde mesmo que o tédio não fosse um problema.

— Talvez. Mas sejamos honestos, Hayden: por mais que eu amasse seus pais, eles não tinham pulso firme com você.

Nate tinha razão, embora parecesse uma traição pensar neles como qualquer coisa que não perfeitos. Meus pais só tentaram me impor limites depois que passei a chegar em casa bêbado e chapado. Aí, já era tarde demais.

Como fiquei em silêncio, ele continuou:

— Não se conformar tem sido seu mantra desde que você desenvolveu um pensamento independente. Além disso, você era filho único, e eles não conseguiam dizer “não”. Quando os perdeu, você se perdeu também. Mas isso não faz de você o castigo de ninguém.

Ergui a mão. Ele estava forçando demais o besteirol da psicologia.

— Já deu de análise psicológica.

Nate sorriu, achando graça.

— Acho que é um impulso natural. E não tem nada de errado em fazer terapia.

— Eu não sou maluco.

— Eu não disse que era.

— Não preciso conversar sobre as minhas merdas.

— Todo mundo precisa conversar sobre as próprias merdas.

— Eu sabia que não devia ter dito nada — falei, irritado por ter aberto a boca.

— Você passou os últimos sete anos se culpando pela morte dos seus pais. Estava punindo a si mesmo. Então faz sentido que, quando a Tenley vai embora, você internalize isso como reflexo de algo que você fez em vez de uma consequência de uma força externa.

Era difícil lutar contra a verdade. Por isso nunca me permitia me aproximar de Nate. Eu falava demais quando ficava perto dele.

— Eu mantenho todo mundo a certa distância de propósito. — Balancei a cabeça, pensando na ironia daquilo. — E, no segundo em que deixei a Tenley

se aproximar, ela me deixou. Dói pra cacete. É como se tivesse um buraco enorme no meu peito, que, se ela voltasse, desapareceria e tudo ficaria bem. Só que isso não é verdade, porque agora vai sempre ter essa coisa entre nós dois.

— Está se referindo ao noivo falecido dela?

Nate esperou em silêncio.

Eu ficava muito envergonhado por ele me conhecer tão bem.

— O que não consigo entender é: se eu estou sofrendo tanto por uma pessoa que ainda está viva e que conheço faz só alguns meses, como a Tenley conseguiu seguir em frente depois de perder nove pessoas? É por isso que acho que sou o castigo dela. Como se a Tenley tivesse me escolhido porque nunca vou servir para ela.

— O amor nem sempre acontece no momento mais conveniente.

— Tenley não me ama.

Eu queria que as pessoas parassem de dizer isso. No começo, eu acreditava, mas, após semanas de silêncio, não mais. Eu tinha ido até Arden Hills para buscá-la e acabei frustrado por aquele imbecil do Trey. Se algum dia eu o visse de novo, ele não terminaria a conversa com dentes na boca.

— Ela lhe disse isso?

— Ela me deixou. Acho que isso diz tudo.

— Você já considerou que talvez ela tenha ido embora porque não sabe como lidar com os sentimentos que tem por você?

— Ela foi embora porque tinha que lidar com os imóveis dela.

— Tenho certeza de que isso é só parte do motivo.

— Que seja. As razões não mudam o fato de que ela foi embora. — Virei o restante do uísque e me levantei da cama. — Preciso encher o copo.

O jantar foi mais do mesmo. Eu estava com a cabeça longe, pensando em Tenley. Faltavam pouco mais de duas semanas para o Natal, e pensar em como essa época seria para Tenley me deixava preocupado. No passado, eu me afogava em bebida e drogas. Agora eu me limitava ao uísque; uma bebedeira sofisticada e tal.

Depois do jantar, fiz todo mundo sair da cozinha para que eu pudesse limpá-la; criar ordem a partir do caos me ajudava a amenizar a ansiedade. Eu queria ir para casa, porque não tinha checado o apartamento de Tenley naquele

dia, e esse desvio da rotina tinha exacerbado o TOC, tornando-me um escravo da compulsão.

Quando terminei de lavar a louça, voltei à sala. As meninas estavam amontoadas em torno do celular de Cassie. Eu me inclinei sobre elas para ver o que as entretinha tanto e ouvi Lisa sussurrar algo sobre Tenley. Elas raramente a mencionavam na minha frente, por causa do risco de eu perder o controle. Lisa mexeu a cabeça, e a tela apareceu; era um e-mail de Tenley.

— Mas que porra é essa?

Peguei o telefone da mão de Cassie e consegui passar os olhos antes de ela pegá-lo de volta. Era uma transferência de dinheiro para pagar o aluguel de Tenley. Ela havia transferido com antecedência. Em geral, ela pagava no dia quinze de cada mês, e a mensagem anexa dizia que ela estava bem, mas que não sabia quando voltava. No final, ela perguntava como eu estava, como se tivesse pena de mim. Aquilo era um chute no saco.

— Ela tem mandado e-mails para você? Há quanto tempo? — perguntei. Incapaz de mascarar a dor que me consumia, eu a canalizei para a raiva.

Todas elas se encolheram, surpresas com a minha explosão. Sarah e Lisa trocaram olhares.

— Ela mantém contato com vocês também? — Eu olhava de uma para a outra. A culpa na expressão delas era o suficiente para entender. Lancei para Lisa um olhar acusador. — Está de brincadeira comigo? *Você*, logo você não me falou nada? Achei que fosse minha amiga. Cadê a droga da sua lealdade?

— Não queríamos chatear você — explicou Lisa.

Chatear não era nem o começo. Eu não acreditava que ela vinha mantendo contato com todo mundo, menos comigo.

— Vão se foder.



HAYDEN

Calcei os sapatos e peguei minha jaqueta no armário.

— Hayden, espere! — chamou Lisa.

Eu me virei.

— Não fale comigo agora.

— Você tem que se recompor, cara — disse Jamie, surgindo atrás dela.

Meus olhos se dirigiram a Jamie enquanto ele se aproximava, provavelmente preocupado com a segurança de Lisa.

— Vai se foder.

Abri a porta com força e saí, batendo-a. Mas o alívio da agressividade não trouxe nenhuma satisfação. Parecia que alguém tinha jogado ácido nas minhas emoções. Passei pelo fusca de Lisa e atravessei a entrada da garagem. Estava congelando lá fora e minhas roupas não eram apropriadas para aquele clima, mas não importava. Eu precisava caminhar o suficiente para conseguir pegar um ônibus ou um táxi até em casa. Não conseguia ficar perto deles naquele momento; estava sensível demais.

A porta se abriu atrás de mim, e o som da batida das botas no asfalto foi aumentando, então apressei o passo.

— Ei, cara, calma! — gritou Chris.

Era só o que faltava. Quando senti a mão dele no meu ombro, eu a afastei e continuei andando.

— Não quero saber — falei.

— Ei, cara. Eu sei que você está chateado, mas não pode voltar para casa a pé.

Eu me virei.

— Claro que posso, cacete. Não vou entrar no carro com aquelas duas nem a pau.

— A Tenley só entrou em contato com a Sarah na semana passada. E não foi para conversar. Tinha algum trabalho que precisava entregar diretamente para o orientador, então pediu um favor.

— E a Cassie e a Lisa?

— Não sei. Por que você não volta para lá e pergunta a elas?

Balancei a cabeça.

— Preciso de espaço.

Chris parou de me seguir. Ele sabia quando me deixar sozinho. Eu estava instável demais, e era melhor para todo mundo que eu tivesse um tempo para esfriar a cabeça. Alguns minutos depois, a Mercedes preta de Nate parou ao meu lado. O vidro do lado do carona abaixou com um zumbido. Ele se debruçou no banco e abriu a porta.

— Que tal eu levar você para casa?

Nate ia dirigir a menos de dez quilômetros por hora até o Inked Armor se eu me recusasse a entrar, então me sentei no banco do carona e coloquei o cinto.

— Tudo bem você estar bravo — disse ele, seguindo em frente.

— Não vou falar sobre isso — retruquei.

— Tudo bem também.

Fiquei mexendo no rádio do carro, incapaz de tolerar o silêncio forçado. Todas as estações predefinidas eram de rock dos anos 1970.

— Posso só dizer uma coisa?

— Você vai dizer de qualquer forma, então fale de uma vez.

Eu olhava fixamente para fora pela janela. Via meu reflexo no vidro toda vez que passávamos por um poste: eu parecia tão acabado quanto me sentia.

— Essa foi só a segunda vez que a Tenley entrou em contato com a Cassie desde que foi embora. A primeira vez foi para avisar que ia passar um tempo fora e fornecer uma lista de possíveis funcionários para cobri-la enquanto não voltava. Nas duas vezes, ela perguntou por você.

Não falei nada. Não tinha nada a dizer. E daí que ela tinha perguntado por mim? A preocupação parecia menos relacionada a saber como eu estava e mais fruto do remorso que Tenley carregava. Era como um tijolo de concreto preso no pescoço dela.

Quando chegamos ao Inked Armor, tentei abrir a porta do carro, mas Nate tinha acionado a tranca.

— Espere aí.

Suspirei.

— Não estou no clima para essa porcaria.

— Que pena, porque eu tenho algo que você precisa ouvir. Coisas ruins acontecem com as pessoas, Hayden. O tempo todo. Você tem bastante experiência nisso. Não é algo que possamos controlar, mas podemos, sim, escolher como vamos lidar com tudo. Você precisa começar a lidar com o que aconteceu com os seus pais. Isso não vai desaparecer só porque você quer. A Cassie está morrendo de medo de que você se prejudique de novo. Quando ela perdeu a irmã, foi trágico, e ver você quase se afundar junto com a Eleanor acabou com ela. Não a faça passar por isso de novo.

— Você realmente está tentando fazer com que eu me sinta culpado por isso? — perguntei, furioso.

— Você precisa procurar ajuda. Se essa for a única maneira de eu te convencer a fazer isso, então que seja. Não vou ver minha mulher sofrer daquele jeito de novo.

O clique da porta destrancando foi o sinal para eu sair.

Ele se afastou do meio-fio cantando pneu. A culpa atingiu o alvo. Claro que Cassie sofreu depois de perder a irmã — mas eu não tinha levado em consideração como minhas atitudes a afetaram. Ela e Nate me acolheram, apesar dos problemas que eu causava. Não consegui tolerar o afeto e a preocupação deles e saí de lá assim que pude.

Nate tinha razão. Eu estava no limite de implodir de novo. Pouca coisa em mim havia mudado nos últimos sete anos.

Dar comida a AG foi a primeira tarefa que cumpri quando cheguei em casa. Depois que ela detonou o conteúdo da tigela, eu a enfiei debaixo do braço e fui para o apartamento de Tenley. Depois de abrir a porta, tirei os sapatos e os coloquei no tapete ao lado dos tênis roxos surrados dela. Chequei todos os cômodos e voltei à cozinha.

A geladeira estava quase vazia: um pacote de queijo processado fatiado, temperos, a cerveja que eu tinha levado, uma garrafa de água e os limões que

eu usava para manter a geladeira dela com um cheiro agradável eram tudo o que restava.

Abri a cerveja e então dei uma geral na geladeira, jogando fora tudo o que estava vencido. Depois, fui até o armário debaixo da pia e peguei uma caixa nova de bicarbonato de sódio. Fiz um furinho na ponta, coloquei na prateleira de baixo e joguei fora a caixa antiga. Substituí a metade do limão do dia anterior.

O banheiro era o próximo. Embora ninguém o usasse, limpei mesmo assim, por hábito. O quarto sempre era a última parada. Sem condições de ir até lá por enquanto, voltei à sala. Na mesa de centro havia uma cópia da tese de Tenley, que eu lia sempre que ficava ali por um tempo. Tenley era inteligente, e a tese dela me levava a me perguntar o que diabos havia de errado com seu orientador. Ele a estava fazendo andar em círculos sem motivo.

Todas as cortinas estavam fechadas. Eu as abri e olhei para a placa do Inked Armor, do outro lado da rua. Ela podia ver bem dentro do estúdio daquele ponto privilegiado, assim como eu podia ver o interior do apartamento dela da janela do meu quarto. Nossa, parecia que tinha se passado uma eternidade desde que eu a espiava na cozinha, preparando um drinque em uma noite quente de verão. Mesmo então, eu imaginava se ela estava escondendo alguma tatuagem. Tive a resposta para essa pergunta, mas o custo foi alto pra cacete.

Soltei a cortina e me virei para a sala vazia. Passei os olhos pela estante de livros, me demorando nos álbuns de fotos da última prateleira. Tudo o que eu procurava e todas as peças que faltavam estariam ali. Puxei uma das lombadas e tirei o álbum da prateleira.

A capa de couro estava bem gasta; parecia ter a mesma idade que Tenley. Dentro havia polaroides desbotados com nomes e datas escritos na parte de baixo, em uma bela letra cursiva. Os pais de Tenley sorriam na página, alheios ao que lhes aconteceria muitos anos depois.

Tenley era quase uma cópia da mãe, do arco das sobrancelhas aos lábios volumosos, mas os olhos verde-acinzentados eram do pai, assim como o brilho velado. Acompanhei a história dos pais dela, do namoro na faculdade até as férias na praia e, enfim, o casamento. Um casal que aparecia várias vezes nas fotos de faculdade estava ao lado dos pais de Tenley como padrinhos.

No segundo álbum, surgiram os bebês do casal de padrinhos, e os rostos despreocupados da juventude mostravam os ângulos mais agudos da vida adulta. A mãe de Tenley segurava os bebês com o encantamento conferido às crianças. Primeiro, havia um menino de cabelo escuro, e alguns anos depois aparecia um de cabelo claro. Os nomes “Trey” e “Connor” estavam escritos embaixo, em letra elegante. Tenley conhecia desde que nascera o cara com quem deveria ter se casado. Larguei aquele álbum e peguei o seguinte.

Na primeira página, via-se a mãe de Tenley na varanda dos fundos de uma casa de madeira, uma faixa de nuvem cor-de-rosa pairando no horizonte. Um sorrisinho brincava em seus lábios, e a mão repousava na parte de baixo da barriga, uma leve protuberância mal-escondida sob o vestido.

Então chegou Tenley. As fotos dela quando bebê e ainda garotinha eram intermináveis. De vez em quando, o restante da família aparecia nos álbuns. À medida que as crianças cresciam, ficava óbvio quem era aquele babaca do Trey. Tinha o mesmo olhar severo, como se o mundo fosse um saco, e ele não suportasse lidar com as pessoas nele. Os sorrisos eram forçados; o olhar, distante. Connor, o loiro, era a antítese: sorriso largo e alegre, e a fascinação que sentia pelo mundo e por Tenley era visível desde cedo.

Peguei os outros álbuns da prateleira e montei uma imagem mais abrangente da vida de Tenley. Ela crescera em uma família de classe média, atravessara a adolescência sem nenhuma fase desajeitada. Claramente passava bastante tempo com a família, ou ao menos eles registravam esses momentos sempre que podiam.

Algumas fotos a mostravam com o pai, os dois sentados no banco de um caminhão de bombeiros; o orgulho dele e a animação dela eram evidentes. Em outras, Tenley e a mãe estavam lado a lado na cozinha fazendo bolinhos ou plantando flores no jardim. Uma até mostrava Tenley fazendo o dever de casa na mesa da cozinha, o dedo pressionando o lábio em uma concentração fingida enquanto ela mostrava o dedo do meio para a câmera. Tive que procurar a subversão para encontrá-la. Uma faísca de rebeldia sempre parecia presente nos olhos dela. Dava a impressão de que Tenley estava esperando a câmera ir embora para aprontar alguma coisa.

Folheei as fotos da formatura do ensino médio e sua transição para a fase adulta. Na cerimônia, ela usava tênis velhos e um vestido medonho, ao passo que o par dela estava de smoking. Esses álbuns eram de vinil, e não de couro, cobertos com adesivos de bandas e repletos de fotos de Tenley com os amigos. As roupas dela ficaram mais escandalosas quando ela entrou na faculdade. Nada combinava, nunca. Ela misturava peças vintage com babados. Selfies a mostravam com cada um dos novos piercings que ela colocava na orelha, e, em outras fotos, Tenley estava com Connor. Havia muitas fotos com Connor.

Ele tinha ombros largos e era loiro, um garoto bonito que praticava esportes e usava camisas polo com o logotipo da Faculdade de Direito da Universidade de Cornell. Quando Tenley estava com ele, seu estilo mudava completamente. Com exceção dos sapatos. Ela estava sempre com tênis surrados. E sempre sorria naquelas fotos, os olhos fixos na câmera enquanto ele a abraçava de forma protetora. A expressão de Connor beirava um sorriso irônico, cobiçando um troféu que ninguém mais podia ter.

Quase no final de um álbum, Connor desaparecia por um tempo e algumas das meninas de outras fotos surgiam com mais frequência. Connor reaparecia no último álbum, mais ou menos na época em que Tenley se formou na faculdade. A felicidade genuína que eu via no rosto dela antes tinha ido embora: ela sorria, mas parecia distante e preocupada.

Ao ver as fotos do noivado, me senti traído. Imagens de Tenley provando vestidos de noiva e rindo com as amigas me deixaram furioso. Nove fotos no final do álbum, em homenagem às pessoas que ela perdera, fizeram meu estômago se revirar. Ela jamais teria ficado com alguém como eu se não fosse aquele acidente. Saber disso era cáustico em vários níveis.

Reorganizei os álbuns um por um. Ao colocar o último no lugar, notei outro na primeira prateleira.

Com capa de couro preta, aquele era novinho em folha. Peguei-o, hesitante. As primeiras páginas continham fotos do campus da Northwestern, da fachada do Serendipity e do Inked Armor. Seguiam-se fotos da vida dela em Chicago. Cassie, Lisa, Sarah, Jamie e Chris apareciam em várias delas. Outras eram dos colegas de faculdade, até daquele otário do Ian — mas essas eram poucas e bem espaçadas.

Havia muitas fotos de AG — e mais ainda de mim. Páginas e mais páginas dedicadas a mim. Eu na cozinha lavando a louça. Eu olhando para a pilha de livros na mesa de centro dela; outra de mim organizando-os. Meus braços apareciam em vários closes, e mais ainda meu perfil, sobretudo o lado com os piercings no lábio. Tinha até fotos minhas no Inked Armor. Tenley tivera o maior cuidado de colocar legendas em todas, com datas e explicações. Eu não sabia o que pensar.

O álbum estava preenchido até a metade. A última página era intitulada “Noite do encontro”, mas não havia fotos.

Coloquei o álbum de volta na prateleira e atravessei o corredor até o quarto. AG estava em seu lugar favorito: aconchegada entre os travesseiros. Eu me deitei ao lado dela, mais exausto do que acho que jamais me senti em toda a vida.

Incapaz de manter os olhos abertos, permiti que as lembranças de estar ali com Tenley me inundassem. Quando meus pais morreram, eu sentia falta das pequenas coisas, aqueles pequenos lembretes de que eles haviam partido e nunca mais voltariam. Com Tenley, eu sentia falta de tudo o tempo todo. Naquele momento, sentia falta do corpo dela ao lado do meu. Sentia falta de acordar suado por estarmos dormindo de conchinha havia horas. Sentia falta de me virar e puxá-la para mim, as cócegas que o cabelo dela fazia no meu rosto, o cheiro de sua pele. Enquanto eu era dominado pelo vazio do sono, fiquei pensando se algum dia voltaria a ter aquilo tudo.

A morte tinha um odor distinto. Não o reconheci quando entrei sorrateiramente pela porta da frente, mas o fedor pesado e metálico no ar me fez parar. Franzindo a testa, entrei no hall, indo pela direita para evitar o rangido do assoalho. O cheiro era completamente estranho. Minha mente entorpecida pelas drogas não conseguia processar as informações sensoriais enquanto o odor passava pelos meus receptores neurais, indo direto para o abismo negro da dormência narcótica e se tornando uma confusão total.

A porta se fechou com um clique discreto; em meu estado paranoico, parecia uma bomba prestes a detonar. Eu me encolhi e esperei ser cegado pela luz da sala de

estar. Mas nada aconteceu. A casa permaneceu em silêncio. Minha mãe de vez em quando me esperava na cadeira de balanço, o móvel mais desconfortável da casa. Era para ela ter certeza de que não pegaria no sono.

Tirei um tênis e depois o outro, colocando-os organizadamente ao lado dos sapatos sociais pretos engraxados do meu pai. Não era para eles estarem ali. Meus pais só voltariam para casa mais de uma hora depois, e não era para eu ter saído, já que estava de castigo. A farsa que eu havia montado na cama devia ter funcionado.

Atravessei o corredor de modo furtivo, tomando o maior cuidado para não fazer barulho. Mas havia algo errado. O odor enjoativo foi ficando ainda mais penetrante à medida que eu avançava pela casa, e uma sensação de terror se alojou no meu estômago. Devia ser a maconha. E o álcool.

Alcancei a escada devagar, lúcido apenas o bastante para perceber que meu equilíbrio estava péssimo. Uma sombra se moveu pelo chão e me deu o maior susto. Travessa, a velha gata da família, apareceu no corredor, miando alto.

— Shh, cala a boca, Travessa! — sibilei. Então me agachei e acariciei as costas dela, na esperança de fazê-la ficar quieta, mas o choro continuou. — Cala a boca!

Com receio de que ela acordasse meus pais, eu a peguei no colo. Ela se entocou nos meus braços, seu corpo pequeno tremendo, as unhas penetrando minha pele. Eu deveria ter percebido naquela hora. Travessa nunca me procurava, nem quando a tigela de comida estava vazia.

Nenhum brilho vinha do banheiro, onde uma pequena luz noturna sempre iluminava o caminho. Naquele ponto da casa, o odor metálico saturava o ar, nauseante.

Uma luz pálida passava por debaixo da porta do quarto dos meus pais. Apesar da névoa de negação induzida pela maconha, a verdade desagradável emergiu. O cheiro era familiar e preocupante. Cobre. Ferro. Sal.

Abri a porta com um ruído e dei uma espiada. A primeira coisa que vi foi a pintura do anjo vermelho caída no chão. Abri a porta um pouco mais. Travessa miou alto e arranhou meus braços, na tentativa de escapar daquilo de que eu não poderia me livrar. Mas nem sequer senti as unhas dela.

Meu pai estava deitado do lado dele da cama, os olhos arregalados e vítreos. Uma trilha vermelho-amarronzada saía da testa dele, do buraco que havia ali. O

sangue escurecido e quase marrom manchava os lençóis em torno de sua cabeça. O travesseiro embaixo dele exibia um vermelho profundo e pedaços de cérebro.

Eu queria desviar o olhar, mas meus olhos seguiram para a direita. Uma única ferida de bala marcava o peito da minha mãe. Um tom vermelho-negro manchava sua camisola cor de pêssego, mais escuro no meio e clareando à medida que se espalhava. Os olhos dela estavam abertos, cegos e apavorados. Tentei imaginar qual deles sofrera o destino de ver o outro morrer primeiro, sabendo o que estava por vir.

Então a cena se transformou e eu não tinha mais dezessete anos. O quarto era o meu próprio. Havia apenas um corpo, vestido de cetim creme, o pequeno buraco em seu peito transformando o tecido claro em vermelho. Por mais que eu tentasse, não conseguia passar pela porta para salvá-la.

Acordei com um grito. Erguendo-me de supetão, dei uma olhada ao redor, no quarto escuro. Estava na cama de Tenley. Com o coração disparado e coberto de suor, coloquei a mão no espaço ao meu lado, esperando encontrar o corpo quente dela. Não havia nada, apenas o vazio. O pânico se instalou, até que me lembrei de que Tenley tinha ido embora. Ainda assim, a claridade do pesadelo não se dissipou mesmo enquanto a lucidez retornava.

Eu não conseguia fazer com que a imagem de Tenley sangrando parasse de emergir diante dos meus olhos como um filme de terror. Uma onda de náusea subiu pela minha garganta. Fui até o banheiro aos tropeços. A claridade me cegou e mal consegui chegar à privada antes de vomitar. Os pesadelos não estavam diminuindo. Enquanto a cena se repetia na minha cabeça, meu estômago deu outro aperto violento, e o restante do jantar mergulhou no vaso até que só restaram contrações secas.

Fiquei debruçado na privada com a testa repousada no braço, incapaz de me mexer, com medo de iniciar mais uma rodada. Finalmente me ergui sobre braços trêmulos, apoiando o peso do corpo em pernas ainda mais instáveis, para poder me lavar com água e um enxaguante bucal.

Minha incapacidade de controlar meu inconsciente me enojava. Depois de tantos anos, já deveria ser mais fácil lidar com essa merda. Eu me afastei da pia e olhei pelo corredor para o quarto de Tenley. O edredom estava amarrotado e

os travesseiros, espalhados no chão. Nenhuma Tenley morta. Nenhuma mancha de sangue nos lençóis.

Deixei a luz do banheiro acesa e voltei para o quarto. O relógio na mesa de cabeceira mostrava quatro e quarenta e sete. Eu não ia conseguir dormir de novo apenas para cair mais uma vez naquele pesadelo horrível. Procurei meu celular e me sentei no chão, as costas recostadas na beirada da cama. O suporte de madeira ficava exatamente abaixo dos meus ombros; o estofamento do colchão apoiava minha nuca. O colchão de Tenley era mais macio que o meu. Eu preferia o dela.

Digitei a senha. Abri a agenda de contatos. Fiquei olhando para a foto dela e de AG anexa às informações. Eu não ligava havia duas semanas, com medo de que ela atendesse, com medo de que ela não atendesse. Mas naquele exato momento eu precisava ouvir a voz dela, mesmo que fosse só a gravação. Toquei em Ligar e observei a tela se acender, o som distante dos toques. Duas vezes, três... Mais uma e ia cair na caixa postal.

O quarto toque, porém, foi cortado no meio. Segurei a respiração. Jamais esperei que ela de fato atendesse.



TENLEY

O toque do celular me tirou de um sonho. Resisti, o rosto lindo de Hayden desaparecendo enquanto eu piscava no escuro.

Peguei o telefone antes que a ligação caísse na caixa postal. O relógio na mesa de cabeceira indicava que eram quase cinco da manhã.

— Alô? — atendi, a voz rouca de sono.

Ouvi um suspiro suave.

— Você atendeu — disse ele, incrédulo. — Achei que não atenderia. Liguei antes e nunca tinha conseguido falar com você. Mas dessa vez... Por que você não atendeu antes?

Percebendo a angústia dele, agarrei o telefone, como se quisesse abraçá-lo através do aparelho.

— Eu queria.

— Então deveria ter atendido.

Nas três semanas anteriores, eu quase tinha atendido, várias vezes.

A dor no meu peito, que piorava a cada dia, tinha se tornado uma punhalada de agonia. Se eu tivesse atendido as ligações dele, teria voltado para Chicago, em vez de resolver tudo em Arden Hills, merecendo Hayden ou não.

— Eu sei. Queria ter atendido. Você está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Tive um sonho ruim.

Ele parecia tão frágil, como se estivesse envergonhado por ligar por aquele motivo.

— Ah, Hayden. Eu sinto muito. — Meus olhos se encheram de lágrimas.
— Sobre o que foi?

Ouvi um ruído suave do outro lado da linha. Alguns sussurros. Uma pancada baixa repetida duas, três, quatro vezes. Um som de engasgo, seguido

por um baque alto. A distância me deixava de mãos atadas. Eu queria atravessar o telefone e aliviar a dor dele, como ele tinha feito por mim tantas vezes.

— Hayden?

— Desculpe. — Ele tossiu. — Deixei cair uma coisa.

Mas ele não conseguiu me enganar.

— Foi um pesadelo?

— Achei que fosse real. Quando acordei, achei... — Outra batida baixa.

— Foi com seus pais?

— Não.

— Foi comigo?

— Sim. — A voz dele falhou. — Você estava, você estava, você estava...

Caralho! — Hayden se atrapalhou com as palavras.

— Está tudo bem agora. Eu estou aqui. Estou aqui e estou bem. Não aconteceu nada de ruim comigo. — Eu tinha esperança de conseguir acalmá-lo se continuasse falando. — Foi só um sonho.

— Eu não conseguia alcançar você. Você estava morrendo e eu não conseguia... O sangramento, tinha tanto sangue, e você estava, e você estava...

— Ele começou a se agitar. — Senti um vazio grande pra cacete sem você aqui. Me sinto tão vazio! — Então ele perdeu o controle. As palavras se misturavam, sem sentido. — Eu não sabia que ia me sentir assim. Não sabia. Não teria deixado você... Eu quero... Eu quero...

Cobri a boca com a mão para conter um soluço, horrorizada por ter feito aquilo com Hayden. Achei que, quando fosse embora, ele veria que eu era uma escolha ruim, mas, em vez disso, ele estava desmoronando.

— Shh, está tudo bem, Hayden. Sinto muito mesmo. Eu queria estar aí com você — falei baixinho.

— Então venha para casa — suplicou ele.

— Eu vou. Deixá-lo foi difícil demais. Eu sei que deveria ter ligado e explicado. Mas só tenho mais algumas coisas para resolver.

— E depois você vai voltar para casa?

— Vou. Assim que der. — Enxuguei as lágrimas com as costas da mão.

— Promete?

— Prometo.

Depois de um longo silêncio, eu o ouvi respirar fundo.

— Tenley?

— Estou aqui.

— Eu... Nada é o mesmo sem você. — Ele ficou ofegante. — Volte logo para casa, ok?

— Estou tentando. Tem sido bem complicado.

— Quanto tempo mais vai levar? — perguntou ele, erguendo a voz em pânico.

— Não sei. Eu iria embora daqui agora mesmo se pudesse... Juro, Hayden.

— Mas eu preciso de você aqui. Sinto sua falta. Não consigo... — Parou por um instante, e, quando voltou a falar, seu tom era seco: — Desculpe. Eu não devia ter ligado.

— Fico feliz que você... — Ouvi um clique. — Hayden?

A linha ficou muda. Olhei para a tela, sem entender o que tinha acontecido. Abri o perfil dele na minha lista de contatos. A primeira foto que tirei dele na vida, no meu apartamento, apareceu na tela, aquela em que ele estava dando cobertura de cupcakes para AG. Passei o polegar com carinho sobre a foto. Eu sentia quase tanta falta da gata quanto dele. Toquei em Ligar. O telefone tocou e caiu na caixa postal. Tentei de novo. Dessa vez, fui jogada direto na caixa postal.

— Não, não, não!

Eu deveria ter dito que sentia saudade dele. Tentei de novo; caiu na caixa postal mais uma vez. Ele tinha desistido de mim. Perceber isso me deixava enjoada e fiquei tentando ligar de novo e de novo, torcendo para conseguir desfazer um pouco do mal que tinha causado. Mas foi mais do mesmo. Ele não atendeu.

— Droga!

Joguei o celular do outro lado do quarto, frustrada. No segundo em que o aparelho saiu da minha mão, tentei pegá-lo de volta, mas era tarde demais. O telefone bateu na parede e se espatifou no chão. Peguei-o, rezando para não tê-lo quebrado em meu momento de estupidez. A tela tinha rachado toda com o impacto.

— Merda! Não!

Apertei o botão com violência, inserindo minha senha, mas não adiantou. Não consegui passar da primeira tela. Abri a porta e desci o corredor correndo até o escritório. Apertei com força os botões do número de Hayden, desajeitadamente, no telefone fixo.

— Por favor, por favor, por favor, por favor... — implorei, cruzando os dedos para que ele atendesse. Não atendeu.

Lágrimas embaçaram minha visão enquanto eu tentava ligar para meu próprio celular. O aparelho emitiu um toque fraco, depois morreu.

Eu precisava entrar em contato com Hayden. Deveria ter tentado me explicar muito antes, mesmo que não fizesse sentido. Ele podia ficar bravo comigo por eu ter uma desculpa tosca. Qualquer coisa era melhor do que aquilo. A recusa dele em conversar comigo me deixava muito consciente do que meu silêncio lhe havia causado. Eu estava tão envolvida com o que achava que precisava resolver em Arden Hills que não tinha imaginado o impacto que minha fuga teria sobre ele.

Fugi de Hayden porque estava apaixonada por ele. Por isso e porque eu achava que jamais seria suficiente. Naquele momento, eu não era — mas ficar ali não ia resolver isso. Eu tinha que ir para casa, para Hayden, para poder consertar as coisas.

Corri de volta para o quarto. Aquela casa era simplesmente uma prisão de sofrimento; eu não podia mais ficar ali. Precisava me forçar a aceitar que já tinha sofrido o bastante.

Eu precisava fazer muitas coisas antes de voltar para Chicago, mas minha partida não seria nem um pouco como minha chegada. Eu iria embora de acordo com minhas próprias regras.

Entrei no chuveiro antes de a água esquentar. Tremia enquanto lavava o cabelo e estava com tanta pressa para continuar as tarefas que quase me esqueci de enxaguá-lo. Depois de me vestir, preendi o cabelo em um rabo de cavalo molhado e enfié meus pertences na mala. Tive que sentar nela para conseguir fechá-la. Então a arrastei pelas escadas até a garagem.

O carro de Connor estava cheio. O banco de trás e o porta-malas estavam lotados de caixas com os pertences dele que eu pretendia doar para várias instituições de caridade. As poucas coisas de que eu não conseguira me desfazer

estavam em uma caixa de plástico no banco do carona. Minha intenção era tê-la deixado na casa dos meus pais na noite anterior, mas estava exausta após a visita ao cemitério.

Respirei fundo, tentando não desmoronar, e levei a mala de volta para dentro. Deixei-a na cozinha e peguei a bolsa.

Ao sair da garagem, quase arranquei o retrovisor do lado do carona. Ao menos tinha saído antes que Trey aparecesse. Com sorte, eu conseguiria evitar mais uma discussão.

Cheguei à casa dos meus pais em tempo recorde e carreguei a caixa de plástico para dentro. Meu plano era largá-la no armário do meu antigo quarto e resolver aquilo depois, quando eu me sentisse preparada para voltar. A casa estava tão fria dentro quanto do lado de fora, então larguei a caixa no corredor e descii até o porão. A luz-piloto do aquecedor estava desligada. Mas esse não era o verdadeiro problema; era o encanamento arrebitado e o monte de gelo amontoado no chão. Eu teria que chamar um encanador. Só que não eram nem sete da manhã, e eu estava sem celular. Não haveria nada aberto antes das nove, e eu não tinha esse tempo todo.

Apertei os olhos, pensando nas minhas opções. Arden Hills era uma cidade pequena. Eu conhecia várias pessoas em cujas portas poderia bater, mesmo àquela hora da manhã. Saí da casa e dirigi até o lago Johanna. Um dos antigos amigos do meu pai morava lá; ele poderia me ajudar. A casa de campo estava exatamente como eu lembrava, embora a pintura estivesse desbotada pelo sol, e a varanda desgastada pelo tempo. Os habitantes eram os mesmos.

Eles me convidaram para entrar, prepararam o café da manhã e falaram sobre a fazenda e os oito netos enquanto comíamos. Fiquei ali sentada, sorrindo e assentindo, porque ele tinha concordado em ir até a casa dos meus pais consertar o encanamento.

Minha parada seguinte era a loja da Apple no Rosedale Center, nos subúrbios da cidade. Estava indo tudo bem, até que tentei pagar. Meu cartão Visa foi recusado. Meu MasterCard também. Tive que usar o telefone da loja para ligar para o banco. Minhas contas tinham sido bloqueadas logo cedo. Trey com certeza estava por trás daquilo; era a única explicação.

Liguei para meu advogado, Frank, e passei as duas horas seguintes no banco, resolvendo as coisas. Trey tinha conferido a si mesmo a autoridade para assinar em meu nome depois de ter me forçado ilegalmente a assinar os papéis da procuração. Por sorte, ele não havia retirado tudo, e aquela não era a conta em que eu guardava a maior parte do meu dinheiro. Por fim, Frank resolveu as coisas, mas ninguém tinha encontrado Trey, o que significava que, àquela altura, ele já devia saber sobre a venda da casa.

Perdi a cabeça quando voltei para o carro. Levei mais vinte minutos para recuperar o controle antes de voltar à loja da Apple e pegar meu novo celular.

Depois de comprá-lo, a primeira coisa que fiz foi ligar para Hayden, mas ele não atendia. Tentei de novo em todos os sinais de trânsito em que parei.

Eram quatro da tarde quando terminei de deixar as coisas de Connor no Exército da Salvação. Tinha começado a nevar mais cedo, e a luz do dia havia se transformado em um cinza desbotado quando voltei para a casa que em breve seria da família Weston. Os pneus do carro cantaram sobre o cobertor de gelo quando estacionei em frente à porta.

Antes de entrar, liguei para Frank para ter certeza de que as chaves já tinham sido entregues. Ele me garantiu que estava tudo nos conformes e prometeu me avisar quando fosse feita a entrega oficial. Ainda não tinham encontrado Trey, o que era preocupante, mas ao menos o carro dele não estava perto da garagem. Ele havia deixado várias mensagens no meu celular, mas resolvi não ouvi-las, pois sabia que não seria nada que eu quisesse escutar. Mantive o motor do carro ligado, já que só precisava deixar a chave na mesa da cozinha e pegar minha mala. Mal podia esperar para ir para casa.

Girei a chave na fechadura e abri a porta. A pálida luz do sol fez o primeiro andar se encher de sombras cinzentas e distorcidas. Ao acender a luz, levei um susto. Trey estava sentado à mesa da cozinha, as mãos entrelaçadas sobre uma pilha de papéis, sereno como um lago ao amanhecer.

— Não vi seu carro.

O rosto dele era como pedra, sem emoção alguma. Ele respondeu sem olhar para mim:

— Estacionei na garagem.

Ele estava de terno, mas totalmente desgrenhado, a gravata afrouxada, os primeiros botões da camisa abertos, o colarinho torto. Uma barba por fazer cobria seu rosto; o cabelo estava arrepiado na frente, e as olheiras tinham um tom avermelhado.

Minha mala estava no lugar onde eu a havia deixado, no meio do caminho entre nós dois. Trey a indicou com a mão.

— Vai a algum lugar?

— Vou para casa — respondi em uma voz surpreendentemente estável.

— Para a casa dos seus pais?

A mão dele voltou para cima da mesa, alisando a superfície do vidro.

— Não.

— Não? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Então decidi ficar na casa principal?

Trey tinha se mudado para lá após a morte da família e tentou me forçar a ficar lá quando voltei para Arden Hills. Levei três dias para conseguir me livrar do controle dele e do fluxo contínuo de remédios para ansiedade que ele misturava na minha comida sem eu saber.

— Não, Trey. Estou indo para casa. Para Chicago.

— De volta para o seu degenerado. Que lindo — debochou, com um sorriso sarcástico.

Dei um passo em direção à mala. Os cinco metros de azulejo que a separavam de mim pareciam quilômetros. Eu não queria me aproximar ainda mais de Trey. Uma corrente de fúria se escondia debaixo de sua calma aparente.

— ...Tenho que admitir... Você é mais esperta do que eu pensava. — Com um movimento da mão, ele espalhou a pilha de papéis como um crupiê. — Descobri que você conseguiu revogar a procuração.

Meu coração pulou. Eu havia nutrido a esperança de ir embora muito antes de a papelada da casa chegar até ele.

— Fiz o que tinha que fazer.

— Com certeza. Mas você achou que eu só ia descobrir depois que você fosse embora? — O tom da voz dele foi aumentando, ganhando ritmo e volume, até que se tornou um berro. — Que podia agir pelas minhas costas, passar a casa para outra pessoa e fugir de novo?

Em um movimento rápido, a cadeira dele se arrastou pelos azulejos com um barulho alto, e ele ergueu a mesa. Os papéis voaram pelo ar e caíram como chuva, as cores da tinta vermelha e do marcador amarelo destacando-se em meio ao branco. A mesa tombou de lado. O tampo de vidro temperado se estilhaçou em uma onda brilhante. Trey atravessou o tapete de cacos, esmagando o vidro sob os sapatos, indo na minha direção com as mãos fechadas em punhos.

— Consegui congelar suas contas. Tenho certeza de que isso tornou sua fuga um pouco mais desafiadora.

— Já resolvi esse problema.

Mantive minha postura, mas eu queria era sair correndo. Ele parou bem na minha frente, a expressão inalterada.

— Vou reverter isso.

— Você não pode, Trey. Está fora do seu controle. Não vou lhe dar a casa para você destruí-la. Seu pai não ia querer isso.

— Meu pai está morto. O que ele ia querer não importa.

— Para mim importa. Para mim já deu, Trey. Não vou mais deixar você me destruir.

Virei o rosto. Aquela conversa não ia levar a nada de bom. Ele segurou meu braço, mas me soltei. Quando ele foi para cima de mim de novo, ergui a manga do casaco até o antebraço, expondo os hematomas que ele tinha provocado no nosso último desentendimento.

— É melhor você ficar na sua, Trey. Já registrei isso aqui com o meu advogado.

— E-Eu não...

— Weston logo vai receber as chaves da casa. Imagino que você não vá tentar intimidá-lo como fez comigo. Mas, se achar que a coerção física é necessária, ao menos ele vai estar mais à sua altura. Adeus.

Contornei Trey, peguei minha mala com a mão trêmula e a arrastei até a porta. Ele se recuperou do choque de ver o estrago que seu temperamento tinha causado.

— Não está achando que eu vou deixar você levar o carro do Connor, está?
— provocou ele, com a voz áspera.

— Não preciso da sua permissão. O carro do Connor é meu agora.

Não havia mais nada que ele pudesse tirar de mim. O que ele queria tinha sido repassado a seu primo; Frank tinha se certificado de que o acordo era bem-amarrado. Trey estava de mãos atadas e, se tinha lido a documentação, sabia disso.

Abri a porta, pronta para deixar tudo aquilo para trás.

— Eu jamais deveria ter deixado você ir embora, para início de conversa — disse ele.

Como se a escolha fosse dele! Eu me virei, o vento gelado batendo na nuca.

— O que você disse?

— Você deveria ter sido minha — respondeu ele, com amargura.

Trey sempre fora cruel, insensível à dor que causava nos outros. Entretanto, naquele momento, a máscara caiu e enxerguei uma pessoa deformada pelo narcisismo.

— Foi isso que você achou que ia acontecer quando me trouxe de volta para cá?

— Eu cuidei de você, e agora você está me deixando de mãos vazias. Você está em dívida comigo.

Como se eu fosse uma propriedade que pudesse ser passada adiante.

Fui embora sem mais uma palavra. Não havia mais nada a ser dito.



TENLEY

Cerca de dez minutos depois, Weston me ligou, e eu encostei o carro. Ele já estava com as chaves. Só então percebi que eu ainda tinha as minhas e Trey, as dele.

— Não se preocupe com isso — disse Weston. — Vou mandar trocar as fechaduras hoje à noite. Com o Trey, sempre temos que estar um passo à frente.

— Nunca fui muito boa nisso.

— Ah, acho que você é melhor do que pensa. E será sempre bem-vinda se quiser nos visitar. É só dar uma ligada.

— Obrigada, Weston.

— Se cuida, viu?

— Pode deixar. Você também.

Parei em um posto de gasolina depois de umas três horas de viagem. Estava na metade do caminho para Chicago e com uma fome terrível. Pela primeira vez em semanas, estava realmente com fome. Comprei um pacote enorme de batatas chips, uma barra monstra de chocolate e uma Coca-Cola.

Liguei para Sarah depois de abastecer para avisar que estava voltando, mas, como não atendeu, deixei um recado na caixa postal e mandei uma mensagem para garantir. Eu tinha dado a ela a chave do meu apartamento para que ela alimentasse AG.

Pensei nas minhas opções enquanto prosseguia no caminho para casa. Hayden tinha a chave, mas ele não atendia as minhas ligações, o que o eliminava. Além disso, sem dúvida teríamos uma conversa quando nos víssemos, e aparecer no meio da noite não facilitaria em nada a discussão. A possibilidade de eu não conseguir remediar meus erros me apavorava.

Três horas depois, eu estava em frente ao meu prédio. Interfonei para Sarah e rezei para que estivesse em casa, embora não visse o carro dela. Não houve resposta. Talvez ela estivesse trabalhando. Voltei para o carro de Connor e, resignada, digitei “Dollhouse” no GPS. Eu queria entrar em casa, queria ver AG. Se não podia ter Hayden naquela noite, ao menos eu podia ter a gatinha.

Quinze minutos depois, entrei no estacionamento da boate de striptease. Liguei para Sarah de novo, porém continuei sem resposta, o que fazia sentido se ela estava servindo as mesas. Estacionei em uma área bem iluminada, peguei a bolsa e tranquei o carro. O edifício era pintado de preto, luzes berrantes piscavam o nome da boate, e uma placa de neon mostrava uma mulher seminua se curvando, se erguendo, se curvando e se erguendo enquanto piscava, a bunda nua à mostra a cada movimento da saia.

Eu não conseguia acreditar que Sarah trabalhava ali. No entanto, se aquilo pagava pelo MBA e a deixava sem dívidas depois de acabar o curso, eu entendia a lógica.

Um pouco nervosa, fui até a entrada. Dei uma olhada no estacionamento, procurando o carro de Sarah, mas não o encontrei. Os funcionários deviam ter um estacionamento separado; mais seguro para as meninas que trabalhavam ali. Um homem enorme, com braços da largura da minha cintura, guardava a porta. Ele me olhou de cima a baixo de um jeito que fez com que eu me sentisse nua, mesmo de moletom. Queria estar de jaqueta.

— Identidade — pediu ele, esticando a mão gorda.

Vasculhei a bolsa e encontrei a carteira de motorista. Ele a analisou, olhou para meu rosto e a devolveu.

— Cadê seu acompanhante?

— Como?

— Seu acompanhante — repetiu ele, irritado. — Você precisa de um acompanhante homem para entrar.

— Ah, eu... — Mordi o lábio, sem saber ao certo como proceder. — Tenho uma amiga que trabalha aqui. O nome dela é Sarah.

— Sarah, é? Então você está procurando emprego? — Ele abriu um sorriso irônico. — Você é meio magrinha, mas vai servir para os caras que curtem o estilo boneca de porcelana.

Ele abriu a porta e agarrou o braço da mulher seminua que estava passando.

— Essa aqui está procurando emprego. Leve a moça para a chefe.

A mulher me olhou, riu e se virou de volta para ele.

— Está falando sério?

— Ela disse que conhece a Sarah.

Pensei em corrigi-lo, mas, se aquilo me ajudasse a entrar, era melhor deixar. Eu só precisava pegar minha chave e me mandar dali.

Ela me deu uma olhada duvidosa e se voltou para o guarda-costas.

— Você está fazendo todo mundo perder tempo. Ela não ia durar nem um dia. — Com uma expressão irritada, ela indicou que eu a seguisse.

Segui a mulher, desconfortável enquanto rodeávamos a boate, assimilando todos os homens de terno sentados próximos ao palco principal. Mais para os fundos havia dois palcos menores, isolados por um cordão de veludo vermelho. De ambos os lados havia sofás de *plush*, em que homens de terno relaxavam com dançarinas rebolando no colo.

Eu não conseguia imaginar fazer parte daquele mundo. Não queria pensar em Hayden passando a mão em nenhuma daquelas mulheres ou vice-versa. Me perguntei se ele já tinha gastado algum dinheiro naquilo. A ideia me deixou enjoada.

— Então você conhece a Sarah? — perguntou a moça, me analisando com olhos desconfiados.

— Sim.

— Diz para aquela vaca que ela precisa ficar longe dos meus clientes. — Ela jogou o cabelo oxigenado por cima do ombro. — Senão eu vou ferrar com aquela carinha bonita dela. Espera aqui.

— Será que ela está trabalhan...?

A garota desapareceu por uma porta vigiada por outro homem bastante musculoso antes que eu pudesse terminar a frase.

— Ei — gritei para ele sobre a música ensurdecadora, a sensação de desconforto aumentando. — Estou procurando pela minha amiga Sarah. Ela trabalha aqui.

Ele tocou no ouvido e mexeu os lábios para dizer “Não consigo ouvir”. Então voltou a encarar a multidão com ar ameaçador.

Frustrada, eu me virei para procurá-la. O interior da boate era pintado de preto, lançando sombras sobre a clientela. Procurei pelo cabelo loiro quase branco de Sarah, mas não consegui localizá-la em meio à cintilação das luzes estroboscópicas. Mesas repletas de homens assistiam a uma mulher girar em torno de um poste, desviando os olhos apenas quando uma garçonete quase nua passava por eles. Eu odiava pensar que minha amiga trabalhava ali e que Hayden já tinha feito parte daquele estilo de vida.

A porta ao lado do segurança se escancarou, e Sienna apareceu em toda a sua glória de couro vermelho. Usava um vestido colado no corpo. Os seios siliconados estavam tão espremidos para cima que pareciam uvas frescas prestes a rachar. Ela tinha marcas nos braços, como se alguém a tivesse segurado com força, e uma de suas faces estava bem vermelha. Um homem vestido de maneira idêntica ao que vigiava a porta apareceu atrás dela, ajustando o cinto.

Ela gritou com o segurança, claramente irritada. Ele se inclinou para a frente; li o nome de Sarah em seus lábios, e então ele apontou para mim. Quando Sienna me viu, o ódio tomou suas feições, mas logo ela se recompôs e um sorriso distorceu sua boca.

Eu estava confusa. Hayden havia dito que Sienna dançava ali, mas, ao ver que todo mundo se submetia a ela, percebi que ele não tinha me contado tudo. Apesar do que as roupas sugeriam, Sienna não era mais uma stripper; ela gerenciava a boate. E eu estava em uma sinuca de bico.

— Ora, ora, que surpresa — ronronou ela, desfilando até o bar e se debruçando no corrimão de metal, os olhos fixos em mim. — O que está fazendo aqui?

— Estou procurando...

O sorriso falso dela se desfez e ela me interrompeu:

— Ah, eu sei exatamente quem você está procurando. Eu falei para o Hayden que ele ia ficar entediado. Eu *falei* que você não ia dar certo com ele, mas ele não me ouviu. — Ela se aproximou de mim com os saltos imensos. —

Ele é patético pra cacete. Sempre pensando que pode ser melhor do que é, mas nós duas sabemos que isso não é verdade, não sabemos?

— E-Eu não... — gaguejei, em choque.

Hayden tinha me dito que a vida dele era diferente, que *ele* era diferente antes de mim, mas eu não tinha imaginado nada assim.

— “E-Eu não.” “E-Eu” — caçoou ela. — Você é uma perda de tempo para ele. Veio aqui achando que eu podia dar umas dicas para manter o interesse dele? — Ela soava amarga. — Posso poupar seu tempo, querida. Não tem nada que você possa fazer. Hayden gosta de ter as possibilidades sempre abertas. Ele nunca vai ficar satisfeito com você; é uma questão de tempo até que ele volte correndo para mim.

Tinha sido um dia longo e difícil, e meus nervos já estavam à flor da pele. Eu não precisava daquilo. Se deixasse que minhas emoções me vencessem na frente de Sienna, acho que eu perderia a cabeça.

— Eu não devia ter vindo — falei, recuando. — Vou embora.

Sienna deu um passo para o lado, me encurralando entre o bar e a parede.

— Tem certeza de que não quer dar uma olhada em volta? Ver o que vai ser preciso fazer para conseguir ficar com ele por mais um tempo?

— Melhor eu simplesmente ir embora. — Engoli em seco quando ela se aproximou mais.

Sienna inclinou a cabeça para o lado.

— Não entendo. O que ele vê em você? Olhe só para você.

Ela pegou meu rabo de cavalo e franziu o nariz, depois passou a unha postiça pelo meu rosto. Afastei a cabeça.

— Não toque em mim.

Ela segurou meu queixo com força. Estávamos no escuro, encobertas pelo cortejo de seguranças. Sienna se aproximou, a boca junto ao meu ouvido.

— Você acha que conhece o Hayden, mas não conhece. Quando nos conhecemos, ele estava ocupado comendo todas as meninas da boate. Todo mundo queria o Hayden, e eu era a única para quem ele sempre voltava, de novo e de novo. Eu dava o que ele queria, *de qualquer jeito* que ele quisesse.

Sabe o que vai acontecer quando você não conseguir dar conta? Ele vai voltar para mim. Ele sempre volta.

— Me larga. — Agarrei a mão dela.

Ela apertou com mais força, as unhas afundando na minha pele.

— Hoje estou generosa, então vou te dar uma dica. Se o Hayden começar a se distrair, tem um jeito certo de atrair a atenção dele. Quer saber o que é?

Como não reagi, ela continuou:

— É só dar para o Chris. Foi isso que fiz quando descobri que o Hayden estava comendo outras três meninas ao mesmo tempo. — Sienna largou meu rosto e deu um passo para trás. — Ah, você parece chocada. Coitadinha. Ele não te contou sobre isso?

— Sua vadia manipuladora — sussurrei, me afastando.

— *Do que* você acabou de me chamar?

Eu deveria ter previsto o tapa. Reagi com um segundo de atraso, erguendo o braço para me defender, mas consegui evitar que ela me atingisse em cheio. Enquanto as unhas dela arranhavam meu rosto, atingi o nariz dela com o cotovelo. Ouvi um ruído gratificante; ela berrou um palavrão e me empurrou; eu caí. Incapaz de reduzir o impacto, bati o cóccix e a cabeça no frio piso preto, minha visão escureceu e uma dor aguda atravessou meu quadril. Os seguranças interferiram quando Sienna avançou sobre mim de novo; um braço enorme envolveu a cintura dela e a ergueu no ar enquanto ela chutava e gritava obscenidades.

— Me põe no chão! Vou acabar com essa vaca!

O sangue escorria pela boca e pelo queixo dela, pingando no vestido de couro sintético. Ela foi arrastada pela porta de onde tinha surgido, o segurança se esforçando para segurá-la com firmeza.

Eu me ergui sobre os braços trêmulos. Meus quadris berravam de dor, e minha cabeça não estava muito melhor. Juntei as coisas espalhadas pelo chão e as enfiei de volta na bolsa, conferindo se tinha minha chave e a carteira. Ambas estavam lá. Eu sentia os olhares sobre mim mesmo com a música ainda explodindo e a garota no palco girando sem parar. Se não estivesse tão concentrada na dor em meu corpo, eu teria me sentido humilhada.

Tive que me apoiar no corrimão de metal do bar para me erguer. Doía tanto que senti a bile no fundo da garganta. Olhei em volta, procurando a saída.

Quando enfim a encontrei, o segurança que tinha me deixado entrar vinha na minha direção, os olhos estreitos, as mãos fechadas. Olhei em volta, procurando outra saída, mas a placa da saída de emergência ficava do outro lado da boate.

Eu jamais chegaria lá.



HAYDEN

Era uma da manhã. A TV estava ligada, mas eu não prestava atenção. Estava olhando para a série de ilustrações na parede. Todas de Tenley. O tempo todo. Meu celular tocou.

— Fala — grunhi, incomodado com a interrupção.

— Venha já à Dollhouse consertar a merda que você fez.

— Mas que porra é essa? Quem é? — Afastei o telefone da orelha e olhei para a tela. O número apareceu como desconhecido.

— É o Jay, seu bosta. Sua mulher quebrou o nariz da Sienna.

— De que merda você está falando?

Jay era o chefe da segurança. Nós nos conhecíamos fazia anos e nunca tivemos problemas um com o outro.

— Meu Deus. Você não controla as vadias que come?

— Espere aí. Como é?

— Pelo amor de Deus, eu achava que você tinha parado de cheirar. Sua bonequinha de porcelana veio aqui procurar você e se bicou com a Sienna. Se ajeita aí e vem buscar a garota antes que a Sienna a jogue na vala.

— Está falando da *Tenley*?

— Como é que eu vou saber, cacete? — Ele suspirou, irritado. — Cabelo comprido e preto, baixinha. Conhece uma das garotas da Sienna, a Sarah. Soa familiar?

— Não é possível. Ela nem está aqui em Chicago.

— Não sei onde ela te *disse* que estava, mas neste exato momento ela está na porra da boate, e a Sienna está sendo contida. Você tem dez minutos para chegar aqui.

A linha ficou muda. Peguei minhas chaves e voei escada abaixo até a garagem.

Não havia como Tenley já ter voltado. Eu saberia. *Ou talvez não.* Ela tinha ligado vinte vezes naquele dia e eu não tinha atendido. Não deixou recado, e eu estava puto demais por ter telefonado para ela de madrugada; não confiava em mim mesmo para ter uma nova conversa. Mesmo assim, achei que Tenley fosse me mandar uma mensagem se voltasse. Mesmo que ela não mandasse, alguém ficaria sabendo.

Liguei para Chris enquanto saía da garagem subterrânea, mas caiu direto na caixa postal. Tentei falar com Sarah e caiu na mesma droga. Levei menos de dez minutos para chegar à Dollhouse. Encostei bem na porta da frente e estacionei na área proibida. Saí e tranquei a porta.

— Stryker, você não pode fazer isso, cara... — disse Max.

— O Jay ligou e me pediu para vir buscar um negócio. Só vou levar um segundo.

— Aquela diabinha é sua?

— Merda. Ele não estava me sacaneando? A Tenley está aqui?

— Baixinha, cabelo escuro? Rosto bonito e bunda também?

Eu queria esmagar a cara dele na parede por esse comentário, mas Max tinha o dobro do meu tamanho.

— Não vou demorar.

O cheiro de suor e sexo me atingiu em cheio quando passei pela porta. O que parecia ser o som de um baixo pesado quando eu estava lá fora se tornou uma batida dançante horrorosa lá dentro. Dei uma olhada em volta, procurando por Tenley entre os caras de terno e os mais relaxados. No canto dos fundos, vi um empresário passar a mão em uma dançarina.

O segurança saiu das sombras, preparado para cortar o barato do cara. Uma conversa silenciosa transcorreu entre ele e a dançarina, que então se levantou do sofá e pegou a mão do cara de terno. Ele a seguiu para a escuridão. Enquanto o segurança e o cara trocavam palavras, a dançarina roía as unhas, com ar de entediada. Quando os homens terminaram de negociar, o cara de terno e a dançarina desapareceram por uma porta escondida. Negócios, como de costume. A possibilidade de Tenley ter testemunhado esse tipo de coisa me deixou enojado.

Fui para os fundos da boate, onde seguranças vigiavam o corredor que dava no escritório de Sienna. Jay já trabalhava lá bem antes de eu começar a frequentar o estabelecimento. Ele tinha visto várias dançarinas ir e vir, além de muitas mudanças.

— Você ligou.

— Sienna está furiosa pelo que a sua mulher fez no rosto dela. Deu muito trabalho convencê-la a não levar esta aqui lá para trás e jogá-la no contêiner de lixo.

— Hayden? — chamou Tenley.

Fechei os olhos por um momento ao ouvir a voz dela, então me virei.

Ela parecia apavorada. Estava encolhida no canto, sentada em um banco do balcão do bar com as mãos no colo. Eu não queria que ela fosse exposta àquele lugar, que visse o que acontecia ali e tirasse as conclusões óbvias a respeito do que eu fazia quando era um cliente regular.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntei, a raiva substituindo o alívio quando a vi.

— Eu precisava encontrar a Sarah.

Bom, foi um belo chute no estômago saber que Sarah fora a primeira pessoa que ela tinha procurado. Engoli uma ânsia amarga quando as luzes do estroboscópio atingiram seu rosto, iluminando três linhas vermelhas de sangue. Eu me aproximei, ergui o queixo dela e inclinei sua cabeça. Os arranhões iam da orelha até a boca. Mesmo assim, o contato foi elétrico, como sempre.

— O que aconteceu? — perguntei de um jeito um pouco mais incisivo do que eu pretendia.

— Tive uma conversa com a Sienna.

— Ela fez isso com você? — Quando Tenley assentiu, olhei para Jay. — Quero conversar com ela.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Que se dane. Quero saber por que encontrei a Tenley com marcas no rosto.

— Bom, a Tenley está aqui. Tenho certeza de que ela pode contar por quê.

— Quero ouvir a versão da Sienna. Avise que estou aqui, garanto que ela vai querer me ver.

Eu estava apostando na raiva e nas táticas escrotas dela. Sienna agarraria uma chance de tentar ferrar com a minha cabeça, porque ela era boa nisso.

— Talvez seja melhor a gente simplesmente ir embora — disse Tenley, baixinho, descendo do banco.

— Sem chance — retruquei.

Tenley me ignorou e avançou mesmo assim, fazendo uma careta quando o pé esquerdo pisou o chão, depois o direito. Quando ela deu um passo instável na minha direção, seu joelho falhou e ela se agarrou ao bar.

Eu a segurei pela cintura.

— Mas que merda é essa? — Lancei um olhar furioso para Jay.

Brigas aconteciam o tempo todo na Dollhouse. As garotas queriam marcar território em relação aos clientes, às drogas, qualquer coisa. Mas os seguranças nunca deixavam os desentendimentos ir muito longe. Depois de alguns tapas, sempre as separavam. Machucados no rosto e apliques arrancados não davam lucro. Fosse lá o que tivesse acontecido entre Tenley e Sienna, Jay deixara se desenrolar de propósito. Provavelmente até Tenley revidar. Isso me deixou puto.

— Eu estou bem — disse Tenley com a voz fraca, apertando meus ombros.

— Até parece — retruquei, irritado por ela mentir.

Tenley mal se aguentava de pé. Eu me aproximei até estar com o corpo todo contra o dela. Por mais bravo que estivesse, eu também estava carente demais para me importar com o fato de ela só estar se segurando em mim para não desabar como uma pedra. Isso elevava minha frustração ainda mais.

Mantive o braço em torno da cintura de Tenley, sentindo seus arquejos contra meu tórax enquanto ela procurava manter o equilíbrio. Ela deu um passo para trás e teve dificuldade para se apoiar na perna direita.

— Sente-se e não se mexa — mandei, pondo-a de volta no banco.

Ela obedeceu, o que era incomum pra cacete. Parecia prestes a chorar.

Com toda a razão. Sienna não era alguém com quem Tenley devesse se meter, bem como nenhuma das outras pessoas que trabalhavam ou frequentavam a Dollhouse. Ao menos a escuridão da boate a protegia dos olhares lascivos dos babacas.

O impasse com Jay acabou quando Sienna surgiu pela porta, que quase o acertou na lateral da cabeça.

— Acabou o tempo, sua vaga... — Então ela me viu.

Das duas, Sienna sem dúvida estava pior. Já havia hematomas debaixo dos olhos e o nariz estava inchado. Ela levou as mãos à cintura e estufou o peito. Usava uma roupa de couro sintético horrorosa, tão curta que mal cobria a bunda e tão decotada que os mamilos quase despontavam.

— Veio aqui coletar seu lixo? As palavras saíram truncadas.

Eu me coloquei na frente de Tenley, impedindo-a de ver Sienna, que continuou:

— Sabe, depois daquele ataque que você deu na casa da Lisa, eu fiz o que você pediu. Fiquei na minha, porque você precisava comer essa menina idiota por algum motivo qualquer. Mas não gosto nem um pouco de que o seu brinquedinho venha até a minha boate jogar insultos na minha cara.

Tenley bufou atrás de mim. Ignorei o comentário sobre meu relacionamento com ela. Sienna queria me tirar do sério, mas não ia conseguir.

— Que tipo de insulto?

Ela apontou para Tenley.

— Essa vadia quebrou a porra do meu nariz!

O xingamento me irritou.

— Olha como fala, porra.

— Seu brinquedinho me chamou de vadia!

Mantive o tom de voz inalterado para não cair no dramalhão dela:

— Então você resolveu bater nela?

— Ela entrou aqui e agiu como se fosse a sua dona. Teve o que mereceu. Eu devia mandar prender essa garota por agressão.

Sienna limpou a linha fina de sangue do nariz inchado que descia até a boca. Com certeza o vício dela em cocaína não ajudava em nada.

— Então você está me dizendo que Tenley bateu em você primeiro?

— Você tem que pôr uma focinheira na sua cadela — provocou Sienna entre os dentes cerrados.

Dei um passo para a frente, mas Jay balançou a cabeça em alerta. Ergui a mão em sinal de submissão. Eu não era idiota; ele me derrubaria com um

único soco.

— Responde à porra da pergunta. Tenley bateu em você primeiro?

— Ela veio na minha boate!

Eu já tinha ouvido o suficiente.

— Você é mesmo bizarra — falei me virando.

Sienna agarrou meu braço, afundando as unhas na minha pele e colando o corpo ao meu.

— Põe a cabeça no lugar, meu bem — disse ela no meu ouvido. — A inocência dela não vai passar para você. Quando a novidade acabar, você vai fazer o que sempre faz. E aí o que vai ter? Nada.

— Não estou tentando me purificar. Vou assumir as merdas que fiz, mas não preciso acabar que nem você. Você continua caindo no mesmo buraco, se perguntando por que quando é você mesma que está segurando a pá. Espero que curta se enterrar.

— Vai se foder! — gritou Sienna, empurrando meu peito. — Vai embora e leva a sua vagabunda!

— Teto de vidro, Sienna. Cuidado.

— Seu babaca! — berrou ela, tentando pegar um copo de vidro vazio no bar, mas Jay a agarrou pela cintura antes de alcançá-lo.

Tenley estava com os olhos arregalados quando a puxei para longe. Os chiliques de Sienna terminavam em muitas coisas quebradas, incluindo, às vezes, pessoas. Os seguranças a rodearam, impedindo-a de pegar qualquer coisa que pudesse jogar em mim. Sienna tinha uma vida triste, da qual eu estava feliz por não fazer mais parte.

Meio que carreguei Tenley pela boate. Quando saímos pela porta da frente, meu carro estava sendo guinchado do estacionamento.

— Puta merda.

Max me lançou um olhar que me dizia que eu deveria ter previsto aquilo.

— Cadê seu carro? — perguntei rudemente a Tenley.

— Ali. — Ela apontou para o outro lado do estacionamento.

Fui andando naquela direção, o braço em torno da cintura de Tenley, que ainda andava com dificuldade. Não vi o Prius dela em lugar algum.

— Cadê...?

Tenley ergueu um controle. Uma BMW vermelha fez barulho, o motor roncando.

— De quem é esse carro de playboy?

— Era do Connor. Eu não tinha outro meio de transporte para voltar para casa — respondeu ela, me fitando com olhos tristes.

Sim, eu era mesmo um babaca.

— Obrigada por me tirar de lá.

Houve um momento estranho em que eu quis beijá-la, porém percebi que Tenley esperava que eu a soltasse para poder entrar no carro. Quando a soltei, ela abaixou a cabeça e foi mancando em direção ao lado do motorista.

Peguei a mão em que ela segurava as chaves.

— Hum, é, você não vai dirigir.

Ela me entregou as chaves sem discutir, sinal de como a dor estava forte. Eu a ajudei a chegar até o lado do carona. Ela teve que erguer a perna pelo joelho, com a mão, para entrar. Eu me sentei no banco do motorista, tão próximo do volante que poderia usá-lo como bandeja.

O ar no carro estava denso de tensão, e Tenley ficou em silêncio, então saí do estacionamento para a rua. Eu a olhava de vez em quando. Havia muitas perguntas a serem feitas — sobre aquela noite, sobre as três semanas anteriores, sobre a noite em que ela fora embora. Por fim, o silêncio ficou demais para suportar.

— O que fez você achar que ir à Dollhouse era uma boa ideia?

— A Sarah tem a chave do meu apartamento e ela não atendeu o telefone. Imaginei que estivesse no trabalho.

— Eu tenho uma chave do seu apartamento. Podia ter aberto para você entrar. Teríamos evitado essa merda.

— Você não atendeu as minhas ligações. Eu não sabia se queria me ver.

Estávamos de volta ao início, quando ela era toda arisca perto de mim. Que tipo de estrago Trey tinha causado nela em Arden Hills? Eu tinha a impressão de que o período de Tenley lá havia sido horrível. Isso significava que eu precisava deixar de lado a raiva e parar de brigar com ela.

— Não importa o que aconteceu entre a gente, Tenley, você podia ter me procurado mesmo assim.

Não sei o motivo, mas essa foi a coisa errada a dizer, porque os ombros dela se curvaram para a frente e começaram a tremer.

— Gatinha?

Isso piorou as coisas. Ela cobriu a boca com a mão, mas um soluço escapou. Ainda bem que já estávamos quase em casa. Estacionei na garagem do subsolo e desliguei o motor, ligando a luz interna para vê-la.

Tenley estava toda encolhida, do mesmo jeito que ficou após a primeira sessão de tatuagem. Alisei as costas dela com a mão. Assim como eu, tinha emagrecido. Dava para sentir as vértebras através das camadas de roupa. Fiquei assustado ao vê-la ainda mais frágil do que quando fora embora.

Ela respirou fundo algumas vezes, tremendo ao soltar o ar. Quando ergueu a cabeça, suas emoções estavam sob controle de novo, mas por pouco.

— Desculpe. Eu não queria ter me abalado tanto.

— Tudo bem. Sienna faz qualquer um perder o controle. Por que não sobe lá em casa? Você jamais vai conseguir subir as escadas até a sua.

Torci para que fosse uma desculpa boa o bastante. Eu não fazia ideia em que pé estava a nossa relação naquele momento, mas não queria que Tenley fosse embora.

— Quero ver a AG — sussurrou Tenley.

— Ela está lá em cima. Vai ficar feliz por você estar em casa.

— A AG está na sua casa?

— Eu cuidei dela enquanto você esteve fora.

— Ah. — Ela fungou, então enxugou os olhos com o dorso da mão. — Que bom. Obrigada por ter feito isso.

Dei de ombros.

— Fiz porque quis.

Saí do carro e fui até o lado do carona. Tenley já estava tentando sair. Se ela ainda estivesse sentindo tanta dor assim no dia seguinte, eu a levaria ao médico para tirar uns raios X ou algo do tipo. Os lábios dela formavam uma linha fina, o que atribuí ao fato de estar com dor e querer disfarçá-la.

— Você precisa de alguma coisa do porta-malas? — perguntei.

Ela fez que não com a cabeça, então tranquei o playboy-móvel e fomos até o elevador. Tenley ficava olhando para as escadas. Não conseguiria jamais subir os

três lances até meu apartamento do jeito que estava mancando. Falei isso.

— Odeio elevadores — reclamou ela quando as portas se abriram.

Eu também odiava, mas carregá-la no colo não era uma opção.

— Vai ser rápido.

Tenley hesitou, mas, quando coloquei o pé no sensor para impedir que as portas se fechassem, ela entrou. Ficou encolhida no canto, segurando o corrimão que rodeava a caixa de ferro espelhada. Apertei o botão do segundo andar e coloquei o braço em torno dela. Quando começamos a subir, ela se agarrou a mim, descansando o rosto em meu peito como um pedido de desculpas. Ela não tinha por que se desculpar; o movimento do elevador provavelmente lembrava a sensação do avião durante a queda. E o espaço confinado e sem janelas devia piorar a vertigem.

Abracei Tenley e passei a mão por seu cabelo, olhando para o reflexo de nós dois abraçados nos espelhos que nos rodeavam. Quando o elevador parou e as portas se abriram, ela praticamente se lançou ao corredor.

Só tinha ido ao meu apartamento uma vez, mas lembrava onde ficava, então seguiu pelo corredor. Eu não ia fazê-la esperar até eu checar todos os cômodos naquela noite, como em geral faria; ela precisava se sentar imediatamente.

Lá dentro, Tenley se apoiou na parede e tirou os sapatos com cautela. Guardei-os no armário, ao lado dos meus.

AG apareceu no corredor e foi até mim, enroscando-se nas minhas pernas e observando Tenley.

— Vem cá, bebezinha — arrulhou Tenley ao se agachar.

AG inclinou a cabecinha para o lado, insegura, e permaneceu perto de mim.

Tenley estalou a língua no céu da boca. A expressão em seu rosto era de partir o coração, como se ela já esperasse a desfeita.

Eu me agachei e cocei a cabeça de AG.

— Está tudo bem, bonitinha, é a sua mãe. Ela foi viajar, mas agora voltou. — AG miou e espiou por entre meus tornozelos. — Isso mesmo, vá dizer oi. Ela sentiu sua falta, assim como a gente sentiu a dela.

A gata foi saltitando até Tenley e cheirou sua mão estendida. AG levou um minuto, mas no fim chegou perto o suficiente para que Tenley conseguisse

pegá-la no colo. Foi aí que a choradeira de verdade começou. Soluços silenciosos faziam tremer o corpo de Tenley enquanto abraçava a gata.

Tentei não ficar com ciúmes de uma gata idiota, mas era difícil não me sentir menosprezado por ela ter ganhado uma recepção mais calorosa do que eu. Tenley só tinha encostado em mim até então porque precisava da minha ajuda, já que o elevador a assustava.

— Senti tanta saudade de você! Desculpe por ter ficado longe por tanto tempo. Não vou fazer isso de novo, prometo.

Ela ergueu os olhos, cheios de lágrimas e desolados, para encontrar os meus.

Aquelas palavras não eram só para AG, eram para mim também. Eu queria acreditar, mas, depois do sumiço e da recusa de Tenley em me ligar, era impossível confiar nela. Ações falavam muito mais do que palavras. Por mais feliz que eu estivesse por tê-la em casa, ainda estava chateado por ela ter ido embora. *Confuso* não chegava nem perto de descrever aquela sensação.

Eu também estava exausto. Eram quase três da manhã e eu não tinha dormido muito naquela semana nem nas três anteriores.

— Por que não vem para a sala? Meu sofá é mais confortável do que o chão. Além disso, quero dar uma olhada nos arranhões no seu rosto.

— Não precisa.

— Sim. Precisa, sim. Vem.

Eu a segurei por baixo dos braços e a ajudei a se levantar enquanto ela aninhava AG no peito.

Tenley observava o apartamento como se fosse a primeira vez que entrava nele. Quando chegamos à sala, ela prendeu a respiração, os olhos fixos na nova arte que decorava as paredes.

Passei a mão pelo cabelo, frustrado por meus sentimentos por ela serem tão aparentes nos desenhos.

— Quer beber alguma coisa?

— Por favor.

Ela afundou no canto do sofá e colocou as pernas para cima, virando-se para poder ver as imagens penduradas na parede atrás.

— Cerveja ou vinho? Ou algo mais forte?

— Mais forte provavelmente seria bom.

Servi dois copos de uísque, resistindo à tentação de virar o meu e enchê-lo de novo na mesma hora. Eu estava bem chateado e tinha um monte de perguntas, mas jogar tudo em cima de Tenley dois minutos depois de ela ter passado pela porta — ainda mais depois de um confronto com Sienna — não seria bom para nenhum de nós.

Entreguei um copo a Tenley, que tomou um gole hesitante e franziu o nariz em repugnância.

— Não gostou? — perguntei, segurando um sorriso.

— Está bom.

Ela tomou mais um gole, mas apertou os lábios ao engolir.

— Não seja uma mártir. Prefiro que você não force nada só para ser educada.

— Desculpe. — Ela me entregou a bebida, que despejei no meu copo.

— Você se acostuma. Vou pegar outra coisa para você — falei me levantando. — E quero cuidar desses arranhões.

— Ok.

Ela estava muito tímida sentada ali no meu sofá, encolhida como uma bolinha, sem vivacidade. Eu queria a velha Tenley de volta, a mulher alegre e travessa. Servi uma taça de vinho tinto e a deixei com AG esparramada no colo.

Peguei o kit de primeiros socorros no banheiro, umedecei uma toalha de rosto em água escaldante e a torci. Até eu voltar à sala, já estaria fria o suficiente para eu limpar os arranhões.

— Vamos ver o estrago.

Eu me sentei ao lado dela, chegando perto para analisar bem o estado de seu rosto.

— Não está doendo — disse Tenley baixinho, colocando a taça de vinho na mesa de centro.

A manga do moletom dela se mexeu com o movimento, expondo parte de seu antebraço. Havia marcas ali também. Peguei a mão dela e ergui a manga. Tenley estremeceu, mesmo com o contato suave. Os hematomas eram antigos, já de um amarelo-esverdeado, cobrindo todo o pulso. Como algemas.

— De onde vieram esses?

— Não é nada. — Ela puxou a manga de volta e abaixou a cabeça.

— Não minta para mim.

Tenley se afastou e, quando me olhou, vi que estava tremendo. Ela engoliu em seco e fechou os punhos.

— Trey ficou um pouco agressivo.

— Agressivo como?

Minha imaginação montou todos os tipos de cenário, e todos me faziam querer passar por cima dele com o carro. Várias vezes.

— Ele pegou meu pulso com mais força do que deveria. Não foi intencional, e eu fico roxa fácil.

— Está inventando desculpas para aquele imbecil? — perguntei, incrédulo.

— Não. Você perguntou o que aconteceu, estou contando.

Ela estava retraída demais. Eu não gostava daquilo, e a explicação tinha um monte de falhas.

— Ele deixou mais alguma marca?

Tenley negou com a cabeça.

— Só essas no pulso. Quer cuidar dos arranhões agora?

Deixei pra lá. Por ora. Enquanto eu avaliava os arranhões, ela permaneceu imóvel, a paciente-modelo. Aquilo me lembrou de quando fiz a pequena tatuagem de cupcake nela, no lado esquerdo do quadril.

Ergui o queixo de Tenley e inclinei sua cabeça. Ela se aproximou, a canela tocando a parte externa da minha coxa. A mão dela repousou no meu joelho. Estremeci com o contato, e ela tirou a mão. Queria pegar sua mão e colocá-la ali de volta, mas me contive.

— Sienna tem unhas afiadas — falei.

Ela tinha me arranhado mais de uma vez. Em alguns pontos do rosto de Tenley, tinha saído sangue, agora já seco. Meu lado paranoico queria que um médico fizesse exames de tétano ou coisa pior, mas, como nenhum fluido corporal havia sido trocado, provavelmente não havia risco algum.

Eu odiava que meu passado fosse a causa daquilo; Tenley já tinha aguentado coisas demais. Ambos tínhamos. Não era assim que eu imaginava o retorno dela. Passei os dedos com carinho em sua bochecha, que deu um salto.

— Dói? — perguntei, preocupado.

— Não. — A resposta saiu um pouco sem ar.

Passei a toalha de rosto nos arranhões, limpando o sangue. Depois, borrifei um spray antisséptico e usei um cotonete para aplicar uma loção antibiótica.

Quando terminei, Tenley se mexeu para o lado e soltou um sibilo.

— Você precisa ver o que aconteceu com o seu quadril, está todo ferrado.

— Só está dolorido.

— Não minta para mim. Fico puto pra cacete quando faz isso.

Tenley se afastou, o que era compreensível. Eu estava irritado e descontando nela. Bom trabalho em deixar a raiva de lado.

Passei os braços em torno dela, puxando-a para perto. Suas costas tocaram meu peito, e eu descansi a testa em seu ombro.

— Você não precisa bancar a forte se está com dor. Isso não ajuda nenhum de nós. Só me deixe cuidar de você.

A rigidez do corpo de Tenley abrandou, e fechei os olhos enquanto seus dedos passeavam pelo dorso da minha mão até meu antebraço. Meu Deus, como eu tinha sentido falta da sensação de estar perto dela; de tocá-la, de ser tocado por ela. Sua mão foi subindo cada vez mais; pelo meu bíceps, meu ombro, meu pescoço, até que chegou ao meu cabelo, deslizando pelas mechas. Ergui a cabeça, meu nariz roçando na clavícula dela. Eu mal conseguia resistir à tentação de fazer o mesmo com a boca. Tínhamos muito o que conversar para chegar a esse ponto.

Tenley se virou para mim.

— Senti sua falta.

Sua mão parou no meu rosto, e ela ergueu minha cabeça. Sua boca estava bem ali.

Foi ela quem se aproximou.

Foi ela quem me puxou.

Seus lábios tocaram os meus. O gosto dela era exatamente como eu lembrava... Mas não era a mesma coisa.



TENLEY

O que eu estava fazendo com Hayden não era justo. Eu lhe devia uma conversa na qual lhe permitiria ficar com raiva e assumiria a responsabilidade por ter ido embora sem explicação. No entanto, fazia semanas que eu não sentia absolutamente nada de bom. Os braços dele em torno do meu corpo me deram o primeiro chão de verdade desde meu retorno a Arden Hills.

Então eu o beijei. Com um gemido angustiado e urgente, Hayden me puxou para si, me esmagando contra seu corpo. As pequenas garras de AG afundaram nas minhas coxas quando ela pulou do meu colo; miou por ter sido obrigada a ir para o chão. A dor no quadril aumentou quando me aproximei mais dele, mas a ignorei.

Eu podia ter começado o beijo, mas Hayden assumiu o controle. Logo estávamos deitados no sofá, Hayden sobre mim, uma perna pressionada entre as minhas. A boca dele era intensa, as argolas de ferro mordiscando meu lábio. Uma das mãos foi parar no meu cabelo, segurando-o para que ele pudesse controlar o ângulo.

Eu precisava da conexão, não só física. O peso glorioso do corpo de Hayden se acomodou sobre mim; sua ereção pressionou meu quadril e gemi. Com uma das mãos firme na nuca dele, para mantê-lo perto, escorreguei a outra até a base da coluna.

Deslizei a mão por baixo do cós do jeans dele e encontrei a pele nua. Nenhuma cueca bloqueava o contato. Com as unhas na pele macia que cobria os músculos rijos, puxei-o para baixo. Um calor familiar percorreu meus membros e foi direto para a área entre as minhas coxas. Hayden ficou tenso, e segurei com mais força, apavorada com o que estava por vir. Eu estava desesperada por ele, e ele ia parar tudo. Soube pela forma como desacelerou o beijo.

— Puta merda — soltou ele, afastando-se de mim. — Não podemos fazer isso.

— Tudo bem.

Eu me sentei e me estiquei para tocá-lo. Ele pulou do sofá e pegou o uísque.

— Não, não está tudo bem. Temos umas merdas para resolver, e esse tipo de coisa não vai ajudar em porcaria nenhuma.

Ele tinha razão, claro. Não que eu fosse dizer isso abertamente.

— Sei que você está bravo comigo.

Toquei minha boca. Ainda estava molhada.

— Bravo? Você não tem ideia de como foram as últimas três semanas para mim.

Ele foi para a cozinha, aumentando a distância entre nós.

— Sim, eu tenho.

Eu podia, ao menos, imaginar.

Percebi que já tínhamos passado por uma situação parecida: depois da festa de noivado de Lisa e Jamie, quando o encontrei no banheiro com Sienna e aquela outra mulher. Um de nós estava criando barreiras de proteção; o outro, procurando um modo de entrar. Dessa vez, era eu quem buscava perdão, enquanto ele vestia uma armadura.

Hayden deu um soco na bancada.

— Não, não tem. Foi você quem me deixou, não o contrário. Então não me diga que sabe, porque não sabe. Aquilo acabou comigo, porra.

— Você acha que não sofri por ir embora?

— Ah, claro, deve ter destruído você. Tanto que nem se preocupou em ligar. Não para *mim* pelo menos. Nem uma única vez.

Era o que eu esperava: a raiva, a mágoa.

— Eu não podia ligar para você.

— Por que não? Trey não teria aprovado? Ele prendeu você em uma cela e se recusou a te deixar um telefone? Ou só era permitido que você tivesse contato com as amigas? Deve ter sido isso: só o degenerado estava fora de cogitação.

— Não foi isso. Se eu tivesse falado com você, jamais teria ficado lá.

— E teria sido tão ruim assim voltar para cá e ficar comigo? Quão idiota você acha que eu me senti indo a Arden Hills para trazer você para casa e sendo rejeitado?

— O quê? Você foi a Arden Hills? Quando? — perguntei, surpresa.

— Na noite em que você foi embora, fui atrás de você. Trey nem atendeu à porta. Só me ameaçou pela porcaria do interfone e chamou a porra da polícia.

— Meu Deus. Eu não sabia, Hayden. Ele nunca me contou. — Os dois primeiros dias tinham sido os piores. Eu me trancara no antigo quarto de Connor e chorara até não ter mais lágrimas.

— *Eu* teria contado se você tivesse se importado em retornar uma das minhas ligações. Mas você não retornou. Nenhuma vez. Não entendi. Nem entendo por que você queria estar lá, para começar. Ainda mais com aquele imbecil mandando e desmandando em você. Eu teria te ajudado a encontrar um advogado para resolver as coisas daqui mesmo se você tivesse deixado.

— Não era tão simples assim. Tinha coisas que eu precisava resolver.

— Todo mundo se foi; você podia ter feito tudo daqui! — berrou Hayden.

Com esse tapa verbal na cara, fechei os olhos contra a dor. Quando os abri novamente, vi o arrependimento dele, mas as palavras já tinham sido ditas e não podiam ser retiradas.

— Eu sei que eles se foram, Hayden. Eu convivo com isso todos os dias — falei, me levantando.

Ele veio da cozinha, me encurralando entre o sofá e a mesa de centro.

— Desculpe, foi uma coisa muito babaca de se dizer. Não era minha intenção. Só estou tentando entender. Na última vez que ficamos, estávamos mais próximos do que nunca. Mas o Trey apareceu e você deixou o cara estragar tudo o que havia entre a gente. Aí você basicamente deu razão a ele quando me disse para ir embora e desapareceu por três semanas. Estou confuso. Quero você aqui, mas estou tão...

Hayden parou, incapaz de terminar de expressar o sentimento. Eu entendia a confusão dele; o medo se sobrepondo a tudo. Como se o que ele quisesse dizer fosse me fazer desaparecer de novo.

Eu não tinha lhe dado nenhum motivo para pensar outra coisa. Até onde Hayden sabia, eu estava ali apenas para buscar AG. Eu achava que o beijo mostraria a ele o que eu queria, mas é claro que não mostrou. Porque, da última vez, eu disse a ele como me sentia e depois fui embora.

— Você tem todo o direito de estar chateado comigo pelo que fiz — Ele parecia tão na defensiva! — Eu achava que não havia outra saída além de ir com o Trey. O aniversário do acidente foi há menos de duas semanas, e houve uma cerimônia em homenagem a eles. Eu perdi minha família inteira; precisava ir. Mas você tem razão, eu deveria ter ligado para explicar. Eu queria ter feito isso. — Dei um passo em direção a Hayden, mas ele recuou.

— *Eu* liguei para *você*. Era só atender.

— Eu já disse: se tivesse atendido, teria voltado na hora para casa. Não voltei para Arden Hills só para resolver a questão dos imóveis. Quando Trey apareceu aqui, reabriu todas as feridas. Ele sempre foi bom em tirar proveito das minhas fraquezas, principalmente da minha culpa pelo que aconteceu. — Reuni toda a coragem para confessar a parte mais difícil. — Eu me sentia responsável por tudo. Estava em dúvida em relação ao casamento. Achava que isso era normal, mas aí... — Minha voz sumiu, e tive que respirar fundo para poder continuar: — Todas aquelas mortes pesavam nos meus ombros. Eu tinha que ficar em paz com isso, Hayden. Senão eu teria voltado para cá com os mesmos fantasmas me atormentando. E aí, como a gente ficaria?

— Queria ter sabido um pouco disso tudo antes de você ir embora.

E ali estava mais uma vez a expressão que fazia meu coração doer, como se minha partida tivesse sido só para abandoná-lo. Para Hayden, era exatamente isso.

— E eu queria ter tido forças para contar. Mas não tive e sinto muito por isso.

— Pois é. Eu também. — Ele soltou um suspiro pesado. — Olha, é muita coisa para processar e eu estou... um pouco sobrecarregado e cansado. Você deve estar exausta da viagem, daquela merda com a Sienna e disto. — Ele apontou para nós dois. — Então talvez seja melhor a gente dormir um pouco. Não quero dizer mais nada de que eu possa me arrepender.

— Tudo bem. — Engoli o nó na garganta. Eu não tinha o direito de ficar decepcionada. — Se você puder me emprestar a chave do meu apartamento...

— O quê? Por quê?

— Porque você quer dormir.

— Sim, mas não quero que você vá embora. — Ele pigarreou. — Sem contar que você está mancando e não vai entrar no elevador de novo, então é melhor ficar por aqui mesmo.

Meu coração deu um pulo.

— Vou dormir aqui no sofá.

Era bem confortável, embora não tão confortável quanto a cama de Hayden e seu corpo quente.

Ele franziu a testa. Passou a mão no cabelo.

— Hum, não precisa. Tem outro quarto.

Minha faísca de esperança foi apagada pela frustração. Na última vez em que eu tinha ido ali, ele disse que ninguém havia sequer visto o quarto dele, muito menos dormido lá. Hayden não ia querer intimidade comigo agora. Coisas demais haviam mudado. Eu o segui pelo corredor e parei em uma porta na qual não tinha reparado na visita anterior.

Ele acendeu as luzes. Havia uma mesa em um canto, com um gaveteiro ao lado e uma cama de casal encostada na parede de frente para a porta. Como todos os outros cômodos da casa, estava imaculado. As cobertas estavam lisinhas. Eu tinha certeza de que, se checasse, veria que os lençóis estavam esticados em estilo hospitalar. Ao lado da cama havia uma mesa de cabeceira com um pequeno abajur.

O relógio mostrava quatro e catorze. Eu estava acordada havia quase 24 horas. Meu corpo e minha mente estavam esgotados; eu me mantinha à base de pura adrenalina. Quando ela acabasse, eu desabaria.

— Vou pegar uma escova de dentes e algo para você vestir.

Hayden saiu pelo corredor e desapareceu no outro quarto. Eu me sentei na beirada da cama e passei a mão no edredom vermelho. Os lençóis eram cinza-escuros; as paredes, brancas como papel.

Ele voltou com o braço cheio de roupas e uma escova de dentes ainda na embalagem.

— Eu não sabia ao certo o que você ia querer, então trouxe opções. — Deixou as roupas na beirada da cama. — O banheiro fica no corredor à esquerda. Se precisar de algo, sabe onde me encontrar.

— Obrigada por me deixar ficar.

— Só estou feliz por você estar em casa. A gente se vê de manhã.

Hayden se aproximou, beijou o topo da minha cabeça e passou os dedos pelo meu rabo de cavalo.

Depois que ele saiu, dei uma olhada nas roupas. A calça de malha podia servir nele, mas ficaria enorme em mim. Havia duas camisetas, uma de manga curta e outra de manga comprida, além de um short. Tirei a roupa, feliz por me livrar dela. Parte de mim queria entrar no chuveiro, mas estava quase amanhecendo. Isso teria que ficar para mais tarde, quando eu acordasse.

A camiseta de manga comprida terminava abaixo do meu bumbum. O short, apesar de muito largo na cintura, ficou bom depois de enrolado algumas vezes para que não caísse.

Meu quadril ainda doía, em parte pelo ataque de Sienna, mas também por causa da viagem longa. Não doía tanto quanto antes, quando Hayden me buscara na Dollhouse, mas ainda era desconfortável o suficiente para me fazer mancar. Fucei o bolso do jeans que eu tinha tirado e encontrei o analgésico que sempre carregava comigo.

Meus dentes estavam ásperos, então fui ao banheiro. Encontrei a pasta no armário de remédios, escovei os dentes e usei enxaguante bucal mesmo sabendo que não precisaria de hálito fresco naquela noite.

Havia toalhas de rosto e toalhinhas de mão na primeira gaveta da pia. Molhei uma delas na água quente e lavei o rosto, tomando o cuidado de evitar os arranhões, que Hayden tinha limpado. Já que tomar banho não era uma opção, eu me encostei na beirada da pia e passei a toalha pelas pernas, sentindo o calor úmido e agradável.

Ouvi uma batida na porta e falei para Hayden entrar. Ele estava na soleira com uma pilha de toalhas em uma das mãos e um copo d'água na outra. Vestia apenas a calça do pijama. Em geral, ele dormia pelado, então a calça era para meu benefício e discrição dele.

Os olhos de Hayden desceram do meu rosto para meu corpo e subiram de volta. Aí desceram mais uma vez. E voltaram a subir.

— Acho que você pode querer isso caso acorde antes de mim. A não ser que prefira tomar banho em casa, mas vou deixar aqui para que tenha opção. — Ele me entregou as toalhas. — E achei também que você podia querer um copo d'água caso tivesse sede. — Ele me entregou o copo.

— Obrigada.

Hayden estava obviamente constrangido. Vê-lo daquele jeito me dava vontade de rir ou chorar, talvez ambos.

Ele passou a mão na nuca e piscou algumas vezes.

— Você escolheu o short.

— A calça era muito grande. Este aqui também é um pouco largo. Provavelmente vou tirá-lo quando me deitar — comentei sem considerar as implicações.

O corpo dele era lindo. As linhas pretas da fênix terminavam um pouquinho depois do meio do tórax. Aí, depois de uma extensão de pele vazia, uma explosão de cores começava no ombro e descia pelo braço direito. As duas metades de um todo, embora Hayden não fosse assim tão simples para ter um lado iluminado e outro sombrio. Ambos os lados expunham a dicotomia que ele personificava; o coração sangrento no antebraço era envolto em videiras em flor, destruídas de um lado, em botão do outro. A carpa que passeava pelo braço lutava contra a correnteza. Os lírios boiando na água mudavam do branco e rosa para o roxo-escuro, já meio murchos quando chegavam ao ombro. Os lados sombrio e iluminado de Hayden se fundiam, penetrando um no outro.

Aquela foi a primeira vez em que realmente vi como ele era dividido e quanto lutava para aceitar a luz. Eu tinha a sensação de que as tatuagens nas costas eram um reflexo do quão sombrio ele poderia ser. Uma delas, em especial, era bastante sinistra, mas sempre que eu pedia para vê-la de perto ele me distraía com outras atividades.

Hayden tinha emagrecido durante minha ausência. Uns bons cinco quilos ou mais. A barriga malhada estava mais definida, assim como um pouquinho dos ossos do quadril, em vez das camadas de músculos cobertos de tinta. A

cintura tinha afinado; a calça estava tão baixa que beirava a obscenidade. Fiquei admirando sem pudor algum.

Ele tirou a mão da maçaneta da porta para cobrir o problema que surgia abaixo da cintura.

— Eu, ah... Eu vou agora. Para a cama.

— Se você prefere.

Eu ansiava por chegar perto dele e traçar as linhas da fênix, principalmente onde ela circundava o brilho metálico preto do piercing no mamilo. E mais para baixo, onde desaparecia sob o cós da calça. Mas ele já tinha me rejeitado uma vez; eu não ia tentar de novo. A hesitação em sua voz era compreensível.

— Sim. — Hayden deu um passo para trás. — Cama é bom.

— Vejo você de manhã então.

Enrolei a cintura do short mais uma vez para apertar.

— Aham. — Ele assentiu, os olhos fixos nas minhas pernas. — A não ser que você precise de mim. — Ele balançou a cabeça. — De alguma coisa. A não ser que você precise de alguma coisa. Vou estar a poucos passos de distância.

Ele se virou e saiu pelo corredor. Vi de relance a tatuagem no ombro direito, aquela que eu ainda não tinha visto de perto. Parecia uma criança enrolada em um cobertor, mas os olhos eram apavorantes: arcaicos, demoníacos, desesperados.

Ele olhou por cima do ombro quando chegou à porta do quarto.

— Boa noite, Tenley.

— Boa noite.

Dei um sorriso fraco. Eu queria um convite para a cama dele, mesmo que fosse só para dormir. Ansiava por sentir o corpo de Hayden perto do meu. Era difícil estar na casa dele, mas não *com ele*. Só que era justo, considerando o que havia sofrido por minha causa.

Ele entrou no quarto, deixando a porta entreaberta. AG veio saltitando pelo corredor e parou nos meus pés, esfregou-se nas minhas pernas e então trotou até o quarto de Hayden. Nada mais era meu.

Eu o ouvi conversando com ela e considerei a possibilidade de não ter mais o direito de pegar AG de volta. Eu tinha sido tão negligente com os dois!

Alguns segundos depois, a luz se apagou e fiquei sozinha.

Deixei as toalhas na pia e levei o copo d'água para o quarto de hóspedes. Puxando as cobertas, deslizei para debaixo dos lençóis frios. Achei que não fosse dormir com Hayden tão perto e intocável, mas uma onda de cansaço se abateu sobre mim.

Um grito me acordou com um susto. Confusa, fiquei em pânico, até que lembrei que estava na casa de Hayden, dormindo no quarto de hóspedes. Eram sete horas, um horário razoável para acordar se eu não tivesse ido dormir apenas duas horas antes. Outro barulho veio do corredor, e o tom era grave e masculino.

Saí da cama, testando a perna direita antes de colocar peso demais sobre ela. Ainda estava dolorida, mas o analgésico tornava a dor mais suportável. Atravessei o corredor com pressa, a luz fraca do banheiro era a única iluminação.

Empurrei a porta sem fazer ruído. Hayden estava enrolado nos lençóis, os travesseiros espalhados pelo chão. O corpo estava coberto por uma camada de suor, apesar do frio. AG estava sentada no chão, o pelo eriçado. Hayden estava agitado e gemia. Palavras se atropelavam em sua boca enquanto se debatia em meio aos lençóis, a imersão no pesadelo profunda demais para conseguir escapar.

Corri até a cama e me deitei ao lado dele. Chamei seu nome, baixinho no começo, depois mais alto, até que precisei gritar. Ele permaneceu preso na própria cabeça. Sem opções, coloquei a mão no ombro dele e tentei sacudi-lo, depois de novo e de novo.

Hayden se ergueu, assustado. Seus olhos pareciam perdidos, olhando ao redor, mas sem de fato enxergar. O olhar parou em mim; selvagem e desesperado.

— Tenley?

— Está tudo bem. Estou bem aqui. Foi só um sonho — falei, tirando o cabelo dele da testa.

Hayden segurou minhas mãos e as levou à boca, os lábios roçando minhas articulações. Ele fez um ruído que saiu do fundo da garganta, um misto de desespero e alívio. Então começou a me examinar, passando a mão em mim. Alisou meu peito e olhou para a mão, depois repetiu a ação, murmurando algo sobre sangue.

Encontrou a bainha da minha camiseta e colocou a mão por baixo. A mão deslizou pela minha barriga e entre meus seios, buscando algo. Insatisfeito com o que encontrou, tirou minha camiseta. Espalmou a mão no meio do meu peito.

— Não está aqui — observou ele, olhando por cima do meu ombro e descendo a mão pelas minhas costas.

— O que não está aí?

— A bala. Não tem bala nenhuma.

— Eu estou bem, Hayden. — Coloquei a mão sobre a dele e a subi. — Viu? Estou bem, não tem nada aqui. Foi um sonho.

— Nada. Não foi nada. Não tem sangue. — Ele respirava ofegante.

Hayden me abraçou com tanta força que mal consegui respirar. Passei a mão em círculos nas costas dele para confortá-lo, descansando o queixo em seu ombro. Abaixando o rosto, beijei sua pele febril. Estava úmida e salgada de suor.

— Por favor, não me deixe. De novo não. Por favor. Dói demais ficar sem você. Você não tem ideia. Eu não...

Ele murmurou súplicas até ficar tão desesperado que não conseguia falar. Sua vulnerabilidade era surpreendente.

— Estou aqui. Não vou a lugar algum — respondi, tentando tranquilizá-lo.

Cassie tinha razão: ele era mais frágil do que eu poderia imaginar.

Quando a respiração de Hayden enfim desacelerou e ele afrouxou o abraço, eu o fiz voltar para debaixo das cobertas. Ele foi prontamente. Então as puxei sobre nós dois e ele se enroscou em mim. Pressionou a testa contra meu pescoço e chegou o mais perto que conseguiu, quase encobrindo meu corpo com o dele. Continuou fazendo um carinho lento, retornando sempre ao centro do meu peito para ter certeza de que eu estava inteira.

— É sempre o mesmo sonho. Eu não consigo chegar até você a tempo e aí você morre, e não há nada que eu possa fazer para impedir o vazio.

Assim como o meu, o pesadelo dele parecia misturar facetas do passado com o presente. Os pais de Hayden tinham sido assassinados. Se o inconsciente dele os tinha substituído por mim, o fato de eu tê-lo deixado era o catalisador daqueles sonhos.

— Estou bem aqui com você, Hayden. Está tudo bem agora. — Eu o abracei forte.

Por fim, ele repousou a mão em meu peito, o nariz bem na frente do meu pescoço. Sua respiração se normalizou e a tensão se esvaiu de seu corpo, mas ele manteve o abraço, como se eu fosse desaparecer caso me soltasse.



HAYDEN

Meu rosto estava quente e úmido. Uma batida sussurrada e ritmada me embalava e tranquilizava. Minha face descansava no peito de alguém, o que explicava o rosto suado. A batida sussurrada era o coração do corpo ao qual eu me agarrava.

Abri os olhos. Tenley estava na minha cama. Por um breve instante, me perguntei se as três semanas anteriores haviam sido apenas um sonho terrivelmente ruim, mas os arranhões no rosto dela mostravam que o inferno que eu tinha vivido era real.

Ela havia voltado. Enfim. Infelizmente, nosso reencontro não tinha sido repleto de raios de sol e arco-íris. Em vez disso, houve strippers e briga de mulheres.

Eu ainda não entendia como Tenley tinha ido parar na minha cama fazendo as vezes de travesseiro. Ela estava nua, o que não era muito bom, visto que eu estava sofrendo de um caso agudo de ereção matinal e precisávamos ter uma conversa séria. A vontade de tocar uma tinha sumido na noite em que Tenley fora embora, mas vê-la com minha camiseta e meu short na noite anterior ressuscitara meu pau. Minha cabeça não estava nem um pouco no lugar, então eu havia fugido. Além disso, o quadril dela estava obviamente dolorido. Sexo pioraria a dor.

Tenley fez um ruído de quem estava acordando. Quando se espreguiçou, seus braços e pernas tremeram. Eu tinha sentido falta disso mais do que queria admitir. Minhas emoções me deixavam enfraquecido e minha raiva estava à flor da pele, mas a raiva não desfez a ereção. Teve o efeito oposto. Me afastei para ganhar um pouco de espaço e talvez alguma perspectiva, porque eu não fazia ideia de como agir. Meu cérebro queria uma coisa, e meu corpo outra bem diferente.

Tenley não facilitou nem um pouco ao jogar a perna sobre a minha, seu corpo nu contra o meu. Ela não tinha mentido quando falou que ia tirar o short. Eu sentia cada parte do corpo dela, incluindo a parte doce e quente contra minha coxa. Ela se aconchegou ainda mais, inconsciente, e desceu a mão pelo meu peito. Eu a segurei antes que chegasse ao umbigo.

Ela ergueu a cabeça, piscando, ainda sonolenta.

— Oi — falou, a voz rouca e abafada.

Meu pau reagiu com um salto, animado com algo que não deveria querer. Tenley se mexeu, os seios nus roçando meu braço, e fiquei tenso com a sobrecarga de sensações. Lutei contra o desejo de me virar, de me enfiar entre as coxas dela e fazer o que eu queria: apenas entrar nela para sentir aquela conexão de novo.

— Como você veio parar aqui?

Tenley olhou em volta, confusa. Devia ter notado nossa posição comprometedora, porque ficou alerta de repente. Larguei a mão dela. As cobertas caíram. A primeira coisa em que reparei foi a saliência proeminente demais de sua clavícula. No entanto, o leve balançar de seus seios perfeitos e deliciosos me distraiu. A mudança de temperatura se tornou evidente quando os pelos dela se arrepiaram e os mamilos se enrijeceram. Aqueles piercings pequeninos piscaram, iluminados e esperando pela minha boca ou pelas minhas mãos. Desviei o olhar.

Tenley logo pegou as cobertas e as puxou até o pescoço.

— Você teve um pesadelo, não lembra?

Fiz que não com a cabeça.

— Não sei se você estava muito lúcido. Você, hum, tirou minha camiseta. Estava procurando alguma coisa. Uma ferida, eu acho — explicou ela.

Os lençóis emitiram um ruído, um sussurro de tecido esfregando na pele.

Olhei para Tenley. Ela havia coberto sua nudez com a camiseta preta que vestira à noite.

— A gente...

— Não. Não foi nada disso. Você estava mal por causa do pesadelo. Fiquei aqui até você se acalmar, mas nós dois caímos no sono. Não aconteceu mais nada.

Era inimaginável pensar que eu não me lembraria de ter transado com Tenley.

— Bem, isso é bom...

Como um estalo, o pesadelo retornou em uma série de imagens horrendas. Era o que mais me atormentava naqueles dias: um tiro no peito fazia Tenley sangrar até a morte. Só que, naquela noite, a camisola de cetim era preta em vez de creme, então eu não conseguia ver o sangue.

A lembrança do sonho deve ter transparecido em meu rosto, porque Tenley baixou a cabeça. Seu cabelo caiu para a frente, encobrindo-lhe o rosto. Ela apertou os dedos no colo, e lágrimas começaram a cair no edredom cinza. Permaneceram na superfície por alguns segundos até serem absorvidas, tornando o tecido quase preto.

— Eu sinto muito por ter magoado você — sussurrou ela.

— Eu acredito.

Incapaz de me conter, ergui o queixo de Tenley para ver seu rosto. Os medos dela se equivaliam aos meus. Eu queria que tudo voltasse a ser como era antes de sua partida, mas muitas coisas tinham acontecido. Precisávamos estabelecer um novo equilíbrio, e isso levaria tempo.

Eu me deitei de lado para ficar de frente para ela.

— Quer me contar o que aconteceu ontem à noite com a Sienna?

— Eu saí de Arden Hills com pressa. Liguei para a Sarah da estrada para avisar que estava a caminho. Eu só queria chegar em casa. Enfim: ela não atendeu, então deixei uma mensagem de voz. Parei no apartamento, mas o carro dela não estava lá...

— Você estava do outro lado da rua e não me mandou uma mensagem?

— Eu queria mandar, mas você não estava atendendo as minhas ligações e eu não me sentia preparada...

— Você passou três semanas fora, cacete. Precisa de quanto mais para se sentir preparada?

— Eu sei o que isso parece, mas eu estava acordada desde que você ligou, ontem de manhã, e já era tarde quando cheguei aqui. Eu queria ver você, mas estava cansada e emotiva. Achei que seria melhor para nós dois que eu não aparecesse no meio da noite.

Eu conseguia entender a lógica dela, mas doía mesmo assim.

— Então foi assim que você acabou na Dollhouse.

— Meu plano era pegar a chave e ir embora. Quando falei que conhecia a Sarah, o segurança entendeu que eu queria um emprego e me deixou entrar. Mas, se eu soubesse que a Sienna era a gerente, não teria entrado. Eles me levaram até ela, que obviamente me reconheceu. Disse umas coisas que não me agradaram, e eu fiz o mesmo. Aí ela ficou agressiva e eu me defendi.

Eu estava orgulhoso de Tenley por bater de frente com alguém como Sienna. Foi uma atitude inconsequente, mas demonstrava coragem.

— O que ela disse exatamente?

Tenley desviou o olhar.

— Que eu não ia conseguir dar conta de você. Que você ia ficar entediado e voltar para ela.

Típico de Sienna.

— Isso é ridículo. Prefiro foder um cacto. Então imagino que ela não tenha gostado do que você disse, seja lá o que tenha sido.

— Não muito.

— O que você disse para deixá-la furiosa?

Tenley ficou vermelha.

— Isso não importa.

Arqueei uma sobrancelha e a encarei.

— Ah, não? Vou discordar de você nesse ponto, considerando o estado do seu rosto.

Ela se rendeu com um suspiro pesado.

— Eu a chamei de vadia. Foi aí que ela ficou agressiva.

Tenley estava omitindo algo. Dava para notar, porque ela não estava mantendo contato visual comigo e parecia muito agitada.

— O que mais ela disse?

— Não muito mais. Ela só queria uma reação. Você mesmo disse que ela gosta de mentir.

Cheguei mais perto para que Tenley não pudesse esconder o rosto e deslizei a mão pela lateral de seu pescoço. Sua pulsação martelava na palma da minha

mão. Acariciei seu maxilar com o polegar, para a frente e para trás. Ela se rendeu ao carinho.

— O que mais, Tenley?

— Ela me contou por que dormiu com o Chris.

Meu estômago afundou. Encobri o pânico com sarcasmo.

— Ah, é? E qual foi a lógica dela?

— Ela disse que fez isso para chamar sua atenção.

— Ah, que esperta — respondi, irônico.

A versão de Sienna dos acontecimentos era, sem sombra de dúvida, bastante distorcida, com todas as partes importantes deixadas de fora. A situação que tinha levado Sienna a ficar com Chris havia sido um caos épico. Eu deveria saber que teria que lidar com essa merda mais cedo ou mais tarde. Ainda havia muito envolvimento com as pessoas do meu passado. Mas ter uma discussão desse tipo no primeiro dia em que Tenley estava de volta? Minha nuvem negra de terror continuava a se expandir, me afundando em lixo emocional tóxico.

— Ela disse que você... — Tenley mordeu o lábio. Balançou a cabeça. — Deixa pra lá. Não importa.

— É *claro* que importa, porra. O que ela contou sobre mim?

Sienna claramente tinha contado a Tenley mais do que eu revelara.

— Não podemos deixar isso de lado por enquanto? Eu sei que você está chateado porque eu fui à Dollhouse, mas já passou. O que a Sienna disse é irrelevante.

Esfreguei a mão no rosto, irritado. Frustrado.

— Não faça isso. Eu quero saber o que ela disse para poder me defender ou me explicar. — Suspirei. — Não vou amenizar os acontecimentos, Tenley. Vou contar tudo o que você quiser saber. Acho que já passamos da fase de fingir que nossas omissões não têm nenhum impacto sobre nós. — Como ficou em silêncio, eu a alfinetei: — Ela lhe contou sobre o ménage de quatro?

— E-Eu... Não... Não i-impor...

— Vou entender isso como um sim. Você vai mentir e dizer que está de boa com isso? Não parece. Na real, você parece um pouco enjoada. Tem *certeza* de que não importa?

Ela brincou com a barra do edredom.

— Claro que não estou de boa com isso. Mas não tem nada que eu possa fazer para mudar o que aconteceu, nem você. Por que está me pressionando desse jeito?

— Porque eu ainda estou *puto*, Tenley! — Minha raiva de Sienna, de Tenley e de mim mesmo se combinou de repente com uma vontade tremenda de entrar em uma briga. — Você *fugiu* do nada, sem nenhuma explicação, por quase um *mês*, porra! Como pôde fazer isso comigo?

Ela ficou em silêncio por um minuto. Por fim, disse:

— Você tem razão. Eu fugi. Admito. — Ela respirou fundo. — Eu estava apavorada com a nossa relação, Hayden, e não só pelo tanto que eu já tinha perdido.

Aquilo captou minha atenção.

— Por que com a nossa relação? — perguntei mais calmo.

— Porque fazia meu relacionamento com Connor parecer uma farsa. O que eu sinto por você? Eu nunca senti *nada* parecido por ele. Talvez eu fosse ser feliz com ele, mas jamais vou saber, porque ele morreu. E a culpa é minha. Fui eu quem quis casar em uma viagem. Você tem noção de quanto é difícil ficar em paz com a realidade de que eu jamais teria conhecido você se toda a minha família não tivesse morrido? Não estou justificando minha fuga. Só estou contando por que eu fiz isso.

Bom, aquilo me trouxe outro ponto de vista. O surgimento de Trey teria trazido à tona toda a culpa que Tenley sentia. A cerimônia em homenagem à família e os imóveis deram a ela a escapatória perfeita. Devia ser algo muito difícil com que lidar.

Suspirei.

— Eu entendo por que você foi embora. Mas ainda gostaria que tivéssemos conversado sobre isso antes. As últimas três semanas foram uma merda.

— Eu sinto muito por isso. Foi o mesmo para mim. Eu mudaria o que fiz se pudesse.

— Como vou saber que você não vai fazer isso de novo? Como posso confiar em você depois disso?

Ela baixou os olhos; quando se virou para mim de novo, tinham o brilho de lágrimas não derramadas.

— O único jeito é o tempo, eu acho. Você me daria isso? Sei que você tem mais perguntas, e vou responder a todas se isso ajudar. Vou fazer o que for necessário, mesmo que isso signifique lhe dar espaço.

Aquilo era bem mais difícil do que eu esperava.

— Não, obrigado, já tive espaço suficiente. Mas acho que não podemos retomar de onde paramos.

— Acho que concordo. Então, em que pé ficamos?

— Não faço ideia. Nunca passei por isso antes.

— Nem eu. Quer dizer, não exatamente. — Ela inclinou a cabeça.

— Existe uma história por trás disso?

— Sim. Mas o final não é muito bom.

Então tinha a ver com Connor.

— Você vai me contar mesmo assim?

— Quer que eu conte?

Eu não sabia se aquele era o melhor momento.

— Talvez mais tarde.

Ela relaxou os ombros, aliviada.

— Tudo bem. E agora?

Olhei para o relógio. Era quase meio-dia.

— Tenho que ir trabalhar daqui a uma hora, mas a gente pode tomar café da manhã em algum lugar.

— Quer fazer isso? — Ela deu aquele sorrisinho tímido que eu adoro.

— Quero. Vou só tomar banho antes.

— Acho que eu devia fazer o mesmo.

Estava na ponta da minha língua convidá-la para tomar banho comigo, mas podia não ser uma boa ideia. O banho incluía nudez, o que, inevitavelmente, levaria a sexo. Embora eu quisesse isso com um desespero que beirava o patético, não seria algo inteligente de se fazer. Seria bom, quem sabe até fantástico, mas minha cabeça já estava confusa demais.

Agora, ir para o chuveiro sem que Tenley percebesse minha ereção seria um feito épico.

— Espere — disse ela, me segurando pelo braço quando coloquei o pé no chão.

— Sim?

— Será que eu posso...

— Não acho...

As intenções dela eram óbvias.

— Eu só quero...

— ... que é uma boa ideia.

— ... te dar um beijo.

Não tive chance de argumentar. Ela acariciou meus ombros e subiu pelo pescoço. Aquele toque era exatamente o bálsamo pelo qual eu ansiava, e odiei minha fraqueza por Tenley. Quando ela se aproximou, virei o rosto.

Ela me soltou e se sentou nos calcanhares, olhando para mim com um anseio triste.

— Você não quer me beijar?

— Eu não disse isso.

— É só um beijo. Não espero mais nada.

Ela falava como se fosse algo muito inocente, mas eu não era bobo. Na noite anterior, quando ela me beijou, tínhamos terminado em uns amassos. E na noite anterior nós dois estávamos com mais roupas.

— Estamos na minha cama e você está só de camiseta. Pode até não esperar mais nada, mas eu não tenho muito o que me segure neste momento.

— Não precisa se reprimir por minha causa.

— Ainda estou bravo com você — admiti. Não havia sentido em negar isso.

— Eu sei. — Ela deslizou os dedos pelo meu maxilar. — E eu vou entender se você não conseguir me perdoar logo.

— Provavelmente vai levar um tempo.

— Eu já esperava por isso.

Ela se aproximou de novo, devagar, chegando a poucos centímetros da minha boca.

Eu a olhei com uma expectativa cautelosa.

— Agarrar você não vai resolver as coisas.

— Não, mas pode aliviar um pouco a tensão.

Os lábios dela tocaram os meus. Como não resisti, ela repetiu, indo para a esquerda, para os piercings.

— Que saudade da sua boca — disse Tenley, mordiscando meus lábios.

Gemi em resposta. Ela inclinou a cabeça para o lado, a língua passeando por entre meus lábios, um pedido hesitante para entrar. Uma das mãos desceu do meu pescoço e escorregou pelo meu braço. Ela acariciou meus dedos até fazê-los se abrir, relaxando minha mão.

— Pode me tocar, está tudo bem.

— Não é uma boa ideia. Sério — murmurei.

Ela me ignorou, colocando minha mão em seu quadril. Agarrei sua camiseta e a puxei para cima, deixando visível a curva de sua cintura e o volume de seus seios. Isso não me ajudou em nada a manter a resolução de adiar a compensação sexual. Até, quem sabe, à noite. Depois que eu tivesse o dia para processar tudo o que tínhamos conversado nas últimas doze horas.

— Senti saudade do seu gosto. — A língua dela continuou pressionando, toda exploração macia e movimentos quentes e lânguidos.

Mesmo me sentindo confuso, meu corpo só queria se aproximar de Tenley. E, para o meu pau, quanto mais perto, melhor. Parecia que meu cérebro tinha migrado para a virilha e não se importava com o caminho que estávamos seguindo.

As mãos dela entraram em ação de novo. A que estava no meu pescoço subiu para o meu cabelo, agarrando e puxando, inclinando minha cabeça para o lado. A outra fez um tour que começou no meu antebraço, subiu pelo bíceps e para o ombro até descer pelo peito. Parou no piercing do mamilo, traçando círculos com o dedo indicador, depois continuou a trajetória para baixo. A descida parou no cós da calça, que ela começou a contornar de um lado para o outro, sem parar.

Fiquei tenso quando os dedos de Tenley ultrapassaram a barreira elástica, tão perto da cabeça do meu pau. O toque da cintura para cima era administrável; qualquer coisa abaixo disso me deixava propenso a abandonar a fantasia de civilidade.

— Achei que você só quisesse um beijo.

Os dedos dela ficaram imóveis.

— Quer que eu pare de tocar você?

— Não sei — respondi. Era algo idiota de dizer, já que eu tinha certeza de que não queria que ela parasse. Certeza absoluta.

Tenley então levou a mão ao meu peito e me empurrou devagar, me fazendo deitar na cama. Seu cabelo roçou no meu peito, fazendo cócegas na pele enquanto ela continuava me beijando, os lábios macios e tentadores intercalados com pinceladas enlouquecedoras da língua. Finalmente, passei a mão pela nuca de Tenley e a puxei.

Ela se virou, deixando o peso do corpo sobre o braço, e começou a passar a mão em mim de novo. E eu, burro pra cacete, caí na dela. Eu tinha me privado daquilo por tempo demais. A progressão lenta do toque dela, indo do meu braço para o meu ombro, meu peito, descendo até o cós da calça e depois subindo de volta era exasperante. Meu quadril se mexia por conta própria, buscando o que eu estava negando a nós dois. Ela acariciou minha ereção por cima da calça.

E eu perdi a cabeça.

Em uma explosão suave, envolvi a cintura dela com um braço e a virei, ficando por cima e me posicionando entre suas coxas. Mesmo através do algodão fino eu sentia o calor e a umidade me dando boas-vindas de volta. Procurei a bainha da camiseta dela e a puxei para cima. Tenley começou a tirá-la, mas a impedi. Ela podia ter começado aquilo, mas eu ia terminar.

Dane-se a espera. Danem-se as conversas necessárias. Danem-se as respostas. Passei a mão com firmeza ao longo das costelas de Tenley, até os seios. Os piercings já estavam cicatrizados, então eu não precisava ir com calma. Abaixei a cabeça e chupei a pele firme para dentro da boca. Ela levou as mãos ao meu cabelo, me puxando enquanto se arqueava sob mim. Eu a mordi, talvez com mais força do que deveria. Ela se assustou.

— Eu disse que não era uma boa ideia, mas você não me ouviu, não é?

Eu estava canalizando a raiva em agressividade sexual. Eu me movi entre as pernas dela; minha ereção encaixou bem onde eu queria.

— Desculpe. Eu senti sua falta.

As mãos dela desceram pelas minhas costas e deslizaram por baixo do cós da minha calça, as unhas se enterrando na minha bunda.

— Então você devia ter voltado para casa antes.

— Eu queria.

— Não quero papo furado. Você não podia ter me deixado aqui sem entender o que tinha acontecido. Devia ter feito algo para evitar isso.

— Então vou te mostrar.

Tenley tentou passar a mão entre nós dois e pegar meu pau.

— Ah, não, aí não. — Entrelacei meus dedos nos dela e ergui seu braço acima da cabeça, prendendo-o na cama, e fiz o mesmo com o outro, segurando os dois com uma das mãos para manter a outra livre. — Vou dar o que você quer na hora certa.

Com um movimento rápido, puxei a calça para baixo para libertar minha ereção. Então recuei um pouco e deslizei o pau pela pele escorregadia dela. Continuei fazendo isso por um tempo até ela ofegar e gemer. Sempre que ela estava perto do orgasmo, eu parava. Então retomava o movimento lento até eu mesmo estar a ponto de gozar. Deslizei mais para baixo, passando a cabeça do pau pela entrada dela. Parei.

— Por favor, Hayden — pediu Tenley, os olhos vidrados e o rosto vermelho. Ela se contorcia na minha mão, que prendia as dela.

— Por favor o quê? — perguntei com firmeza.

— Eu *preciso* de você. Por favor. — Parte do calor no olhar dela evaporou. — Nunca deixei de querer você enquanto estive fora. Eu só achava que não te merecia.

O alívio substituiu o medo quase violento que havia se instalado sob minha pele. A confissão de Tenley me deixou sem forças contra a vontade de reivindicar o que era meu. Movi o corpo para a frente. Tenley ergueu o quadril enquanto meu piercing deslizava com facilidade pela entrada. Fechei os olhos enquanto a sensação de estar conectado a ela de novo consumia todos os meus pensamentos. Eu queria que aquilo apagasse toda a mágoa e toda a dor, mas, em vez disso, só me lembrou como eu tinha me sentido solitário sem ela, como eu nunca mais queria passar por aquilo de novo.

Soltei as mãos dela, que na mesma hora desceram pelas minhas costas e subiram de volta até agarrar meus ombros. Então comecei a me mexer para a

frente e para trás com força. Enquanto eu aumentava o ritmo, as pernas de Tenley se apertaram em torno da minha cintura. Eu estava longe de ser gentil, metendo nela sem dó. Com uma satisfação sombria, vi quando desmoronou embaixo de mim, várias vezes, sem desviar o olhar do meu. Quando o fogo desceu pela minha coluna, enterrei o rosto no pescoço dela, embora Tenley pedisse que eu continuasse olhando em seus olhos. Eu não sabia ser tão transparente assim, então me neguei a fazer isso. Gozei com tanta intensidade que quase desmaiei.



TENLEY

Não fomos tomar café da manhã. E Hayden estava atrasado para o trabalho.

— Você vai entrar e dar oi para todo mundo, né? — perguntou ele enquanto atravessávamos o saguão do prédio.

— Talvez seja melhor eu esperar até mais tarde — respondi, hesitante.

Eu me sentia estranha depois do sexo, que não ajudou em nada a aliviar a tensão entre nós. Andávamos lado a lado, sem nos tocarmos.

— Eles sentiram sua falta também. Não foi só a mim que você deixou para trás.

A lembrança da dor que eu tinha causado provocou uma nova onda de remorso. Eu havia trocado uma culpa por outra, mas ao menos tinha algum controle sobre aquela situação. Aquilo eu podia consertar. Ao menos eu esperava que sim.

— Tudo bem. Vou lá com você.

Os ombros de Hayden relaxaram, e ele pegou minha mão. Imaginei que suas mudanças de humor continuariam enquanto durasse aquela turbulência emocional que eu havia causado.

Sáímos na tarde fria e viramos à direita, passando pelas vitrines da rua. O trajeto que Hayden fazia para o trabalho era o mais curto do mundo. Olhei para o Serendipity, do outro lado da rua. Precisava passar lá depois para encarar Cassie.

A porta tilintou quando entramos no Inked Armor, e o silêncio desabou sobre o estúdio.

— Oi — falei com voz fraca, enquanto Lisa e Jamie me encaravam. Para minha surpresa, nenhum dos dois parecia chocado ao me ver.

De trás do caixa, Lisa se levantou de um pulo e foi correndo na minha direção.

— Que bom que você voltou para casa! Quando você chegou? — Ela me abraçou com tanta força que me deixou sem ar.

— Ontem à noite — respondi, retribuindo o abraço.

— Devia ter me mandado uma mensagem — sussurrou ela para que ninguém mais ouvisse.

Lisa era a única com quem eu tinha mantido contato constante. E só porque ela havia me mandado mensagens persistentes o tempo todo. Era uma pessoa difícil de ignorar. Apertei seu braço para indicar que eu tinha ouvido.

— Ele sabe que a gente manteve contato com você — murmurou ela, dando um passo para trás. — Você emagreceu — observou, com um ar de reprovação. — E o que aconteceu com o seu rosto?

— Não foi nada.

Olhei para os fundos da loja, onde ficava o escritório dela e as salas privativas. Eu precisava ficar sozinha com Lisa para perguntar como Hayden tinha descoberto. Aquilo explicava o comentário dele na noite anterior, explicava por que meu silêncio o machucara tanto, para além das razões óbvias.

Os olhos de Lisa se voltaram discretamente para Hayden. Ele cruzou os braços e abaixou a cabeça, olhando para o chão. Eu tinha certeza de que assim que eu sáísse ela perguntaria a ele o que não podia perguntar para mim.

Jamie me salvou de mais questionamentos me puxando para um abraço.

— Sentimos muito a sua falta.

Quando ouviu toda a movimentação, Chris saiu do depósito, carregando um monte de coisas.

— Tê! Você voltou! — Ele largou as coisas na superfície mais próxima e me ergueu. — É bom ver você, garota. — Então me colocou no chão. — A Sarah tentou te ligar ontem à noite, depois de ouvir as mensagens. Foi por culpa minha que ela não atendeu, para ser sincero — explicou ele, abrindo um sorriso encabulado.

Ri, embora lágrimas escorressem pelo meu rosto. Lisa me deu um lenço, e Hayden passou um braço protetor pelo meu ombro, pressionando o nariz em meu cabelo úmido.

— Foi emoção demais em muito pouco tempo? — perguntou ele.

— Fiquei um pouquinho sobrecarregada, só isso — respondi, envergonhada.

— Não foi só você — sussurrou ele.

Embora fosse bom vê-los, a conversa foi um pouco forçada; estava claro que eles tinham perguntas que ainda não se sentiam confortáveis para fazer.

Quando o primeiro cliente de Chris chegou, aproveitei a oportunidade para ir embora.

— Tenho algumas coisas para resolver hoje — falei.

Mas Hayden e eu estávamos tão apressados em sair do apartamento dele que não discutimos quando nos veríamos de novo.

Hayden colocou as mãos nos bolsos, balançando-se nos calcanhares.

— Tenho um intervalo entre clientes por volta das cinco da tarde. Por que não passa aqui? A não ser que você esteja ocupada. — Ele tocou com o pé a ponta do meu sapato.

— Não, não estarei ocupada. Talvez a gente possa comer alguma coisa.

Hayden assentiu.

— É. Isso. Comer seria bom. E eu preciso buscar o meu carro em algum momento.

— Eu levo você. — Ofereci.

— Claro.

— Vou dar um pulo ali para ver a Cassie. Quer algo do café?

A conversa estava bastante desconfortável, principalmente com Lisa, Chris e Jamie fingindo que não estavam ouvindo. Chris era o único de fato ocupado com algo legítimo, mas mesmo ele de vez em quando olhava na nossa direção.

— Precisa não. Meu cliente já deve estar chegando.

— Tudo bem. Vejo você mais tarde então.

— Aham.

Esperei algum gesto de carinho — mesmo que fosse só um beijinho na bochecha —, mas ele não fez nada. Então me virei para a porta, decepcionada.

— Tenley?

Olhei por cima do ombro.

— Sim?

— Não está esquecendo nada? — As chaves do meu apartamento balançavam no dedo dele.

— Ah, é. Claro.

Hayden colocou as chaves na minha mão e a fechou. Houve uma pausa, e então ele me puxou e segurou minha nuca. Sua boca desceu até a minha, intensa e insistente. Sua língua passou pelos meus lábios, um eco da agressividade que ele havia demonstrado na cama menos de uma hora antes. Quando terminou, ele me soltou. Dei um passo incerto para trás, tonta e desequilibrada.

— Não vá muito longe — disse Hayden, com um ar sombrio.

— Pode deixar.

Mas dava para perceber que ele não acreditava em mim.

Minha parada seguinte era o Serendipity. Eu estava nervosa com a ideia de ver Cassie. A preocupação dela com minha partida abrupta havia ficado clara nos breves e-mails que tinha me mandado. Ela nunca comentou sobre como Hayden estava, apesar de eu ter perguntado nas duas vezes em que escrevi. No começo, achei que fosse por causa de alguma lealdade a ele, porém, depois de vê-lo desmoronar na noite anterior e naquela manhã, eu já não tinha mais certeza. Eu tinha acabado com ele, e Cassie sem dúvida queria que eu percebesse isso sozinha.

O sino acima da porta tilintou, e ela ergueu a cabeça, a surpresa refletida no rosto, bem como a mesma incerteza cautelosa que eu vira nos olhos de Hayden.

— Você voltou.

Esse era o novo cumprimento que dirigiam a mim.

— Cheguei ontem à noite.

— Hayden sabe?

— Foi a primeira pessoa que eu vi.

Bom, isso era quase verdade.

— Como ele está?

— Confuso. Magoado. Chateado. Aliviado, talvez? Tivemos uma longa conversa ontem e também hoje de manhã.

— Ele não lidou bem com o que aconteceu — comentou Cassie em tom de acusação.

— Eu sei. Eu também não.

A reprovação dela doía. Cassie já tinha me avisado sobre Hayden. Ela me responsabilizava pelo que eu o tinha feito passar.

Ela desceu da cadeira e saiu de trás do balcão.

— Venha cá.

Aquele abraço era exatamente do que eu precisava; o gesto continha o perdão dela. Eu queria me desculpar, mas não sabia por onde começar.

— Eu não queria magoar o Hayden. Nem ninguém.

— Eu sei. — As mãos dela repousaram nos meus ombros. — Agora que você viu o que aconteceu com ele, também sei que nunca mais vai fazer isso de novo.

Um “*se não...*” ficou subentendido no final, mas isso não me ofendeu. Não esperava outra coisa dela.

Depois que saí do Serendipity, fui para o meu apartamento. O carro de Sarah não estava na rua, mas aquela era a semana de provas, então ela devia estar fazendo alguma. Não tinha me ocorrido perguntar a Chris sobre ela quando fui ao Inked Armor.

A chave girou com suavidade na fechadura, o que era incomum. Na maioria das vezes, eu tinha que dar um tranco para abrir a porta. Preparei-me para a bagunça que tinha deixado para trás, mas meu apartamento tinha sido limpo. Os livros que eu deixava espalhados pelo chão estavam empilhados com esmero na mesa de centro. As cobertas estavam dobradas no braço do sofá; as almofadas, nos cantos. Hayden era a única pessoa que gastaria tempo cuidando das minhas coisas.

Tirei os sapatos e pendurei o casaco, passeando pelos cômodos como um voyeur. Tudo parecia muito estranho, como se fosse a casa de outra pessoa, e não a minha. Meu quarto estava tão arrumado quanto o restante do

apartamento, nada fora do lugar. Ou melhor, tudo havia sido colocado em um local melhor, mais adequado. As almofadas na minha cama estavam apoiadas na cabeceira de um jeito criativo. Ergui a ponta do edredom para olhar os lençóis: tinham sido trocados e estavam esticados com perfeição.

Na cozinha, a geladeira estava limpa; havia um limão recém-cortado na prateleira de cima. Minha jarra de água estava cheia, rodela de limão flutuando na superfície. Hayden devia ter passado ali recentemente, e mais de uma vez. Ele estava me esperando voltar para casa.

Precisando de uma distração, abri meu laptop e imprimi a versão mais recente da minha tese. Eu tinha feito pouco progresso em Arden Hills, consumida demais por todo o resto. Embora a papelada ilegal de Trey tivesse me dado um pouco de tempo e despertado pena no coordenador do programa de pós-graduação, eu estava atrasada no cronograma para o projeto completo. Teria que me esforçar duas vezes mais para compensar não apenas o tempo que havia perdido, mas também as aulas que eu ministrava.

Ao menos minha bolsa não tinha sido cancelada. Ainda não. O professor Calder tinha expressado preocupação quanto à continuidade do meu financiamento, e eu tinha certeza de que ele falaria mais sobre isso, além de sobre as outras questões, quando nos encontrássemos. Eu planejava deixar lá uma cópia atualizada do rascunho, para o caso de ele conseguir dar uma olhada antes de começar o segundo semestre. Se havia uma coisa da qual não sentira falta em Arden Hills foram os encontros com meu orientador.

A temperatura tinha despencado na semana anterior, deixando as janelas do meu carro cobertas de gelo. Entrei e liguei o aquecedor, tremendo enquanto esperava que o gelo do para-brisa derretesse, pois eu não tinha um raspador. Enquanto eu batia os dentes e o carro aquecia, mandei uma mensagem para Hayden avisando que estava indo ao mercado, mas que estaria no Inked Armor às cinco. Eu não tinha nem guardado o celular de volta no bolso quando ele respondeu pedindo que eu comprasse ração para AG e cerveja, especificando as marcas.

A universidade foi minha primeira parada. O campus estava silencioso. A maioria dos alunos estava na biblioteca ou nos cafés, abarrotada de provas. As aulas só retornariam depois do Ano-Novo. Os prédios ficariam abertos durante o dia até o final da semana seguinte, quando as notas seriam lançadas. Eu tinha vinte e sete trabalhos para corrigir e entregar até a sexta seguinte, o que não seria um problema, visto que eu não tinha mais um emprego. Cassie e eu ainda precisávamos conversar sobre a possibilidade de eu voltar a trabalhar no Serendipity.

Subi de escada até o terceiro andar. Meu quadril estava enrijecido, mas não doía muito. Depois da briga com Sienna e do sexo com Hayden, achei que estaria bem pior. Talvez o exercício tivesse ajudado. Com um sorriso no rosto, passei pela porta ao lado dos elevadores. Quando fiz a curva, vi uma menina familiar, de cabelo loiro-areia, sair rindo da sala do meu orientador. Por estar do outro lado do corredor, ela não reparou em mim.

Um braço surgiu e a puxou de volta para a sala pela cintura. Saí do campo de visão deles e coleí o corpo na parede. Os risinhos pararam de repente e foram seguidos por um sussurro de vozes. Prendi a respiração e esperei. Mais uma risada nervosa atravessou o corredor, interrompida pelo ruído suave de uma porta se fechando.

Fiquei onde estava por alguns minutos antes de espiar mais uma vez; então segui até a sala do prof. Calder. Ouvi um gemido abafado do outro lado da porta, seguido pelo barulho de móveis sendo arrastados no piso de madeira. Então teve início uma batida ritmada. Os rumores eram verdadeiros.

Peguei o celular no bolso de trás, acionei a câmera de vídeo e toquei para iniciar a gravação quando a mulher começou a gemer mais. Ergui a câmera para mostrar a placa com o nome do prof. Calder. Veio então um barulho alto, como o de um tapa, e ruídos graves de repreensão. Então as batidas começaram, altas e fortes. Torci para que meu celular estivesse captando o som abafado da mulher gritando o nome dele. Quando eu estava quase vomitando, guardei o telefone. Em silêncio, escrevi um recado na primeira página do meu esboço. Colocando-a de volta na pasta, deixei-a no escaninho ao lado da porta dele.

Saí pela escadaria ao lado da sala dele, embora desse no lado oposto do prédio. A porta se fechou com uma batida que fez eco, justamente minha intenção. Eu queria incitar a paranoia. Quando saí para a tarde gelada de dezembro, decidi que tinha aprendido uma coisa boa com Trey: a chantagem podia ser uma arma eficiente de autopreservação.



HAYDEN

As pessoas estavam me irritando pra caramba naquele dia. Lisa e Chris, para ser mais preciso. Eles ficavam me olhando, obviamente esperando alguma coisa. Talvez achassem que eu perderia a cabeça ou que me sentaria e faria uma reuniãozinha para contar como me sentia com a volta de Tenley, o que não ia acontecer. E não só porque eu odiava compartilhar essas baboseiras. Meus sentimentos estavam uma confusão, e eu ainda tentava entendê-los.

Eram duas e pouco da tarde. Tenley tinha ido resolver algumas coisas e eu só conseguia pensar em quando ela voltaria. Peguei a pasta da minha cliente daquela tarde, bem como os desenhos de Nate, que ia dar um pulo no estúdio naquela noite para vê-los. Eu achava que aquela visita repentina tinha mais a ver com o que havia acontecido no jantar de domingo do que com a tatuagem em si, mas não me importava. As intenções de Nate eram boas, mesmo que ele estivesse tentando mexer com a minha cabeça.

Deixei o desenho dele na minha mesa e levei o outro para a sala privativa. A tatuagem iria da metade das costelas até a parte superior da coxa, descendo pelo lado direito do corpo. Era um desenho legal, e a cliente era uma garota bacana. Eu já tinha feito umas tatuagens menores em Amy, mas aquela era a primeira incursão dela em uma tatuagem de várias sessões. Eu estava bem animado para trabalhar em mais um desenho complexo.

Deixei a porta aberta e comecei a me organizar. Faríamos uma sessão de apenas duas horas, porque a área das costelas é sensível pra cacete e eu não queria forçar a barra. Seria suficiente para traçar o contorno desde que não fizéssemos muitos intervalos. Amy era realista em relação a sua tolerância à dor, diferente de alguns babacas que reservavam quatro horas da minha agenda e amarelavam no meio do caminho.

— Oi — disse Lisa, recostada no batente da porta.

— A Amy já chegou?

Olhei para o relógio. Eram só duas e dez. A garota era pontual, mas não chegava tão cedo assim para as sessões.

— Ainda não.

Lisa entrou e fechou a porta.

— E aí?

Eu sabia muito bem que ela estava me encurralando ali. Estava esperando uma chance de me interrogar desde que eu surgira com Tenley no estúdio.

— Como você está?

— Bem.

— Só “bem”?

Alisei o estêncil.

— Não precisa ficar jogando verde. Pergunte o que quer perguntar.

— Como estão as coisas entre você e a Tenley?

Eu achava que a maneira como eu a tinha beijado antes de ela ir embora respondia à pergunta. Pelo visto, não.

— A gente está se acertando.

— O que isso significa exatamente?

Franzi a testa.

— Significa o que significa. Ou você está querendo uma reprodução fiel da nossa conversa para poder dar sua opinião imparcial sobre o que acha que eu devo fazer?

— A Sarah me ligou hoje de manhã. Parece que ela teve uma conversa interessante com a Candy ontem à noite.

Merda. Notícias ruins chegavam rápido. Eu nem tinha visto Candy naquela noite, estava preocupado com outras coisas. Tentei parecer o mais ocupado possível, conferindo a tinta.

— Ah, é? E o que ela disse?

— Que a Sienna se engalfinhou com uma garota que, pela descrição, é igualzinha à Tenley e acabou com o nariz quebrado. Parece que a Candy também mencionou que você deu uma passada na Dollhouse. Ela disse que a Sienna teve um chique depois que você foi embora. Você não quer preencher as lacunas dessa história?

— Tenley deixou as chaves com a Sarah antes de ir para Arden Hills. Ela parou na Dollhouse achando que a Sarah estaria lá, mas acabou tendo uma discussão com a Sienna. As coisas esquentaram. Eu fui lá e a busquei.

— Tenley ligou para você?

Umaz vinte vezes. Eu ignorei todas.

— Não. Foi o Jay.

Dava para perceber que Lisa ainda queria saber muitas coisas, mas escolhia as perguntas com cuidado. Começou com a mais reveladora:

— Tenley passou a noite na sua casa?

— Sim. Ela ficou bem abalada depois da confusão na Dollhouse. A Sienna deu uma sacaneada nela antes que revidasse. Ela não conseguiria subir as escadas do apartamento por causa do quadril. Tinha também a AG, que estava na minha casa e que a Tenley queria ver.

Eu estava racionalizando minhas ações ao extremo, mas não precisava do julgamento de Lisa. Já tinha passado tempo suficiente sem Tenley. Agora que ela estava de volta, ia ficar de boa e aproveitar sua presença ao máximo. Mesmo que a atitude mais sensata fosse ir com cautela antes de cair de cabeça em uma panela de água fervente. Eu era um mergulhador, e não um avaliador.

— Vocês transaram?

— É sério isso? Eu não fico me metendo nos seus assuntos pessoais e perguntando se você anda dando para o Jamie com regularidade.

— Jamie e eu transamos todo dia. Geralmente de manhã, porque é quando o Jamie aguenta mais tempo, e isso me deixa de bom humor. Pronto. Conte. Sua vez.

Fiz uma careta ao imaginar a cena.

— *Por quê*, Lisa? Por que você tinha que me contar isso? Eu não preciso desses detalhes.

— Ah, é? E eu aqui achando que essa era a questão. A única vez em que você foi evasivo sobre suas transas foi quando estava com a Sienna e quando violou aquela regra idiota com a Tenley. Pela sua relutância, tenho certeza de que já sei a resposta para a minha pergunta.

— E aonde você quer chegar?

Lisa ergueu uma sobrancelha.

— Só estou vendo em que pé vocês estão. Ela passou semanas longe e você ficou na merda. Aí ela volta e a primeira coisa que você faz é dormir com ela? Depois de tudo o que aconteceu, acha que foi uma boa decisão?

— A gente conversou primeiro.

— E tudo se resolveu? Depois de uma conversa?

— Foram duas conversas. Uma ontem à noite e outra hoje de manhã.

— E quando vocês mandaram ver? Entre uma e outra?

— Depois do papo de hoje.

Porque isso tornava tudo muito melhor.

— Ah. Então está certo. Dois papinhos cordiais e você superou o fato de ela ter ido embora sem nenhuma explicação? — questionou Lisa com sarcasmo.

— Não, mas não é como se eu pudesse voltar atrás, não é?

— Acho que você já tentou isso antes, mas não deu muito certo.

Eu a encarei.

— Não entendo por que você está agindo assim. Achei que você ficaria feliz por nós estarmos resolvendo essa merda toda.

Para ser honesto, transar com Tenley tinha complicado a situação. Toda a minha raiva, minha frustração e meu medo tinham sido canalizados na felicidade intensa, rápida e arrebatadora dos orgasmos múltiplos. Embora tenha sido uma boa forma de aliviar o estresse, aquilo tinha liberado uma avalanche de outros sentimentos com os quais eu não estava pronto para lidar. Guardei essas constatações para mim.

— Fico feliz por ela ter voltado, mas você precisa tomar cuidado, e não só por sua causa. Vocês dois têm muito no que pensar.

— Já falei que a gente está se ajustando. Tenley entende que eu fiquei puto por ela ter ido embora, e eu não estou dizendo que ficou tudo bem agora que ela voltou.

— Que bom. Mas tem mais coisas nessa história do que a partida da Tenley e tudo o que você descobriu sobre ela. Você tem suas próprias questões enterradas e não está enfrentando nenhuma. Não dá para continuar adiando isso para sempre.

Alguém bateu à porta. Jamie colocou a cabeça para dentro e olhou para mim, e depois para Lisa, e para mim de novo.

— Desculpem interromper — disse ele devagar. — A Amy chegou.

O timing dele não podia ter sido melhor.

— Perfeito. Já vou lá.

— Precisam de mais um minuto? — perguntou ele.

— Não. Já terminamos.

— Vou avisar a ela. — A cabeça de Jamie desapareceu. A porta ficou aberta.

Quando tentei passar por Lisa, ela tocou meu braço, um pedido gentil para que eu a ouvisse.

— Lembra aquela conversa que a gente teve sobre as coisas não serem em preto e branco assim que você começou o contorno da tatuagem da Tenley?

— O que tem isso?

— Talvez você precise encontrar um meio-termo para que esse seu lance com a Tenley não seja tudo ou nada. Está claro que ela quer ficar com você, assim como você quer ficar com ela. Só estou sugerindo que, por agora, talvez seja bom tirar o pé do acelerador e primeiro resolver todas as coisas importantes.

O conselho de Lisa fazia sentido. Eu não era bom em ir devagar com as coisas, e Tenley não era exceção. Eu tinha praticamente ido morar no apartamento dela assim que dormimos juntos. Mas não era só sexo naquela época, assim como não era agora. Isso tornava a questão difícil de administrar. Eu a queria e queria estar com ela; separar as duas necessidades era um desafio, pois estavam entrelaçadas; uma alimentava a outra. Além do mais, eu nunca tinha sentido por ninguém o que sentia por Tenley.

— Você tem conversado com o Nate?

Lisa franziu o nariz.

— O quê? Por quê?

— Porque você está falando igual a ele, fazendo metáforas da vida e terapizando.

— Terapizando?

— Tenho plena certeza de que isso é uma palavra. Se não for, vou sugerir que acrescentem ao dicionário.

Lisa revirou os olhos, depois ficou séria de novo.

— Terapia não seria a pior coisa do mundo para você.

— Eu já sei o que tem de errado comigo.

Ela me encarou.

— Pense no que eu falei. Estou do seu lado. Tenley estava fazendo bem a você antes de ir embora. Espero que ainda faça. Eu ia odiar ver tudo desmoronar de novo porque vocês ainda estão um protegendo o outro do próprio passado. Relacionamentos não são fáceis. Quem disser o contrário está falando merda.

Lisa me deixou ali, um tanto estupefato. Ela e Jamie não brigavam, ou ao menos eu nunca tinha visto. De vez em quando Lisa era grossa ou Jamie estava em um de seus dias de mau humor, porém os dois sempre respeitavam um ao outro e eram carinhosos a ponto de fazer quem estava perto ficar enjoado. Às vezes eu enchia o saco do Jamie por ele ser um pau-mandado, e ele não negava isso. Nunca me ocorreu que eles tivessem problemas — e acho que, se tivessem, eu nem perceberia, de tão reservado que sou. Ninguém nunca tinha se aproximado o bastante para que eu tivesse problemas de verdade. Até que Tenley apareceu. Até agora, parecia que eu era péssimo em lidar com eles.

Ainda me sentia meio tonto quando saí da sala para cumprimentar Amy. Como Chris não tinha nenhum cliente, eles estavam batendo papo. Amy estava com a mão no braço dele, jogando a cabeça para trás em uma risada.

— Oi, bonitão! — exclamou ela ao me ver.

— E aí, tudo bem? — Aceitei o abraço rápido.

— Estou ótima! Superpilhada. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Você está diferente.

— Faz um tempo que não corto o cabelo.

Cocei a lateral da cabeça. Meu cabelo estava grande e eu me sentia deprimido demais para pedir a Lisa que desse um jeito nele.

— Não, isso eu notei na semana passada. Eu ia dizer que você parece quase civilizado com todo esse cabelo. Mas não se preocupe, os piercings mantêm sua pinta de durão.

— Que alívio. Eu não ia querer parecer tradicional.

— Já pensou como seria trágico? Mesmo assim, tem alguma coisa... Sei lá. Eu digo quando descobrir o que é. — Amy me olhou de um jeito clínico, analítico, o que não era incomum, já que ela era especialista em emergências médicas. Como não conseguiu concluir nada, deixou o assunto pra lá e bateu palmas. — Vamos começar?

Sorri.

— Vamos lá.

Assim como Lisa e Tenley, Amy era animada, porém menos suave. Em duas horas, era uma dose cavalariça de energia. Eu sempre terminava as sessões com ela querendo correr uma maratona ou algo do tipo.

Fomos à sala privativa e lhe dei instruções específicas sobre quais peças de roupa ela precisava tirar. Como a tatuagem ia das costelas até a coxa, ela teria que tirar tudo da cintura para baixo. Poderia ficar com a blusa, mas teria que tirar o sutiã. Tínhamos aventais para cobrir os lugares importantes, mas eu ia ficar de frente para a bunda dela na maior parte do tempo. Era inevitável.

Saí da sala para que ela pudesse tirar a roupa e olhei o celular para ver se Tenley tinha mandado alguma mensagem. Nenhuma. Otário que sou, mandei uma para ela. A resposta chegou quase imediatamente. Ela estava na pet shop e queria comprar um brinquedo para AG. Sugeri maconha para gatos. Ela questionou meus instintos paternais. Considerei por um breve momento como seria ter um filho de verdade, mas logo cortei a linha de pensamento. Eu nunca ia querer essa responsabilidade, a confusão ou a preocupação que vinham com ela. AG era mais do que suficiente.

Amy colocou a cabeça para fora da porta.

— Estou pronta.

— Legal.

Guardei o celular no bolso e demos início aos trabalhos.

Como eu previa, Amy precisou de vários intervalos. Mesmo com a bolinha para aliviar a tensão, a área sobre as costelas é ultrassensível. Enquanto Tenley era esguia mas curvilínea, Amy era bem magricela. Ela corria, então não havia muita gordura corporal para amortecer a dor. Ela aguentou bem, mas queria jogar a toalha duas horas depois. Nesse tempo, consegui fazer todo o contorno, então podíamos inserir a cor na sessão seguinte.

Depois que protegi a tatuagem, Amy se vestiu e foi me encontrar no estúdio principal. Lisa queria ver o resultado. Nenhuma das duas pensou em entrar em uma das salas vazias dos fundos para ter um pouco de privacidade. Amy, que não era tímida, ergueu a blusa para mostrar o desenho, que começava embaixo dos seios pequenos e se estendia até o quadril quase reto. Lisa se aproximou e o analisou, enquanto dois universitários, sentados do outro lado da sala, olhavam boquiabertos. Estavam esperando Lisa, iam colocar mais piercings. Ao menos foi o que disseram. Eu apostava que um deles ia amarelar, visto que o piercing em questão era do tipo abaixo do cinto.

Enquanto Lisa e Amy trocavam ideias sobre a paleta de cores para a tatuagem, o sino sobre a porta tilintou e Tenley entrou no estúdio, as faces rosadas de frio, a gola do casaco erguida para proteger o rosto. Ela estava usando um chapéu rosa-shocking com o desenho de uma caveira preta e ossinhos. A caveira tinha um laço no topo do crânio. Ela estava linda. Seus olhos encontraram os meus enquanto ela tirava o chapéu e soltava o cabelo.

Seu sorriso desapareceu e o rosto ficou sem expressão quando Amy se aproximou de mim em um abraço lateral.

— Sou uma cliente devota. Nunca vou deixar ninguém trabalhar em mim além de você.

Chris tossiu, da estação de trabalho dele.

— Se eu curtisse tribais, ia abandoná-lo, meu bem, e você sabe disso — gritou Amy.

Chris ergueu a mão em reconhecimento e voltou a preencher as linhas pretas de um complexo desenho celta.

— Tem uma pessoa que eu quero apresentar a você — falei, estendendo a mão para Tenley. Esperei até ela chegar na minha frente. — Tenley, esta é a Amy. Amy, esta é a Tenley.

— Oi! — Amy apertou a mão dela com entusiasmo. — Você também é uma das clientes do Hayden?

Tenley me encarou antes de responder:

— Hayden está trabalhando em um desenho nas minhas costas, mas faz um tempo que eu não sento na cadeira dele.

— Ah, é? Então são várias sessões? Deixa eu contar, depois que você começa, é difícil parar, ainda mais com o talento dele. — Amy fez um carinho no meu braço.

Os olhos de Tenley estavam fixos na mão de Amy, que alisava meu bíceps, e seus lábios se curvaram em um sorriso tímido quando ela começou a contornar uma linha de tinta no meu antebraço.

— Sim. Hayden é incrivelmente talentoso. É muita sorte ter a arte dele no meu corpo.

Amy piscou. Lisa tossiu para esconder uma risada. A insinuação era difícil de ignorar, e uma parte irritante do meu corpo reagiu de acordo. Eu tinha falado alguma coisa daquele tipo algum tempo antes, quando ainda não havíamos começado a ficar. Foram palavras tão explicitamente inapropriadas quanto aquelas. Tenley estava marcando território, o que era tanto surpreendente quanto sexy. Não faço ideia de como Lisa achou que eu fosse conseguir negar sexo a Tenley. Praticamente tudo o que ela dizia ou fazia despertava meu desejo.

— Na verdade, a Tenley é minha namorada.

Coloquei um braço em volta de seu ombro e a puxei para meu lado. Ela se aconchegou na mesma hora, seu polegar engatando no meu cinto.

— Ah. É claro — disse Amy, assentindo. — Eu falei para o Hayden que tinha algo de diferente nele, e aqui está você.

— Aqui estou eu — confirmou Tenley baixinho.

Eu me inclinei com a intenção de dar um beijo em sua bochecha, mas ela virou a cabeça no último segundo e acabei acertando a boca. Sua língua apareceu do nada, roçando meu lábio inferior. Eu gostava do lado ciumento de Tenley. Fazia com que eu me sentisse melhor em relação aos meus próprios impulsos territorialistas.

Quando Amy acertou a conta, Tenley e eu fomos buscar o playboy-móvel, já que todas as coisas dela ainda estavam lá. Assim que entramos no carro, ela partiu para cima de mim. O banco da frente tinha espaço de sobra para Tenley “manobrar”. Ela estava meio montada em mim, os lábios nos meus e uma das mãos alisando minha virilha por cima da calça jeans. Meu pau estava se divertindo horrores.

— Opa. Devagar, gatinha.

Ela se aproveitou da minha boca aberta e enfiou a língua. Sua mão deslizou por baixo do cóis da minha calça. Ela não tinha coordenação nem paciência suficiente para me beijar e enfiar a mão fundo o bastante para encontrar o que queria. O que, por acaso, estava curvado em um ângulo bem estranho. Tenley abriu a braguilha. Parte de mim queria ajudá-la, mas a outra parte — a que considerava as vantagens de ir com calma — decidiu que aquele seria um bom momento para seguir esse conselho.

Segurei a mão dela.

— Tenley, acho que...

Ela continuou mexendo no meu cinto. Fiquei imóvel e parei de beijá-la. Ela fez um ruído impaciente e enfiou a língua na minha boca de novo. Embora o desejo de reagir fosse forte, permaneci inerte.

— Me beija — ordenou, mordiscando meu lábio inferior.

— Não.

— Ok — assentiu ela, mexendo no meu cinto com as duas mãos.

— Tenley, pare.

Desci as mãos pelos braços dela e segurei seus pulsos. Ela se encolheu e os puxou. Eu tinha esquecido os hematomas provocados por aquele imbecil do Trey.

— Não quer que eu toque você? — perguntou, o pânico e o medo em seus olhos ecoando em sua voz.

Não havia dúvidas de que eu queria as mãos dela em mim, mas, definitivamente, não naquele lugar. Além disso, a motivação dela era questionável.

— Que tal você me contar por que está tão animada?

— A gente só tem uma hora antes da sua próxima sessão. Quero aproveitar ao máximo.

— Transando no carro do seu falecido noivo?

Ela piscou, atordoada, e voltou ao banco do motorista.

Bom, isso quebrou o clima.

— Desculpe. Foi uma coisa babaca de se dizer.

— Mas você tem razão. Eu não estava pensando. Só queria ficar perto de você.

— Mas não é só isso — provoquei.

— Não gostei do jeito que ela tocou em você.

— Amy é uma cliente e uma amiga. Ela toca todo mundo o tempo todo.

— As mãos dela estavam só em você — argumentou Tenley com acidez.

— Ela é só uma cliente — garanti, sem saber que rumo aquela conversa estava tomando e por que Tenley estava tão agitada. Ela nunca havia agido assim; se bem que muitas coisas tinham mudado em um curto período de tempo.

— Então você nunca ficou com ela?

Ergui as sobrancelhas.

— Hum, não. A única cliente com quem eu transei foi a Sienna.

— Fora eu, você quer dizer.

— Sim. Mas você é diferente, assim como as circunstâncias. De onde está vindo isso tudo?

— Você ficou com a Sienna por anos.

Tenley contornou as marcas na parte interna do volante. Esfreguei a testa.

— A gente já conversou sobre isso. Eu transava com a Sienna. E, sim, a gente ficou nisso por um bom tempo, rompendo e voltando, mas não era um relacionamento.

— Não sei se concordo.

— Não é porque eu colocava o pau em qualquer buraco que ela oferecia que aquilo era um relacionamento.

Tenley fez uma careta, provavelmente porque eu tinha sido grosseiro demais, mas eu precisava que ela entendesse as diferenças óbvias entre ela e Sienna.

— A gente não saía junto — prossegui. — Eu nunca passava um tempo com ela se não estivesse chapado ou trepando. Puta que pariu, foi ela quem orquestrou todas as participações de mais uma ou duas pessoas.

Tenley arregalou os olhos.

— *Todas?* Foi mais de uma vez?

— Por que você está tão surpresa? Você foi à Dollhouse. Conheceu a Sienna. Você anda com a Sarah, sabe como ela paga a faculdade. Você viu as pessoas com quem eu andava. Nada disso devia ser um choque. Não posso ficar me desculpendo pelas merdas que fiz antes de conhecer você.

Meu estômago se revirou quando vomitei as palavras. Eu estava cansado de ficar olhando para trás e justificando por que tinha feito aquelas coisas.

— Não quero que você se desculpe.

— Então *o que* você quer?

— Eu só quero...

— O quê, Tenley? O que você quer? Quer que a nossa relação se resuma a necessidades básicas? Quer que eu seja a pessoa que vai comer você e mais nada? Sou complicado demais para você? Se for isso, acho que não sou a pessoa mais indicada, porque esses meus sentimentos idiotas vão atrapalhar. Lamento se isso é inconveniente para você.

Tenley parecia horrorizada.

— Isso é absurdo. O que fez você pensar que é isso que eu quero?

Cocei a cabeça.

— Não sei, talvez porque você tentou me dar assim que paramos de brigar ontem à noite. Ou porque acordou pelada na minha cama, hoje de manhã, querendo mais.

Mesmo à medida que dizia aquilo, eu sabia que não era justo.

— Você não pode estar falando sério! Eu acordei na sua cama porque você teve um pesadelo, e não para você me comer. Eu estava com saudades. Queria ficar com você por causa dos meus sentimentos por você, e não porque queria um orgasmo.

— Ah, bom, com você, é difícil saber — retruquei. — O que eu conheço é isso, Tenley. Brigas e sexo. Era o que a Sienna fazia. Ela me tirava do sério e aí me deixava descarregar a raiva transando. Esse cenário é familiar demais.

O que Tenley e eu tínhamos era mais do que só sexo, mas eu parecia não conseguir controlar minhas emoções. Nem meus medos.

Não era assim que eu achava que as coisas seriam naquela noite. A ideia era irmos buscar meu carro, comer algo rápido e depois eu voltar para o trabalho.

Então eu a convidaria para ir lá em casa no final da noite para ficarmos juntos. Não esperava uma briga no carro do noivo morto dela, incitada por uns amassos.

— Lamento que a Sienna fizesse isso com você, mas eu não sou ela. Às vezes as pessoas transam depois de discutir para se reaproximar, e não só pelo prazer. Era isso que eu queria; e não controle, vingança nem nada ruim. — Tenley esticou o braço para me tocar, mas, como me afastei, ela desistiu. — Eu estava morrendo de medo de você voltar para a Sienna enquanto eu estivesse fora. Ou de você encontrar outra para me substituir. Tive medo disso o tempo todo.

— Para começar, você não é substituível. E acha que eu não fiquei preocupado com a mesma coisa? Fiquei repassando na minha cabeça o que eu podia ter feito de diferente para manter você perto de mim.

— Eu nunca quis ninguém além de você.

— Como é que eu ia saber disso? Você me disse pra ir embora, cacete! Talvez, se tivesse feito alguma tentativa de falar comigo, eu não tivesse ficado na merda nessas últimas semanas. Uma ligação teria sido suficiente.

— Eu já expliquei por que não...

Ergui a mão, interrompendo-a.

— Eu sei que teve seus motivos, mas você não foi a única afetada pelas suas decisões. Nós dois temos um passado ruim. Não tem nada de simples nisso que está rolando entre a gente. Estou tentando deixar essa merda pra lá, mas você voltou faz menos de vinte e quatro horas. Além disso, se você não consegue superar as coisas que fiz, então talvez a gente não dê certo.

— O que você está dizendo?

Dava para sentir a ansiedade dela. Era tão grande quanto a minha, e eu me sentia péssimo pela onda de satisfação que isso provocava em mim. Tenley não escolheu o passado que teve, assim como eu não escolhi o meu.

— Não sei. Talvez a gente precise ir com mais calma. Recomeçar ou algo assim.

— Você está pedindo um tempo?

— Não. Acho que talvez a gente precise dar uma pisada no freio. Minha cabeça está uma zona com tudo isso, e, por mais que eu queira estar com você, não sei se vai ser bom para mim no momento.

— Estar comigo? — Ela apertou o volante e seus olhos se arregalaram em pânico. — Tipo...

— Tipo sexo. Precisamos de uma pausa nisso.

Os dedos dela relaxaram, mas as rugas de preocupação permaneceram.

— Por tempo indefinido?

Baseado em experiências anteriores, eu duvidava que fosse aguentar mais do que duas semanas. Mas não ia dizer isso a ela.

— Por um tempo. A gente precisa se resolver antes de seguir esse caminho de novo. Me faz sentir coisas demais, e eu não consigo lidar com isso.

— Tudo bem. Se você acha que é o melhor...

Eu a olhei com atenção.

— Já ouvi isso antes. Não dificulte as coisas para mim. Não vai ajudar nenhum de nós dois, só vai me deixar mais putado ainda com você.

— Não vou dificultar. Prometo.

Só deu tempo de buscar meu carro no pátio de rebocados e levá-lo de volta ao Inked Armor. Tenley pagou a multa, porque se sentiu responsável por meu carro ter sido rebocado. Depois, dei a ela as chaves do meu apartamento, porque ela queria ver como AG estava. Tenley ainda não tinha pedido para levá-la para casa, e eu não ia tocar no assunto. Não estava lá muito a fim de devolvê-la, mas o faria se Tenley quisesse — o que fazia de mim um babaca e me irritava pra cacete.

Nate apareceu às seis em ponto, e, a pedido dele, fomos olhar os rascunhos em uma das salas privativas. Aquilo significava que ele queria me interrogar, como praticamente todo mundo.

— Cassie me disse que a Tenley voltou — disse ele enquanto folheava as fotos da pasta e os desenhos que eu tinha feito baseado na nossa conversa.

— Foi.

— E como estão as coisas?

— Bem.

Ele ergueu os olhos do papel que estava examinando.

— As coisas estão um pouco tensas — corriji.

— Com certeza. Quer conversar sobre isso?

— Não, já conversei demais hoje.

Nate não insistiu. Ele reduziu as opções de desenhos para duas e apontou o que gostava em ambas. Seria fácil uni-las em um só. Pedi a ele uma semana para trabalhar naquilo e marcamos um próximo encontro.

— Os pesadelos por acaso melhoraram? — perguntou Nate enquanto eu colocava os rascunhos de volta na pasta junto com anotações que tínhamos feito.

— Não muito.

— Então pioraram?

Franzi a testa.

— Como você sabe?

— Estresse demais na sua vida. Essa história da Tenley deve ter ecoado a perda dos seus pais e a perda do controle.

— Sim, bom, talvez agora que ela voltou isso melhore.

Mas eu tinha minhas dúvidas quanto a isso. Os pesadelos tinham piorado nas últimas semanas, estavam cada vez mais vívidos, e eu tinha novos sonhos além daquele no qual eu encontrava os corpos dos meus pais e daquele em que Tenley assumia o lugar dos dois. Alguns sem dúvida eram lembranças. Outros eram menos claros. Os mais recentes me assustavam à beça.

— Você chegou a ver as fotos da cena do crime? — perguntei para não perder a cabeça.

— Não. Mas sei que você viu — respondeu Nate com cautela.

Assenti devagar, ruminando o que eu tinha visto e do que me lembrava. Fazia tanto tempo e eu era tão ferrado...

— Todas aquelas obras de arte da casa dos meus pais estão no depósito?

— Não joguei nada fora, então devem estar. Aonde você quer chegar? Tem alguma obra que você queira? Posso ir lá com você.

— Não sei. Você se lembra de eles por acaso terem levado alguma como evidência?

Aquela foi uma época nebulosa demais para mim. Nada daqueles meses que se seguiram à morte dos meus pais estava claro na minha cabeça, fora as

imagens dos cadáveres e partes do interrogatório posterior que me assombravam.

— Acho que não. Tem algo que você queira investigar?

— Você se lembra do anjo?

— Como? — A confusão de Nate era óbvia.

— Eu podia jurar que estava no chão, mas não aparece em nenhuma das fotos da cena do crime.

Mesmo enquanto dizia isso, comecei a duvidar de mim mesmo. Lembranças nem sempre são confiáveis.

— Desculpe, não estou entendendo — disse Nate, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos.

A intensidade com que ele me olhava me deixou desconfortável, então me fechei. Eu devia estar me lembrando de coisas que não aconteceram, devia estar parecendo um doente mental.

— Não é nada, é só um sonho idiota. Esquece.

— Você está se lembrando de coisas que não lembrava antes? Não é incomum isso acontecer anos depois de um trauma. Eu posso marcar para você conversar com alguém sobre isso se não se sente confortável comigo...

— Não comece, Nate...

— Ouça antes de dizer não. Conheço uma mulher. Ela é fácil de conversar. — Mesmo quando o interrompi, ele não parou. — Só estou sugerindo que você experimente. É só uma hora. Sem nenhum compromisso. Se não gostar dela ou se achar que não é para você, então a gente deixa pra lá.

— Vou pensar — respondi, apenas para fazê-lo calar a boca.

— Pense. — Ele deu um tapinha no meu ombro. — Se decidir que quer ir ao depósito, por qualquer motivo que seja, ou se quiser aceitar minha oferta, é só me ligar. Senão, a gente se vê na semana que vem.

— Até mais, Nate.

Fiquei mexendo nos rascunhos para evitar mais contato visual enquanto ele saía.

Eu ainda não tinha comprado a ideia. Falar sobre o assunto ia ressuscitar meu passado de merda. Eu não via nenhum benefício em me afundar na lama só para que algum ph.D. em mentes ferradas me dissesse que eu tenho

Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Rotular o problema não o faria desaparecer.



TENLEY

AG estava encolhida na cama de Hayden, dormindo em uma almofada minha. Ela ergueu a cabeça, soltou um miado grogue e repousou o queixo entre as patas. Eu me sentei ao lado dela e fiz carinho entre suas orelhas. Rolando de maneira graciosa, ela se espreguiçou, gostando da atenção. AG tinha crescido enquanto eu estive em Arden Hills, mas não muito. Eu gostava do fato de ela ainda parecer um filhote.

— Senti saudades de você — falei, fazendo carinho na barriga listrada com uma mancha branca no meio.

AG ronronou em resposta e pulou para o meu colo. Colocou as patas nos meus ombros e cutucou minha bochecha com o focinho. Eu me deitei sobre os travesseiros de Hayden; eles tinham o cheiro dele. Era outra coisa da qual eu sentira falta. Estava usando uma das camisetas dele quando saí de Chicago. Dormi com ela até perder o cheiro.

Hayden tinha trocado os lençóis antes de sairmos de casa naquela manhã. Embora a química inegável ainda estivesse presente, a conexão que tínhamos havia sumido. Eu só esperava que não tivesse se esvaído para sempre. A última vez que ficamos, logo antes de eu ir embora, tinha sido muito mais carinhosa. Eu queria ter contado a ele como me sentia. Ainda queria contar. Mas ele não estava preparado para ouvir, e eu tentava criar coragem para pronunciar as palavras. Elas não teriam peso algum se eu não conseguisse convencê-lo de que não iria embora de novo.

Fiquei com AG por mais tempo do que pretendia, perdida em lembranças e preocupações. Às nove, voltei ao Inked Armor. O estúdio ficaria aberto por mais uma hora, porém, se eu me mostrasse disponível, talvez Hayden decidisse que queria passar mais tempo comigo.

Ele estava atendendo um cliente quando entrei no estúdio. Ao menos aquele era homem, cliente antigo, dada a quantidade de tatuagens nos braços. Jamie e Chris também estavam ocupados; ambos ergueram a cabeça e acenaram para mim. Hayden parou a conversa e abriu um meio sorriso.

— Oi, gatinha — cumprimentou. — Vou levar um tempinho aqui ainda. A Lisa está no escritório vendo os orçamentos.

Mordi o lábio por dentro para evitar que meu sorriso ficasse escancarado demais. O fato de ele ainda estar usando aquele apelido só podia ser um bom sinal.

— Tudo bem. Vou ver se ela quer companhia.

O cliente ficou me olhando com um interesse especulativo enquanto eu passava por eles, mas Hayden não nos apresentou, então segui até os fundos. A porta da sala de Lisa estava aberta, mas bati mesmo assim. Antes, podia ser que eu tivesse entrado sem bater, mas eu não sabia quais eram os limites agora e não queria tomar nada como certo.

Lisa me olhou de trás da tela do computador enquanto os dedos voavam pelo teclado.

— Oi! Entre.

— Não quero interromper — avisei, ainda à porta.

— Interrupções são sempre bem-vindas, e a gente tem que botar o papo em dia. — Ela parou de digitar e voltou toda a atenção para mim. — Como foi o seu primeiro dia de volta?

— Bom.

Lisa se levantou e deu a volta na mesa, me puxando para um abraço. Era exatamente do que eu precisava.

— Desculpe ter colocado você em uma situação complicada — murmurei em meio ao cabelo cor de lavanda de Lisa. Ela o havia pintado enquanto eu estava fora. Antes era cor-de-rosa, como algodão-doce.

— Do que você está falando? — perguntou ela, me soltando.

— De todas as mensagens e e-mails enquanto eu estava fora.

— Ah, isso. Fui eu que corri atrás de você, e não o contrário, então você não precisa se desculpar por nada.

— Mesmo assim. Você é amiga do Hayden. Eu não queria prejudicar sua amizade com ele; foi por isso que não respondi logo.

Foram cinco dias de mensagens ininterruptas antes de eu responder a Lisa. Se Hayden tivesse feito o mesmo, eu teria jogado a toalha bem antes.

— Hayden é como um irmão para mim. Nossa relação é bem sólida. Além disso, alguém precisava manter você sob controle.

— Era isso que você estava fazendo?

— É claro. Você voltou bem a tempo. Eu já tinha planejado ir até lá se você não aparecesse até o final da semana.

Embora houvesse um tom brincalhão na voz de Lisa, eu tinha a sensação de que ela estava falando sério sobre o possível resgate.

— Como ele descobriu as mensagens?

— Domingo à noite, na casa da Cassie, estávamos lendo seu e-mail para ela, e ele viu. Não ficou nada contente. Mandou todo mundo se foder e tentou ir a pé para casa.

— Meu Deus.

Repensei nossas últimas conversas; o sentimento de traição devia estar fresco.

— Ele vai superar.

— Espero que sim.

— Mas você está bem? Está tudo resolvido em Arden Hills agora?

— Ainda tenho que resolver a questão da casa dos meus pais, mas isso não tem pressa e eu ainda não estou pronta. De resto, está quase tudo acertado.

Frank tinha entrado em contato para me garantir que o acordo da casa que os pais de Connor me deram tinha sido concluído sem problemas. Trey não tinha tentado falar comigo desde que eu fora embora. Os hematomas nos meus pulsos tinham diminuído e, dali a alguns dias, seriam apenas uma lembrança.

— Que bom. Se quiser conversar sobre isso, estou aqui. Até lá, tenho umas coisas para mostrar a você.

A persistência de Lisa em manter contato tinha sido legal. Ela não me pressionou por informações ou explicações, só queria ter certeza de que eu estava bem. Saímos do escritório e entramos na sala privativa de piercings. Lisa trancou a porta antes de pegar uma bandeja com as joias.

— Acabei de voltar e você já quer me coagir a fazer mais furos?

— Coagir não é muito necessário com você — brincou ela, revelando uma seleção ampla de piercings curvos.

Balancei a cabeça.

— Ah, não. De jeito nenhum. Piercings genitais levam semanas para cicatrizar.

— De quatro a seis para cicatrizar completamente...

— Como se isso fosse uma vantagem. *Com certeza* não é uma opção...

Lisa ergueu um dedo.

— Mas o tempo de cicatrização não restringe a usabilidade. Se você cuidar direitinho, pode botar sua amiga para funcionar com segurança depois de uma semana.

— Uma semana?

— Aham.

O sorriso dela e o brilho nos olhos eram maliciosos.

Olhei para a bandeja de piercings prateados bonitinhos, de vários estilos e tamanhos. Os motivos de Hayden para fazer uma pausa sexual eram compreensíveis. Um piercing me deixaria fora de campo e aliviaria a tentação de pressioná-lo. Seria bom para nós dois. E seria melhor para mim quando cicatrizasse, pelo que Lisa tinha me contado. Não que eu precisasse me preocupar com minha capacidade de gozar com Hayden por perto.

— Quando podemos fazer? — perguntei.

— Que tal agora?

— Agora? Mas...

Olhei para a porta fechada. Hayden ainda estava com o cliente e talvez demorasse mais um pouco.

— Vai levar dois minutos. Você só precisa tirar a parte de baixo da roupa.

Suspirei. Connor teria dado um ataque se eu sugerisse um piercing genital. Hayden, por outro lado, perderia a cabeça no bom sentido.

— Vamos fazer. Mas não vamos contar para o Hayden.

— Minha boca é um túmulo.

Esperei Lisa ajustar a cadeira. Os estribos me lembraram um consultório de ginecologista. Era provável que aquela experiência fosse igualmente desagradável, mas com um resultado mais prazeroso. Quando tudo ficou pronto, tirei a calça e a calcinha e me sentei na cadeira. Embora Lisa fosse minha amiga, não era mais constrangedor tê-la espiando minhas partes íntimas do que era com um ginecologista, provavelmente porque ela fazia aquilo parecer algo normal. Ela me explicou cada etapa do processo.

— Agora vai começar a parte mais desconfortável. — Lisa me mostrou a pinça. — Respire fundo.

Obedeci. O beliscão dolorido abafou a pontada rápida de dor quando ela perfurou a pele sensível com a agulha. Em seguida, colocou o piercing. Depois de se certificar de que a joia estava bem posicionada, soltou a pinça e o sangue voltou a circular na região.

— Pronto. Em umas seis semanas você pode começar a trocar, ver qual tamanho prefere.

Fechei as pernas, envergonhada.

— Bom saber.

Fora a palpitação chata, não era tão ruim assim. Eu me vesti enquanto Lisa limpava tudo. Tinha acabado de abotoar a calça quando a maçaneta girou.

— Tenley? Lisa? Vocês estão aí?

— Só um segundo! — gritou Lisa.

Ela jogou as luvas no lixo e eu abri a porta. Hayden estava do outro lado.

— Já terminou com o seu cliente? — perguntei, a voz aguda demais.

— Sim. — Hayden olhou de mim para Lisa. — O que vocês estão aprontando? Por que a porta estava trancada?

Ambas respondemos ao mesmo tempo:

— A Lisa estava vendo como o meu piercing transversal está cicatrizando...

— A Tenley queria que eu desse uma olhada nos piercings dos mamilos dela...

Hayden cruzou os braços, passou a língua pelo piercing do lábio e estreitou os olhos.

— Qual deles foi?

— Os dois. Eu queria que a Lisa desse uma olhada nos dois — respondi depressa.

— Seus mamilos pareciam bem hoje de manhã.

Imitei a postura dele.

— Mas não era neles que você estava concentrado, era?

— Acho que eu teria notado se houvesse algum problema. Estou bem familiarizado com os seus mamilos — retrucou Hayden.

— Vou ver se o Jamie ou o Chris precisam da minha ajuda.

Lisa tentou passar, mas Hayden bloqueou a porta.

— Ah, não vai, não. Quero saber que diabos está acontecendo. Isso não está me cheirando bem.

Lisa revirou os olhos.

— Ah, pelo amor de Deus, Hayden. Fica na sua. Mamilos femininos são diferentes dos seus mamilos pequenininhos de homem. Os nossos levam o dobro do tempo para cicatrizar, e, com toda a fricção que os da Tenley receberam hoje de manhã, estavam um pouco sensíveis. Ela queria ter certeza de que não corria nenhum risco de infecção. Agora veja o que você fez. — Lisa apontou para mim com as mãos. — Está deixando a menina com vergonha. Valeu por ser um babaca. — Lisa empurrou o ombro dele e saiu.

Hayden se virou para mim de novo, constrangido. Eu estava vermelha como um tomate. Não por vergonha, mas por não conseguir acreditar que Lisa tinha dado um jeito de inventar uma mentira.

Ele passou a mão pelo cabelo e depois a baixou até o peito, na altura dos piercings. Seu olhar desceu para meu peito.

— Merda. Desculpe. Eu não sabia disso tudo...

— Tudo bem. Eu pedi para a Lisa dar uma olhada por causa da nossa conversa hoje mais cedo.

Eu estava embarcando na mentira e me sentia mal por isso, mas não era como uma das minhas outras omissões. Aquela não ia causar nenhum mal.

— Certo. Claro. — Ele assentiu como um João-bobo. — Não tenho mais clientes para atender. Quer subir lá em casa?

Tentei não ficar animada demais.

— Tem certeza?

— Tenho.

Eu duvidava de que aquela proposta significasse o que significava antes, mas sorri, ficando tímida de repente.

— Eu adoraria.

No domingo à noite, Hayden pediu que eu fosse jantar na casa de Cassie. Todo mundo ia e ele queria que eu aparecesse também.

Sarah e eu já tínhamos nos visto algumas vezes até então. O perdão dela veio fácil, o que foi um alívio. Ela entendia melhor do que ninguém por que eu tinha ido embora, talvez porque fora exposta aos pesadelos que me atormentavam. Qualquer que fosse a razão, o apoio dela era uma bênção. Lisa parecia ser mais uma aliada fácil, mas ela sempre colocaria Hayden antes de mim. Hayden estacionou na rua, atrás do Tercel de Sarah. Fiquei feliz por ela já ter chegado.

Ao ver meu espanto com o tamanho do casarão, Hayden tocou minha nuca.

— Você está bem?

— Essa casa é linda.

— Nate a comprou há alguns anos, quando o mercado estava em baixa. Precisava de uma boa reforma, e ele é bom com imóveis. Foi assim que consegui o Serendipity antes que se tornasse mais um prédio ou um arranha-céu. Eu comprei o Inked Armor dele. Antes era uma barbearia.

— Eu achava que ele era psiquiatra.

— Ele é. Imóveis são um hobby.

— Hobbies não costumam ser um pouco mais relaxantes?

— Acho que para ele isso é relaxante. Vamos reformar um lugar juntos na primavera.

— Eu não sabia que você se interessava por esse tipo de coisa.

Hayden deu de ombros.

— Ele me fez essa proposta enquanto você estava fora. Achei que seria uma boa maneira de passar o tempo. — Hayden desligou o motor. — Melhor a gente entrar; eles devem estar esperando.

O jantar na casa de Cassie foi repleto de conversas sobre as festas de fim de ano. Ela me escalou para fazer cupcakes. No ano anterior eu estava no hospital, entupida de remédios, então não me lembrava de nada. Esse ano eu estaria lúcida o suficiente para sentir saudades das tradições. Meus enfeites, os que eu ganhava dos meus pais todos os anos, estavam em uma caixa no meu armário. Eu precisava comprar uma árvore para ter onde pendurá-los.

— Você está livre amanhã? — perguntei a Hayden depois do jantar, no caminho de volta para o Inked Armor.

— Sim. Por quê? Quer fazer alguma coisa?

— Vou fazer compras com Sarah e Lisa à tarde, mas quero comprar uma árvore de Natal também. Falta pouco mais de uma semana.

— Eu levo você para comprar uma de manhã. Podemos amarrá-la no teto do playboy-móvel.

— Podemos usar o meu carro.

— E arriscar estragar a pintura? De jeito nenhum.

Hayden odiava o carro de Connor e o fato de ainda estar estacionado atrás do Serendipity. Ele fizera um comentário qualquer sobre playboys metidos dirigindo BMWs. Connor não era um playboy, mas tinha seus momentos pretensiosos.

— Quer montá-la na minha casa ou na sua? — perguntei.

— Na minha. Com certeza na minha — respondeu ele. — A AG vai adorar essa merda.

Passamos pelo prédio dele e contornamos a esquina que dava no estacionamento atrás do Serendipity, pelo que concluí que eu não seria convidada para subir. Desde a primeira noite do meu retorno, um não tinha dormido na casa do outro. Fazia parte do plano de Hayden para nos ajudar a não tomar decisões ruins. Eu teria preferido tomar uma decisão ruim a dormir sozinha, mas passávamos tempo juntos quase todas as noites depois que ele saía do trabalho. Não era o suficiente, mas era melhor do que nada.

Hayden me deu um “boa-noite” intenso, que resultou em janelas embaçadas e em um nível altíssimo de frustração sexual da minha parte. Eu esperava que a cautela dele diminuísse com a chegada do Natal. Subi até meu apartamento. Ficar sem Hayden seria mais fácil se AG estivesse esperando por

mim, mas ela continuava na casa dele. Sarah também não estava em casa, então eu não tinha nenhuma distração pelo resto da noite.

Quando entrei, tirei os sapatos, pendurei a jaqueta e corri para o quarto. Tirei a roupa e remexi no armário em busca de algo para dormir. Desde a minha volta, descobrira que meu apartamento tinha duas temperaturas no inverno: “quente” e “sauna”. Não havia meio-termo. Determinada a revidar os amassos no carro, tirei o sutiã, vesti um corpete e um short e fui até a cozinha pegar uma bebida. Ao passar pela janela, abri as cortinas, me sentei na soleira e esperei.

Eu fazia aquilo todas as noites logo que fui morar ali, antes de entrar no Inked Armor e tudo mudar. Tinha retomado esse hábito. O melhor era que agora eu sabia localizar o apartamento de Hayden naquele paredão de janelas do outro lado da rua. Tínhamos adotado um novo ritual antes de dormir, e isso tornava as noites com nós dois separados mais fáceis de enfrentar.

Meus olhos se voltaram para a placa do Inked Armor. Continuava acesa, emprestando um brilho suave à calçada. Enroladas em cachecóis, chapéus e casacos pesados, as pessoas andavam apressadas pelas ruas. Olhei para os apartamentos acima do estúdio e sorri quando uma luz se acendeu na janela quase logo em cima do Inked Armor. Alguém abriu as cortinas e uma figura eclipsou a luz.

O perfil de Hayden surgiu, a luz contornando seu corpo. Ele tinha tirado a camisa. Uma camiseta fina cobria a maior parte das tatuagens, mas era justa o suficiente para proporcionar uma boa visão dos ombros fortes e do peito largo. Eu gostava mais quando ele aparecia vestido apenas com as tatuagens, mas tinha que me contentar com o que aparecesse. AG estava em seu lugar preferido: deitada nos ombros dele.

Meu telefone tocou.

— Oi. — Ergui a mão em um aceno, e ele imitou o movimento.

A voz grave de Hayden encheu meus ouvidos:

— Você trocou de roupa.

— Estou pronta para dormir.

— Acho que você está com pouca roupa, considerando o tempo.

— Está quente aqui.

Brinquei com a alça do meu corpete, olhando para o perfil escuro dele na janela abaixo de mim.

— Não acha que vai ficar com frio?

— Não ficaria se você estivesse aqui — sussurrei, esperançosa.

O suspiro pesado dele revelou que eu estava forçando a barra.

— Você disse que não dificultaria as coisas para o meu lado.

— Não foi minha intenção.

— Tem certeza?

A postura dele refletia o tom de voz: era dura. Eu não queria que ele ficasse bravo comigo. Não quando eu estava dormindo em casa.

— Só estou com saudades. — Coloquei os dedos nos lábios e toquei a janela.

Houve uma pausa longa. Quando ele voltou a falar, já não havia tensão em sua voz.

— Não estou longe. Boa noite, gatinha, vejo você de manhã.

— Boa noite, Hayden.

Ele desligou e ergueu a mão em um aceno de despedida antes de fechar a cortina. Alguns minutos depois, a luz do quarto dele se apagou. Fiquei na janela por um bom tempo. Levei séculos para pegar no sono depois que enfim fui para a cama, sabendo que Hayden estava perto, mas longe do meu alcance.

Meu celular me acordou no meio da noite.

— Tenley? — disse Hayden com a voz hesitante.

— Estou aqui. Está tudo bem?

Eu me sentei, piscando para desembaçar a visão. Eram três da manhã.

— Eu tive outro... — Ele tossiu. — Você não estava aqui do meu lado, e eu precisava saber que você está bem. Desculpe.

— Não tem problema. Está tudo bem. — Fiquei ouvindo a respiração assustada dele enquanto saía da cama e ia até a janela que dava vista para o apartamento dele. Ele estava à janela, como poucas horas antes. — Quer que eu vá até aí?

Ele deslizou os dedos pelo vidro.

— Por favor.

— Me dê cinco minutos.

Mantive Hayden na linha enquanto me vestia, acalmando-o, garantindo que estava a caminho.

Ele me encontrou na porta do prédio, embora eu tivesse as chaves, e só desligou o telefone quando me viu bem diante dele. Seu cabelo estava uma bagunça: as laterais, espetadas; a parte de cima, arrepiada em alguns pontos e achatada em outros. Os olhos estavam vermelhos e o maxilar, tenso.

— Foi o mesmo pesadelo? — perguntei enquanto ele me apertava contra si, enterrando o rosto no meu cabelo.

Até onde eu sabia, os pesadelos de Hayden tinham se tornado diários.

— Mais ou menos. Sempre começa igual, mas depois muda.

Ele me levou até o elevador, apertando o botão até que a porta se abrisse. Deixei minha ansiedade de lado e entrei; Hayden precisava da minha força mais do que eu precisava da dele. Lá dentro, ele abriu os botões do meu casaco com rapidez. Sua mão gelada entrou por baixo do meu moletom até minha clavícula e então desceu pelas minhas costas. Assim como na noite em que voltei, aquilo não era sexual.

A mão dele continuou pressionando minha pele até o elevador chegar ao andar e as portas se abrirem. Ele estava agitado demais para conseguir enfiar a chave na fechadura, então eu mesma abri a porta. AG foi nos receber na entrada, enroscando-se em nossas pernas. Hayden nem se preocupou em guardar os sapatos quando entramos, tamanha era sua ansiedade. Guardei-os no armário, junto com os meus.

— Quer me contar sobre o pesadelo? — perguntei ao sentarmos no sofá, ele com um copo de uísque e eu com um copo de água.

Talvez ele precisasse do álcool para afastar a agitação, mas eu queria estar com minhas faculdades mentais plenas. Minhas pernas estavam enroscadas nas dele, e seu braço estava nas minhas costas, me puxando para o mais perto possível, sem ficar em cima de mim.

— Antes, eu sonhava que não conseguia chegar até você. Agora eu consigo, só que, quando me aproximo o suficiente para te tocar, você desaparece. Aí tem os outros sonhos, que são mais lembranças do que qualquer outra coisa. Não

consigo tirar tudo isso da cabeça nem quando estou dormindo nem quando estou acordado. Parece que não consigo me livrar disso.

Acaricieei o rosto dele com o dorso da mão. Era difícil ver o inconsciente de Hayden brincar com seus medos.

Ele ficou em silêncio por um momento antes de dizer em voz baixa:

— E se alguma coisa acontecer com você? E se não houver nada que eu possa fazer para impedir? E se alguém tirar você de mim de novo?

Eu me aconcheguei ainda mais nos braços de Hayden, tentando confortá-lo com a proximidade.

— Ninguém vai me tirar de você.

— Você não tem como saber. Mesmo que prometa ficar aqui, mesmo que eu acredite nisso, algo pode acontecer. E aí, como eu fico? Sozinho de novo. Vou ficar sozinho, tendo comigo só esses malditos pesadelos. Minha cabeça está cheia demais. Eu não consigo... Não consigo... — O pânico o dominou.

Durante os primeiros meses que se seguiram ao acidente de avião, o pânico me assombrava como um fantasma. Aquele sentimento de impotência e de descontrole, de que aquilo de que eu mais precisava ia desaparecer a qualquer momento. Na época, o que eu mais precisava era da medicação. Agora, era dele.

Tirei o copo da mão de Hayden antes que ele o esmagasse. Então subi em seu colo para abraçá-lo. Ele se agarrou a mim enquanto eu sussurrava palavras tranquilizadoras. Éramos muito parecidos em nossa dor. Se ao menos conseguíssemos neutralizá-la...



HAYDEN

Cinco dias. Foi esse o tempo que durou o boicote às noites juntos, mas, mesmo com Tenley em minha cama, eu não conseguia me livrar dos pesadelos. Estavam piores do que nunca. No entanto, ao menos com ela ao meu lado, os sonhos não a incluíam.

Algo em mim tinha despertado. A muralha que ergui desmoronara e eu não estava conseguindo reconstruí-la. Tudo o que nunca quis lembrar sobre a morte dos meus pais estava ressurgindo com uma clareza que me acordava de madrugada, suado e trêmulo.

Eram seis da manhã. Tenley estava dormindo na minha cama. Eu deveria ficar ao lado dela, mas era inútil, pois só conseguia rolar sob as cobertas, então fui me sentar no sofá da sala. A árvore de Natal que Tenley e eu tínhamos montado naquela semana piscava com entusiasmo do outro lado do cômodo. Decoramos a árvore juntos, com os enfeites que Tenley trouxe, e o brilho das luzes brancas cintilantes era uma contrapartida amarga ao meu humor sombrio. Meu laptop estava aberto na mesa de centro. Eu estava lendo uns artigos sem parar, procurando alguma informação. Qualquer coisa que ajudasse a entender as lembranças que eu não conseguia bloquear de novo na seção ACESSO PROIBIDO do meu cérebro.

Eu não podia mais ignorá-las. As lembranças tinham lacunas que eu queria preencher. Muitas coisas daquela época eram vagas, exceto a semana anterior ao assassinato dos meus pais. Minhas ações daquele tempo deram início a tudo.

Minha mãe bateu à porta do meu quarto. Enfiei a revista pornô debaixo das cobertas e toquei no mouse do laptop. O trabalho medíocre de Estudos Sociais que eu tinha terminado três dias antes apareceu na tela.

— *Pode entrar.*

Ela enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Estamos saindo.

— Beleza. Você está bonita.

Não falei isso só para puxar o saco, mas porque era verdade. Minha mãe usava um vestido vermelho. Seu cabelo escuro estava preso, afastado das linhas delicadas do rosto.

— Não acha que é demais?

— Papai disse alguma coisa?

Se ela fosse questionar a decisão de roupa minutos antes de terem que sair, eu ia deixar que a culpa fosse dele.

— Não, não. Eu só estava pensando se devia ter escolhido o vestido preto.

— Vermelho é melhor. Mais autêntico.

Sorri, e um sorriso genuíno iluminou o rosto de minha mãe enquanto ela alisava a saia. Minha mãe tinha curvas, como uma mãe devia ter. Não era como aquelas superplastificadas estilo Mulheres Perfeitas com quem ia sair naquela noite. Com certeza estariam todas de preto ou com alguma estampa de animal monstruosa. Graças a Deus eu era velho demais para ser arrastado àqueles eventos chatos.

— Vocês vão voltar tarde?

— Lá pela meia-noite. Não chame nenhum amigo aqui enquanto estivermos fora.

— Claro que não, mãe.

— Estou falando sério, Hayden. Nada de amigos. Seu pai vai vender aquele carro e você vai andar de ônibus até conseguir comprar um.

— Tudo bem. Nenhum amigo em casa. Prometo — falei para evitar o sermão que estava por vir.

— Se você for sair, tranque as portas e volte antes de dez e meia. Não mais do que isso.

— Ok. Divirtam-se.

Apertei algumas teclas do laptop para fazer parecer que eu precisava voltar ao trabalho.

Ela deu uma olhada ao redor.

— *Eu ia pedir para você arrumar o quarto, mas seria inútil.*

Meu pai a chamou do andar de baixo e os saltos dela fizeram ruídos no piso de madeira quando se virou para ir.

— *Hayden?*

Olhei para ela.

— *Eu te amo. Você sabe disso, não sabe?*

— *Sim. Claro. Também te amo, mãe.*

Meu pai a chamou de novo, impaciente.

Esprei até o carro sair da garagem para pedir que Damen fosse me buscar. Estava sem as chaves do carro havia duas semanas, quando uma garota que peguei vomitou em todo o banco traseiro. As chaves seriam minhas de novo quando eu arranjasse o dinheiro para pagar a limpeza. Enquanto esperava Damen, virei meia garrafinha de vodca que uma menina do meu trabalho de meio período tinha comprado para mim.

Meu pai trancara o armário de bebidas muito tempo antes, por causa da quantidade de vezes que o assaltei. Chequei minha carteira. Já tinha torrado meu salário e só tinham sobrado dez pilas. Fui até o quarto dos meus pais e ergui o quadro da parede que encobria o cofre.

Inseri a senha e sorri quando a trava se abriu. As melhores joias da minha mãe e o pé-de-meia do meu pai estavam guardados ali, ao lado de uns papéis do banco. Peguei duas notas de vinte, guardei-as na carteira e tranquei o cofre. Eu só me sentia um pouco mal por pegar o dinheiro. Devolveria quando recebesse o salário no final da semana.

— *Olhe só para você, Missão impossível — disse Damen, da porta.*

Larguei o quadro no chão. O canto da moldura tirou uma lasquinha da madeira.

— *Porra, você me assustou! Como é que conseguiu entrar aqui?*

— *Pela porta. Eu bati primeiro.*

Franzi a testa. Meus pais trancavam a porta quando saíam. Pendurei o quadro de volta na parede, ajustando-o até que estivesse perfeitamente alinhado. Um arranhão marcava o canto da moldura que tinha atingido o chão. Dei uma esfregada, mas a marca não saiu. Torci para que meu pai não percebesse.

— *Que merda é essa, um anjo da morte?* — perguntou Damen, olhando para o quadro. *Era um anjo pintado em tons de vermelho.*

— *Cala a boca. Foi minha mãe que pintou.*

— *É esquisito pra cacete.*

Ele pegou um brinco de diamante que minha mãe tinha deixado na cômoda, rolando-o entre os dedos.

Tirei a joia da mão dele e a coloquei de volta no lugar.

— *Não toque em nada. Meu pai vai perceber se a gente mexer em alguma coisa.*

— *Relaxa, cara. Vamos lá, as garotas estão no carro.*

— *Ah, é?* — *Dei uma olhada em volta para conferir se não tinha nada fora do lugar.* — *Quem você trouxe dessa vez?*

— *Umhas aleatórias. Não se preocupe, tem uma para você.*

Sorri.

— *Vamos nessa.*

Damen pegou a garrafinha da minha mão e acabou com ela enquanto descíamos a escada. Tranquei a porta e peguei a chave reserva no vaso de planta antes de segui-lo até a SUV estacionada na rua.

Damen era alguns anos mais velho do que eu. Ele gerenciava um estúdio de tatuagem chamado Art Addicts, onde eu fizera um piercing na sobrancelha. Eu tinha voltado algumas vezes com amigos e descobri que ele mantinha um negócio paralelo meio ilegal. Ele possuía contatos e parecia conhecer muitas piranhas. Graças a isso, era uma companhia interessante.

Algum idiota que eu não conhecia estava no banco da frente, olhando pelo parabrisa. Abri a porta de trás e uma nuvem de fumaça saiu. Dois caras vagamente familiares estavam no meio, e, espremida entre eles, uma garota que eu tinha visto no estúdio de tatuagem. Ela olhou para mim e depois por cima do ombro para duas meninas sentadas bem nos fundos. Não reconheci nenhuma. Ambas usavam maquiagem demais nos olhos. Sentei entre as duas.

— *Uma delas é para mim* — avisou Damen ao dar a partida.

— *Ah, é?* — *Coloquei um braço em volta de cada.* — *Qual delas é minha?*

— *Eu* — responderam as duas ao mesmo tempo.

— *Vou só manter as duas entretidas até você ficar livre, ok?* — falei.

— Não precisa entreter demais. Não gosto de restos.

A música explodiu pelos alto-falantes, tornando impossível continuar a conversa. Não que fosse necessário.

Era meia-noite e meia quando cheguei em casa. Eu estava muito bêbado. E mais chapado ainda. Não vi o carro dos meus pais na rua, então deduzi que não tivessem chegado em casa. Eu estava enganado. Eles tinham estacionado na garagem. Meu pai estava sentado na escada quando entrei, a gravata frouxa em torno do pescoço, a camisa para fora da calça, os primeiros botões abertos. Ele estava calmo, o que significava que estava bravo pra cacete.

Ouvi o barulho suave de passos vindo do corredor de cima.

— Ele chegou?

Minha mãe apareceu no topo da escada, com os olhos vermelhos. Ela havia chorado. Vestiu o robe de cetim azul e desceu, passando por meu pai, que ainda não tinha se mexido.

— Ah, graças a Deus! Você não tem ideia de como eu estava preocupada. Eu disse dez e meia. Fui bem clara. — A voz dela falhou.

Eu me senti um bosta ao ouvir aquilo. Era essa a intenção dela.

— Desculpe, mãe. Perdi a noção do tempo.

— Já passou da meia-noite! Você tem aula de manhã! Por onde você andou? O que aconteceu com o seu pescoço?

Ela era bem mais baixa do que eu, ainda mais sem salto, e tinha que erguer a cabeça para me olhar nos olhos. Eu não conseguia me concentrar direito; a combinação de maconha e álcool tinha me deixado letárgico e descoordenado. Ela me segurou pelo queixo e forçou minha cabeça para o lado.

— São chupões? Com que tipo de mulher você tem andado? Que cheiro de bar! Para mim já deu, Hayden. Aonde é que isso vai chegar?

A raiva dela fez surgirem mais lágrimas. Fiquei ali parado, me sentindo o adolescente de merda que eu era.

— Tudo bem, Eleanor, eu assumo daqui — disse meu pai, levantando-se da escada e colocando a mão no ombro dela.

Ela se virou e apontou o dedo na cara dele.

— Não! Não me trate como se eu fosse frágil demais para lidar com isso. Eu o pari. — Ela se voltou para mim de novo. — Posso conviver com esses buracos na

sua cara, Hayden, mas isto... — Apontou para o meu pescoço. — Não acho nada legal você passar seu tempo com uma menina que considera isso algo apropriado. E se você engravidar a garota? O que vamos fazer? Sou jovem demais para ser avó! Sem falar nas bebidas e nas drogas. E não tente negar, Hayden. Não sou burra. Conheço esse cheiro!

Coloquei as mãos nos bolsos, me balançando para a frente e para trás, e soltei:

— Não acho que você seja burra, mãe.

Meu pai me lançou um olhar capaz de derreter a tinta das paredes.

— Eleanor, eu concordo. Você tem todo o direito de estar chateada com ele. Mas essa conversa vai ser mais proveitosa de manhã, quando ele estiver sóbrio.

Ela pareceu perceber que meu pai tinha razão. Com um floreio gracioso, ergueu a barra do robe e voltou para o andar de cima. Travessa, nossa gata preta e branca, que me odiava, miou para mim e a seguiu.

Quando a porta do quarto dos meus pais bateu, meu pai se virou. Os braços dele estavam esticados ao lado do corpo, mas os dedos fechavam e abriam repetidamente; sua decepção e sua exaustão eram óbvias. Ele estava ficando cansado. Não gritou. Não xingou. Não me pôs para fora de casa. Qualquer uma dessas coisas teria sido melhor do que o que ele disse:

— É melhor você pensar bem no que está fazendo com a sua vida, filho. As decisões que você tomar agora terão impacto direto no seu futuro. Se não tomar cuidado, você vai acabar matando a sua mãe antes da hora. E se sobrarmos só você e eu? Bom, não sei se vamos sobreviver a isso.

Menos de uma semana depois, eles estavam mortos.

— Hayden? O que está fazendo acordado tão cedo?

Tenley estava parada no meio da sala, o cabelo desgrenhado. Ela usava uma das minhas camisetas pretas de manga comprida e short por baixo. Ainda não tínhamos transado desde a primeira noite em que ela voltou para casa. Fazia oito dias que só nos beijávamos. Eu estava ficando maluco. E, em momentos como aquele, quando eu precisava de uma distração de toda a merda que passava pela minha cabeça, eu queria que tudo se fodesse e, bom, foder Tenley.

— Estava dando uma olhada em umas matérias.

— Às seis da manhã? Há quanto tempo você está acordado?

— Uma hora, não sei bem.

Tenley atravessou a sala, se sentou ao meu lado e olhou para a tela do notebook aberto em cima da mesa de centro.

— Você se importa se eu ler?

— À vontade.

Eu a queria mais perto, então a coloquei no meu colo enquanto ela lia a matéria. Fiquei imaginando o que ela pensaria do assunto. Tenley clicou nos links que eu tinha salvado. Quando o caso foi arquivado, as reportagens foram diminuindo.

— Você tem lido bastante sobre isso nos últimos tempos.

— Sim. Mas não chego a lugar nenhum, como você pode ver. Continuo analisando porque tem coisas que simplesmente não se encaixam, sabe? Houve problemas com as evidências, mas as matérias não dizem nada sobre isso.

Ela colocou meu cabelo atrás da orelha. Eu precisava cortá-lo.

— A falta de uma conclusão deve ser terrível.

Peguei as mãos dela e beijei seus dedos.

— Quero respostas. Quero que faça sentido. Tem algumas imagens... — Balancei a cabeça para espantar as lembranças. — E o cheiro... Acho que foi a pior parte. Por um bom tempo, achei que isso fosse passar, mas não passou. Não consigo me lembrar muito bem de um monte de coisas. A noite em que tudo aconteceu é quase uma névoa até a hora em que cheguei em casa. Aí tudo fica bastante claro, em alta definição.

O sorriso de Tenley era triste.

— Sei o que você quer dizer sobre o cheiro. Algumas partes do acidente são buracos negros, mas outras... — Os pelos do braço dela se arrepiaram. — Os aromas provocam as piores lembranças.

Era exatamente isso. A morte violenta tem um odor específico. O resíduo era como uma mancha negra na minha vida que eu não conseguia apagar, não importava quanto tempo passasse.

Depois de um minuto de silêncio em que ficamos envoltos em lembranças ruins, Tenley me deu um beijo na testa.

— Eu sei que falar sobre isso é difícil, mas será que você já considerou...

— Se você vai falar em terapia, pode parar por aí. Nate tem me enchido o saco sobre isso há anos.

Ela pareceu surpresa.

— Você nunca falou com ninguém sobre isso?

— Estou falando com você.

— Quero dizer um profissional.

— Para quê? Eu já sei por que sou ferrado. Não preciso que alguém me diga isso por cem pratas a hora.

— Você não é ferrado, Hayden. — Ergui a sobrancelha, e Tenley suspirou. — A questão não é o porquê. A questão é encontrar maneiras de lidar com o que você passou para que isso não domine a sua vida. Foi por isso que eu decidi frequentar um grupo de apoio ao luto.

— O quê? Quando você vai fazer isso?

— Tem um grupo que vai começar em janeiro na universidade. Já faz um ano... Está na hora.

Deslizei as mãos pelos braços dela.

— Mas você já superou. Não foi para isso que voltou a Arden Hills?

— Foi o primeiro passo de muitos. A cerimônia de homenagem, embora tenha sido terrível na hora, ajudou em alguns aspectos, e a questão dos imóveis foi resolvida. Mas o resto... Eu ainda cultivo muita culpa. Vai levar um tempo até eu conseguir me livrar disso.

Eu entendia a culpa. Algumas vezes o sermão do meu pai reprisava em loop constante na minha cabeça. Se eu tivesse tomado decisões diferentes, talvez eles ainda estivessem vivos. Se meus pais não estivessem tão preocupados com as minhas escapadas, teriam ficado mais tempo no evento da noite em que morreram. Mas eles voltaram para casa cedo e foram mortos na cama. Enquanto eu estava fora enchendo a cara com Damen.

Encarei Tenley com ceticismo.

— Será que falar sobre o assunto não vai só fazer toda a merda ressurgir?

— Provavelmente, sim. Mas eu não posso guardar tudo dentro de mim e deixar ali apodrecendo.

Não falei mais nada. Sete anos depois, eu ainda estava furioso; ainda me fechava em muitos sentidos; ainda forçava os limites.

— Enfim, não era a isso que eu queria chegar. Não sei bem como funcionam casos como o seu, mas não deveria ter um documento ou algo que você possa acessar? Talvez em um arquivo público?

— Deve ter. Nunca fui atrás disso.

— Será que a polícia local não tem essas informações?

Zombei da ideia:

— Sim, e eles ajudaram pra caramba quando aconteceu. Você conheceu aquele babaca do Cross. Foi por causa dele que tudo deu tão errado, para começar.

— Mas deve ter tido outros agentes trabalhando no caso. Talvez valha a pena dar uma olhada. Pode ser que você consiga um pouco de paz.

O argumento dela fazia sentido. Fazer algo proativo seria melhor do que ler as mesmas porcarias de matérias o tempo todo sem chegar a lugar algum, apenas afundando mais na minha própria cabeça.

— Podemos mudar de assunto?

— Claro, eu não queria forçar nada. Quer conversar sobre outra coisa?

Ela estava com o braço em torno do meu ombro, os dedos deslizando para cima e para baixo da minha nuca até o meu cabelo. Aquilo era bom. Mais do que bom, na verdade.

— Não quero conversar mais.

— Ah. Tudo bem. Quer um pouco de espaço? Posso voltar para casa...

— Não, também não quero isso.

Puxei-a para mais perto e ela se mexeu de leve, acomodando a bunda entre as minhas pernas. Meu pau cresceu, sentindo a proximidade dela. Se percebeu, ela não disse nada. Em vez disso, os dedos de sua outra mão começaram a contornar as tatuagens do meu braço. Começando no meu pulso, ela seguiu as videiras até o coração sangrento na dobra do cotovelo, onde as flores explodiam em vida.

Tenley não tentou ir além da manga da camiseta. Depois de nossa conversa no carro — na qual eu praticamente tive um chique por ela ter ido embora e coloquei as cartas na mesa —, ela não tinha forçado mais nada. Ficava mais do que feliz por estar comigo no meu apartamento, sem nem uns amassos.

Mesmo na cama ela ficou toda comedida, não se despiu e evitou posições que pudessem encorajar o contato de certas partes do corpo. Pela manhã, quando a abraçava de conchinha e a droga da minha ereção espetava a lombar dela, ou nos ótimos dias em que meu pau se aninhava na fenda de sua bunda, Tenley não se esfregou em mim. Aquilo estava me deixando louco. Eu não fazia ideia de onde traçar o limite e, quanto mais o tempo passava, mais queria ultrapassá-lo. Se ela ao menos tivesse começado alguma coisa, então eu teria a desculpa de que precisava para avançar. Assim eu teria a conexão pela qual estava desesperado, da única forma que eu sabia como consegui-la.

Eu a puxei para mim, minha mão descendo para sua coxa nua. Então ergui o quadril, uma tentativa furtiva de conseguir um pouco de fricção. Os dedos de Tenley ficaram imóveis e ela ergueu a cabeça. Meus olhos desesperados encontraram o olhar questionador dela. Eu deveria ter perguntado a Lisa que merda seria um tempo adequado. Eu não fazia a menor ideia. Os dedos de Tenley estavam em ação de novo. Subiram pelo meu braço, passando do ombro ao pescoço, subindo pelo maxilar, até que não estavam mais contornando minhas tatuagens, mas minha boca. Abri os lábios, e ela aceitou o convite. Seu polegar deslizou para dentro. Eu o mordi e chupei, sentindo a crista suave da unha e o calor da pele. Libertando o dedo, ela o substituiu pelos lábios, o atrito mais suave de pele sobre pele. Ela continuou, beijos se prolongando, tornando-se mais intensos.

Quando Tenley se virou, devagar, me dando a chance de interrompê-la, eu não parei. Em vez disso, encorajei-a a abrir as pernas e montar em mim. Aquele calor molhado estava a poucos centímetros de distância, e eu precisava dele naquele momento, embora o tecido impedisse o contato direto. A bunda de Tenley era como um ímã para minhas mãos, que foram para lá no mesmo instante, agarrando a carne macia e delicada.

Meu pau estava em êxtase. Se ele tivesse mãos, teria rasgado minha calça de moletom, tirado aquele short patético que ela estava usando e mergulhado de cabeça. Em vez disso, ele dava socos inúteis no tecido, e eu emiti um ruído aflito porque minhas bolas estavam apertadíssimas, a ponto de explodir.

Quando as mãos de Tenley desceram pelo meu peito até a bainha da minha camiseta, segurei-as por reflexo.

— Isso não precisa acabar em sexo — disse ela. — Eu posso só te dar prazer. Posso fazer isso?

Minha boca disparou antes do meu cérebro, provavelmente porque todo o sangue do meu corpo estava concentrado no membro acomodado entre as pernas de Tenley.

— Não sei se... eu quero...

— Não somos adolescentes, Hayden. Não precisamos ficar presos na primeira marcha para sempre. Podemos ir até onde você se sentir confortável. Me diga o que você quer e eu dou.

Como se fosse fácil assim.

Nossas mãos se uniram. Então ela levou os lábios ao dorso da minha mão. Como não a impedi, Tenley mordeu uma articulação e deu um beijo molhado. Uma promessa do que estava por vir caso eu cedesse às minhas restrições ilógicas.

Ela guiou minhas mãos até suas coxas, logo abaixo da barra do short. Com a boca, seguiu uma trilha por meu maxilar até chegar aos lábios. Nossas línguas se encontraram em um movimento despreocupado, que se repetiu até eu acreditar na falsa segurança de que não levaríamos aquilo adiante. Os dedos dela passaram para cima e para baixo nos meus antebraços na mesma velocidade lânguida, então desceram e passaram por baixo da bainha da minha camiseta. Fiquei imóvel.

— Só quero ver você. Sinto falta de olhar para você.

Dito dessa maneira, parecia um pedido razoável.

Ergui os braços e Tenley tirou minha camiseta. Dobrou-a com cuidado e a colocou no braço do sofá. Ela começou nos meus ombros, alisou meu peito e minha barriga e subiu de novo. Depois, seus dedos começaram a contornar minhas tatuagens. A exploração era quase dolorosa de tão lenta, mas não reclamei. Aquele toque era exatamente do que eu precisava; o que me tinha sido negado por muito tempo. Eu não conseguia lembrar por que achei que fazia sentido prolongar o sofrimento.

Então ela desceu mais.

Apertei suas coxas com mais força.

Ela me encarou.

— Não quer que eu toque você? Mas está tão duro...

Falar isso não ajudou na minha determinação.

— Por favor... Você fica assim o tempo todo. Deve ser uma tortura. Eu posso dar fim a isso.

Eu não podia negar essa verdade: eu *sempre* estava duro perto de Tenley. Sentir dor nas bolas o tempo todo era uma merda.

Ela se aproximou, e sua boceta quente, coberta de algodão, aninhou-se bem em cima do meu pau. Ela rebolou devagar. Seus lábios subiram do meu ombro para o pescoço, e daí para a orelha. Ela sussurrou:

— Eu só quero *tocar*.

Tenley acariciou o contorno do meu pau tenso, e eu não tinha força de vontade para detê-la. Só conseguia pensar em como seria *bom* quando não fosse a minha própria mão fazendo o serviço.

As unhas dela estavam mais longas do que eu já tinha visto, as pontas brancas fazendo uma leve curva. Ela começou a desfazer o nó da calça. Observei com uma expectativa extasiante. Nunca tinha ficado excitado daquele jeito com apenas uma maldita masturbação. Assim que o nó se desfez, Tenley deslizou a mão por baixo do cós.

Quando afagou a cabeça, eu gemi, olhando para o pulso dela, que surgia do tecido escuro. Ela murmurou em aprovação enquanto circundava o piercing. Sua mão quente envolveu meu pau e o libertou da calça. Ele estava pronto para explodir, a cabeça quase roxa. O polegar dela deslizou para a frente e para trás na fenda. A sensação era tão boa que parecia irreal.

— Olhe só para você — murmurou ela. — Precisa de um pouco de alívio, não é?

Um grunhido animalesco foi tudo o que consegui emitir.

A outra mão de Tenley, que repousava no meu peito, se uniu à primeira. Ela entrelaçou os dedos, circundando meu pau, um polegar por cima do outro. Os movimentos lentos começaram. Curvei o quadril e senti o raspar abrasivo do algodão contra a cabeça. A camiseta grande demais que ela vestia estava no meio do caminho, atrapalhando principalmente minha visão.

— Solta por um segundo — falei, com os dentes cerrados.

— O quê? — Ela apertou ainda mais.

Puxei a bainha da camiseta dela e me aproximei para beijar seu pescoço.

— Quero que você tire isso.

— Ah.

Ela fez o que eu pedi. Soltei um ruído sufocado porque ela não estava mais me tocando. Então Tenley moveu o quadril e minha ereção ficou exatamente entre o algodão do short dela e a pele nua da parte interna de sua coxa. E, *nossa*, como estava quente.

Assim que ela tirou a blusa, suas mãos voltaram ao devido lugar, e mechas de seu cabelo, macias como cetim, fizeram cócegas no meu peito. Tirei-as da frente e envolvi seus seios, meus polegares acariciando os mamilos enrijecidos. Fui recompensado com um suspiro suave.

Com a mão no meu ombro, ela se ergueu de joelhos e usou a cabeça do meu pau para empurrar o short para o lado. Embaixo dele havia uma calcinha de cetim macio, com uma textura muito mais agradável que o algodão. Tenley ficou vermelha quando olhou para baixo para ver o próprio corpo se esfregando no meu, a bolinha de metal lisa do meu piercing deslizando bem em cima do clitóris dela.

Ela manteve um ritmo estável, enrijecendo o corpo ao soltar um palavrão junto com mais um movimento agressivo do quadril. Vê-la se esfregando em mim era fascinante, os seios balançando. Meus olhos estavam no mesmo nível deles, então me inclinei e cobri um mamilo com a boca, roçando a língua no piercing. Ela ofegou e tremeu, me apertando ainda mais, acelerando o movimento. Segurei seu quadril enquanto os movimentos dela ficavam mais frenéticos.

Os olhos de Tenley encontraram os meus. Uma emoção parecida com choque atravessou seu rosto, substituída por um êxtase que beirava a agonia.

— *Caralho*.

O som que se seguiu foi a coisa mais sexy que já ouvi. O corpo de Tenley estremeceu e ela se curvou para a frente, afundando-se em mim e ofegando no meu pescoço. Vê-la gozar daquela maneira me deixou no limite.

Tenley murmurou alguma coisa no meu pescoço e seus lábios foram ao encontro dos meus. Apesar de ter gozado, seu beijo era repleto de necessidade contida e desejo. Ela desceu do meu colo, me confundindo por um instante, e se ajoelhou no chão entre as minhas pernas.

Uma pequena parte do meu inconsciente apontava uma injustiça: ela tinha acabado só se esfregando em mim enquanto eu veria meu pau desaparecer entre aqueles belos lábios volumosos. Mas não reclamei quando abaixou minha calça.

Ela envolveu meu pau com a mão, sem tirar os olhos de mim ao se aproximar e roçar a língua macia e molhada pela cabecinha. Então o colocou na boca. A última vez que ela tinha feito isso fora em um estacionamento mal-iluminado.

Eu tinha reprisado aquela imagem nebulosa na minha cabeça um milhão de vezes, mas *nada* poderia ter me preparado para a visão de Tenley seminua, em um short minúsculo, com meu pau na boca. Ela murmurou em mim e eu revirei os olhos. Então se mexeu para tentar um ângulo diferente, o piercing batendo em seus dentes. A cabeça dela descia junto com a mão enquanto ela engolia o máximo que conseguia de mim.

Aquela visão devia entrar para os registros da história do boquete. Eu queria tirar uma foto e usá-la como protetor de tela, em especial quando ela recuava a cabeça. Então sua boca se esvaziou e ela me soltou. Tenley pressionou a bolinha de aço com a língua na base da cabeça e lambeu, como se fosse uma casquinha de sorvete.

— Você tem ideia do quanto isso é sexy? — perguntei com a voz rouca.

O sorriso dela foi repleto de uma satisfação presunçosa enquanto seus lábios me envolviam de novo. Tenley afundou até eu sentir o fundo de sua garganta. Enrolei o cabelo dela no meu pulso e a segurei pela nuca, guiando os movimentos. A mão de Tenley girava enquanto ela subia, os lábios alcançando o prepúcio, a língua fazendo círculos em torno da ponta e pressionando a fenda.

— Meu Deus — gemi, cerrando os dentes.

Quanto mais perto eu chegava, sem querer puxava ainda mais o cabelo dela. Tenley me olhou por baixo daqueles cílios grossos e murmurou enquanto eu a movia com mais rapidez, enviando vibrações por todo o meu pau. Dessa vez, quando subiu, ela deixou um espaço entre a mão e a boca, expondo alguns centímetros do meu pau molhado e escorregadio. Ouvei e senti o clique do metal contra os dentes dela enquanto Tenley lambia a pele sensível e a puxava por cima do piercing. Fechei os olhos, porque aquela imagem, junto com a sensação, me faria terminar bem antes do que eu queria. Mas não adiantou. Todos os meus músculos se contraíram por causa do orgasmo iminente.

— Vou gozar — avisei.

Eu esperava que ela acelerasse o movimento — o que eu teria feito —, mas ela desacelerou, resistindo à minha mão em sua cabeça. Eu estava muito perto, à beira do colapso, mas na medida certa. Era a melhor tortura que eu já tinha experimentado.

Ela subiu devagar, a mão seguindo a boca. Vendo-a, era mais difícil me segurar, porém seria um crime contra os deuses do boquete *não* olhar para Tenley, então mantive os olhos fixos em sua boca. Dessa vez, ela a tirou completamente de mim.

Com os dedos, apertou a base do meu pau com uma força torturante e, com a palma da outra mão, acariciou a cabecinha. Pressionou o polegar na ponta, tapando o cano da arma. A pressão crescia à medida que a sensação se espalhava.

— Hayden — chamou ela, com um gemido abafado e sexy. Seus lábios roçavam para a frente e para trás por cima do piercing enquanto ela esperava uma resposta.

— Sim — grunhi, meu corpo tremendo de impaciência. Eu só queria gozar.

— Quer gozar na minha boca? — perguntou ela toda inocente.

— Porra. Quero. *Por favor.*

Sua boca envolveu a cabeça do meu pau enquanto ela tirava o polegar e afrouxava a mão que apertava a base.

— Isso!

Minha cabeça bateu com força no sofá quando explodi, quente, intenso e pulsante, enquanto Tenley chupava e engolia. Quando enfim parei de gozar, ela repousou meu pau cansado com cuidado na minha barriga. Então se inclinou, deu um beijo e fez um carinho nele, como se fosse um bichinho de estimação. O que era meio verdade.

— Não está se sentindo melhor agora? — perguntou Tenley com a cabeça apoiada na parte interna da minha coxa, com um sorriso que não mascarava nem um pouco seu orgulho.

Passei o polegar com carinho sobre o lábio inferior inchado dela.

— Isso seria o maior eufemismo do mundo. Você aprendeu isso que fez no final naquela revista que você lê?

Tenley sempre tinha uma daquelas revistas femininas na mesa de centro da sala, ostentando matérias como “Orgasmos infinitos!”. Talvez elas não fossem tão inúteis assim.

— Não.

Congelei.

— Onde foi que você aprendeu a fazer isso?

Eu deveria ficar feliz por minha namorada me chupar e ser ótima nisso, mas não, precisava ser um babaca ciumento e ficar bravinho com ela.

Tenley me encarou.

— Em filmes pornô.



TENLEY

Ok, isso não era totalmente verdade. Eu não aprendi aquele truquezinho vendo as porcarias de sempre na internet, que mostram mulheres sendo sufocadas por pênis gigantes. Ao procurar por “apadravya e sexo oral” no Google, encontrei uma série de vídeos instrutivos que eram tanto excitantes quanto úteis. Eu não queria arriscar quebrar um dente no piercing dele.

— Que tipo de filme pornô? — perguntou Hayden, com a voz grave, umedecendo os lábios.

— Então você quer saber, é?

Eu me sentei para o lado contrário da ereção que repousava na barriga de Hayden. Ainda não tinha desinchado, o que era tentador demais. Meu orgasmo tinha sido inacreditavelmente intenso, porém eu ainda queria mais. Mais proximidade, mais contato, mais libertação. No entanto, eu não sabia se aguentaria. Ainda não, com o piercing cicatrizado apenas em parte e o tesão imenso entre nós. Então me levantei, me apoiando nas coxas dele.

— Aonde você pensa que vai? Você não pode dizer uma coisa dessas e virar as costas.

— Ah, eu acho que posso — provoquei.

Ele alisou a parte de trás das minhas coxas e passou as mãos por baixo da barra do meu short. Com um apertão de brincadeira, me puxou para mais perto. Hayden olhou para mim com um sorriso pretensioso e o queixo apoiado logo acima do meu quadril. Aquela posição lembrava bastante a do dia em que eu o seduzi pela primeira vez. Ele se esforçou muito para resistir.

Hayden deu um beijo molhado acima do cós do meu short. As semanas que se passaram desde a última vez em que eu havia sentido a boca dele em mim pareciam uma eternidade, mas eu já estava hipersensível depois de toda a

esfregação por cima da roupa. Uma atenção extra abaixo da cintura poderia retardar a cicatrização, e isso já era demais.

Ele abaixou a cabeça e a ponta de seu nariz roçou o começo da minha pélvis.

— Eu posso ser persuadido a dar algum uso à minha boca se você me contar um pouquinho sobre o seu hábito de ver pornô.

O short e a calcinha eram as únicas coisas que o impediam de fazer aquilo. Ele ainda estava bem duro. Não demoraria muito para que ficássemos os dois pelados e rolando no sofá ou no chão.

Enrolei uma mecha do cabelo dele no dedo.

— É uma oferta bastante generosa, mas eu prometi fazer compras de Natal com as meninas ainda agora de manhã. E, se você começar com essa boquinha aí, vou me atrasar com certeza.

— Você fez compras há dois dias. Por que precisa ir de novo?

— Ainda preciso comprar algumas coisas.

Eu tinha comprado a maioria dos presentes, mas ainda não havia encontrado nada muito legal para Hayden. Tinha uma ideia viável, mas precisava da ajuda de Lisa para executá-la.

— Que tipo de coisas?

— Coisas ultrassecretas.

— A que horas você vai encontrar as meninas? — perguntou Hayden, descendo as mãos ainda mais sob o meu short, acariciando minha pele.

Tive que limpar a garganta antes de responder:

— Onze.

Ele olhou para o relógio da cozinha.

— Acabou de dar oito horas. Tenho tempo mais do que suficiente para te dar prazer antes de você ir.

— Pode até ser. Mas você acha que vai parar por aí se colocar essa língua talentosa em mim? Depois que a gente começar, não vai ter como parar, e eu não quero ser interrompida por falta de tempo.

Se Hayden me chupasse e descobrisse o que eu estava escondendo, eu tinha cem por cento de certeza de que aquela ereção magnífica dele ia voltar. Sensível ou não, eu não teria como recusar.

Hayden suspirou.

— Você parece superdeterminada a me negar essa chance.

— Negar não, adiar. Vou ficar bastante feliz se deixarmos para depois. Vamos tomar café em algum lugar? — sugeri, mudando de assunto.

— Prefiro comer aqui.

Ignorei o comentário.

— Vou me vestir.

Ele se largou no sofá e fez cara feia. Parecia alguém que levou um tapa na mão por tentar pegar um biscoito no pote. Reprimi a pontada de culpa e fui ao quarto dele. O adiamento era por um bem maior — mais meu do que dele, mas, mesmo assim, ele ia ficar feliz depois.

Coloquei um vestido e meia-calça. Ele cruzou o corredor pisando duro e apareceu na porta enquanto eu alisava o vestido no quadril. Parecia frustrado. E desconfiado. O fato de ter vestido a calça não ajudava em nada a esconder o problema que ressurgia. Eu me concentrei no espelho e penteei o cabelo, fingindo indiferença.

Ele atravessou o quarto, parou pouco atrás de mim e puxou o cordão na cintura da calça, que deslizou pelas pernas. Meus olhos passaram por seu peito e desceram para o quadril. Hayden pegou a calça no chão e foi até o closet, a enorme ereção balançando. Seria cômico se ele não parecesse tão assustador.

Quando se virou de costas, observei o reflexo dele no espelho, absorvendo os contornos maravilhosos daquele corpo e as tatuagens. Os músculos das costas se contraíram quando ele largou a calça no cesto de roupa suja. Os olhos sinistros da tatuagem da criança enrolada na cobertura me seguiram enquanto ele vasculhava o armário, procurando algo para vestir. Saiu alguns minutos depois com roupas penduradas no braço. Abri meu nécessaire de cosméticos e comecei a passar um corretivo, fazendo a maior cena.

— Você está meio gostosa demais para fazer compras.

Ele colocou as roupas na cômoda e me puxou para o lado para pegar uma cueca. As cuecas estavam dobradas e organizadas em pequenos quadrados, alinhadas de acordo com a cor e o tipo. Hayden pegou uma preta e fechou a gaveta com força.

— Prefere que eu coloque um agasalho de moletom?

— Sim. — Quando ele deu a volta para alcançar o outro lado da cômoda, senti sua ereção na minha lombar. — Preciso pegar as meias.

Ele passou o braço em torno de mim e me puxou para conseguir abrir a gaveta. Fiquei imóvel enquanto aquele volume enrijecido pressionava minha coluna.

— Para estar mais coberta, só com um macacão de esqui.

Hayden observou meu quadril.

— O problema é o jeito como essa coisa acentua todas as suas curvas.

Ele se afastou, enfiou as pernas na cueca e a puxou para cima. O elástico bateu na cabeça do pau, e ele fez uma careta. Então se ajeitou e continuou a se vestir, desistindo de me coagir. Quando terminou de abotoar a calça jeans, entrou no banheiro e bateu a porta. Com força. A água começou a correr.

Segundos depois, a porta se abriu e bateu na parede. Hayden atravessou o quarto e parou na minha frente, com uma expressão severa no rosto.

— Por que você não me deixa te chupar?

Tive quase certeza de que minha calcinha ficou encharcada com aquele comentário. Engoli em seco.

— Não quero me atrasar.

— Até parece. Faltam mais de duas horas. Você pode colocar a boca no meu pau, mas eu não posso retribuir o favor? Você está escondendo alguma coisa.

Por trás da acusação havia mágoa. Hayden provavelmente estava criando histórias paranoicas. Ainda estávamos reconstruindo a confiança, e prejudicar isso com algo tão inconsequente quanto um piercing secreto me pareceu bobo.

Suspirei.

— Era para ser surpresa.

— O quê?

— Coloquei um piercing novo.

— O quê? Quando?

— No dia em que voltei. A Lisa colocou. Ainda está sensível.

— Que tipo de piercing? — questionou ele em uma voz gutural.

— Clitoriano vertical — sussurrei.

O queixo dele caiu. Ele piscou. Piscou de novo.

— Quero ver.

— Não acho que seja uma boa ideia — falei, dando um passo para trás e batendo na cômoda.

— Por que não? — perguntou ele, me pegando pela cintura.

— Porque você vai querer tocar, e estamos no seu quarto, e a cama está perto demais, e vamos tirar a roupa, e eu vou querer você dentro de mim, e ainda não cicatrizou, então é melhor não fazer isso ainda — expliquei, atropelando as palavras.

— Só uma olhadinha. — O quadril dele pressionou o meu.

Coloquei as mãos no peito dele.

— Depois.

— Agora.

Ele beijou meu maxilar.

— Por favor, Hayden. Está sensível demais... Não quero que demore mais para cicatrizar. Mostro hoje à noite para você.

Ele deitou a cabeça no meu ombro.

— Isso é tortura. Você sabe disso, não sabe?

— É tortura para mim também.

Mas eu precisava me manter firme ou ia me arrepender depois.

— Eu sabia que era mentira aquela história de que o piercing do mamilo estava infeccionado.

A mão de Hayden passou pelo meu quadril e desceu até a bainha do vestido, passando por baixo do pano e subindo.

— O que você está fazendo? — perguntei, desesperada.

— Nada — respondeu ele, passando a mão na minha bunda por baixo da meia-calça.

— Não parece nada.

Ele me deu um beijo suave.

Ofeguei quando os dedos dele deslizaram de leve sobre a pele macia.

— Hayden... — implorei.

— Você disse que eu podia ver hoje à noite. Não disse nada sobre tocar.

A língua dele passou por entre meus lábios, penetrando e se retraindo à medida que seus dedos entravam e saíam de mim.

Gemi. Ele tirou os dedos na mesma hora, subindo até chegar à bolinha de aço.

— Caceeeeete — murmurou ele, circundando o piercing.

A barrinha de aço se moveu, enviando um choque elétrico que ricocheteou pelo meu corpo. A boca dele ia ser incrível ali embaixo. Então Hayden tirou a mão e deu um passo para trás.

— Eu posso ligar para elas e adiar as compras — falei, esperançosa.

— Não. Acho que você tem razão; pode me mostrar depois. E enquanto você estiver fora hoje... — ele levou os dedos à boca e lambeu — pode pensar no que vou fazer com você mais tarde.

— E o que vai ser? — perguntei, sem ar.

— Vou fazer você gozar tão forte, tantas vezes, que a única coisa em que você vai conseguir pensar é em como vai ser gostoso quando eu entrar em você de novo.



TENLEY

A tensão não se dissipou no caminho até a lanchonete, mas, ao menos enquanto dirigia, Hayden mantinha a atenção em outra coisa. Eu estava com tesão e frustrada após as provocações dele. Era assim que os homens ficavam quando eram deixados a ver navios? Hayden ficou distraído durante o café, porém eu achava que não tinha a ver com frustração sexual.

Quando voltamos para o carro, ele bateu os dedos no volante, nervoso.

— Temos tempo para passar em um lugar?

— Claro. A Lisa só vem me buscar daqui a uma hora.

— Ok. Ótimo.

Ele me deu um beijo no rosto e engatou a ré.

Hayden dirigiu por ruazinhas até chegarmos a Hyde Park. À medida que penetrávamos no labirinto de ruas, as casas iam ficando maiores, e os jardins mais elaborados. Paramos em frente a uma casa vitoriana de dois andares com uma torrezinha e uma varanda circular na frente. Havia vasos enormes dos dois lados da escada. As janelas de vidro chumbado e as venezianas, pintadas de um preto mordaz, formavam um contraste lindo com os tijolos. A casa era linda.

— Foi aqui que eu cresci — contou, colocando o carro em ponto morto.

— É incrível.

— Era. Ainda deve ser. Não aproveitei a casa tanto quanto deveria na infância. — Ele pegou minha mão, acariciando as articulações dos dedos com o polegar. — Levou um bom tempo para vender depois que meus pais morreram. O Nate cuidou de tudo, porque eu era novo demais para resolver isso sozinho. Foi colocada à venda algumas vezes desde então.

— Por causa do que aconteceu?

Às vezes os acontecimentos deixavam uma sombra. Depois que Connor e sua família morreram, a casa em que tinham morado ainda guardava um eco

da presença deles. Fiquei pensando se, no caso da morte dos pais de Hayden, o eco era mais como um grito.

— Do ponto de vista jurídico, você precisa contar a potenciais compradores que houve um assassinato, então isso foi um impedimento. Ano passado, foi colocada à venda no começo do outono. Era uma boa época do ano para vender. Tudo parecia tão perfeito quanto as pinturas do Norman Rockwell. As folhas estavam amarelas e alaranjadas, e os jardins fantásticos. Minha mãe adorava os jardins dela.

Ele fez uma pausa, imerso em uma lembrança. Esperei que continuasse, ciente de que Hayden não compartilhava esse tipo de informação com qualquer um.

— Vim aqui em um dia em que a casa estava aberta à visitação. Estava curioso, sabe? A família que morava aqui tinha transformado o quarto dos meus pais em escritório. Não parecia o mesmo, mas ainda assim fiquei em pânico ali dentro.

— Imagino — falei, apertando a mão dele.

— Tinha um cofre embutido na parede. Minha mãe pendurou um dos quadros dela na frente para escondê-lo. As pessoas que compraram a casa fizeram a mesma coisa. Mas eu me assustei, porque o quadro na parede era uma dessas impressões de anjo medievais. Aquilo me chocou, porque o quadro da minha mãe também era de um anjo, só que moderno. E a paleta de cores era bem diferente, mas me assustou mesmo assim...

Ele ficou em silêncio, mordendo os piercings do lábio enquanto olhava pela janela para a casa.

— Tenho uma lembrança horrível da noite em que meus pais foram assassinados.

Eu me virei de frente para ele. Hayden quase nunca falava sobre os pais ou sobre os acontecimentos que envolviam a morte deles.

— Nunca falei sobre isso com ninguém. E não sei se estou me lembrando errado das coisas, já que eu estava chapado. — Ele brincou com meus dedos enquanto organizava os pensamentos. — Na hora em que abri a porta do quarto deles, tudo ficou megaclaro, mas, ao mesmo tempo, eu meio que... sa 

do meu corpo. Sabe quando você está em um sonho e é como se estivesse vendo tudo de fora?

Assenti.

— Sei exatamente como é.

— Foi assim. O quadro que escondia o cofre foi o mesmo durante toda a minha vida. Não era valioso nem nada assim. Era uma pintura que minha mãe tinha feito quando estava na faculdade de belas-arts. Todas que ela fez eram paisagens, menos aquela. Era um anjo, mas em tons de vermelho. Era... sinistro.

— Sinistro como?

Ele refletiu.

— Era só diferente. Em geral, as coisas que ela pintava eram lindas. Mas aquela não. Não de maneira convencional, quer dizer.

— Como a tatuagem do seu ombro?

— Essa foi a primeira tatuagem grande que fiz depois que meus pais morreram. O Damen que fez. Não era para ser nem um pouco bonita, mas as coisas que a minha mãe pintava eram. Aquele quadro era bonito e perturbador ao mesmo tempo.

“Quando eu era criança, com uns cinco ou seis anos, e o meu pai viajava a trabalho, eu ia para o quarto deles no meio da noite. Fazia minha mãe dormir do lado dele da cama. Eu dizia que era porque eu queria o travesseiro dela, porque gostava mais, mas, na verdade, era para eu não ter que olhar para aquele quadro, porque me assustava pra cacete. — Ele desviou o olhar. — Enfim. A primeira coisa que vi quando abri a porta foi o quadro. Estava no chão. Na hora não entendi o que tinha acontecido. Aí vi meus pais. Tinha tanto sangue... — Ele tremeu. — Mesmo depois que eu percebi que eles estavam mortos, continuei fixado naquele quadro idiota.”

— Você estava em choque.

— Acho que sim. Tinha respingos de sangue por toda a parede e pelo chão. Fiquei com medo de ter sangue no quadro, mas, como ele era vermelho, não pude ter certeza. Eu sabia que, quando a polícia chegasse, iam levar como evidência tudo o que não estivesse pregado, e eu não conseguia suportar a ideia de perder aquele quadro. Não porque gostasse dele, mas por causa do que ele

significava para a minha mãe. Mas eu não conseguia me forçar a entrar no quarto e pegá-lo.

Hayden olhou da casa para mim, com uma expressão de culpa e vergonha. Eu compreendia essas emoções muito bem.

— Era como se, desde que eu colocasse o quadro de volta no lugar, tudo o que tinha acontecido seria desfeito e eu ficaria bem. Só que não consegui entrar no quarto. Desci as escadas, chamei a polícia e destruí a sala toda porque estava assustado demais para subir de novo. Eu só queria que aquilo fosse uma *bad trip*. Fiquei esperando minha mãe descer e me xingar por causa do que eu tinha feito na sala.

— Deve ter sido horrível — falei, com a voz rouca, imaginando a dor dele.

— Não sei por que toda essa merda está voltando agora, depois de tantos anos.

Ele olhou pelo para-brisa, para nada específico. Eu imaginava o motivo.

— Sabe qual é a parte mais horrível? Nas fotos da cena do crime, o anjo vermelho não aparece. Eu juro que estava no chão. Eu lembro com tanta clareza, mas fotos de cenas de crime não mentem, certo?

Ele me olhou, esperando uma confirmação. Era terrível perceber que ele não confiava na própria memória.

Eu não sabia o que dizer.

— Você sabe o que aconteceu com o quadro?

— Se ainda existir, só pode estar no depósito do outro lado da cidade. Foi lá que o Nate colocou tudo o que não foi leiloado depois que vendemos a casa.

— Talvez a gente possa ir lá procurar se você quiser. Vou ficar feliz em ir com você.

— Talvez depois das festas de fim de ano.

A porta da casa se abriu e uma mulher saiu com cinco adolescentes. Eles desceram a escada e foram até uma minivan preta estacionada na rua.

— A casa foi comprada por uma fundação e convertida em abrigo — explicou Hayden.

— Foi difícil para você?

— Não. Fiquei feliz, porque não acho legal que uma família more aqui. É como se a casa estivesse manchada pelo que aconteceu. — Estava quente dentro do carro, mas Hayden tremeu. — Consigo ficar sentado aqui e olhar para a casa por fora, consigo me controlar. Mas entrar lá não foi bom para mim. Naquele dia de visita, eu perdi a cabeça.

Ele enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo e ficou vendo-a se desenrolar como uma fita.

— Eu não ficava com a Sienna fazia meses, mas naquela noite... eu a procurei. Foi estúpido demais. Eu estava puto comigo mesmo pelo que tinha acontecido com os meus pais e queria parar de sentir... qualquer coisa. Foi a pior coisa que eu poderia ter feito e a última vez que fiquei com ela.

Ele engatou a ré.

— Não sei por que estou contando isso para você.

Esperei até estarmos a algumas ruas de distância da casa.

— Fico feliz que você tenha dividido isso comigo.

— Eu só mostrei como sou perturbado.

— Nós dois temos questões internas, Hayden. Ao menos agora eu entendo melhor o que aconteceu com você.

Dirigimos em silêncio, até que Hayden parou em um sinal vermelho. À direita, havia uma delegacia.

— Foi ali que o Cross e o parceiro dele me interrogaram.

— Deve ter sido horrível.

— É. Foi uma merda. Mas minha cabeça estava em outro lugar.

Ele ligou a seta e olhou por cima do ombro antes de entrar no estacionamento da delegacia. Parou em uma vaga e colocou o carro em ponto morto, mas não largou o volante.

Coloquei a mão na nuca dele.

— Você está bem?

A cabeça dele pendeu para a frente.

— Não sei por que parei aqui.

— Quer entrar?

Brinquei com o cabelo da nuca de Hayden, passando as unhas para cima e para baixo para ele se acalmar. Ele largou o volante e colocou as mãos nas

coxas.

— Não sei. Não temos tempo. Você vai sair com as meninas em meia hora.

— A Sarah sempre se atrasa. Duvido que a gente saia no horário marcado. Vou mandar uma mensagem e avisar que vou me atrasar um pouco.

Aquilo era um progresso incrível. Eu não queria que algo tão insignificante como fazer compras interferisse no momento. Hayden levou mais um ou dois minutos para desligar o carro.

— Você vem comigo? — perguntou baixinho.

— Claro — falei, dando um beijo em seu rosto.

— Obrigado.

Ele abriu a porta e deu a volta para me ajudar. Atravessamos o estacionamento de mãos dadas. Depois de passar pelas primeiras portas, ele parou de repente.

— Caramba, não mudou nada.

Dei uma espiada pelo segundo conjunto de portas de vidro, tentando imaginar para onde a mente de Hayden tinha viajado. Ele apertou minha mão e me puxou.

Pessoas de terno e uniforme atravessavam o saguão principal e os corredores com ar decidido. Todos os agentes que passavam por nós me davam uma olhada rápida e curiosa, mas seus olhos logo migravam para Hayden e ali permaneciam. Eu sentia o julgamento deles enquanto observavam os coturnos de solas grossas e o jeans surrado que Hayden usava. O casaco de inverno preto não era muito interessante, o que chamava a atenção para o rosto.

O cabelo de Hayden estava uma bagunça. O que antes era quase um moicano agora havia crescido dos lados. O comprimento deveria amenizar a severidade da aparência, porém o vento e a falta de corte o tornavam selvagem e fora de controle. Os piercings no rosto e a expressão hostil só pioravam o efeito.

O piercing da língua apareceu e fez um círculo entre os lábios dele. Hayden ignorou os olhares e foi até o balcão de informações, me puxando junto. A recepcionista estava ocupada atendendo a chamadas. Ela olhou para Hayden e depois para mim, erguendo um dedo. Hayden estava agitado, debruçado no balcão, examinando o lugar. As articulações de seus dedos batiam com

impaciência na madeira, o pé acompanhando o ritmo enquanto a recepcionista continuava cuidando das chamadas.

Uma agente que estava passando parou, olhando para nós com uma expressão curiosa, e levou as mãos à cintura. Aquela parecia a pose-padrão da polícia, deixando os dedos ao alcance da arma. Ela olhou para Hayden e depois para mim.

— Sou a agente Miller. Posso ajudar em alguma coisa?

O tom de voz dela era amigável e havia uma preocupação leve em seus olhos. Forcei um sorriso e coloquei a mão no braço de Hayden.

— Ele está procurando alguém para conversar sobre um caso arquivado.

A agente Miller me perguntou se tínhamos o número do caso para referência.

— Eu não sabia que precisava disso — disse Hayden, a voz tão séria quanto o rosto.

Os olhos da agente repousaram nele.

— Ter o número do caso simplifica as coisas. Qual foi o crime?

— Assassinato.

Intervi para explicar:

— Os pais dele foram assassinados há muitos anos. O caso nunca foi solucionado...

— Estou procurando informações além do que saiu nos jornais. Pensei... Sei lá o que pensei. — Hayden pegou minha mão de novo. — Talvez seja melhor a gente fazer isso outro dia.

— Como quiser, Hayden. Podemos voltar depois se você preferir — garanti.

Eu o tinha visto atormentado algumas vezes, mas aquilo ia além.

A agente Miller relaxou quando percebeu que a seriedade dele era causada por nervosismo.

— Você acha que pode ter novas informações?

— Não sei. Talvez? Tenho algumas lembranças... — Ele parou no meio da frase, olhando por cima do ombro da agente.

O agente Cross atravessou o saguão, arruinando todo o progresso que tínhamos feito. Assim que viu Hayden, uma luz vermelha pulsante de alerta no

meio da delegacia, ele mudou o rumo e foi em nossa direção como um míssil apontado para um alvo. Pronto para a destruição.

— Srta. Page, como vai? — cumprimentou ele, com um sorriso calculado enquanto estendia a mão. Apertei-a por obrigação.

Hayden se agitou ao meu lado, estreitando os olhos. A agente Miller percebeu de imediato o que estava rolando e sua atitude mudou, passando de descontração para desconfiança.

— Agente Cross. Que bom vê-lo novamente — menti.

— Ouvi dizer que voltou a Arden Hills para resolver umas questões familiares. Espero que tudo tenha corrido bem.

Meu sorriso vacilou.

— Hum, sim. Está tudo certo.

— Bom, sem dúvida é muito bom saber disso.

— Como é que você sabe? — perguntou Hayden, enunciando com frieza a questão que estava na minha cabeça.

O agente Cross se virou para Hayden e sorriu com arrogância.

— Dei um pulo naquele pequeno antiquário. Como se chama? Serendipity?

A agente Miller avaliava Hayden enquanto os olhos dele perfuravam o agente Cross.

— O que traz você aqui, Stryker? Mais uma infração de trânsito? Quem sabe uma acusação de atentado ao pudor?

Embora estivesse sorrindo, não havia nenhum humor no sorriso dele.

A agente Miller lhe lançou um olhar de dúvida.

— Ele veio atrás de informações sobre um caso.

— Ah, é? Que caso?

— O assassinato dos meus pais.

O sorriso arrogante do agente Cross se desfez.

— O caso está arquivado.

Intervim novamente, com medo de que ele pisasse nos calos de Hayden e o enfurecesse:

— Hayden está tentando ter acesso aos registros públicos. Não sei bem como funciona o processo de reabrir um caso, mas se ele pudesse apenas ver quais arquivos estão disponíveis...

Cross passou a mão no cano da arma.

— Isso exigiria novas evidências.

Miller franziu a testa para ele.

— Para reabrir, sim. Em geral, é melhor começar com o agente que investigou o caso.

Hayden explodiu, exatamente como eu temia:

— De jeito nenhum! Não vou conversar com o babaca que ferrou com a investigação. — Sua voz se erguia à medida que a raiva ganhava força e deslanchava, alheia aos estragos que ele estava causando. — Esse filho da puta me deixou três horas trancado em uma sala, mostrando fotos do cérebro do meu pai espalhado por toda a parede, enquanto a pessoa que atirou nele ainda está solta por aí.

Toquei o braço dele.

— Hayden, eu sei que você está chateado, mas isso não está ajudando.

Ele se desvencilhou de mim, os punhos cerrados.

— Eu sabia que isso ia acontecer — disse ele com rispidez.

— Você precisa se afastar — avisou o agente Cross, o peito se estufando com uma satisfação evidente.

Hayden virou a cabeça para ele.

— Como é?

— Você precisa se afastar da srta. Page.

— O quê? Por quê?

As pessoas estavam olhando; mãos se dirigindo sem necessidade para a cintura, onde armas de choque aguardavam. Hayden tinha muitos defeitos, mas não era violento. No entanto, era possível que, no caso do agente Cross, ele abrisse uma exceção.

— Está tudo bem — falei, chegando mais perto de Hayden e segurando seu braço.

A agente Miller franziu a testa, assistindo à cena com um distanciamento profissional.

— Srta. Page, aconselho que se afaste — disse o agente Cross.

— Está falando *sério*? Você acha que eu vou bater nela? — perguntou Hayden, incrédulo.

— Acho que você esqueceu que eu já vi esse seu descontrole, sr. Stryker. Você está bem agitado no momento — respondeu Cross, calmo e racional.

Miller olhou para mim com uma expressão questionadora e preocupada.

— Agitado? É claro que eu estou agitado! Estamos falando sobre meus pais mortos e sobre como *voce* ferrou com a investigação. Como você conclui que eu vou maltratar a minha namorada porque estou puto com a sua incompetência?

O rosto de Cross ficou sombrio de raiva.

— Vou ter que pedir que deixe o recinto, a não ser que queira passar a noite em uma cela.

— Ele não quis dizer isso. Desculpe... — falei.

— Não se desculpe com ele! — gritou Hayden para mim, fitando o policial com um olhar de ódio. — Você é uma piada. Eu jamais machucaria a Tenley, ela é tudo para mim.

E saiu da delegacia como um furacão.

A agente Miller se dirigiu a Cross:

— Quer que eu vá lá fora?

— Ele não é uma pessoa violenta. Não vai estragar nada — falei, embora eles já tivessem, claro, concluído que tipo de pessoa Hayden era. Virei-me para Cross. — Foi muito difícil para ele vir até aqui. Traz à tona lembranças terríveis, dolorosas. Ele só queria algumas informações.

— Ele provocou.

— É assim que o senhor enxerga as coisas? Acha que não dá para notar seu preconceito? Não é porque ele não se encaixa no seu padrão que é um criminoso ou um assassino. O senhor deveria saber disso mais do que ninguém. Os criminosos mais perigosos são os que parecem menos ameaçadores.

Senti os olhares deles quando me virei e segui para a porta. Quando Cross me chamou, eu o ignorei. Pela primeira vez na vida, não ligava para a opinião das pessoas sobre mim. Era libertador.

Abri a porta e saí na luz do sol para encontrar o homem que mais me importava.



HAYDEN

Atravessei o estacionamento como um trovão, confuso e agitado.

Eu queria voltar lá e dar um soco na cara do Cross, mas isso não era uma opção, porque eu seria preso por agredir um policial. Eu tinha agido como um completo babaca lá dentro. Tenley devia estar apavorada.

Quando cheguei ao carro, me apoiei na lateral e cruzei os braços, tentando controlar as emoções. Estava furioso demais. Cross tinha esse efeito sobre mim.

Na maioria das vezes, eu conseguia controlar meu temperamento, mas ele e Sienna me deixavam louco.

Um ou dois minutos depois, Tenley saiu do prédio. Fui ao encontro dela no meio do caminho e a abracei assim que ficou próxima o suficiente para eu poder tocá-la.

— Desculpe ter perdido a cabeça lá dentro.

Tenley retribuiu o abraço, aconchegando-se no meu peito.

— Está tudo bem. Cross foi hostil, como sempre.

Ajudei-a a entrar no carro, então dei a volta e me sentei ao volante.

— Queria ter reagido melhor.

— Na próxima vez você vai estar mais bem-preparado. Foi uma manhã intensa e tenho certeza de que você não esperava encontrar o Cross. Isso definitivamente não ajudou, nem o preconceito dele — avaliou Tenley, passando o dedo pela manga do casaco e puxando um fio solto.

— Estou acostumado com o preconceito. Mas às vezes enche um pouco o saco. — Deixei a cabeça desabar no banco. — Você sabe que eu jamais ergueria a mão para você, não sabe?

Tenley arregalou os olhos.

— Você está me perguntando isso a sério?

— Só para garantir.

— Cross disse aquilo para irritar você. — Ela pegou minha mão. — Quer que eu cancele o programa com as meninas?

— Por que você faria isso?

— Foi uma manhã difícil.

Eu não sabia se deveria me sentir envergonhado ou grato por minha namorada se preocupar tanto comigo.

— É legal da sua parte oferecer, mas tenho clientes esta tarde.

Além disso, por mais sedutora que fosse a proposta, se eu ficasse em casa com Tenley, a tentação seria fazer mais do que conversar. Engatei a ré. O celular dela vibrou. Ela remexeu na bolsa, então leu o e-mail.

— Ah, não.

— O que aconteceu?

— O prof. Calder quer me encontrar amanhã de manhã.

— A que horas?

— Dez.

— Eu vou com você.

— Se quiser...

Eu esperava mais resistência. Em geral, Tenley queria resolver as coisas dela sozinha.

— Acho que ele está dormindo com uma das alunas.

Fingi surpresa.

— Por que você acha isso?

— Porque eu vi uma menina entrar na sala dele e ouvi... ruídos nada profissionais.

Eu já tinha visto a mesma coisa. Tive que me perguntar como aquele babaca achava que estava sendo discreto. Ou que estava acima das regras.

— Não vou ficar sentado no carro.

— Eu não esperava mesmo que ficasse.

Não consegui passar a noite com Tenley. Lisa e Sarah, como boas sequestradoras, a levaram para sair. O que significava que eu teria que ficar com os caras em vez de com ela. Na maioria das vezes, não haveria problema, mas o

dia tinha sido uma montanha-russa e a única coisa que me ajudou a suportá-lo foi o plano de passarmos a noite juntos.

Por isso, a mudança de planos foi um pouco difícil de aceitar. Eu teria feito chantagem para conseguir o que queria, mas sabia que Tenley já se sentia mal. Ela disse que as meninas tinham um pequeno projeto que precisavam terminar antes do final da semana. Não quis me contar o que era, mas prometeu me recompensar na noite seguinte. Quando ela se ofereceu para descrever como planejava fazer isso, eu recusei, imaginando que seria pior. Agora, porém, desejava ter aceitado a oferta.

Acabamos na casa de Chris, já que ele tinha mais cerveja na geladeira. Eu planejava ir embora depois de algumas garrafas, torcendo para que as meninas terminassem cedo e Tenley pudesse ir lá para casa.

O apartamento dele ficava em um bairro meio estranho, em um prédio baixo e inacabado. Tudo, do linóleo do piso ao fogão cor de abacate na cozinha, era antiquado e feio. As únicas coisas novas lá eram o sofá, a TV de tela plana gigante fixada na parede e o console de video game montado na mesa de centro. Chris era vidrado em conforto e em eletrônicos.

Ele devia poder bancar um lugar melhor com a grana que ganhava trabalhando no Inked Armor, mas boa parte do salário dele ia para a família. Chris era leal à beça. O pai dele praticamente o renegou quando abrimos o estúdio, mas ele se recusava a deixar a mãe e a irmã sofrerem como consequência disso. Pelo que eu sabia, o pai dele era um verdadeiro fracassado. Por causa disso, eu não pegava no pé de Chris em relação àquele apartamento terrível.

Depois de usar o banheiro infestado de germes, voltei para a sala e encontrei Chris e Jamie vendo vídeos pornô. Eu me larguei no sofá e esperei as partes boas: a cena do boquete, ou uma chupada de mamilos, ou uma penetração por trás. Mas nada disso aconteceu, porque não era, na verdade, pornô — era um filme de época com muita nudez.

— Que porra é essa? — perguntei.

— Sei lá, mas o Jamie disse que queria assistir e aparecem uns peitos, então eu disse que tudo bem — respondeu Chris.

O celular de Jamie tocou e ele se atrapalhou com o aparelho, um olho na TV e um na mensagem que tinha recebido.

— Puta mer... — Ele guardou o celular no bolso, um sorriso enorme no rosto.

— O que foi?

— As meninas foram comprar lingerie, e a Lisa me mandou uma foto de uma das peças que ela escolheu. Estão todas na casa da Tenley agora.

Jamie se mexeu e tentou se recompor discretamente.

— Não quero saber — falei, com a boca na cerveja.

— Não se preocupe, cara, mais tarde você vai ver o que a Tenley comprou. A não ser que elas resolvam fazer uma festa do pijama. — Chris deu um tapinha no meu ombro. — Mas uma noite a ver navios não vai matar ninguém.

Engasguei com a cerveja. Ele e o Jamie olharam para mim, esperando.

— A gente está, hum, indo com calma — murmurei.

Tomei mais um gole grande, me concentrando na bunda que aparecia na TV.

— O que isso quer dizer exatamente? — perguntou Jamie.

Olhei para ele, irritado. Jamie e Lisa conversavam sobre tudo. Eu tinha certeza de que ela havia contado sobre a conversa de “ir com calma”.

— Quer dizer o que quer dizer.

— Meu Deus! Vocês não trepam desde que ela voltou? Mas já faz mais de uma semana! — exclamou Chris, que parecia prestes a explodir ao pensar nessa possibilidade.

— Cala boca, cara. Não foi isso que eu disse.

Eu não ia contar que só tínhamos transado uma vez, assim que ela voltara. Isso logo ia mudar.

Chris me lançou um olhar incrédulo, mas Jamie só sorriu e me deu um tapinha nas costas, com jeito paternal.

— Temos um monte de merda para resolver — falei.

— Tudo bem, Hayden — disse Chris, tentando me apoiar. — Eu não forcei a barra com a Sarah no começo porque levei quase dois meses para convencê-la

a sair comigo. Eu não queria que ela pensasse que só queria comê-la. Nem tiramos a roupa até o quarto encontro.

Para Chris, sair com alguém quase sempre significava sexo e então, quem sabe, pizza ou fast-food. O fato de ele ter levado Sarah a encontros de verdade em restaurantes que exigiam reserva era algo inédito.

— Podemos falar sobre outra coisa? Todo esse papo me faz querer provar vestidos e depilar as bolas.

— Claro, cara — concordou Chris, voltando a assistir ao pornô de época.

Eu tinha começado a perceber que Chris nunca deixava as coisas de lado com facilidade. Ele aproveitava ao máximo a oportunidade de me provocar. E também gostava de contar detalhes de suas conquistas sexuais.

— Como estão as coisas com a Sarah, afinal? Você passa um tempão com ela, mas não diz muita coisa.

Ele rolou a garrafa de cerveja entre as mãos, ponderando sobre a pergunta.

— Ela é legal, uma hippie enrustida. Sempre de boa, sabe?

Nas minhas experiências com ela, Sarah tinha sido tudo, menos “de boa”.

— Tomara que a Lisa tenha comprado mais daquelas com babados — disse Jamie, olhando para a TV sem prestar atenção.

— Está pensando em usar? — provocou Chris.

— Elas deixam a minha bunda bonita — devolveu Jamie.

Eu não sabia se ele estava falando sério, mas a imagem ficou na minha cabeça e eu não conseguia me livrar dela.

— Ok, já deu, vou para casa.

Virei o restante da cerveja e me levantei.

— Eu acho que é mentira — disse Chris enquanto eu ia até a porta.

— Depois conte para a gente como foi — falou Jamie, largando-se ainda mais no sofá.

— Como foi o quê? — perguntei.

— Boa sorte com a sua passadinha na casa da Tenley. Volte para cá quando as meninas baterem a porta na sua cara — explicou Chris, abrindo um sorriso.

Mostrei o dedo do meio para ele e fechei a porta.

A caminhada até minha casa foi rápida. Fiquei parado na porta dos fundos do prédio de Tenley, debatendo comigo mesmo se deveria ligar antes. Eu não

tinha subido ao apartamento dela desde que ela voltara e estava um pouco nervoso com essa ideia. Dei um chute mental em mim mesmo e decidi que a surpresa poderia funcionar a meu favor.

Lisa atendeu quando bati à porta, abrindo-a os poucos centímetros que a corrente permitia.

— Vejam só quem está aqui. Esta é uma festa sem linguíça, meninos não podem entrar.

— Oi. Bom te ver também. Claro, eu adoraria que você chamasse a Tenley para mim.

Lisa estava usando uma calça de pijama com desenhos de bonecos de neve e uma camiseta.

— Você não vai entrar.

— É o Hayden? — perguntou Tenley do outro lado da porta.

— Oi, gatinha, a Lisa não quer me deixar entrar.

Ouvi umas risadinhas, seguidas por um ruído de papel. A porta se fechou na minha cara e então Lisa a escancarou. Tenley e Sarah estavam sentadas no chão da sala, rodeadas por rolos de papel de presente, fitas, laços e fita adesiva. Sarah também estava vestindo uma calça de pijama engraçadinha e uma camiseta. Uma das camisetas do Chris, na verdade. Eu sabia porque, nela, parecia mais um camisolão do que uma camiseta.

Havia uma caixa de vinho tinto na beirada da mesa de centro, além de taças pela metade, sem porta-copos para evitar manchas. Tenley descruzou as pernas e se levantou, atravessando a sala. Lisa disse alguma coisa, mas não ouvi nenhuma palavra. Minha ereção foi imediata e dolorida.

— O que você está vestindo?

Passei a mão pelo cabelo, constrangido por Lisa e Sarah estarem ali. Arrancar aquele pijama não estava nos planos daquela noite.

— Comprei um pijama novo.

— Percebi.

A parte de cima tinha alças fininhas, que eu poderia destruir com os dentes. Havia cupcakes por todo o tecido e dava para ver o contorno dos piercings dos mamilos dela através do algodão macio. Uma fita passeava pela bainha das

partes de cima e de baixo. Um short provocante coberto de cupcakes mal cobria a bunda.

Puxei Tenley para o corredor, alisei o quadril dela e enfiei a mão no short na parte de trás. Encontrei a pele da bunda e deslizei os polegares pela divisa até lá embaixo. Tenley me recompensou com um gemido baixinho.

— Acho que você gostou.

Ela deu aquele sorriso que a fazia parecer toda fofa e ingênua. Só que ela estava quase pelada.

— Pode-se dizer que sim.

Gostar não era a palavra certa.

Fechei a porta do apartamento para nos garantir a privacidade do corredor. Então me agachei e beijei a carne quente abaixo de seu umbigo.

— O que você está fazendo? — perguntou Tenley, com uma risada angustiada.

Percorri o cós do short dela com o nariz.

— Vou ter uma conversinha com essa boceta.

Abri os lábios sobre a costura do short e pressionei a língua contra o tecido. Ela ofegou e agarrou meu cabelo, apoiando-se na parede.

— Mal posso esperar para cair de boca em você.

Segui a costura com o nariz. Puxei o cós do short para expor a parte de cima da boceta, então beijei a tatuagem de cupcake e descii, onde aquela pequena bolinha de aço aparecia. Eu planejava abaixar o short dela até aquelas coxas gostosas e colocar a perna dela no meu ombro, para poder lambe toda a boceta. Não importava o lugar.

A porta se abriu e Lisa colocou a cabeça para fora.

— Seus dois minutos... Ah, pelo amor de Deus, Hayden!

— O quê? — Soltei o elástico do cós, que voltou para o lugar com um ruído, mas continuei ajoelhado.

— Você é pior do que um adolescente! Controle seus hormônios! — Lisa colocou a mão na frente do rosto para tampar a visão.

Tenley mordeu o lábio para não sorrir.

— Você acha isso engraçado? — perguntei.

— Nem um pouco — respondeu Tenley, balançando a cabeça enfaticamente.

Eu me levantei e disse bem perto de sua orelha.

— Lembra o que eu te disse hoje de manhã?

— Sim.

— Vou cumprir a promessa amanhã, então é melhor você se preparar.

Quando me afastei, o rosto de Tenley estava vermelho. Perfeito. Até a noite seguinte, ela estaria um caos sensual — exatamente como eu a queria.

Fui buscar Tenley para a reunião dela com o Professor Babaca às nove da manhã. Ela parecia um pouco cansada. O trajeto até a Northwestern foi silencioso e não forcei nenhuma conversa. Tinha a sensação de que ambos estávamos nervosos por motivos parecidos. Eu estava de saco cheio de pessoas me provocando, ainda mais quando se tratava de Tenley. Eu não ia deixar nada acontecer com ela.

No estacionamento próximo ao prédio do professor, estacionei e desliguei o carro.

— Preciso te contar uma coisa — disse Tenley de repente.

Pela expressão no rosto dela, não era algo bom. Tentei não me desesperar.

— Tudo bem.

— Eu gravei o sexo no celular.

— Como?

— O prof. Calder estava transando com uma aluna na sala. Eu gravei.

— Meu Deus. Ele sabe?

— Ainda não. Converti o arquivo em MP3, salvei em um pen drive e mandei para o meu e-mail.

— Garota esperta — comentei, sorrindo. Tenley não parava de me surpreender.

— Quer ouvir?

— Agora?

— Aham.

Tenley tinha vinte minutos até a reunião; ouvir não ia fazer mal nenhum.

— Tudo bem.

Ela me entregou o celular e um vídeo apareceu na tela. A câmera filmou a porta, parando na placa com o nome do professor enquanto sons abafados que podiam ser confundidos com uma conversa se transformaram nos ruídos inconfundíveis do sexo.

Algumas transas são excitantes de ouvir. Aquela não era. Os gemidos agudos e chorosos da garota do outro lado da porta, intercalados com os grunhidos e gemidos do homem, eram brochantes. O ponto alto foi quando a mulher gritou o nome de Calder, seguido por uma repreensão severa na voz facilmente reconhecível dele e um som alto de tapa. Qualquer dúvida quanto a quem estava atrás da porta era anulada por aquele orgasmo infeliz.

— Uau — exclamei, achando que fosse vomitar.

— Você acha que é suficiente?

— Ah, com certeza. Mais do que suficiente.

Dada a evidência irrefutável, Tenley me convenceu a deixá-la ir à reunião sem anunciar minha presença. Ela estava com o celular e tinha me mandado o arquivo por e-mail. Também havia um pen drive com o vídeo. Aquele filho da puta estava cometendo abuso de poder e eu queria que ela o denunciasse.

Fiquei sentado na sala de espera por uns cinco minutos antes de me sentir agitado demais e atravessar o corredor até a porta da sala dele. Ouvi o murmúrio baixo das vozes. Não gostei do tom do babaca nem do fato de ele ter aumentado o volume.

A porta se escancarou e Tenley saiu tropeçando, parecendo desesperada, lágrimas ameaçando cair. O decote do vestido dela estava torto, expondo a alça do sutiã e a *minha* tatuagem. O Prof. Babaca parecia irado. Meus olhos desceram. Aquele filho da puta estava de pau duro.

Toda a raiva e a agressividade que eu estava tentando conter se espalharam pelo meu corpo em uma onda vermelha.

— Espere por mim no saguão — falei.

Dei um beijo na testa de Tenley e passei por ela, entrando na sala. A porta se fechou atrás de mim.

— Você não pode entrar aqui.

Ele esticou o braço para pegar o telefone em cima da mesa com a mão trêmula.

— Eu não faria isso se fosse você — falei, com os dentes cerrados.

Como o professor não tirou a mão do telefone, atravessei a sala, coloquei a mão em cima da dele e a apertei, até que ele soltou, então o empurrei na cadeira. Fiquei parado diante dele, sentindo um impulso violento de socá-lo até que se tornasse um caos sangrento quase impossível de conter.

— Deixe eu explicar uma coisa para você. — Respirei fundo e continuei, com a voz mais calma que conseguia: — Você não vai encostar na Tenley. Nunca.

Ele se recostou na cadeira, abrindo um sorriso cínico no canto da boca. Para deixar tudo bem claro, fechei o punho e soquei o saco dele. Ele emitiu um som sem fôlego e se encolheu, tossindo e cuspidando.

Agarrei-o pelos poucos cabelos que lhe restavam; os fiapos longos que penteava para o lado a fim de cobrir a careca funcionavam como uma boa alavanca. Levantei a cabeça dele.

— Entendeu?

Os olhos do homem se arregalaram e sua boca se mexeu, mas nenhum som saiu. Por fim, Calder assentiu. Soltei sua cabeça, encurralando-o na cadeira ao me inclinar por cima dele, segurando o pen drive.

— Você sabe o que tem aqui?

— A srta. Page... — começou ele, com a voz rouca.

— Sim ou não?

— Sim.

— Ótimo. Então você sabe que vai se ferrar se isso por acaso vazar.

— Você não tem como provar...

— Não foi uma pergunta e não foi uma frase retórica, seu imbecil, então cale a boca e ouça. É isso que vai acontecer. Você vai recomendar que Tenley seja orientada por outro professor, um que seja especialista em comportamentos desviantes. Eu sei que tem mais de uma professora no departamento que está disposta a aceitar um novo aluno; já me certifiquei

disso. Você *não* vai recomendá-la para outro orientador homem ou eu vou voltar aqui e meter a porrada em você. Se a Tenley me contar que você sequer *olhou* para ela, eu vou voltar aqui e meter a porrada em você. E, se você tocar nela de novo, Deus me perdoe, aí eu vou arrancar seu pau e fazer você comê-lo.

“Agora, não sei bem qual é o seu problema com a tese da Tenley, mas acho que você vai descobrir, se olhar com mais atenção, que ela não tem sido nada que não minuciosa e eloquente. As referências dela a Merton, Routledge e oreau são coesas e fornecem uma análise aprofundada das normas culturais e dos desvios de comportamento, baseada sobretudo, mas não limitada à, na teoria da anomia, no estruturalismo funcional e na teoria do conflito. Eu poderia entrar em mais detalhes, mas acho que não preciso, visto que você não vai mais ser o orientador dela.”

O Prof. Babaca olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças, sua boca se abrindo e se fechando como um retardado.

— Você parece surpreso. Posso te atropelar como um trator, seu bosta. Só porque eu optei por não me adequar às massas não quer dizer que eu tenha um intelecto abaixo da média.

Quando peguei uma caneta na mesa, ele pulou e guinchou. Deve ter pensado que eu ia enfiá-la nele, que era mesmo o que eu queria fazer. Anotei os nomes das professoras que eu tinha pesquisado enquanto Tenley estava fora caso algo assim acontecesse.

— Isso deve ajudar você a começar. Alguém que não seja você vai ligar para a Tenley quando uma nova orientadora for definida.

— E o vídeo? — perguntou ele.

— O que tem o vídeo?

— O que vocês vão fazer com ele?

— Ah, essa é uma ótima pergunta, não é mesmo? Se a reitoria ficasse sabendo do seu comportamento, você ia perder o cargo, não ia? Sem falar na sua esposa. — Toquei no cinzeiro em que a aliança de casamento havia sido jogada. — A não ser que ela não se importe que você coma suas alunas.

A expressão dele me confirmou que ela não fazia ideia do que estava acontecendo.

Abri um sorriso cruel.

— Achei melhor perguntar. Acho que seria melhor para você tratar de se recompor e começar a fazer umas ligações então. Talvez seja bom também que mantenha o pau dentro da calça. É impressionante como boatos se espalham com rapidez, ainda mais quando são divulgados no YouTube.

Então me ergui, me afastando daquele babaca patético e piegas.

— Agora, se você me der licença, tenho uma namorada chateada para cuidar, graças a você.

Saí e mandei uma mensagem para Tenley assim que cheguei ao final do corredor. Ela não estava na sala de espera como imaginei, ou seja, estava chateada o bastante para seguir minhas instruções e me esperar no saguão. Apertei o botão do elevador, querendo chegar até ela o mais rápido possível.

Não tive medo de Calder ligar para a segurança. Ele tinha coisas demais a perder. Mesmo depois de ele cumprir minhas exigências, eu ia encorajar Tenley a mostrar a gravação para os superiores dele. Aquele babaca tinha que perder o emprego.

As portas do elevador se abriram e uma loira familiar saiu. Eu já a tinha visto saindo da sala do dr. Otário. Ela claramente não esperava que houvesse mais alguém no prédio. Depois que se recuperou do choque, seus olhos subiram para meu rosto, e ela sorriu de modo que era para ser sexy. Acabou parecendo insegura — exatamente o que Calder estava procurando.

Dei um passo para o lado para deixá-la passar. Ela deu uma olhada por cima do ombro enquanto eu entrava no elevador. Coloquei a mão na frente para impedir que a porta se fechasse.

— Eu conheço você — falei. — O Calder é seu orientador?

Ela pareceu confusa com a pergunta.

— Hum, não, meu professor, mas espero que no ano que vem... Como...?

— As pessoas sabem que você está dando para ele.

O horror no rosto dela foi a última coisa que vi antes de as portas se fecharem.



TENLEY

Hayden saiu do elevador como um trovão.

— Vamos embora daqui.

Ele agarrou minha mão, me puxou da cadeira e seguiu em direção à porta. Quase tive que correr para acompanhá-lo. Seu maxilar estava trincado, os olhos em chamas. Quando chegamos ao carro, ele me ajudou a entrar e deu a volta sem dizer uma palavra. Colocou a chave na ignição e ligou o motor.

— Você está bem? — perguntou ele.

— No geral, sim.

— Ele passou a mão em você.

— Eu disse a ele que sabia do caso com a aluna, e ele ameaçou me expulsar do programa. Ele também disse que se eu divulgasse a informação, ele tornaria impossível conseguir outro orientador para mim. Então mostrei o vídeo no meu celular. Ele tentou pegá-lo da minha mão.

Hayden respirou fundo algumas vezes, apertando e soltando o volante, olhando pelo para-brisa. Eu não conseguia enxergar nada além da raiva dele, e minhas próprias emoções estavam muito abaladas.

— O que aconteceu depois disso?

— Eu abri a porta. Você estava lá.

Enfim, ele olhou para mim.

— Foi só isso?

— Ele segurou meu braço para pegar o celular, mas não conseguiu, então acabou puxando a manga do meu vestido.

— Você vai ter um novo orientador no começo do próximo semestre.

— O quê? Como isso é possível? Normalmente a gente leva meses para conseguir algo assim.

— Calder vai dar um jeito; ele acha que, se não fizer isso, o vídeo vai chegar à reitoria.

— Deveria chegar à diretoria de qualquer forma.

Se Calder fez aquilo comigo e com aquela outra menina, ele provavelmente já tinha feito antes e faria de novo.

— Sim, mas primeiro eu quero que aquele filho da puta encontre um novo orientador para você. Aí você pode derrubar o castelo de cartas dele.

Hayden pegou o celular e fez uma ligação.

— Oi, Lisa. — O tom dele era cortante. — A que horas é a minha primeira sessão?... E a próxima?... Você pode reagendar a primeira para o meio-dia e deixar aquele espaço de tempo livre? Vou me atrasar... Aham... Não... Sim.

Ele desligou.

— Você não precisava ter reagendado seu primeiro cliente. Eu estou bem.

— Eu não.

— Ele não me machucou.

— Mas poderia ter machucado. Se eu não estivesse lá, talvez tivesse tentado.

Hayden se aproximou e tocou meu rosto. Seus dedos tremiam, como se ele estivesse tendo dificuldades para controlar as emoções.

— Mas você estava lá, então está tudo bem — falei, tentando acalmá-lo.

— Vou levar você para casa.

— Não precisa. Quer parar em algum lugar primeiro? Podemos comer alguma coisa.

— Não estou com muita fome.

— Talvez você se sinta melhor.

— Só tem uma coisa que vai me fazer me sentir melhor. — Ele me fitou com olhos sombrios. — E, apesar de eu não me importar nem um pouco em transar com você no banco de trás, prefiro mil vezes fazer isso no conforto da minha cama, porque acho que não vou conseguir ser muito cuidadoso.

— Entendo — respondi, a voz calma, apesar de não me sentir assim nem um pouco. — Então acho que é melhor a gente ir para casa mesmo.

— É melhor.

Hayden passou a marcha e seus olhos fitaram a rua.

Enfim o hiato sexual havia acabado.

Hayden poderia ter ultrapassado a barreira do som no caminho para casa. Os pneus cantaram quando entramos na garagem subterrânea, e ele estacionou com mestria na vaga. Eu já tinha saído do carro e estava a caminho do elevador antes de ele tirar a chave da ignição. Eu tinha total intenção de aproveitar aquele desejo primitivo dele.

— Tem alguém ansioso aqui? — perguntou Hayden ao apertar o botão do elevador e roçar o peito nas minhas costas.

O elevador desceu alguns segundos depois e as portas se abriram. Impaciente, pulei para dentro. Hayden me seguiu a passos lentos, curtindo minha ansiedade. Sem me preocupar se eu pareceria desesperada, apertei o botão do segundo andar e depois fiquei apertando o de “fechar portas” até que elas enfim obedeceram.

Hayden se recostou na parede oposta, segurando o corrimão. Aquilo parecia ser a única coisa que o impedia de me deitar no chão.

— Eu não devia ter esperado esse tempo todo.

O piercing da língua dele deslizou sobre o lábio inferior e bateu nos do canto da boca.

Eu devia estar parecendo tão agitada quanto me sentia, porque sua boca se curvou em um sorriso prepotente e ele se afastou do corrimão. Hayden eliminou o pequeno espaço que havia entre nós com dois passos largos e parou na minha frente; perto, mas sem me tocar.

Com dedos preguiçosos, desabotoou meu casaco e o abriu, expondo meu vestido. O tecido não seguia mais as curvas do meu corpo, pois havia sido esticado na discussão com o prof. Calder.

O elevador apitou, sinalizando nossa chegada ao segundo andar. Hayden apontou para que eu saísse. A mão dele encostou na minha lombar, me guiando pelo corredor. Assim que entramos no apartamento, ele me pressionou contra a parede. Sua boca cobriu a minha e ele puxou meu casaco por sobre os ombros.

— Você não tem ideia do que eu vou fazer com você.

Era um aviso e uma súplica. Precisávamos um do outro como necessidade básica. Era simples assim.

— Já cicatrizou o suficiente? — perguntou ele, deslizando a mão entre as minhas pernas. — Por favor, me diga que está tudo bem.

— Já tem tempo suficiente — respondi, me esfregando na mão dele para testar o atrito.

— Então *que se foda*.

Sem se preocupar com preliminares, ele subiu meu vestido até a cintura e parou de me beijar para passá-lo pela minha cabeça, jogando-o no chão ao lado do casaco. Ficou sem fôlego quando viu o sutiã azul-claro coberto com uma estampa de cupcakes. Sua postura calma desapareceu enquanto ele contornava o acabamento de renda rosa-shocking com dedos trêmulos.

— Mais quantas dessas coisas de cupcakes você tem?

— Digamos que as compras de ontem foram temáticas — expliquei, abrindo o zíper do casaco dele.

— Ótimo ouvir isso.

Ele me beijou de novo, devagar e com intensidade, me fazendo atravessar o corredor de costas até o quarto. A luz era filtrada pelas cortinas semiabertas, sem deixar o ambiente escuro. Quando chegamos à cama, eu me sentei na beirada. Hayden não perdeu tempo e se livrou da minha meia-calça, jogando-a no chão. Retribuí o favor tirando a camiseta dele.

— Gosto pra cacete disso — falou Hayden, segurando meus seios e descendo as mãos para acariciar o cetim e a renda no meu quadril.

Enquanto ele convocava minha boca de novo, suas mãos alisaram minhas costas e encontraram o fecho do sutiã, abrindo-o. Os cupcakes se uniram ao restante das roupas no chão. Com os polegares, ele acariciou meus mamilos, com cuidado no começo, depois beliscando com força. Meu arquejo interrompeu o beijo.

— Desculpe. Desculpe — murmurou ele.

Hayden se ajoelhou e eu abri as pernas. Mãos quentes escorregaram pela lateral das minhas coxas enquanto ele dava um beijo penitente no mamilo dolorido. A ternura era um contraste forte com o calor e o desejo dentro dele. Foi para o outro seio e continuou me chupando e me beijando. O tesão

lançava fogo nas minhas veias. Eu estava consumida pela ânsia de senti-lo sobre mim, dentro de mim, me despedaçando e me reconstruindo ao mesmo tempo.

Quando ele soltou meu mamilo, fui para trás, abrindo espaço para ele na cama. Cada tatuagem, cada linha de tinta que cobria seus músculos definidos estava visível quando ele foi até mim com um ar selvagem e perigoso.

Hayden segurou meu tornozelo, me impedindo de ir mais para trás. Com um sorriso lascivo, traçou um caminho de beijos a partir da minha panturrilha, em uma subida tortuosa e lenta. Quando chegou ao destino final, sua boca se fechou sobre o cetim pálido. A pressão quente e molhada da língua dele sobre o tecido era a promessa do que estava por vir. Ergui o quadril e ele enganchou os dedos na minha calcinha, puxando-a para baixo. O cabelo dele fez cócegas no meu quadril quando deu um beijo na tatuagem de cupcake.

— Ah, caraaaalho — sussurrou ele. — Isso é muito sexy.

Os lábios dele se abriram, paralisados enquanto ele passava a articulação do dedo por cima da barrinha curva de metal. O piercing deslizou com o movimento. Emiti um ruído do fundo da garganta.

— Me diga como você se sente, gatinha. É bom? Valeu a pena? — perguntou ele com aquela voz sexual derretida de que eu tanto tinha sentido falta.

Eu estava muito sensível, quase prestes a gozar, embora Hayden mal tivesse me tocado. Ele circundou minha entrada com o dedo e pressionou meu clitóris. Gemi, incapaz de formular palavras. Ele cedeu, me observando enquanto enfiava dois dedos em mim e os dobrava. Não havia uma preparação lenta, nada de gradual na forma como ele manipulava meu corpo. A língua dele apareceu e eu fechei as pernas com a sensação devastadora causada pelo piercing e o orgasmo iminente.

Hayden desceu a outra mão pela parte interna da minha coxa, abrindo minhas pernas enquanto segurava a outra com o antebraço. Então sua língua tocou meu clitóris e ele o lambeu; aço batendo em aço. A sensação dupla me fez estremecer na boca dele. O calor se concentrou onde a língua e os dedos de Hayden se mexiam até eu explodir, gritando o nome dele.

Ele me olhou por baixo dos cílios escuros.

— Caralho, você fica linda quando goza.

Tentando me apoiar nos braços trêmulos, eu me sentei, e Hayden se ergueu comigo. Beije os lábios corados e molhados dele, sentindo meu próprio gosto, depois empurrei seu peito. Ele recuou, me dando espaço para sentar em seu colo. Passei um bom tempo explorando as linhas de tinta no corpo de Hayden, começando com os dedos, depois passando para a boca.

Quando o desejo se tornou demais para suportar, libertei a ereção aprisionada na cueca. Segurando-o com firmeza, fiz um movimento com a mão e me curvei para lambar a ponta.

— Puta merda — sibilou ele. — Você não precisa fazer isso.

Ele começou a me puxar para cima, mas meio segundo depois eu encobri toda a cabecinha e o puxão se transformou em um empurrão. Coloquei-o na boca enquanto ele sussurrava palavrões, murmurando algo sobre pornografia. Soltei-o e lambi a base, espalhando a saliva com a mão.

— Já faz um tempo — falei enquanto montava nas coxas dele. — Achei que isso talvez facilitasse.

Hayden estava tenso quando me aproximei para beijá-lo. Quando se distraiu o suficiente, segurei o pau dele com a mão e me ergui sobre os joelhos. A cabeça deslizou sobre meu clitóris e o piercing dele fez um clique abafado quando tocou no meu.

— Eu só quero...

Ele não chegou a terminar a frase, pois montei nele, observando seus olhos se fecharem e seus lábios se abrirem. Acertei o ângulo, introduzindo cada lado do piercing que atravessava a cabeça do pau, um de cada vez. Enterrando o rosto no pescoço de Hayden, cerrei os dentes ao sentir a queimação ardente que acompanhou a penetração. Tinha sido assim na vez anterior também. Como se, depois daquelas semanas, meu corpo tivesse esquecido como lidar com Hayden.

A respiração dele se transformou em ofegos rápidos enquanto me preenchia. Não consegui conter o gemido agudo quando minha bunda atingiu as coxas dele.

— Você está bem? — perguntou ele, aliviando a pressão no meu quadril.

Suas mãos foram parar nas minhas costas e subiram, envolvendo meus ombros, me segurando no lugar.

Esperei até que a queimação diminuísse antes de responder:

— Estou melhor que “bem”.

Eu me inclinei de leve, testando Hayden e a mim, desesperada para me mexer, mas sem querer que ele me soltasse.

— Gatinha — chamou, apertando com mais força e soltando o ar lenta e pesadamente.

Ficamos sentados assim por um bom tempo, imóveis. Quando Hayden estava pronto, tirou os dedos dos meus ombros e beijou o lugar onde me apertara. Suas mãos foram repousar na curva da minha bunda. Eu me ergui devagar, a plenitude dando lugar ao vazio. Quando senti as bolinhas de aço passarem pela parte mais sensível, reverti o movimento, recebendo-o novamente dentro de mim.

Então ele assumiu o controle, determinando um ritmo lento e estável. O ângulo, a posição, a maneira como ele me impedia de me mexer na velocidade que eu queria — lábios se tocando, mas sem nos beijarmos — transformaram meu corpo em um turbilhão de desejo. Olhei para baixo, para o ponto onde nos conectávamos, para vê-lo sair deslizando de mim. O movimento seguinte para baixo foi rápido e forte, meu gemido interrompido pela respiração ofegante.

— Que delícia. Você é gostosa pra caralho. — Ele balançou a cabeça, então se retesou todo. — Merda. Desculpe. Não consegui evitar. — Quando os tremores passaram, ele me beijou como um pedido de perdão. — Agora que isso já passou...

Ele se mexeu dentro de mim, me incendiando de novo.

— Tem certeza de que não precisa de um tempo para se recuperar? — perguntei, sem ar.

— Com você, nunca.

Hayden me deitou na cama, sem sair de dentro de mim. Beijou o vale entre meus seios e se ajoelhou, colocando minhas coxas em volta de sua cintura. Então recuou o quadril e escorregou para a frente, analisando minha reação.

— Tudo bem?

— Por favor.

Ele se ergueu, segurando minhas pernas; no ângulo novo, penetrou ainda mais fundo. Joguei os braços para trás, procurando algo em que me segurar. As ripas de madeira da cabeceira eram a âncora perfeita. Estiquei os braços para cima, segurando firme. O restante do meu corpo se curvou em direção a Hayden.

Ele começou devagar, mas não era suficiente para nenhum de nós. Ele estava com tesão demais, o conflito cada vez maior enquanto batalhava pelo controle que não tinha.

Meus olhos encontraram o olhar ardente dele.

— Me come.

— Puta merda — grunhiu ele, me arrancando da cabeceira.

Hayden tirou minhas pernas do quadril dele e as empurrou em direção ao meu corpo. Inclinando-se para a frente, engatou meus tornozelos em seus ombros, fazendo força para baixo. Meus joelhos acertaram meu peito e eu agarrei os braços dele. O peso de seu corpo desencadeou uma nova onda de desejo. E então ele começou a se mexer.

— Era isso que você queria? — perguntou ele, pontuando cada palavra com um movimento forte, a boca ao lado da minha orelha.

Respondi com uma série de palavrões afirmativos. Eu estava presa debaixo de Hayden enquanto ele me golpeava por dentro, desencadeando sensações que eu nem sequer sabia que meu corpo era capaz de produzir. Eu não conseguia encontrar um apoio, impossibilitada que estava de me mover. Ele dominava o ato completamente, fazendo do meu corpo um escravo.

— Meu Deus, eu amo comer você — disse ele, ofegante, o quadril batendo sem parar em minhas coxas.

Aquilo era muito próximo das palavras que eu queria ouvir dele, mas que receava não merecer. Entrelacei os dedos nos cabelos de Hayden e tracei um caminho de beijos por seu maxilar. Ele abriu a boca para me receber e depois assumiu o controle daquilo também.

— Não quero ficar sem você de novo — falei, querendo dizer como me sentia, mas ainda com medo.

Minha resposta arrancou dele um grunhido profundo, que me levou para além do limite. Eu estava quase ultrapassando o ápice do orgasmo quando ele

se ajoelhou de novo, colocando minha perna direita sobre o outro ombro. O antebraço dele passou por cima das minhas canelas, segurando minhas pernas contra o peito dele, minha pele sem marcas sobre a rede de arte que cobria a dele. Hayden olhou para mim, todas as palavras não ditas refletidas em seus olhos.

— Nunca vou me cansar de você. — A voz dele soou rouca.

Ele mudou o ritmo, seu quadril se movimentando com uma lentidão inexorável. Mas o orgasmo não esvaneceu. Em vez disso, foi onda após onda de prazer excruciante. Meu corpo entrou em *overdrive*, tão sensível que estremei com o alívio infinito.

— Que delícia. É demais.

Eu me curvei em um arco e agarrei os lençóis, precisando segurar alguma coisa. Hayden estava gloriosamente feroz enquanto suas mãos desciam pelas minhas canelas, chegando aos joelhos e às coxas. Seus dedos apertavam meu quadril com força enquanto ele continuava o ataque erótico.

Hayden me apertou mais suavemente e desacelerou os movimentos de novo. Minhas pernas escorregaram de seus ombros e repousaram, débeis, ao lado das coxas dele. Ele posicionou uma das mãos entre minhas escápulas e a outra, na minha barriga. Com os dedos, acariciou a pele hipersensível.

De repente, ele me colocou no colo e contornou um mamilo com a língua. Meu corpo sem vida tremeu em seus braços. Hayden deu uma risada grave, traçando um caminho de beijos até nossa boca se encontrar.

Os movimentos dele eram gentis e respeitosos enquanto eu recuperava um pouco do controle sobre meu corpo. Ele me puxou para si, as mãos na minha cintura, girando meu quadril. Em pouco tempo os movimentos curtos aceleraram e se tornaram mais frenéticos.

Assim como na primeira vez em que transamos, segurou meu queixo e sussurrou com voz rouca:

— Olha para mim.

Seus olhos azul-claríssimos emitiam um brilho de vulnerabilidade.

— Eu... Eu preciso... — Ele balançou a cabeça. — Você é minha. — O corpo dele enrijeceu.

Eu me sentia como se sempre tivesse sido dele. Meu coração era dele pelo tempo que Hayden quisesse tê-lo.



HAYDEN

Entrei no estacionamento da Tiffany's. Eu não tinha comprado um presente de Natal para Tenley e já estava em cima da hora. Comprara só algumas coisinhas, mas nada que dissesse a ela como eu me sentia sem precisar recorrer a palavras. Lisa tinha me mandado ali para dar um jeito nisso. Eu não fazia a menor ideia do que comprar, mas, segundo Lisa, na Tiffany's não tinha erro, então lá estava eu. Quarenta e cinco minutos antes do meu próximo cliente.

Eu deveria ter planejado melhor aquele passeio. Estava usando roupas de trabalho: jeans, minha camisa do Inked Armor e coturnos gastos. Ao menos a jaqueta não era tão terrível, porque era preta. Estava torcendo para que fosse discreta o suficiente para que eu não me destacasse como um ponto vermelho na neve.

Em geral, eu não ligava, mas aquilo era importante e eu não queria estragar o presente de Tenley. Era nosso primeiro Natal juntos e eu desejava criar novas lembranças. Memórias boas que talvez ajudassem a aliviar a dor da perda dela. Depois de todos aqueles anos, eu ainda tinha dificuldades em enfrentar as festas de fim de ano. Minha esperança era de que agora, com Tenley, as coisas melhorassem.

Tranquei o carro e me dirigi à entrada. Muitos carros pelos quais passei eram da categoria "luxo". Vários playboy-móveis, um Lexus maneiro e um Audi bem elegante. Abri a porta da loja chique, preparado para ser escorraçado, mas estava tão cheia que minha chegada passou quase despercebida. A loja estava repleta de empresários bem-vestidos com a mesma missão que eu.

Uma das moças atrás do balcão olhou para mim, me analisou de cima a baixo e sorriu, mas sua atenção foi desviada quando um homem careca se aproximou. O sorriso dela se abriu ainda mais quando ele apontou e ela destrancou uma janelinha atrás do balcão para pegar uma bandeja de pulseiras

de diamante. A julgar pelo traje, o cara estava pronto para gastar uma grana preta.

Enfiei as mãos nos bolsos, lamentando não ter pensado em mudar de roupa. Uma simples calça social em vez de jeans teria aumentado minhas chances de ser bem-atendido. Tentei não chamar atenção enquanto dava uma olhada em volta. Eu só queria comprar algo e me mandar dali.

Parei em frente a uma vitrine com anéis de noivado. Eu tinha visto a aliança de Tenley em fotos; o diamante era enorme. Eu não conseguia imaginá-la escolhendo algo daquele tipo. Ela era mais sutil. Não que eu devesse estar pensando nisso; a primeira experiência dela com toda essa coisa de noivado tinha sido traumática pra cacete. Nenhum de nós jamais ia querer aquilo — não agora. Talvez nunca.

Eu ainda nem tinha dito a Tenley que estava apaixonado por ela. Quase falara na manhã anterior, quando enfim estive dentro dela de novo. Seria uma revelação e tanto. Foi o sexo mais intenso que tive na vida, e não apenas por causa do alívio físico. Foi bem mais intenso do que isso. Tenley e eu nos conectávamos em um nível diferente, e eu queria estar com ela de novo daquele jeito.

Mas aquela espera toda foi idiota. Na noite anterior, Tenley ficou tão dolorida depois do sexo que acabei de molho na banheira com ela por uma hora. Demos uns amassos pelados, e eu perdi um pouquinho a cabeça. Tentei afastar a imagem de Tenley nua. Meu pau já estava respondendo e tive que forçá-lo a recuar com ameaças mentais de castração.

Dei uma olhada na vitrine seguinte e sorri quando vi o presente perfeito, brilhando em uma caixinha de veludo. Percebendo uma movimentação em minha visão periférica, me virei e vi a moça que tinha sorrido para mim agora parada a mais ou menos um metro de distância.

— Oi, meu nome é Francine. Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa?

Até o nome dela me fez sentir inferior, o que era absurdo. Eu podia bancar compras em uma loja como a Tiffany's. Era a presunção automática dos outros baseada na minha aparência que eu não conseguia tolerar, que me fazia evitar lugares como aquele.

Dei uma olhada em volta. Todos os outros vendedores, em sua maioria mulheres, usavam roupas sociais e esperavam. Um homem estava parado atrás do balcão sem interagir com ninguém. A roupa dele era diferente das outras espalhadas pela loja. Devia ser o chefe. Ele estava com as mãos às costas e olhava atentamente para a vendedora que me atendia. Que babaca. Ela devia ter perdido no palitinho e teve que me atender. Sorri.

— Quero levar este aqui para a minha namorada. — Apontei para o pingente de cupcake. — Eu adoro cupcakes e, hum... Ela faz os melhores cupcakes do mundo, então acho que é adequado, né?

Minha esperança era de que, se eu continuasse falando, ela se sentiria mais confortável.

Francine sorriu, e foi genuíno.

— Parece perfeito e muito atencioso. Você quer que ela use em um cordão ou em uma pulseira?

— Hum...

Passsei a mão pelo cabelo, confuso. Eu adorava o pescoço de Tenley; passava um tempão com o rosto enterrado ali. Na maioria das noites, grudava os lábios no pescoço dela e às vezes gostava de dar umas mordidinhas. Será que um cordão atrapalharia meus carinhos? Eu estava sendo ridículo. Se me incomodasse, era só tirar.

— Podemos dar uma olhada nos dois antes de eu decidir?

— Claro. — Ela destrancou a vitrine e pegou o pingente. — Este aqui sai por pouco menos que mil e cem dólares — disse ela com uma voz suave. — Temos outras opções se você quiser dar uma olhada também.

Ela estava tentando me poupar da vergonha caso eu não pudesse comprar. Fiquei surpreso que algo tão pequeno pudesse ser tão caro, mas isso não ia me impedir de levá-lo.

— Não precisa.

Ela pareceu aliviada por eu não ter ficado irritado ou ofendido. Então me levou até o balcão onde as correntes e as pulseiras estavam e puxou duas bandejas com uma infinidade de opções. Fiz uma careta. Ela abriu um sorriso compreensivo.

— Posso sugerir um cordão? Geralmente é assim que esse pingente é usado.

— Parece ótimo.

Assenti entusiasmado, feliz por perceber que ela sabia o que estava fazendo.

— Você prefere algo delicado ou alguma coisa mais assim? — perguntou a moça, mostrando uma corrente grossa.

Achei que decisões sobre joias fossem bem mais simples, mas, ao que tudo indicava, eu estava enganado. Tirei o casaco e arregacei as mangas, porque estava começando a suar. Os olhos dela gravitaram para meus pulsos e antebraços. Quase puxei as mangas para baixo de volta a fim de cobrir as tatuagens, mas seria inútil. Eu não deveria me importar.

— Ela é pequenininha. — Olhei para Francine, tentando comparar a altura das duas. Elas tinham mais ou menos o mesmo biotipo, mas Tenley era menor, com mais curvas. — Mais ou menos da sua altura, talvez. Mas não gosta de nada escandaloso.

— Ah, então delicado seria mais apropriado?

— Me parece melhor, sim.

Decidimos por uma corrente de platina que parecia fina demais para aguentar qualquer manuseio. Francine passou o pingente pela corrente e os colocou em uma caixinha preta, que coube direitinho em uma daquelas caixinhas azuis da Tiffany & Co. Então a embrulhou em papel azul, finalizando com uma fita branca amarrada em um laço. Ela acomodou a caixa em uma daquelas sacolas cheias de fru-frus e a amarrou com mais uma fita branca.

Eu estava gastando uma nota, mas não me importava. Dinheiro não era um problema desde a morte dos meus pais, e Tenley merecia algo bonito. Além disso, eu estava orgulhoso de ter saído e comprado aquilo sozinho, sem nenhuma ajuda fora a dica de Lisa sobre aonde ir.

Francine fez meu cadastro e eu lhe entreguei o cartão de crédito. A transação foi aprovada e assinei o comprovante, guardando o recibo na carteira.

— Se você tiver qualquer problema, por favor, não hesite em trazer o cordão de volta — disse ela enquanto me entregava a delicada sacolinha azul.

— Certo. Obrigado. — Assenti estupidamente, sem saber o que poderia dar errado com um cordão. — Só espero que ela goste.

— Tenho certeza de que vai adorar. Ela é uma garota de sorte.

— Não tenho muita certeza disso, mas obrigado pela ajuda.

Francine abriu um sorriso caloroso.

— O prazer foi meu.

Era uma resposta-padrão, mas, por algum motivo, acreditei.

Cheguei atrasado ao trabalho e o cliente já estava esperando. Atrasos geralmente me irritavam, mas as coisas estavam tranquilas no estúdio aquela tarde, já que a partir do dia seguinte estaríamos fechados para as festas de fim de ano. A garota que estava me esperando era o último cliente do dia.

— Legal da sua parte aparecer no horário — bufou Lisa quando passei pela porta, mas sua expressão mudou assim que viu a sacola pendurada no meu dedo. — Aaaaaaah, você encontrou alguma coisa! Deixe eu ver!

— Depois. Minha cliente está esperando.

Só clientes especiais estavam agendados para aquele dia, e Amy era uma delas. O estúdio estava vibrando de animação. Lisa tinha decorado tudo com azul-pastel, prateado e preto. Havia cookies e sidra quente no balcão, junto com os cupcakes que Tenley devia ter deixado ali. Tinham uma cobertura branca fofa e velinhas prateadas. Peguei um quando passei e tirei a forma, expondo o bolinho delicioso.

— Quer um? — perguntei a Amy, apontando para os cupcakes. — Minha namorada que fez. São deliciosos.

— Já comi dois. Melhor parar por aí — falou ela, pegando a caneca de sidra e me acompanhando até a sala privativa.

Depois que Amy e eu acertamos tudo sobre a tatuagem que iríamos sombrear, deixei-a sozinha para que tirasse a roupa e vestisse o avental. Lisa praticamente se atirou em mim quando saí. Se eu tivesse raciocinado, teria deixado a sacolinha na sala privativa, mas ainda estava pendurada no meu dedo. Entreguei-a.

Lisa ficou toda agitada quando abriu a sacola e pegou a caixinha da Tiffany's. Começou a desfazer o laço.

— Espere! O que você está fazendo? Não vou conseguir refazer isso.

Estendi o braço para arrancar a caixa da mão dela, mas Lisa ergueu a mão para me impedir.

— Não se preocupe, eu refaço.

Ela desfez a embalagem com cuidado e abriu a caixinha preta, erguendo a tampa. Lisa observou o pingente de cupcake repousado no veludo preto.

— É idiota, né? — perguntei, inseguro com a minha escolha.

— Não, não é idiota. É perfeito. Ela vai amar.

Dei um tapinha mental nas minhas próprias costas. Um a zero para Stryker. Ah, se o restante das festas de fim de ano fosse fácil assim...

Os palavrões irritados de Tenley me distraíram da tarefa de escolher entre uma camisa cinza e uma azul-elétrico.

— Que foi, gatinha? — perguntei de dentro do closet.

— Preciso de ajuda. O zíper ficou preso.

Coloquei a cabeça para fora. Tenley estava na frente do espelho, o pescoço esticado enquanto ela tentava passar o zíper pela cintura. A tatuagem estava à mostra, bem como a lingerie rendada que ela exibía fazia vinte minutos. Por isso eu tinha desaparecido dentro do closet. Já tínhamos transado duas vezes na noite anterior. Como Tenley andava carente e saidinha, se tivéssemos partido para mais uma rodada naquela manhã, eu a devoraria e nos atrasaríamos para a celebração na casa de Cassie. Quer dizer, nos atrasaríamos ainda mais, pois deveríamos ter chegado lá quinze minutos antes, e o caminho demorava outros quinze.

Parei atrás de Tenley e empurrei alguns fios de cabelo por cima de seu ombro para que não ficassem presos no zíper. Ela largou o vestido, e o tecido deslizou para baixo. Vi a faixa grossa de renda da calcinha e a curva macia e perfeita da bunda. Meu pau se animou. Mande mentalmente que se acalmasse.

Tenley estava desanimada naquela manhã por motivos óbvios. Lembrei como haviam sido as festas de fim de ano sem meus pais nos primeiros anos. Eu tinha me apoiado nas tatuagens e nas drogas.

— Podemos começar a colorir na semana que vem se você quiser — sugeri enquanto descia o zíper de volta.

— Sério?

— Sim. Não tem por que não. Podemos começar nos ombros e ir descendo.

— Parece ótimo. Senti falta de sentar na sua cadeira.

Olhei para o reflexo dela no espelho. A cadeira foi o primeiro lugar onde nos conectamos de verdade em um nível além do físico. Era o laço que surgia entre o artista e o cliente. Só que o nosso era bem mais intenso.

— Eu também.

Tomei cuidado para não prender a renda no zíper quando o subi. Apesar de toda a rebeldia, Tenley gostava de vestidos de menininha, e eu também. Tornavam as tatuagens e os piercings por baixo deles muito mais sexy. O vestido dela era muito clarinho, um cor-de-rosa quase branco. Era tomara que caia, destacando suas clavículas ainda proeminentes demais, embora Tenley tivesse recuperado um pouco o peso desde que voltara, assim como eu. Esperava que o Natal e o Ano-Novo ajudassem a aumentar a maciez das curvas dela, graças à montanha de cupcakes que tinha feito.

Dei um beijo no ombro dela e, como não consegui me conter, continuei beijando até o pescoço. Tenley inclinou a cabeça para me dar um acesso melhor. Apoiando-se no meu peito, segurou meu ombro com uma das mãos. Tracei beijos até abaixo da orelha dela.

— Você está linda.

— Obrigada — sussurrou ela, aquela voz sensual tornando difícil interromper as carícias.

Recuei para que ela não sentisse a ereção que ameaçava nos atrasar ainda mais.

O lábio inferior de Tenley formou um bico.

— Aonde você vai?

— Me arrumar.

— Ah, é? — Ela desceu o olhar pelo meu peito nu e parou abaixo da cintura. — Talvez você precise de ajuda com isso.

— Acho que consigo me virar.

Tenley me seguiu até o closet mesmo assim, e levei bem mais tempo para me arrumar do que previa. A versão dela de “ajuda” incluía tentar me persuadir a deixá-la cuidar do problema dentro da calça. Por fim, ela desistiu e escolheu uma camisa e uma gravata que combinassem com minha calça social preta.

Ela levou um tempo para fechar todos os botões, começando de baixo para cima, encobrindo as tatuagens enquanto subia. Quando terminou, se ofereceu para colocar a camisa dentro da calça. Recusei. Tenley suspirou, pegou a gravata de pin-up e a enrolou no colarinho.

— Você sabe fazer nó de gravata?

Ela assentiu e mordeu o lábio, concentrada enquanto fazia um nó Windsor duplo.

— Meu pai me ensinou quando eu tinha doze anos. Eu era melhor nisso do que ele. Ele pedia que eu fizesse um pré-nó em todas as gravatas dele para poder enfiá-las pela cabeça em vez de lutar com elas. Connor era tão ruim quanto... — Ela balançou a cabeça. — Desculpe.

O nome foi como um choque elétrico, já que Tenley quase nunca o mencionava. Ela apertou o nó com as mãos trêmulas, uma delas deslizou pelo meu peito e eu a segurei, trazendo-a até minha boca e beijando as articulações dos dedos.

— Eu sei que hoje vai ser difícil para você. Pode falar deles se quiser. Não vou ficar chateado.

Ele não podia voltar e levá-la embora, mas a lembrança podia incitar culpa, devorando-a e fazendo com que fosse difícil para Tenley se abrir comigo.

Ela continuou fitando o chão.

— Não posso. Vou chorar.

— Tudo bem. Tenho lenços.

Abracei-a, e Tenley se aconchegou em mim. Seu corpo esbelto tremia enquanto ela lutava contra a onda de emoções que ameaçava devastá-la. Os últimos dias tinham sido assim. Eu a encontrava em frente à árvore de Natal, tocando nos enfeites com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela sempre as secava e sacudia a poeira, mas eu sabia como aquele dia seria para ela. Muitos anos antes, eu enfrentava a mesma situação.

Quando Tenley se afastou de repente, seu foco permaneceu no colarinho da minha camisa. Ela ajustou as lapelas e endireitou a gravata de novo, apesar de não precisar. Sua respiração estava profunda e estável. Quando enfim olhou para mim, lágrimas não derramadas brilhavam em seus olhos e seu sorriso era fraco. Ela ia desabar em algum momento daquele dia. Era inevitável.

— Você está tão... — ela inclinou a cabeça — ... normal.

— Isso é ruim?

— Nem um pouco. Eu gosto quando você se arruma. É sexy. — Ela tocou os piercings do meu lábio e desceu pelo pescoço, contornando o colarinho. — Eu sei o que tem aqui embaixo. Sei o que você está escondendo, enquanto os outros não sabem. — Ela ficou na ponta dos pés para dar um beijo no canto da minha boca.

Eu entendia perfeitamente. E adorava o fato de que Tenley tinha uma tatuagem minha nas costas que não estava à mostra para qualquer um. O desenho quase nunca seria visto em toda a sua complexa glória e, na maior parte do tempo, apenas o topo das asas estaria visível, mesmo com um vestido tomara que caia. A argola pequena e delicada no nariz era o único sinal visível de quem ela era por dentro, mas eu a conhecia além disso. E gostava.

Virei a cabeça e aprofundei o beijo. Levei as mãos à cintura dela, mal resistindo à tentação de descer para a bunda. Aquele não era um bom momento para começar esse tipo de coisa; as emoções de Tenley já estavam bem afloradas. Relutante, eu me afastei.

— Quero te dar um presente antes de irmos — falei como uma forma de distração, colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha.

Aquilo a fez sorrir de verdade.

— Também tenho um que quero te dar agora.

Fomos até a sala de estar. AG estava rolando no chão, lutando com o rato de brinquedo. Haveria mais presentes para ela no dia seguinte, como a caminha de cupcakes. Tenley mal acreditava em como era fofa ou que eu tinha comprado aquela porcaria. Demos muitas risadas por causa disso.

Alguns presentes estavam guardados em uma caixa que levaríamos à casa de Cassie, mas havia vários debaixo da árvore. Fucei na parte de trás, onde eu

tinha escondido a sacolinha. Tenley pegou uma caixa grande e se sentou no sofá, apoiando-a na mesa de centro.

— Você primeiro. — Entreguei a sacolinha com a fita elástica branca.

Ela arregalou os olhos.

— Isso é da Tiffany's.

Não me surpreendi por ela saber que a sacola era de lá só de olhar. Parecia uma coisa de mulheres. Tenley enfiou a mão na sacola e tirou a caixinha azul. Depois de tirar a tampa, pegou a caixinha preta. Então olhou para mim, tirou a tampa e inspirou com um arquejo suave.

— Ah, Hayden...

— Gostou? — perguntei, incapaz de interpretar a reação dela.

— Isso é bem... — ela hesitou — ... extravagante.

— Não é assim que as festas de fim de ano devem ser? Isso me lembrou de você, então queria que fosse seu.

As lágrimas que ela estava contendo desde que acordara naquela manhã se libertaram, o que não era exatamente a reação que eu esperava.

— Se você não gostou, posso levar de volta e escolher outra coisa.

— Não, não. É lindo. É demais, mas é lindo.

— Tem certeza de que gostou?

— Absoluta. — Ela secou as lágrimas com o dorso da mão. — Amei — sussurrou.

Com dedos cuidadosos, ela ergueu a corrente e pousou o pequeno cupcake na mão.

— Quer que eu coloque em você?

Peguei a corrente da mão dela e a desenrolei. Tenley tirou o cabelo da nuca e eu coloquei o colar no pescoço dela com cuidado. Depois, dei um beijo em sua nuca.

Junto com o vestido rosa-claro e o cabelo escuro e longo, o pequeno cupcake ficava perfeito. Eu o ajustei, mais para sentir o calor da pele dela. Só queria estar perto de Tenley.

— Não mereço isso. — Ela tocou o pingente e olhou para mim por entre os cílios molhados. Segurando minha gravata, me puxou para um beijo com lábios trêmulos. — Não mereço você.

— Isso não é verdade — sussurrei, odiando a dor na voz dela.

Eu queria fazer aquilo passar, porém sabia que não conseguiria. Aquele dia seria doloroso para nós dois.



TENLEY

Eu queria muito dizer a Hayden quanto tinha amado o cordão. Connor havia me dado muitas joias, mas nenhuma delas tinha a minha cara tanto quanto aquele pingente. E era exatamente por isso que eu estava desmoronando.

A ausência da minha família tornava as celebrações de fim de ano muito difíceis. Adicionando a isso a consciência cada vez maior dos meus sentimentos por Hayden, pronto: eu era uma bomba-relógio. A ansiedade dificultava o raciocínio, então apenas me sentei no colo dele e fundi a boca à de Hayden.

O celular de Hayden vibrou no bolso, mas ele ignorou. Quando o meu começou a tocar, alguns segundos depois, ele suspirou e se afastou.

— Deve ser a Lisa querendo saber se a gente já saiu.

— O que vai acontecer se eu não atender?

— Ela vai ficar ligando.

Hayden tinha razão. Meu telefone parou de tocar e o dele começou de novo. Ele me colocou na almofada ao lado e enfiou a mão no bolso.

— Vamos sair em cinco minutos — disse ele como forma de cumprimento.

Não consegui ouvir a resposta, mas a testa franzida de Hayden denunciou a bronca de Lisa. Chequei a hora. Já deveríamos estar na casa de Cassie. Hayden quase nunca se atrasava para nada; eu é que enrolava.

Tínhamos retomado os velhos hábitos nos últimos dias, nos isolando e recusando convites para beber a fim de passarmos mais tempo sozinhos. Na maior parte do tempo, na cama dele. O contato físico me ajudava a não pensar muito.

— Já estamos chegando — disse Hayden com um pouco mais de veemência. — Sim... Não... Está bom. Não vou esquecer a salada. Não, não é comprada pronta. Estou ofendido. Até daqui a pouco. — Ele desligou com um suspiro irritado.

— É melhor a gente ir, né? — sugeri. Eu me sentia mal por haver pessoas esperando por nós.

— A Cassie só vai servir o jantar às cinco. Temos tempo de sobra. A Lisa só quer a gente lá para começar os drinques.

— E ela não pode fazer isso até a gente chegar?

— Pode. Ela só está sendo chata. — Ele pegou a caixa que estava na mesa de centro e a colocou no colo. — Vou abrir isso aqui antes de sairmos.

Hayden deslizou o dedo com cuidado por baixo da borda de papel presa com fita adesiva. Conseguiu abrir o pacote sem rasgá-lo. Eu me mexi impaciente enquanto ele erguia a tampa e tirava o enchimento que protegia as bordas. Então ele virou o quadro.

— Puta que pariu.

Os olhos dele passaram pela imagem preta e branca que começava no meu pescoço e terminava no meu quadril. O corpo estava ligeiramente inclinado, de modo que a curva do meu seio estava visível, mas o foco era minha tatuagem inacabada. Lisa ia ter que tirar outra colorida quando estivesse completa.

— É você.

— Gostou? — perguntei, preocupada com a expressão sombria dele.

— Vou fazer uma pergunta e não quero que você fique chateada comigo. — Como não respondi, ele continuou: — Quem tirou isso?

— A Lisa tirou todas.

— Todas?

— São três.

— Você está pelada em todas?

— Em duas, sim.

Ele lambeu o lábio inferior.

— Quando vou ver as outras?

— Você vai ganhar uma na casa da Cassie e outra amanhã de manhã. A da Cassie é a menos reveladora.

— Vou querer arrancar os olhos de alguém se eles virem?

— Não.

— Talvez seja melhor a gente deixar aqui. Só para garantir — sugeriu Hayden.

— É sensual, e não pornográfico. Como aquelas do seu quarto.

Ele afastou os olhos da imagem.

— Hum. Parece que aquelas vão ter que sair de lá, né?

— Parece que sim.

Abaixei a cabeça, escondendo meu sorriso de triunfo.

Eram quase três da tarde quando chegamos à casa de Cassie. Eu estava tremendo, apesar de ter tomado remédios antes de sairmos. Hayden sugeriu que eu trouxesse uns extras só para garantir.

Os remédios me deixavam avoada, e fiquei em silêncio durante o trajeto até a casa de Cassie e Nate, brincando com o pingente no meu pescoço. Hayden embicou na entrada da garagem, estacionando ao lado do fusca de Lisa. Respirei fundo enquanto soltava o cinto de segurança.

Antes que eu abrisse a porta do carro, Hayden colocou a mão no meu braço.

— Se você se sentir sobrecarregada, é só dizer e a gente vai para casa.

— Não vou afastar você da sua família no Natal, Hayden. Vou ficar bem.

— Eles são a sua família também. — Como balancei a cabeça, ele prosseguiu: — Talvez não no sentido literal, mas todos eles entendem que isso é difícil para você. Ninguém espera que você esteja cem por cento, tudo bem?

Assenti, incapaz de falar por causa da onda repentina de emoção. Eles realmente eram uma família. Lisa, Chris e Jamie eram tão parte da vida de Cassie quanto Hayden. Eram como filhos adotivos dela.

— Não sei o que faria sem você — falei, inclinando-me sobre o console para beijá-lo.

— Não precisa pensar nisso. Estou aqui com você e não vou a lugar algum.

Ele falou com muita convicção, como se nenhuma outra opção fosse possível. Era verdade: não havia outro jeito de superar aquilo, não para mim. O fato de eu ter me afastado de Hayden para me aventurar em um passado cheio de fantasmas parecia absurdo agora. Lágrimas escaparam dos meus olhos. Eu as sequei, mas outras começaram a cair.

— Sinto muito por ter ido embora.

— O quê? — perguntou Hayden, confuso.

— Eu não devia ter voltado a Arden Hills sem me explicar. Não devia ter feito isso com você. Sinto muito, muito mesmo. Eu queria ter ficado aqui. Queria ter ficado aqui com você, mas achava que não podia e queria que tivesse sido diferente. — Senti a histeria crescendo.

— Ei. — Hayden segurou meu rosto, me forçando a olhar para ele. — Calma, gatinha. Está tudo bem. Está tudo certo agora. Você está de novo comigo, na sua casa, e isso é o que importa. — Ele limpou as lágrimas sob meus olhos. — Vamos superar isso juntos. Eu e você. Lembre que você já sobreviveu a coisas piores do que isso. O que quer que esteja passando pela sua cabeça agora, você já passou por coisa pior.

— Às vezes eu me sinto culpada por ter você — sussurrei.

— Eu entendo. E gostaria de poder apagar esse sentimento. Você sabe que a sua família não ia querer que você ficasse sozinha, não sabe? Eles iam querer que você tivesse pessoas na sua vida que a amassem e cuidassem de você. Não sei se eles teriam me escolhido para ser essa pessoa, mas eu quero ser se você deixar.

Eu nunca entenderia por que tive que perder tanto para encontrá-lo.

— Não sei o que teria acontecido comigo se eu não tivesse conhecido você.

— Bom, você jamais vai saber.

Ele me beijou, um beijo suave e demorado. Naquele momento, eu sabia que jamais haveria outra pessoa como Hayden na minha vida. Ninguém me faria sentir como ele fazia.

Hayden se afastou e me olhou com uma atenção determinada.

— Quero lhe dizer uma coisa importante.

Na minha visão periférica, vi a porta da frente se abrir. Tentei ignorar, mas a voz alta de Chris explodiu pela rua. Seu comentário grosseiro mal foi abafado pelo ronco do motor.

Hayden suspirou.

— Isso, arruíne a droga do meu momento, por que não?

— Se você fechar os olhos, pode fingir que ele não está aqui.

— Mas estou ouvindo, então não adianta.

— Achei que você tivesse algo importante para me dizer.

— Pode esperar. Melhor entrarmos.

Ele me deu um beijo rápido no canto da boca e desligou o carro. Meu estômago se revirou enquanto nos aproximávamos do cortejo que nos esperava à porta. Cassie abriu caminho até a frente, me abraçou e me puxou para o hall.

— Fico muito feliz por você ter vindo.

— Eu também.

Houve uma explosão de conversas enquanto Hayden me ajudava a tirar o casaco, depois ele voltou até o carro para buscar os presentes e a comida. O hall era amplo e espaçoso, com piso de madeira e decoração moderna. À minha frente, uma escadaria levava ao segundo andar, e à direita ficava a sala de estar, com uma lareira acesa.

Me sentindo oprimida naquele clima animado, pedi licença para ir ao banheiro. Tranquei a porta e abri a torneira, vasculhando minha bolsa à procura do frasco de comprimidos. Rolei-o entre as mãos, relutante quanto a tomar mais, embora soubesse que a calma artificial ia ajudar.

Fechei os olhos e me concentrei na respiração. Em algum momento as batidas do meu coração desaceleraram. Aquele ataque de pânico tinha sido contido, mas eu não queria correr o risco de estar despreparada para outro. Peguei dois comprimidos do frasco e os enfiei no bolso invisível do meu vestido, caso não conseguisse pegar a bolsa depois.

Hayden estava esperando no corredor quando saí, de braços cruzados. Ele se afastou da parede onde estava apoiado e acariciou meus braços. Eu não queria que ele soubesse que eu já estava sofrendo. Ele internalizaria aquilo como uma falha sua, por mais irracional que fosse.

— Está tudo bem? — perguntou, passando as mãos pelo meu cabelo e espalhando-o pelos meus ombros.

— Só precisava de um minuto para me recompor.

Hayden tocou meu queixo e ergueu minha cabeça para me dar um beijo carinhoso.

— Posso lhe mostrar a casa antes que bombardeiem você de novo se quiser.

— Seria ótimo.

Ele pegou minha mão e me afastou das risadas que atravessavam o corredor. O escritório de Nate tinha um ar de terapeuta. Uma enorme mesa avermelhada

ficava nos fundos do cômodo, combinando com as prateleiras na parede. No meio, havia duas poltronas que pareciam bem confortáveis, com banquinhos para os pés sobre um tapete luxuoso. Cada poltrona tinha, ao lado, uma mesinha com um porta-copos.

— Nate trabalha em casa?

— Às vezes. Os pacientes dele usam a entrada lateral. — Hayden apontou para uma porta do outro lado do cômodo, entre duas prateleiras de livros. — Ele também atende alguns pacientes hospitalizados. É uma figura importante.

— Ele é um homem bem ocupado.

— Sim. Bem parecido com meu pai, nesse sentido. — Havia um quê de reprovação no tom de voz de Hayden. — Nate é meio viciado em trabalho. Foi por isso que a Cassie abriu o Serendipity. Ela queria algo útil para fazer.

Eu já tinha pensado sobre isso. Cassie tinha uma Mercedes e sempre vestia roupas impecáveis. Parecia quase deslocada no Serendipity, como prata polida em meio a latão manchado.

— Ela não precisa trabalhar?

Hayden balançou a cabeça.

— Não. Nate tem mais do que o suficiente em bens e ações. Eles provavelmente gastam dinheiro para manter aquela loja, mas ela adora, e é isso que importa para o Nate. Cassie odeia ficar sem fazer nada, que nem eu. Se tivesse que passar o dia todo sentada em casa, ela ficaria maluca.

— Quantos anos ela tem?

— Uns trinta e cinco. Havia uma diferença de idade grande entre ela e minha mãe, uns quinze anos. Mas elas eram bem próximas. Cassie estava sempre por perto quando eu era pequeno. Era quase como uma irmã mais velha, só que ela não enchia o meu saco, o que eu achava legal naquela época. Ela chegou a morar com a gente por um tempo, antes de eu chegar à adolescência.

— Ah, é?

A vida de Hayden não fora tão diferente da minha. Ele teve pais carinhosos e uma família sólida, mas, pelo que parecia, o pai não era muito presente.

— Sim, eu era tipo a sombra dela. Acho que isso fez Cassie me acolher quando meus pais morreram. Ela queria retribuir o favor ou algo assim. — Ele

pegou minha mão. — Venha, vou mostrar o restante da casa.

Não o pressionei por mais informações, ciente de que estava me contando essas pequenas coisas para me distrair. Paramos em vários outros cômodos no andar principal. Os aparelhos na academia doméstica pareciam ser usados com frequência, e a sala de jogos era completa, com uma mesa de sinuca e um alvo de dardos.

Subimos as escadas nos fundos da casa até o segundo andar. Os cinco quartos eram decorados com vários temas modernos. Um estava sendo reformado. Lençóis cobriam os móveis e latas de tinta estavam empilhadas no meio do cômodo.

— Este era o meu quarto. — Hayden abriu a porta mais próxima das escadas. — Só que foi redecorado.

Entrei, absorvendo os contornos elegantes do cômodo. A paleta de cores (creme, preto e cereja) era uma fusão de energias masculina e feminina.

— Cassie pintou de azul-escuro para mim. Mas foi um desperdício, já que eu não fiquei muito tempo.

— Quanto tempo você ficou aqui? — perguntei, passando a mão pelo edredom cereja, maravilhoso na cama preta.

Embora o quarto estivesse diferente, eu imaginava que as lembranças ainda deviam ser difíceis. O amor e o cuidado de Cassie e Nate deviam ter sido suprimidos pelo trauma.

— Só dois meses. Eu estava muito autodestrutivo. Nate tinha essa mania de se achar o salvador. Ele queria que eu conversasse com alguém. Eu não quis. Cassie achava que ele não devia forçar a barra logo de cara, mas eu era um adolescente difícil. Teria destruído o casamento deles se tivesse ficado.

— Por que você diz isso?

Hayden deu de ombros.

— Cassie e Nate não estavam casados havia muito tempo quando meus pais morreram. Aquilo a abalou, e eu era um problema grande demais. Eu não seguia regras. Saía escondido todas as noites; voltava para casa todo drogado, porque não sabia me controlar. Cassie não sabia o que fazer comigo, estava tão perdida quanto eu. Eu via o peso que era para eles. Eu tinha visto o que as

minhas merdas causaram aos meus pais. Concluí que seria melhor para todo mundo se eu perdesse a cabeça sem Cassie na plateia.

— Isso é bem altruísta para alguém tão jovem e em uma situação tão ruim.

Ele balançou a cabeça.

— Fui embora porque lidar com aquilo era difícil demais.

— Podemos concordar em discordar então. Você era só um garoto.

Fazia parte da personalidade dele salvar as pessoas da dor, mesmo que isso significasse se distanciar delas. Então fazia sentido que ele quisesse ficar comigo, porque, por mais próximos que fôssemos, ainda havia muralhas entre nós. Menores do que antes, mas ainda presentes.

— Antigamente eu imaginava como minha vida teria sido se meus pais não tivessem morrido, como teria sido diferente. Mas não faço mais isso.

— O que mudou?

— Conheci você. Concluí que toda aquela merda tinha que ter um motivo, certo? Se eu não tivesse passado por aquilo, jamais entenderia sua situação e essa coisa que a gente tem. — Ele contornou a linha do meu maxilar com a ponta do dedo. — Não seria a mesma coisa.

Hayden tinha razão. Sem nosso passado, nossa conexão talvez fosse diferente.



TENLEY

Todo mundo estava na cozinha quando descemos. Alguém colocou uma taça de vinho na minha mão. Hayden pegou uma cerveja, e Nate jogou um avental para ele, que resmungou enquanto o vestia.

— É isso que você ganha por chegar atrasado, cara — disse Chris, passando a mão pelo próprio avental, que estampava um abdômen masculino definido e tatuado.

O avental de Nate tinha a estampa de um smoking; o de Jamie, de caubói. Hayden não teve tanta sorte: o dele era rosa com flores brancas e babados nas pontas. Ri quando ele se atrapalhou com os cordões. Ele era grande demais para conseguir fazer um laço.

Ele pegou um batedor de ovos e o apontou para mim.

— Está rindo de quê? Eu fico ótimo com esse look.

Ergui as mãos.

— Não vou discutir. Acho que você está lindo.

Ele sacudiu o batedor na mão.

— Não pense, nem por um segundo, que vou esquecer que você disse isso.

Brinquei com a corrente no meu pescoço e sorri. Se o resto do dia transcorresse assim, talvez não fosse tão ruim.

Os jantares de fim de ano na casa de Cassie não eram como os de Arden Hills. Minha experiência em casa era de mulheres correndo para lá e para cá na cozinha enquanto os homens ficavam sentados bebendo. Na casa de Connor, alguém era contratado para cozinhar enquanto a família se congregava na sala de estar formal para tomar vinhos e licores caros.

Ali, os homens tomavam conta da cozinha. Quer dizer, a maioria. Segundo Sarah, Chris não conseguia fazer nem um miojo decente. Permitiram que ele amassasse as batatas, mas Hayden o supervisionava e dava instruções.

Eu ficava fascinada com a aparente naturalidade da rotina doméstica para Hayden. Ele morava sozinho havia sete anos e não era um grande fã de pedir comida, então tinha aprendido a cozinhar. Apesar da fixação por cupcakes e seu amor por cerveja e uísque, tinha hábitos alimentares saudáveis. Às vezes, aquilo fazia dele um pé no saco quando íamos ao mercado.

Sarah deu um assobio baixo, chamando minha atenção de volta para a conversa. Ela apontou para o meu pescoço.

— É novo?

Olhei para o pingente com o qual eu estava brincando.

— Foi um presente que eu ganhei mais cedo do Hayden.

Desde que o tinha colocado, não conseguia parar de tocá-lo. Era como um talismã, a única coisa além de Hayden que vinha me mantendo sã o suficiente para suportar aquele dia.

— Uau! Bem pensado, Hayden! — elogiou Sarah.

Chris deu um soquinho no ombro dele.

— Acho que sabemos por que vocês dois se atrasaram. Parece que alguém estava querendo se dar bem.

— Ai! — Hayden devolveu o soco. — Não foi por isso. Errou feio.

— Vocês dois, controlem-se. Não vamos ter uma luta de MMA na cozinha este ano — ralhou Nate, apontando o cabo da faca para Hayden e Chris.

— Luta de MMA? — perguntei.

— No ano passado, Chris e Hayden passaram do ponto um pouco cedo demais. Uma discussão sobre as batatas. Foi uma merda limpar tudo — esclareceu Jamie.

— Como ficaram muito bêbados, eles abraçaram a privada antes mesmo do jantar. — Lisa lançou um olhar irritado para os dois.

— Aquela foi a pior ressaca que já tive na vida — disse Chris, voltando a amassar batatas.

— Você deixou os dois saírem ilesos dessa? — perguntei a Cassie.

— Não me envolvi. Lisa e eu estávamos em uma missão de emergência para conseguir amoras frescas. Chris trouxe a fruta enlatada, e Hayden se recusou a usá-la. — Cassie sorriu para Hayden.

— Quem é que come calda de amora enlatada? — perguntou ele como se fosse algo de outro mundo.

Ergui a mão.

— Eu gosto de calda de amora enlatada.

— É claro que gosta, Senhorita Vamos Comer Pipoca e Confete no Jantar — retrucou ele.

— Nem vem. Chocolate com confete é sensacional quando já está meio que derretendo.

— É verdade — concordou Sarah. — É bom demais mesmo.

Hayden revirou os olhos e voltou a mexer a calda de amora. Que ele mesmo tinha feito do zero.

— Então, o que aconteceu quando vocês voltaram? — perguntou Sarah.

— Hayden e Chris estavam brigando no chão — respondeu Cassie.

— E Nate e Jamie estavam ocupados apostando em quem ia ganhar — contou Lisa, rindo.

— Eu teria feito uma boa grana se o Hayden tivesse ganhado, considerando que ele era a zebra — disse Jamie.

— Acho que não, hein — zombou Hayden. — Chris estava muito mais mamado do que eu.

— É, mas você é todo magricelo e tal, seu desengonçado. Sou eu quem tem muque aqui — provocou Chris, flexionando o bíceps musculoso.

— Devo me preocupar? — perguntei a Cassie, que os observava com um sorriso entretido.

— Não. Isso é bem normal — respondeu ela.

— Foda-se esse papo de desengonçado. — Hayden jogou a colher de pau na bancada e foi encarar Chris peito a peito. — Você é uma aberração da natureza. Deve ter nascido do tamanho de um bebê de um ano.

Eles pareciam perigosos e assustadores se encarando, o queixo erguido em provocação. Jamie soltou uma gargalhada.

Chris tentava não rir, e Hayden o cutucou no peito.

— Eu não sou magricelo. Sou, gatinha?

— Claro que não. — E todos aqueles músculos definidos? — Acho que você tem um corpo perfeito. — Aquilo saiu quase sem fôlego.

Hayden abriu um sorriso malicioso e se debruçou na bancada para me dar um selinho.

— O mesmo vale para você, linda.

Mesmo com aquele avental ridículo, ele voltou se gabando para seu posto no fogão.

Todo mundo estava olhando para Hayden com uma expressão um tanto incrédula. Tive a nítida impressão de que nenhum deles jamais o vira assim.

Cassie pôs um braço em torno dos meus ombros.

— Estamos todos muito felizes por você ter vindo, Tenley.

— Eu também. — Embarquei no abraço dela. — É muita sorte minha ter encontrado o Hayden.

— Para ele também — disse ela.

Enquanto os homens preparavam o jantar, fui me sentar com Cassie, Lisa e Sarah em torno da bancada no meio da cozinha e ficamos conversando. Fiz o meu melhor para me concentrar no presente. As brincadeiras entre os homens nos mantinham entretidas, e o fluxo constante de vinho ajudava. Lisa enchia minha taça com tanta frequência que era impossível saber ao certo quanto eu tinha tomado.

Quando eles terminaram, colocamos a comida nas travessas e as levamos até a sala de jantar. Hayden se sentou à direita, com o braço no encosto da minha cadeira. De vez em quando ele se inclinava para me dar um beijo na testa ou brincar com uma mecha do meu cabelo e dizer como se sentia feliz por eu estar ali.

Depois do prato principal, tiramos a louça e colocamos pratos novos para a sobremesa. Como ninguém estava pronto para os doces ainda, ficamos relaxando no sofá, extasiados com tanta comida. Todo mundo estava bebericando algum drinque, com exceção de Hayden, que tinha passado para água com gás. A conversa fluía com naturalidade. Eu estava quieta, mas não era por estar presa ao passado. Eu adorava ouvir aquela nova família na qual tinha ingressado.

Depois de um tempo, Hayden e Jamie começaram a perguntar pela sobremesa, então fui buscá-la enquanto Cassie servia o café.

— O que está acontecendo? Achei que você tivesse trazido cupcakes — disse Hayden quando servi a travessa de sobremesa.

— Mas são cupcakes.

— Sério? Bem misteriosos, hein?

Ele inspecionou a arte. Folhas de chocolate branco cobriam a cobertura fofa de creme de manteiga, decorada com morangos recém-cortados para dar um toque de cor.

— São quase bonitos demais para comer — disse Cassie.

— Quase — concordou Hayden, pegando o primeiro. — Mas não chega a tanto.

Ele não esperou mais ninguém, tirou logo a forminha e enfiou metade do bolinho na boca. As boas maneiras só desapareciam quando ele comia cupcakes.

— A massa é de pão de ló? — perguntou ele, entre uma mordida e outra.

— Para ficar mais leve. Ficou bom?

Ele soltou um grunhido afirmativo e pegou mais um. Tirei a forminha do meu e comecei a desmontar o bolinho bem devagar: comi as frutas primeiro, depois as folhas de chocolate branco e, por fim, o bolinho coberto de creme. Hayden me puxou até eu estar quase no colo dele. Então esticou o braço e pegou um terceiro cupcake.

— Não precisa comer até passar mal. Tem mais lá em casa.

— Bom saber. — Ele ajeitou meu cabelo atrás da orelha e se aproximou mais para sussurrar: — Ver você comer cupcakes é melhor do que pornografia.

— Ah, é? — Pisquei inocentemente e lambi a cobertura do dedo.

Ele enfiou a mão por baixo da toalha de mesa e se agitou na cadeira. Então roçou o nariz na minha bochecha.

— Muito melhor. Infinitamente melhor.

— Isso aqui é uma mesa de jantar, e não um quarto. Coloque as mãos onde eu possa vê-las, Stryker — disse Jamie.

Diante das risadinhas de todos, fiquei vermelha. A mão de Hayden reapareceu com o dedo do meio virado para Jamie, mas permaneceu em cima da mesa depois daquilo.

— Alguém tem ideias para o Ano-Novo? Precisamos de um plano — disse Lisa.

Hayden tinha mencionado o Ano-Novo uma vez, de passagem, mas não tocamos mais no assunto. Para mim, era mais um feriado que eu celebraria sem minha família.

— Achei que a gente fosse ficar de boa este ano. — Ele passou o polegar pelo meu ombro nu.

— É uma opção — ponderou Lisa. — Você está se oferecendo para ser o anfitrião?

Hayden riu com desdém.

— Só tenho um quarto extra.

— Não precisa de mais que isso. Para o Chris e a Sarah, é só atravessar a rua — argumentou Jamie.

— Esqueçam a casa do Hayden. Acho que devemos pegar um avião e passar o fim de semana em Las Vegas — interrompeu Chris.

Sarah revirou os olhos.

— Só você para sugerir algo assim.

— Ele já teve ideias piores — disse Lisa. — Talvez eu e o Jamie possamos nos casar lá! Ia me poupar esse trabalho de ter que planejar um casamento.

Risadas bem-humoradas se seguiram.

Senti o braço de Hayden apertar meu ombro. Os lábios dele foram parar perto da minha cabeça, mas o que quer que ele tenha dito, eu não ouvi. Minha mente estava empacada como um disco arranhado. A estática na minha cabeça se tornou uma sirene escandalosa, afogando todo o resto.

Eu não conseguia sentir meu corpo quando ergui a taça até a boca. Dei um gole; o líquido frio tinha gosto de vinagre. O mundo foi ficando fora de foco à medida que o pânico se instalava. Eu sabia que não era racional. As pessoas entravam em aviões todos os dias e chegavam a seus destinos sem um único instante de turbulência.

— Tenley? — A mão de Hayden estava na minha nuca, os dedos massageando com cuidado. — Você está bem?

Ele parecia distante, como se estivesse conversando comigo debaixo da água.

— Me dê licença um minuto — falei, com dificuldade para respirar. Empurrei a cadeira para trás. — Só preciso ir ao banheiro.

Torci para que ele me deixasse ir antes que eu perdesse o controle e arruinasse a noite.

Deixei o guardanapo na mesa e fui até o toalete mais próximo, onde me tranquei antes que minhas pernas amolecessem.

Desabei no chão, tentando superar o pânico. Eu queria voltar no tempo. Ter uma reação normal a uma viagem improvisada a Las Vegas. Ficar animada. Mas não conseguia. O pânico alucinante irradiava pelo meu corpo, apertando meu peito.

Apertei os olhos e segurei o pingente de cupcake, desejando que ele tivesse o poder de evitar que eu desmoronasse. As lembranças vieram mesmo assim — vívidas e violentas. Começavam e terminavam com o rosto machucado de Connor e seu corpo destroçado. Sempre. Lá estava eu, na noite de Natal, pouco mais de um ano após o acidente, celebrando a data com outra pessoa. Alguém que eu amava infinitamente mais. Eu me sentia como se estivesse traindo Connor de alguma forma.

Eu me curvei, agarrando a borda da privada enquanto todo o jantar reaparecia. Meus olhos lacrimejaram quando vomitei de novo. Quando enfim acabou, eu me apoiei na beirada da pia. Coloquei as mãos debaixo da água fria e molhei o pescoço. Precisava me recompor. Não queria que Hayden me visse perdendo o controle daquele jeito.

Quando meu estômago parou de se revirar, meti a mão no bolso do vestido. Debati comigo mesma se tinha força suficiente para suportar o restante da noite sem os remédios. No entanto, eu não podia arriscar outro ataque de pânico. A maçaneta se mexeu e quase os derrubei na pia.

— Tenley? Posso entrar? — perguntou Hayden, do outro lado da porta, preocupado.

— Só um segundo.

Joguei os comprimidos na boca, então fiz uma concha com a mão embaixo da torneira e engoli a água para tirar o gosto de remédio.

Assim que abri a porta, Hayden entrou e a fechou. Ele me abraçou.

— Eu sinto muito. Lisa não pensou antes de falar.

— Tudo bem. Eu só precisava de um minuto. — Suspirei no peito dele, deixando o alívio do toque aliviar a dor.

— Um minuto? — Ele massageou pequenos círculos nas minhas costas, me deixando mais calma. — Você ficou aqui por quase vinte. Bati algumas vezes, mas você não respondeu, então achei que precisasse de um tempo. Aí fiquei preocupado.

Eu achava que só tinha ficado no banheiro por um tempinho.

— Desculpe mesmo. Eu não esperava por isso. A simples ideia de entrar em um avião... — Minha garganta se fechou.

— Está tudo bem. Não pense nisso. Você está bem. — Ele me segurou pela cintura e me colocou com facilidade em cima da pia.

Quando me sentei, percebi como dependia de Hayden para permanecer em pé. Eu ainda estava tremendo.

— Nunca vou conseguir pegar um avião de novo.

— Só faz um ano. Você não tem como saber. — Ele acariciou meus braços e segurou minhas mãos.

— Você não entende. — Balancei a cabeça, todas as palavras engasgadas.

— Chris quis fazer uma piada, e Lisa não quer se casar na semana que vem. E, se a gente fosse a Las Vegas em algum momento, podíamos fazer uma viagem de carro. Levar quanto tempo fosse necessário.

A anestesia da medicação ainda não produzira efeito, fazendo com que o medo se espalhasse. Piada ou não, havia muitas questões difíceis naquela situação.

— Tenley?

Perdida em meus medos, enrolei a gravata dele na mão, olhando fixamente para a pin-up enquanto ela escorregava pelo meu pulso.

— E se a Lisa estiver falando sério?

— Não está. Ao menos não para o Ano-Novo. Um casamento em Las Vegas é bem a cara da Lisa, mas isso não vai acontecer agora.

Ir de carro parecia uma boa solução, mas todos os outros teriam que ir de avião mesmo assim. E se chegássemos a Las Vegas e descobríssemos que eles não tinham conseguido chegar?

— Converse comigo, Tenley.

Olhei para Hayden, implorando que ele entendesse.

— Não posso passar por aquilo de novo. E se eu perdesse todas essas pessoas? Eu ia morrer.

— Eu sei. É por isso que iríamos de carro.

— Mas todos os outros teriam que ir de avião! — Apertei a mão de Hayden com mais força para manter meu tremor sob controle. — Não posso pedir que eles paussem a própria vida só porque não consigo entrar em um avião. Não sei se algum dia vou conseguir superar esse medo. — Tremi. — Eu só perdi a consciência por pouco tempo depois que o avião caiu.

— Você... o quê? Não entendi.

— Quando acordei, o avião tinha caído e estava pegando fogo. Encontrei Connor quando estava tentando escapar. Ele estava morto. Metade do rosto dele tinha sido esmagada. É a última lembrança que eu tenho dele. Essa imagem ainda assombra meus pesadelos. Você está me pedindo para considerar passar por isso de novo. Como é que eu posso lidar com isso?

A cor evaporou do rosto de Hayden. Eu ainda não tinha contado algumas coisas a ele porque era doloroso demais.

— Cacete. Eu sinto muito. Queria poder apagar essas lembranças da sua cabeça.

Envolta no abraço protetor de Hayden, eu me apoiei nele, sem energia. Coloquei os braços em torno de seu pescoço e minhas pernas em volta de sua cintura, desesperada pela proximidade, pela conexão. Ele me abraçou por um bom tempo, e eu absorvi o conforto como uma esponja.

Hayden repousou o queixo na minha cabeça. Eu sentia o movimento periódico de sua garganta quando ele engolia, o subir e o descer do peito, a batida constante e ritmada do coração. Beije o pescoço dele. Hayden abaixou a cabeça e me beijou também. O medo inspirava, de certa forma, a carência. Meus lábios se abriram, acolhendo-o.

Uma batida leve quebrou a magia. A voz preocupada de Lisa surgiu do outro lado.

— Tenley? Hayden?

Hayden pressionou a testa contra a minha.

— Só um minuto — gritou ele e então sussurrou: — Já vou levar você para casa.

— Por favor. Preciso de você hoje.

Ele me deu um último beijo na boca e me ajudou a descer da pia. Quando eu estava pronta, ele abriu a porta.

Lisa me abraçou.

— Me desculpe. Acabei me empolgando demais. Não estava pensando direito.

Abracei-a de volta, sentindo o fardo da tristeza dela, odiando o fato de não conseguir curtir sua espontaneidade.

— Não precisa se desculpar. Eu exagerei.

Hayden pegou minha mão e atravessamos a sala de jantar. A mesa tinha sido limpa e tudo estava novamente em ordem. Entramos na sala de estar, onde todos tinham se reunido. Ninguém fez alarde, e Hayden me sentou no colo dele, em uma enorme poltrona de leitura.

20



TENLEY

— Pronta? — sussurrou Hayden na minha orelha depois que todos trocaram presentes.

— Por favor — respondi, virando o que ainda restava do chá na minha xícara.

Depois que a medicação fez efeito, tudo se tornou uma névoa sem complicações. Quando chegássemos em casa, eu poderia me entregar a Hayden. Ele me deu um beijo demorado no ombro, seguido por uma mordida, a promessa de intimidade como uma tentação inegável.

— Tenley e eu estamos de saída.

— Vocês não vão passar a noite aqui? — perguntou Cassie, frustrada.

— A AG está sozinha — respondeu Hayden, com as mãos em torno da minha cintura enquanto eu me levantava. Com o movimento, a sala girou: o remédio me deixava levinha, levinha.

Hayden colocou todos os presentes na caixa que tínhamos trazido e me ajudou a vestir o casaco. Usei o banco para me sentar e calçar os sapatos, pois estava sem equilíbrio para ficar em pé. Mal notei os abraços e os “tchau” porque minha cabeça estava em outro lugar.

Hayden me levou até o carro e destrancou a porta.

— Sinto muito que o dia não tenha sido mais fácil — disse ele. As palavras se transformaram em espirais fantasmagóricas, desaparecendo no ar frio.

— Você estava comigo. Isso ajudou.

Segurei a lapela do paletó dele e o puxei. O corpo dele veio pressionar o meu enquanto seus lábios se abriam e continuávamos de onde tínhamos parado no banheiro. As mãos dele foram parar na minha cintura, sua ereção insistente contra minha barriga.

— Preciso levar você para casa.

— Por favor — falei, procurando a maçaneta.

Hayden me ajudou a entrar no carro gelado. Ele se ajeitou enquanto dava a volta pela frente, suas intenções tão claras quanto as minhas. Os presentes foram jogados sem cerimônia no banco de trás.

— Eu devia ter aquecido o carro antes — disse ele enquanto ligava o motor.

— Vai esquentar rápido — comentei, colocando as pernas para cima e esfregando-as por cima do náilon fino.

Ele engatou a ré e arrancou com pressa assim que chegamos à rua. Sem conseguir me manter longe dele, pousei a mão em seu joelho. Hayden olhou para baixo, mas não disse nada. Subi a mão para a coxa. Os músculos da perna se contraíram.

Hayden ofegou quando acariciei sua ereção.

— O que você está fazendo?

— Tocando você.

Peguei o cinto dele, passando o couro por baixo da fivela, abrindo-a e desabotoando a calça.

— Não sei se isso é uma boa ideia.

— Não consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo?

— Depende do que for.

Deslizei a mão por dentro da calça dele, passando o dedo na bolinha quente de aço. Hayden segurou o volante com força.

Ele sussurrou um “Putá merda”. Seus olhos se viraram para mim.

— Devíamos ter ido embora mais cedo.

Ele ligou a seta e fez uma série de curvas, levando-nos mais para dentro de um bairro enquanto eu o libertava da calça e continuava as carícias.

— Espere — rangeu ele, por entre os dentes cerrados, enquanto girava o volante e o carro virava de repente.

Hayden diminuiu a velocidade e embicou em uma entrada de garagem antes de pisar no freio de supetão. Sua respiração ofegante foi abafada pelo zumbido alto de um portão de garagem se abrindo.

— Onde estamos?

— É esse o lugar que estou reformando com o Nate.

— Ninguém mora aqui?

— No momento, não.

Ele estacionou na garagem. Com o carro já lá dentro, o portão se fechou.

Hayden desligou o motor e os faróis se apagaram, nos lançando na escuridão. Cegos, tateamos em meio ao breu, mãos buscando um ao outro, bocas se conectando. A língua dele forçou meus lábios a se abrir, e eu logo desafivelei o cinto de segurança para me aproximar mais. Éramos uma massa de membros enrolados, puxando e empurrando enquanto tentávamos transpor o espaço entre nós.

Eu estava pressionada contra a porta do carona, pernas abertas, uma das mãos no painel e a outra segurando o encosto de cabeça. Hayden estava em cima de mim, meio apoiado no console, contorcido em uma posição desconfortável com a qual ele não parecia se importar. Ele procurou a barra do meu vestido, deslizando a mão pela perna até chegar na borda de renda das minhas meias sete oitavos.

Então, ele parou. Sua mão bateu no teto e a luz interna se acendeu. Pisquei, me acostumando ao brilho repentino.

— Como é que eu não vi isso?

— Eu coloquei pouco antes de a gente ir embora, enquanto você pegava os presentes.

— Você é uma espertinha gostosa.

Ele passou o dedo por baixo da liga cor-de-rosa e subiu até o cetim entre minhas pernas. Acariciou meu clitóris. Eu arqueei o corpo e joguei a cabeça para trás, que acabou batendo na janela.

— Merda. Você está bem? — A mão dele continuou entre as minhas pernas, mas ele parecia confuso enquanto examinava meu corpo. Seus olhos foram ao encontro dos meus. — Talvez seja melhor a gente não fazer isso aqui. Não tenho a chave para entrar. É melhor eu levar você para casa.

O dia tinha sido pesado demais. Eu queria que Hayden o apagasse.

— Não quero esperar até chegar em casa. Quero que você me coma agora.

Após um momento de hesitação, ele mexeu na alavanca do meu banco e eu caí para trás rapidamente. A caixa com os presentes virou em cima de mim, derrubando tudo.

— Droga — disse Hayden, esticando o braço para tentar evitar que caíssem no chão.

— Deixa pra lá. — Segurei o queixo dele, meu desejo cada vez mais urgente.

Hayden chupou meu lábio inferior e tentou montar em mim, mas não conseguiu encaixar as pernas no espaço entre o banco e o painel. Ele grunhiu quando bateu a cabeça no teto.

— Não tem espaço suficiente — reclamou ele, erguendo meu vestido até a cintura.

— E se a gente fizer no capô?

Ele congelou.

— Como é?

— Tem bastante espaço lá.

Apontei para a ampla extensão de metal preto, me lembrando da vez em que ele mencionou a ideia de usá-lo antes de eu voltar a Arden Hills.

— Eu estava meio que brincando — disse ele, me repreendendo.

— Não, não estava.

Hayden saiu do carro antes mesmo que eu pudesse reagir e abriu a porta para mim. A luz interna deixou o rosto dele na sombra, tornando seu sorriso quase sinistro quando se debruçou no teto.

— Sai do carro, gatinha.



HAYDEN

Satisfeita, Tenley sorriu quando seus olhos vidrados encontraram os meus. Por um segundo, reavaliei a ideia. Então ela tirou minha cueca e se aproximou. Meu pau estava convenientemente localizado na mesma altura de seu rosto.

Ela passou a língua pela cabeça.

— Puta que... Você não tem ideia...

— Ideia do quê? — Ela passou a língua de novo.

— Do que você faz comigo. Você usou esse vestido o dia todo, toda bonitinha e inocente. Aí começou com a punheta, as meias e agora isso. Como é que eu vou dizer não para você?

— E por que dizer não?

Ela envolveu meu pau com os lábios. O calor molhado de sua boca era um contraste bem-vindo ao ar frio da garagem. Não estava tão gelado ali quanto lá fora, mas estava frio o suficiente para fazer minhas bolas quererem se esconder dentro do meu corpo.

Tenley soltou um suspiro desejoso enquanto sua língua se enroscava na cabecinha, e agarrei a porta do carro. Enquanto ela descia a boca pelo meu pau, eu estava ciente de que aquela era uma ideia terrivelmente ruim. Tenley podia ter sugerido aquilo, mas o dia havia sido emotivo e a deixara instável. Além disso, ela tinha tomado remédios.

Um namorado melhor teria dado um fim a tudo aquilo e a levado para casa. Eu não era esse namorado. Em vez disso, eu planejava fazer a única coisa que podia para aliviar a dor dela, mesmo que o local não fosse lá muito romântico.

Segurei o rosto dela, interrompendo-a.

— Quero essa boca aqui em cima.

Ela obedeceu prontamente, abraçando meu pescoço. Eu me curvei para beijá-la, nossas línguas se unindo enquanto eu a afastava do carro e fechava a

porta. A luz interna lançava um brilho pálido sobre o capô.

Tenley dava gemidos curtos e agudos enquanto tentava se agarrar em mim. Segurei as coxas dela e a ergui, colocando-a sobre o capô do carro. Seu vestido se amontoou em torno da cintura, o tecido macio criando uma barreira. Vasculhei as camadas até que as ligas sexy apareceram.

O suspiro aliviado de Tenley ecoava o meu próprio. O cetim fino de sua calcinha era a única coisa que impedia a penetração imediata. Eu queria tocar ela toda, queria Tenley nua e entregue, mas estava frio demais. O vestido teria que ficar até chegarmos em casa.

Mexi o quadril, promovendo o atrito que ambos estávamos buscando. Tenley afrouxou minha gravata e abriu alguns botões da camisa, mas ela estava agitada demais, as mãos muito trêmulas para conseguir abrir todos, então desistiu e foi em busca da bainha, passando a mão por baixo e subindo até meu coração.

— Não posso te perder. Preciso tanto de você que chega a doer. — A voz dela era aguda, carente.

— Eu sinto o mesmo.

Desde que Tenley voltara, eu tinha acordado incontáveis vezes no meio da noite depois de um pesadelo, procurando o corpo quente dela na cama. A cada vez que eu a encontrava, a promessa da estabilidade aliviava o medo. Nesse dia, não foi diferente. Estávamos ambos procurando uma forma de nos mantermos no presente.

Subi a mão pela perna dela até o alto da coxa e a bainha de renda, passando pela extensão sexy de pele descoberta. Deslizei um dedo por baixo da liga e a segui até a calcinha, passando por baixo do elástico.

— Por favor, Hayden — sussurrou ela.

Com um movimento suave, enfiei dois dedos nela. A cabeça de Tenley caiu para trás, as pernas escorregando pelo meu quadril. Ela se apoiou nos braços, a luz pálida se espalhando pelos contornos de seu rosto delicado. Havia desespero por trás do desejo dela, e eu entendia aquele sentimento bem demais. Girei os dedos e inseri mais um. Tenley ergueu o quadril, arqueando o corpo. Então levantou uma perna, levando o salto do sapato até minha coxa. Escorregou.

— Apoie o pé no carro.

A perna dela tremeu e seus pelos se arrepiaram. Ela estava mais perto do que eu imaginava.

— Mas a pintura...

Ela começou a ofegar quando acelerei os dedos e usei mais força, esfregando o clitóris dela.

— Dane-se a pintura.

Ela agarrou minha gravata com uma das mãos, a outra tirando o sapato, que caiu no chão com um baque. O outro foi logo depois.

Tenley colocou um pé no capô, mas a meia de náilon era escorregadia. Ela ergueu a perna, apoiando o calcanhar no meu ombro. Eu me apoiei no carro quando a outra perna dela bateu no meu antebraço. Ela era toda sexo e inocência, uma miragem em creme e rosa-claro esparramada no aço preto.

Os dentes dela estavam cerrados; os músculos do maxilar, tensos. Dobrei os dedos, e os olhos dela se fecharam enquanto ela segurava minha gravata com mais força. A gravata apertava tanto meu pescoço que tive que me inclinar ainda mais para a frente.

— Goza, cacete — ordenei, querendo o alívio dela para que eu conseguisse o meu também.

Ela balançou a cabeça e gemeu.

— Não consigo. Estou tão perto, *ah, porra...*

— Só vou te comer depois que você gozar — ameacei, sem saber se conseguiria cumprir aquela promessa boba.

Os olhos de Tenley se abriram, seus lábios a milímetros dos meus. As emoções que nublavam seus olhos meio vidrados eram intensas e brutais.

Levei os lábios até a orelha dela.

— Por favor, gatinha, preciso ver você gozar.

Ela largou a gravata e quase me desequilibrou. Sua mão fria veio repousar na minha nuca. Tenley inclinou a cabeça, me dando acesso ao pescoço. Baixei a cabeça e a beijei ali, roçando os dentes.

— Faça isso de novo... por favor. — A voz dela era cheia de dor. — Mais forte — pediu Tenley quando afundei os dentes de novo em sua pele sedosa.

Ela se contraiu nos meus dedos.

Obedeci, porque ela estava *quase lá*. Ela gritou, sua voz ecoando na garagem enquanto seu corpo tremia com a força do orgasmo. Então ficou imóvel; a perna que estava apoiada no meu ombro escorregou até a dobra do meu braço.

— Você está bem? — perguntei, levando a boca à dela.

O beijo começou lento, mas, à medida que Tenley recuperava o controle, a intensidade aumentou.

Com uma expectativa trêmula, segurei meu pau, tirei a calcinha dela do caminho e deslizei a cabecinha pela abertura. Meu corpo estava sendo iluminado por dentro, um meteoro caindo pelo espaço, rumo ao impacto. Eu deveria estar fazendo amor com ela naquela noite, gostoso e lento, mas não consegui controlar a necessidade de possuir seu corpo, já que não podia ter a parte mais importante.

— Preciso... — Penetrei-a com mais força do que pretendia, e Tenley arquejou. Beijei-a, arrependido. — Desculpe.

— Tudo bem — sussurrou ela, roçando o nariz no meu. — Amo você dentro de mim.

Eu queria dizer que a amava. Queria ouvir o mesmo dela. Todas as coisas que eu não conseguia dizer me mantinham preso e amordaçado, me destruindo de maneiras que eu nem imaginava.

Aninhei a parte de trás da cabeça dela na mão enquanto me mexia, aumentando o ritmo a cada movimento. Apoiei o joelho no capô, a outra coxa contra o para-lama. O metal emitiu um barulho e afundou sob meu joelho, mas continuei. Sentia que estava quase lá; e o aperto no fundo do meu estômago se tornou uma dor quando finalmente me rendi e o orgasmo me arrebatou.

— Puta merda — grunhi. — Amo sentir você.

Tenley abriu a boca quando gozou também, tremendo. Duas lágrimas deslizaram pelo rosto e desapareceram no contorno do cabelo. Fiquei imóvel quando vi que mais lágrimas se acumulavam no canto de seus olhos.

— Merda. — Sequei as lágrimas, mas outras se seguiram. — Gatinha? Machuquei você?

Comecei a sair de dentro dela, mas a perna de Tenley apertou minha cintura. Suas mãos puxaram minhas costas.

— Fique dentro de mim, por favor. Não tire.

Ficamos assim até que o frio começou a incomodar. Quando Tenley tremeu e seus pelos se arrepiaram, saí, puxando seu vestido para baixo. Meu pau agora flácido voltou para dentro da calça e eu a ajudei a descer do capô.

A maquiagem dela estava borrada debaixo dos olhos; suas bochechas, manchadas; seu cabelo, uma bagunça selvagem. Depois de arrumá-la do melhor jeito que pude, que não era muito bom, abri a porta do carona. A luz interna iluminou melhor o ambiente, realçando o estrago que eu tinha causado no carro. Além do amassado do meu joelho, vários arranhões na pintura estavam visíveis.

— Meu Deus, Hayden, o capô! — exclamou Tenley, os olhos arregalados de horror.

Eu a ajudei a se sentar e preendi o cinto de segurança.

— Não é nada de mais. Bem fácil de consertar.

Fechei a porta e digitei a senha da garagem antes de entrar no carro e sair dali. Verifiquei se o alarme estava ativado antes de ir embora. Quando voltei para o carro, ela estava brincando com o pingente de cupcake na boca.

— O que foi, gatinha? Você está bem? Alguma coisa doendo?

Ela esticou o braço e passou os dedos pelo meu cabelo.

— Não sei se teria sobrevivido ao dia de hoje sem você — disse ela baixinho.

— Você teria dado um jeito.

— Não tenho tanta certeza. Talvez.

O que eu tinha acabado de fazer caiu como um balde de água fria sobre mim. Eu deveria tê-la parado no carro. Ou então estacionado, tirado Tenley do carro e a levado até minha casa para terminar o serviço. Ela significava mais do que uma trepada forte em uma garagem fria.

— Hayden.

— Melhor eu te levar para casa. Você parece cansada.

Passei a marcha. Tenley colocou a mão sobre a minha para me deter.

— Você está chateado comigo? Eu disse alguma coisa errada?

Eu não sabia o que dizer sem fazê-la se sentir ainda pior. Admitir que eu me sentia culpado por ser um namorado babaca não ia acabar bem.

— Você não disse nem fez nada de errado. Eu não deveria ter parado aqui.

— É por causa do carro?

— O quê? Não. Foda-se o carro. É só metal e um motor.

— Era do seu pai...

— Não é por causa do carro, Tenley.

Beijei as pontas dos dedos dela. Estavam frios. Notei as manchas de sujeira nas mangas do casaco marfim. Ela tinha ficado com ele o tempo todo.

— Então o que foi?

Tenley soltou o cinto de segurança e se debruçou sobre o console como se quisesse subir no meu colo. Eu não a teria impedido se ela tivesse subido. Foi aí que percebi qual era o verdadeiro problema. Tinha pouco a ver com o lugar, o carro ou com a instabilidade de Tenley. O sexo não havia ajudado em nada a aliviar a dor dela nem a minha. No fim das contas, estávamos mais carentes ainda. O que fazia sentido. A recompensa tinha sido apenas física; aquela transa não havia sido a conexão que desejávamos. Tinha faltado a parte emocional.

— Vamos para casa. — Ajeitei o cabelo dela atrás da orelha.

— Hayden, eu...

Emergiu uma nova tensão ali dentro, as palavras não ditas pesando no ar. Esperei que Tenley continuasse, mas pareceu desistir. Ela me beijou e se sentou de volta no banco. O clique do cinto de segurança soou como um tiro no silêncio.

— Ok. Vamos para casa.



HAYDEN

Estávamos a quatro quarteirões de casa quando fomos parados em uma blitz. Em um dia normal, isso não seria um problema. Os dois drinques que eu tinha tomado à tarde já haviam sido eliminados do meu organismo havia muito tempo. Tive horas de sobra, comida e atividade física para diluir os efeitos. Minha cabeça, contudo, estava uma merda. Transar em locais semipúblicos nunca tinha sido um problema, mas fazer isso com Tenley naquele estado me deixou péssimo. Sem contar que a própria Tenley estava bem mal.

Ela se encolheu no banco e se sentou sobre as pernas, o vestido esparramado cobrindo as canelas e os pés. Tenley reclinara o banco, de modo que estava quase de bruços, deitada de lado, virada para mim. Seus olhos estavam fechados; sua boca, relaxada; sua respiração, lenta e profunda. Ela havia pegado no sono — o que deveria me fazer sentir melhor, porém significava que eu a tinha esgotado.

Quando o carro parou, Tenley se endireitou, piscando. Ela olhou através do para-brisa para as luzes brilhantes dos carros de polícia.

— O que está acontecendo? Algum acidente?

— É só uma blitz para pegar quem bebeu.

— Ah.

Ela ajustou o banco de volta para a posição vertical, mas não relaxou. Esfregou os olhos com a manga do casaco, manchando de rímel o tecido claro. Incapaz de ficar parada, tentou tirar a mancha. Por fim, desistiu e ficou olhando pelas janelas enquanto a fila de carros avançava. À medida que as luzes se aproximavam, ela ficava mais tensa.

Estiquei o braço e alisei o cabelo dela, repousando a mão em sua nuca.

— Talvez seja bom você pegar um lenço no porta-luvas. Seu rímel escorreu um pouco.

Aquilo era um verdadeiro eufemismo. Ela parecia um personagem de um filme do Tim Burton. Não era o ideal, considerando que ambos teríamos que conversar com os policiais, mas eu não queria estressá-la ainda mais. Ela fez o que sugeri, vasculhando o porta-luvas atrás do pacotinho de lenços para a viagem que eu guardava ali. Tirou um pacote de camisinhas. Puta que pariu.

Só tínhamos usado caminha nas primeiras vezes, antes de termos a conversa constrangedora sobre segurança, parceiros anteriores e toda essa merda. Constrangedora para mim, pelo menos, por causa do meu passado duvidoso. Eu tinha evitado dar muitos detalhes na época, e ela confiava o suficiente em mim para acreditar. Aquela conversa, por si só, me disse muito sobre a experiência limitada de Tenley.

— Devem estar vencidas — avisei.

Lutei contra a vontade de jogá-las pela janela — não eram algo que eu quisesse explicar em uma noite já ruim.

Tenley estreitou os olhos para ler a pequena data impressa no quadradinho de plástico.

— Só vencem daqui a seis meses — disse ela, jogando o pacote no meu ombro. As camisinhas caíram entre o meu banco e o console central.

— Eu nem lembrava que elas existiam.

— Tem mais alguma coisa que você pode ter esquecido? — perguntou ela de repente.

— Tipo o quê?

Olhei para Tenley enquanto ela fuçava o porta-luvas, surpreso com seu tom de voz. Os lábios dela estavam apertados em uma linha fina.

— Ah, sei lá. Um caderninho com telefones de garotas aleatórias? Uma agendinha preta? Quem sabe algumas calcinhas-troféu?

— Isso é uma piada, né?

— Nada de agendinha preta então? Ah, claro que não, você não repetia suas conquistas. Fora a Sienna, certo? Como sou boba. Esqueci.

Ela estava irritadiça, totalmente o oposto de seu humor habitual. Tenley não era mesquinha e não usava meu passado contra mim.

— Está brava comigo?

— Por que estaria?

Ela encontrou os lenços e puxou um com força demais, rasgando-o ao meio.

— Não sei — respondi, perplexo de verdade. — Mas parece que você está furiosa e eu não sei bem o que fiz. Aquelas camisinhas estavam ali desde antes de eu conhecer você. Falei sério quando disse que tinha me esquecido delas. E não sou idiota a ponto de guardar calcinhas de ex-parceiras como troféus.

— Que reconfortante — disse Tenley, limpando os olhos. Manchas pretas apareceram no lenço branco.

— Qual é o problema? De onde está vindo isso tudo?

— Não é nada. Foi um dia longo. Estou cansada.

Tenley relaxou os ombros e enxugou os olhos — estava escondendo o choro. Havia muito mais coisas por trás daquilo do que ela demonstrava.

— O que você não está me contando? — perguntei, avançando mais alguns metros com o carro.

Só havia uns poucos veículos na minha frente agora, e eu estava com medo de começarmos uma briga. Não estava muito a fim de entrar numa discussão, ainda mais com Tenley tão frágil e eu já me sentindo um babaca completo. Acrescentando alguns policiais à mistura, teríamos um verdadeiro show de merda. Eu tinha plena consciência do estereótipo em que me encaixava, ainda mais se Tenley acabasse chorando. Do jeito que ela estava, pensariam que ela era vítima de abuso emocional ou de outro tipo.

— Desculpe. Eu não devia ter descontado em você. O dia foi difícil.

— Não precisa se desculpar. Eu sei que o dia foi complicado. Só quero saber por que você está tão chateada para poder ajudar de alguma maneira.

Massageei a nuca dela. Os ombros de Tenley se contraíram, então parei. Ela ficou em silêncio por um bom tempo. Achei que não fosse responder.

Então, com uma voz baixinha e envergonhada, ela sussurrou:

— Encontrei uma caixa de camisinhas no carro do Connor na semana passada, quando o limpei.

Ouvir o nome dele naquele contexto dava a sensação de aranhas andando em mim.

— No playboy-móvel?

Mais um carro passou pela barricada policial.

Ela assentiu.

Falar assim sobre Connor me deixava desconfortável por várias razões, mas eu deixaria minha insegurança de lado se Tenley confiasse em mim. Eu estava desesperado para entender como se sentia naquele momento.

— Desculpe. Não entendo por que isso seria um problema — respondi, confuso.

Pelas fotos que eu tinha visto, ele era um mauricinho machão que usava camisas polo, então fazia sentido que quisesse estar preparado. Se eu e Tenley ainda precisássemos de camisinha, eu andaria com várias no bolso.

— Faltavam quatro no pacote.

— Quem sabe ele não guardou na carteira?

Era algo razoável a se fazer, embora quatro parecesse um número meio alto. Ainda assim, quando passei a primeira noite na casa de Tenley, levei três. E, na época, estava evitando aquela situação.

— Eu tomo injeções de hormônios há anos — explicou ela. — Passei a tomar logo depois que começamos a namorar, porque o Connor odiava camisinha e eu não queria arriscar. Ele nunca precisou usar.

Meu estômago se revirou quando ela me contou isso. Pensei naqueles álbuns de fotos que eu tinha visto e naquele período em que Connor não aparecia nas imagens. Devia haver uma história que eu não conhecia. Será que as inseguranças e as dúvidas de Tenley tinham surgido ali?

— Deve haver uma explicação racional.

— Mas eu jamais vou saber, não é? — questionou ela, se abraçando.

Pela maneira como estava se fechando, ela já tinha formulado a própria hipótese — a pior possível. Descobrir aquilo depois da morte de Connor era foda. E, já que ela não tinha como ter certeza, aquelas dúvidas existiriam para sempre, maculando a imagem dele. Eu me sentia ameaçado por Connor, mas não queria que ele fosse transformado em um demônio.

Era melhor que ele continuasse consagrado no passado dela. Porque descobrir que Connor talvez estivesse transando com outra levaria a uma verdade: todas aquelas mortes poderiam ter sido evitadas se Tenley soubesse da traição.

— Talvez fossem de um amigo. Chris deixava as dele por toda parte. Ele ferrou o Jamie uma vez em que a Lisa encontrou uma caixa escondida debaixo

do banco do fusca.

— Talvez — respondeu Tenley, obviamente sem acreditar.

Avançamos mais um pouco. Havia só mais um carro na nossa frente agora.

— Não fiquei com ninguém enquanto você esteve longe — falei, tentando mostrar que eu jamais faria aquilo com ela.

Aquela informação explicava as outras reações dela, sobretudo em relação a Sienna.

— Eu sei.

Tenley enxugou as lágrimas com um lenço limpo, criando novas manchas de rímel sob os olhos.

— Só de pensar em ficar com alguém que não você me deixava enojado. — Desci a mão pelas costas dela, ao longo da coluna. — Ainda deixa.

O carro à nossa frente passou pela blitz. Avancei, irritado com a interrupção da nossa conversa complicada. Os faróis iluminaram o policial que estava inspecionando os veículos, e apertei o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Filho da puta.

Bem quando eu achava que a noite não podia ficar pior.



HAYDEN

Abaixei o vidro da janela e esperei. Cross ia me provocar. Era um talento que ele tinha de sobra.

— Sr. Stryker. Que surpresa agradável. Registro do veículo e carteira de motorista, por favor — disse ele com frieza.

Estiquei o braço e abri o porta-luvas.

Tenley tinha revirado tudo em sua busca pelos lenços, então os documentos não estavam onde eu os deixava. Ela se aproximou para ajudar e a luz interna iluminou seu rosto. Sua pele estava manchada pelo choro, seus olhos estavam vermelhos e as pupilas, dilatadas. O rímel escorria pelas bochechas, deixando rastros escuros. Na lateral do pescoço havia uma marquinha vermelha dos meus dentes.

Cross apoiou o braço na porta e olhou para dentro enquanto eu pegava o registro no porta-luvas. Fechei o compartimento, extinguindo a luz.

— Srta. Page?

— Olá, agente Cross — cumprimentou Tenley, erguendo a mão em um aceno breve.

Ele apontou a lanterna para o registro e o analisou enquanto eu pegava a carteira no bolso de trás. Como eu vestia calça social, claro que não estava ali. Tive que remexer tudo no banco traseiro, onde todos os presentes estavam espalhados, para achar meu blazer. Cross iluminou o banco com a lanterna e eu encontrei o casaco. Peguei a carteira de motorista e a entreguei. Cross estava ocupado demais fitando Tenley para perceber.

— Como você está? — perguntou ele, inspecionando-a de uma maneira de que não gostei.

— Estou bem — respondeu ela, abrindo um sorriso fraco.

— Tem certeza? Você não parece bem.

A lanterna dele desceu do vestido amarrotado para as pernas dela. Suas meias estavam rasgadas e ela, descalça. Puta merda. Os sapatos tinham ficado na garagem.

— Minha carteira de motorista — anunciei, erguendo o documento bem na cara dele.

Ele deu uma olhada rápida antes de baixar os olhos frios para mim.

— De onde vocês estão vindo e para onde vão?

— Estávamos na casa da minha tia jantando e estamos indo para casa — respondi, determinado a resolver aquilo o mais rápido possível. Não queria que ele olhasse muito para Tenley.

— Você consumiu alguma bebida alcoólica esta noite?

Cross continuou iluminando o carro com a lanterna. Tenley se encolheu sob o brilho ofuscante quando a luz chegou muito perto de seu rosto.

— Tomei dois copos de uísque com gelo entre três e cinco da tarde — respondi.

Não tinha por que mentir. O álcool já tinha saído havia muito tempo do meu organismo.

A lanterna passou pelo capô, parando no pequeno amassado e nos arranhões recentes. Ele se aproximou para olhar melhor e voltou os olhos calculistas para mim.

— Você se envolveu em algum acidente?

— Não.

— Está ciente de que tem um belo de um amassado e alguns arranhões no seu capô?

— Sim.

— Deve ter sido algo pesado, considerando o carro. Por acaso sabe de onde vieram?

— Sim.

Não me alonguei na resposta, apesar de perceber que Cross esperava mais explicações.

— Estacione e desligue o carro, sr. Stryker.

— Por quê?

— Porque eu estou mandando.

Suspirei, mas segui as instruções dele. Eu já tinha armado uma cena com Cross antes; se fizesse isso de novo, um par de algemas entraria na história. Nunca tive histórico criminal, e começar naquele momento por ignorar o comando de um policial ou por dar um soco no filho da puta não era algo que eu estava disposto a fazer.

Parei o carro no acostamento e desliguei o motor. Cross contornou o veículo até chegar ao capô, iluminando o estrago com a lanterna. O casaco de Tenley tinha uma fivela nas costas, e os movimentos fortes repetitivos tinham arranhado a pintura até o aço. Cross foi até a janela de Tenley, aproximando-se bastante com a lanterna. Passou o dedo por um dos arranhões, que ficou preto.

— Miller — gritou ele enquanto voltava para o lado do motorista —, pode vir aqui, por favor?

A policial que estava na delegacia quando passamos por lá se aproximou. Eles tiveram uma conversa longe dos nossos ouvidos com muitos gestos e testa franzida de ambas as partes.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Tenley em um sussurro.

— Cross provavelmente está tentando encontrar um jeito de me prender por ter um amassado no carro.

— Ele não pode fazer isso, pode? — disse Tenley, esmagando o pacote de lenços nas mãos.

Peguei-o da mão dela e puxei mais um lenço, limpando debaixo de seus olhos em uma tentativa inútil de eliminar as manchas.

— Não, gatinha. Não há leis contra ter amassados no carro.

— Só quero ir para casa.

— Eu sei. Eu também. Isso não deve demorar muito.

Pelo canto do olho, vi Cross puxar a calça para cima e se dirigir à minha porta enquanto Miller ia até o lado do carona.

— Saia do carro, sr. Stryker.

— Eu não bebo nada há horas.

— Saia do carro. Agora. — O tom severo de Cross não deixava brechas para argumentos.

— Hayden? — Tenley apertou meu braço. — O que está acontecendo?

Apertei a mão dela enquanto me aproximava para dar um beijo em seus lábios trêmulos.

— Está tudo bem, gatinha. Só vai levar um minuto. Eles provavelmente querem checar o nível de álcool no meu sangue.

Eu duvidava de que essa fosse a motivação de Cross.

— Não vou pedir de novo, Stryker — ralhou ele.

Desafivelei o cinto e saí no ar gelado da noite. A temperatura tinha despencado de novo e flocos brancos caíam.

Tenley abriu a porta, mas Cross a impediu de sair.

— Fique no carro, srta. Page. — Ele se virou para mim. — Coloque as mãos no carro e afaste as pernas.

— Você só pode estar brincando.

A agente Miller ficou olhando para mim por cima do teto do carro, com uma expressão sombria.

— Se questionar mais uma ordem direta, vou autuá-lo.

— Isso é ridículo — falei, mas fiz o que me foi ordenado.

Eu já estava chamando atenção demais; alguns dos outros policiais que fiscalizavam os carros pararam para acompanhar a cena.

A agente Miller bateu na janela de Tenley, que abaixou o vidro. Miller parecia preocupada quando se debruçou para dentro do carro, com a mão na porta. Ouvei a voz nervosa de Tenley, mas não as respostas às perguntas feitas pela policial.

Imaginei o que a situação devia parecer da perspectiva da agente Miller. Apesar do pequeno piercing de diamante no nariz, Tenley projetava uma imagem simpática, ainda mais com a roupa que ela estava naquela noite. O fato de alguém feito ela estar com alguém como eu seria uma bandeira vermelha imediata para um monte de gente.

Cross me apalpou, procurando armas e contrabando que eu não tinha.

— Venha comigo, por favor.

— E Tenley?

— A agente Miller vai ficar com ela.

Não fiz mais perguntas, porque não ia obter mais respostas. Cross fez os testes-padrão de embriaguez, me obrigando a repetir todos duas vezes, só para

me irritar.

Então me levou até a viatura e abriu a porta.

— Entre.

— Para quê?

— Quero que faça o teste do bafômetro.

— Por que preciso entrar na viatura para isso?

— Você está esgotando a minha paciência, garoto. Entre. Agora. Não vou pedir de novo.

Eu me sentei no banco e dobrei as pernas no espaço apertado. Cross fechou a porta e a claustrofobia se instalou no mesmo instante. O pânico me atingiu como uma marreta, me levando de volta a sete anos antes, à noite em que meus pais foram assassinados. Aquela tinha sido a única vez que eu tinha estado na parte traseira de um carro de polícia. O interrogatório veio a seguir.

Não consegui separar as duas situações, e os problemas na minha cabeça pioraram, me arrastando para o passado que eu mantinha enterrado. Não havia jeito de sair do carro a não ser que Cross me soltasse. Logicamente, eu sabia que nada podia acontecer comigo, mas isso não impediu minha garganta de se fechar.

Atrás do banco do motorista havia um painel de vidro à prova de balas, com uma grade de metal grossa preta do lado do carona. Cross se sentou em frente ao painel e demorou para configurar o bafômetro. Passou o tubo por um espaço na grade, me forçando a me inclinar para a frente até que meu nariz bateu na divisória. Expirei no aparelhinho bucal.

Ele registrou o nível de zero álcool no sangue.

— Mais uma vez.

— Deu zero.

— Mais. Uma. Vez.

Balancei a cabeça, mas obedeci. Novamente, não acusou nada.

— Satisfeito? Posso levar minha namorada para casa agora?

Ela estava em pé ao lado do Camaro; sem sapatos, os braços ao redor do corpo enquanto o vento soprava seu cabelo pelo rosto. Ela olhava por cima do ombro a cada poucos segundos, os olhos no carro onde eu estava preso. A agente Miller colocou a mão no ombro dela, e Tenley deu um salto, sua

atenção se voltando de novo para a policial. Houve perguntas e alguns gestos apontados para os pés de Tenley. Miller franziu a testa; qualquer que tenha sido a desculpa de Tenley, provavelmente não foi muito boa.

A policial a ajudou a entrar no carro, mas a porta permaneceu aberta e Miller se agachou em frente a Tenley com uma expressão sombria. Um teste de bafômetro foi realizado uma vez, depois outra.

Cross relaxou no banco e ficou me encarando pelo retrovisor.

— Quer me contar o que aconteceu com o seu carro?

— Até onde sei, você não pode deter alguém por causa de um amassado.

— Posso se você tiver fugido de um acidente.

— Já disse, não me envolvi em nenhum acidente.

Ele soltou um grunhido de desdém.

— Mas é óbvio que alguma coisa aconteceu com o seu carro há pouco tempo. Estou certo?

Fiquei quieto.

— A que horas você saiu da casa da sua tia?

— Umas nove e meia.

— Já faz mais de uma hora e meia.

— Fizemos uma parada no caminho.

Eu me agitei no assento de plástico duro.

— Não diga. Foi lá que o estrago no seu carro aconteceu?

Suspirei.

— Há algum propósito nisso?

Cross olhou para os próprios dedos gordos.

— A maioria das pessoas cuidaria muito bem de um carro assim. Na última vez em que o vi, estava impecável. Agora, parece que alguém rolou em cima do capô.

Como não respondi, ele tentou outra abordagem:

— Sabe, a Tenley não parece muito bem esses dias.

— As últimas semanas têm sido difíceis para ela. Você sabe, porque toda a família dela morreu e estamos nas festas de fim de ano e tal — expliquei, lançando-lhe um olhar condescendente.

Ele devolveu o olhar com uma expressão odiosa.

— Talvez ela deva procurar alguém que possa cuidar melhor dela.

— Posso cuidar muito bem da Tenley.

— A julgar pelas condições dela hoje, vou discordar.

— Você precisa ficar na sua.

— Senão o quê?

— Vai se foder.

Ele se virou, o desdém claro em sua expressão.

— Vá em frente, Stryker. Me ameace. Seria meu maior prazer te levar para a delegacia para você ver o que te espera.

— O que me espera? Estou levando minha namorada para casa depois de ter ido jantar com a família. Não vejo nenhum crime nisso.

— O que diabos vocês fazem em jantares de família para deixar a menina desse jeito?

— Ela teve um dia complicado.

— E você achou que ia melhorar o dia dela usando-a como um enfeite no seu capô?

— Não foi isso...

Cross deu um tapa na grade, fazendo-a chacoalhar.

— Cale a boca, seu moleque de merda. Acha que eu não sei o que aconteceu? Acha que eu não enxergo o que está bem na minha frente? Tenley está arrasada. Você só vai ficar feliz quando arrastar aquela menina para o fundo do seu poço cheio de bosta.

— Você não sabe porra nenhuma sobre o meu relacionamento com a Tenley.

— Relacionamento? É assim que marginais como você chamam o que está fazendo com ela?

As palavras dele eram como uma bomba de ácido explodindo no meu cérebro; corrosivas e destrutivas.

— Espero que você saiba que é um imbecil.

Ele emitiu um som reprovador.

— Você beija a sua mãe com essa boca? Ah, espere, isso é impossível.

Explodi, uma onda de xingamentos crescendo dentro de mim. Bloqueei a reação depressa, percebendo que Cross estava me provocando de propósito.

Quando me controlei de novo, Cross sorriu.

— Acabou? Porque, se fosse continuar, talvez eu tivesse que prender você. Já passamos por isso antes, não é? Não sei se essa segunda vez seria melhor do que a primeira.

— Dane-se. Você não pode me prender.

— Acho que já passou da hora de eu colocar você em uma cela com todos os outros fracassados até que alguém venha resgatar o pobrezinho. Aí eu seria um bom samaritano e levaria a Tenley para casa. Que tal?

Quase arranquei a língua com os dentes para não dizer o que eu pensava. Cross estava me alfinetando, buscando uma reação que lhe desse o motivo que faltava para me jogar em uma cela. Ao menos pelo restante da noite. Eu não ia deixar Tenley entrar em um carro com ele de jeito nenhum. Muito menos quando ele parecia ter me escolhido para cristo.

— Decidiu ficar de boca fechada dessa vez, é? — provocou Cross.

Ele abriu a porta e saiu, me deixando trancado lá dentro. Bati na janela, gritando para ele. As ameaças de me prender só podiam ser vazias; ele não tinha nada contra mim. Queria me fazer suar e conseguiu. Minha incapacidade de proteger Tenley me fez sentir impotente enquanto ele atravessava a rua até ela, que estava sentada no meu carro. A porta ainda estava aberta; ela devia estar congelando.

Ele se recostou na lateral do carro, bloqueando minha visão.

Tenley pulou do banco e olhou em volta, mexendo as mãos nervosamente enquanto apontava para a viatura na qual eu estava trancado. A agente Miller colocou a mão no ombro dela e se aproximou; o que quer que ela tenha dito pareceu acalmar Tenley. Ela olhou para Cross e enxugou as lágrimas do rosto enquanto Miller a ajudava a entrar de novo no carro. Cross se debruçou na porta, mostrando seu lado de policial preocupado enquanto a colega ia até mim.

O objetivo dele era “dividir para conquistar”. Cross tinha feito a mesma coisa na sala do interrogatório, depois dos assassinatos. Um dos policiais saía com a desculpa de ir buscar café ou fazer uma pausa. Enquanto o outro estava fora, eles trocavam de tática para ver se a história ia mudar.

Miller se sentou no banco do motorista e se virou para me olhar de frente.

— Parece que nunca nos encontramos nos seus melhores dias.

— Pois é — concordei.

Afundi no banco. Deixando a cabeça cair para trás, fechei os olhos. Se eu tivesse que me justificar mais uma maldita vez, ia perder a cabeça.

— Primeiras impressões dizem muito sobre uma pessoa.

— Acho que estou ferrado nesse sentido, não é?

Ela contraiu a boca, mas sua expressão permaneceu séria.

— Veja sua namorada, por exemplo. Na primeira vez em que a vi, ela parecia bem controlada. Hoje? Nem tanto.

— Ela teve um dia difícil.

— Quer me contar por quê?

— Você passou os últimos quinze minutos com ela. Está me dizendo que ela não deu nenhum detalhe?

— Deu. Mas estou perguntando a você.

Suspirei e esfreguei a testa, com uma dor aguda entre os olhos. Seria muita sorte não acabar com uma enxaqueca.

— Ela sofreu um acidente por volta dessa época no ano passado. Toda a família dela morreu. Todo mundo que ela amava se foi. As festas de fim de ano são complicadas.

— Deve ser difícil.

— Como eu disse, o dia foi bem complicado para ela.

— Quis dizer para você.

Franzi a testa.

— É uma droga. Não posso fazer nada para que a dor dela passe.

— Você podia começar controlando esse seu temperamento. É a segunda vez que você perde a cabeça com um agente policial em um lugar bem público. Vou te dizer, isso não passa uma imagem muito boa.

— Não perco o controle com frequência, e nunca com a Tenley.

— E como é que eu vou saber disso? Porque você está dizendo? Porque sua namorada me diz a mesma coisa para proteger você? Já considerou as consequências desse tipo de atitude?

Olhei pelo para-brisa. Tenley ainda estava encolhida no carro, os pés apoiados no vão da porta, só de meia. Cross estava ajoelhado em frente a ela,

encarando-a. Ela se inclinou para a frente, o queixo erguido em sinal de resistência. Em qualquer outra ocasião, Tenley teria recuado. Era só por minha causa que ela estava agindo daquela maneira. Aquilo me affigia.

— Sabe, eu analisei sua ficha criminal depois daquele nosso primeiro encontro e chequei a da sua namorada também.

O que significava que ela sabia do acidente antes de perguntar. Vasculhar meu histórico não daria em muita coisa além dos interrogatórios pelos quais passei após o assassinato dos meus pais. Os primeiros deviam ter sido apagados, já que eu era menor de idade.

— Fora aquela multa por excesso de velocidade há um mês, sua ficha é limpa como água.

— Surpresa?

Ela saiu da viatura e abriu a minha porta. As marteladas na minha cabeça e o aperto na garganta aliviaram um pouco quando saí do carro.

— Com a sua atitude? Com certeza. Mas aí eu fui mais fundo, porque estava certa de que havia algo mais. O modo como você agiu quando foi até a delegacia não fazia sentido. Sabe o que eu descobri?

— Não faço a menor ideia.

— Nada. Sua notação de crédito é perfeita. Você tem um financiamento em aberto de um investimento em uma propriedade conjunta em um bairro excelente. É proprietário tanto do seu apartamento quanto do estúdio de tatuagem. Nunca atrasou nenhum pagamento, de nenhum tipo, e faz várias doações para instituições de caridade todos os anos. Interessante para alguém que passa essa sua imagem, não acha?

— E que imagem é essa?

— Como se estivesse mandando a sociedade para aquele lugar o tempo todo e não estivesse nem aí.

— Meu único problema é o Cross.

— É, eu concluí isso. Me fez pensar qual seria o problema, até que ele me contou que liderou a investigação do assassinato dos seus pais.

— Ele e o parceiro foram os primeiros a chegar à cena do crime. Acharam que eu era o culpado, então me prenderam. Cross me interrogou.

— Vou arriscar e dizer que as coisas não correram muito bem.

— Podemos dizer que não.

Enfiei as mãos no bolso e me balancei nos calcanhares.

— Quer me contar mais sobre isso?

— Não tem muito o que contar. Encontrei os corpos dos meus pais, liguei para a polícia e acabei em uma sala de interrogatório. Fiquei lá por um bom tempo antes de eles permitirem que eu fizesse uma ligação. — Eu não sabia quantos detalhes a agente queria ou o que eu estava disposto a dar. Não sabia qual era o nível de proximidade entre Cross e ela. — Tudo o que sei é que as evidências do caso foram consideradas inadmissíveis porque estavam comprometidas. Não tenho todos os detalhes, e foi isso que me levou à delegacia naquele dia.

— Por que eles suspeitariam de você?

— Conveniência? Como é que eu vou saber? Eu tinha dezessete anos. Cheguei em casa e encontrei meus pais assassinados. Liguei para a polícia e perdi a cabeça porque eles estavam mortos.

Se Miller tinha lido o arquivo, sabia que eu destruía a sala. Mencionar o fato seria redundante.

Ela me observou com uma minúcia que não era incomum.

— Dei uma olhada no que restou das evidências. Não sobrou muita coisa. Tenho algumas perguntas também, mas sem algo novo seria difícil conseguir reabrir o caso.

Pensei nos pesadelos constantes e implacáveis que eu andava tendo nas últimas semanas.

— E se eu tivesse alguma coisa? Com quem eu precisaria falar?

— Você acha que tem?

— É possível.

— Em uma situação normal, você procuraria a pessoa que trabalhou no começo do caso, se ela ainda estivesse por aqui. Mas acho que isso não acabaria bem para nenhum lado. Pode me procurar desde que ande na linha. Não vou lidar com um cachorro bravo.

— Desde que eu não tenha que lidar com o Cross, consigo me controlar.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Não é suficiente. Nós trabalhamos na mesma delegacia. Às vezes, juntos. Não posso aceitar que você perca o controle com Cross toda vez que der de cara com ele.

— Ele ferrou com o caso dos meus pais.

— É o que você diz, mas era uma criança. Você mesmo disse que não tem detalhes e, pelo que li, estava alterado naquela noite, então talvez sua memória seja um pouco embaçada.

— Mas isso não tem nada a ver com as evidências. Se o Cross era responsável por coletar e arquivar tudo, então a culpa não é dele?

— Cuidado ao fazer acusações. Entendo que tenha sido uma experiência traumática para você. Eu vi as fotos do crime, mas não posso ajudar se você não conseguir se controlar.

— Vou me segurar.

— É melhor mesmo. — Ela deu um passo em direção a Tenley e Cross, porém depois se virou de novo para mim. — Posso dar uma sugestão?

— Claro.

— Todo esse metal na sua cara? Faz de você um alvo.

— Está me dizendo para tirar?

— Não. Não estou dizendo nada. Mas e se você fosse à delegacia da maneira como está vestido hoje e todo esse metal desaparecesse em um passe de mágica? Talvez você percebesse que as pessoas agiriam um pouco diferente.

— Vou pensar sobre isso.



TENLEY

A conversa com Hayden, seguida pela blitz, me deixou sóbria rapidinho. Ele não estava bêbado, mas o agente Cross se recusou a largar o osso, ainda mais depois de ver o meu estado e o do carro.

Eu ainda sentia os efeitos dos remédios, mas a preocupação forçada de Cross com meu bem-estar não passou despercebida. O dia tinha sido longo e difícil, e ele não estava ajudando. A hostilidade aberta dele em relação a Hayden só aumentava minha ansiedade.

Nos últimos dez minutos, Cross ficara me questionando sobre o amassado no carro, o fato de eu estar descalça e o estado do meu casaco. Ao menos a agente Miller tinha falado de outras coisas, embora as perguntas fossem capciosas.

Os detalhes que ela coletou a partir da nossa conversa tinham menos a ver comigo e mais com Hayden. Ela perguntou sobre os pais dele, sobre o trabalho, colegas e onde Hayden passava o tempo livre. Essas perguntas eram fáceis de responder, porque eu podia ser sincera. Os detalhes mostravam Hayden de uma perspectiva positiva. Ele passava todo o tempo livre comigo e, se não estava comigo, estava com um grupo seletivo de pessoas.

Olhei para o carro da polícia estacionado a uns dez metros dali. Ao menos Hayden não estava mais trancado lá dentro. A agente Miller o liberara quase imediatamente. Hayden estava parado com os braços cruzados, mas nem de perto tão chateado quanto estava assim que ela o soltou.

Eu me encolhi ainda mais dentro do casaco, desejando que tivéssemos ficado na casa de Cassie. AG ficaria bem uma noite sozinha. Se não fosse pelo meu colapso, ainda estaríamos sentados naquela poltrona enorme e confortável em vez de estar lidando com a polícia. O agente Cross ainda estava me dando sermão e meu rosto estava vermelho de raiva e humilhação. Embora ele não

devesse ter muito mais do que trinta anos, as rugas permanentes na testa fediam a reprovação paternal.

— Já disse, não batemos em nada no caminho para casa — falei, irritada com as perguntas. — Você me perguntou a mesma coisa de vinte maneiras. A resposta não vai mudar.

O policial se agachou; seu corpo largo ocupava todo o vão da porta. Ele se esticou e se segurou no apoio de cabeça, me prendendo no carro e bloqueando minha visão de Hayden. Ele falou mais baixo:

— Você acha que seus pais iam aprovar o seu namorado se estivessem vivos? Eu me afastei dele.

— Isso é irrelevante e não é da sua conta.

— Vou dizer o que eu acho. Acho que eles ficariam decepcionados. Ainda mais se soubessem o que você deixa esse cara fazer com você. E ainda por cima no capô do carro. Isso não demonstra muito respeito por si mesma.

— Você não faz a menor ideia do que está falando — rebati, incapaz de conter o tremor na voz.

— Ah, não? Baseado na sua incapacidade de fazer contato visual, vou em frente e digo que você está mentindo, menina. Talvez você deva pensar com um pouco mais de cuidado no que faz e com quem faz. Isso pode levar as pessoas a pensarem pouco de você.

— Acho que esta conversa terminou.

— Se você diz...

Ele se ergueu com um sorriso longe de ser amigável.

— Só mais uma coisa. Você não está encorajando o Stryker a reabrir o caso dos pais dele, está?

— Por que não estaria se isso pode dar a ele um pouco de paz?

— A questão nem sempre é do que as pessoas precisam. Pense. Aquele moleque andava com gente barra-pesada. Se quer ajudá-lo, talvez você deva persuadi-lo a deixar as coisas pra lá. Nunca se sabe que tipo de esqueleto ele pode encontrar se continuar cavando.

— O que isso quer dizer?

— Acha que é coincidência o fato de você ter aparecido e, de repente, o Stryker querer limpar a barra dele? Ele estava com um traficante de drogas

conhecido na noite em que os pais dele foram mortos. Tire as próprias conclusões.

Encarei o policial com clara incredulidade. Aquela era uma informação nova, na qual eu não sabia se deveria acreditar.

— Você parece terrivelmente chocada, srta. Page. Ao menos conhece a pessoa com quem está passando seu tempo? As coisas que Stryker fez?

Não tive a chance de fazer mais perguntas, pois Cross se afastou da porta bem quando Hayden se aproximou.

— Mais uma palavrinha antes de você ir para casa, sr. Stryker.

Hayden não deu ouvidos a Cross. Em vez disso, ele se ajoelhou diante de mim e passou as mãos pelos meus braços. Largou a chave na minha mão e dobrou meus dedos em torno dela.

— Caramba, você está congelando. — Ele lançou um olhar irritado para o agente Cross e me deu um beijo suave na boca. — Ligue o carro, gatinha.

Enquanto eu colocava as pernas para dentro, Hayden subiu o vidro e fechou a porta. Enfiei a chave na ignição e o motor ligou com um ronco grave. Encolhi as pernas contra o peito para me aquecer. Fiquei tão angustiada quando o agente Cross fez Hayden entrar na viatura que nem me dei conta do frio. Agora eu o sentia. Flexionei os dedos congelados do pé.

Depois de uma conversa rápida e tensa com o agente Cross, Hayden deu a volta no carro e entrou. Ele estava quieto e furioso quando engatou a marcha e foi para a rua.

— Por favor, me diga que você está bem — falou ele com uma voz suplicante.

— Estou bem — respondi, embora não tivesse total certeza disso.

Ele me olhou como se também não acreditasse.

— O que foi que ele disse?

— Ele ficou perguntando o que aconteceu com o capô.

— Você contou? — questionou Hayden. Suas mãos apertaram ainda mais o volante.

— Não precisei. Ele já parecia saber — respondi, mantendo o tom de voz neutro. Eu não conseguia acreditar em como ele estava calmo. — Está tudo certo, Hayden. Tudo bem. Estamos bem.

— Não, não está.

Paramos em um sinal e eu senti os olhos dele em mim. Hayden sempre conseguiu enxergar por entre minhas meias verdades.

— O que mais ele disse?

Não respondi de primeira, com medo de que a sinceridade causasse mais estragos.

— O que ele disse, Tenley? Ele deve ter dito alguma coisa; aquele babaca não consegue resistir a me prejudicar sempre que tem a chance.

— Que você estava com um traficante de drogas na noite em que seus pais morreram.

— Por que é que ele te contou isso, porra?

A noite tinha dado errado em muitos níveis para nós dois.

— Não sei, mas eu jamais acreditaria em nada do que ele diz.

— É verdade — disse Hayden, seco.

Fiquei imóvel, em choque.

— Eu estava com um cara chamado Damen, que tinha um estúdio de tatuagem e traficava. Eu não soube do tamanho da atividade paralela dele até bem depois, quando fui trabalhar para ele. Foi ele quem me apresentou à cocaína e à Sienna.

— Ah, Hayden. Eu sinto muito.

Não era à toa a relutância dele para falar do passado com tantos pedaços dolorosos.

— Não devia. Fui eu que ferrei minha vida.

— Não foi culpa sua — falei, mas eu sabia que ele ainda se culpava pelo que tinha acontecido tantos anos antes.

O restante do trajeto para casa foi tenso. Perguntei a Hayden algumas vezes se ele estava bem, porém não me respondeu.

Quando estacionamos na garagem, ele desligou o carro e ficou apenas olhando para a frente, com as mãos no volante.

Toquei o braço dele.

— Vamos subir?

Hayden assentiu e esfregou o rosto. Os ombros dele se curvaram, e ele se inclinou, levando a testa ao volante. Coloquei a mão em suas costas, sentindo

os músculos se expandirem à medida que ele respirava fundo e devagar, perdendo o controle. Um ruído engasgado escapou, soando como um soluço abafado.

— Hayden? Está tudo bem. Estamos em casa agora.

Tirei o cinto, esticando o braço para soltar o dele. O que quer que tivesse acontecido naquela viatura o tinha abalado.

Com ele sem o cinto, tirei a chave da ignição e saí do carro, então dei a volta para abrir a porta do motorista. Passei a mão pelo cabelo de Hayden, mas ele não se mexeu. Apenas murmurou algo que não entendi. Eu me abaixei ao lado dele, ignorando o cimento frio sob meus pés cobertos apenas pela meia. Ele falou de novo, repetindo uma frase sem parar.

— Ah, Hayden. Não. — Meu nariz roçou a bochecha dele.

Ele ergueu a cabeça do volante. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas não havia lágrimas.

— Eu sou um merda — sussurrou ele. — Sou um grande merda.

— Não, amor, isso não é verdade — falei, tentando acalmá-lo. Toquei seu rosto.

— É, sim. Olha o que eu fiz com você hoje. Olhe só para você. — Ele passou o polegar debaixo do meu olho, depois no meu lábio, acariciando a região sensível na qual os piercings tinham cravado. — Você é tão linda, e eu estou destruindo você.

— Você não está me destruindo. Por que acha isso?

— Eu queria não ser tão merda — disse ele, como se eu não tivesse falado nada.

O olhar vazio de Hayden me afligia. Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Ele podia ficar chateado, podia ficar bravo, mas eu não sabia o que fazer com ele desmoronando daquele jeito.

— Por que não subimos e damos comida à AG? Ela deve ter sentido nossa falta hoje.

Eu queria fazê-lo sair do carro. Além disso, foi a única coisa em que consegui pensar que talvez o tirasse daquela espiral. Ele era como um pai quando se tratava da gata.

— É. Tudo bem — respondeu Hayden, assentindo roboticamente e me deixando ajudá-lo a descer do carro.

Os presentes podiam ficar ali no banco de trás até de manhã. Tranquei o carro e levei Hayden até o elevador. Ele me abraçou enquanto esperávamos, enterrando o rosto no meu cabelo. Quando as portas se abriram, puxei-o para dentro e apertei o botão do segundo andar. Não senti nenhuma ansiedade enquanto subíamos, minha preocupação fixa em Hayden. Abri a porta do apartamento e o conduzi para dentro. Quando me virei para trancar a porta, ele me pareceu um pouco mais controlado.

— Estraguei seu casaco — disse ele com a voz rouca.

— O quê? — Olhei por cima do ombro, observando a expressão desesperada em seu rosto pálido.

— Seu casaco. Eu estraguei.

Ele me ajudou a tirá-lo e o pendurou no braço. O tecido creme macio estava sujo. A fivela no meio das costas estava suja de tinta preta, o que explicava os riscos no capô. Peguei o casaco do braço dele e o pendurei no armário.

— Depois de uma lavagem a seco, vai parecer novinho.

AG veio saltitando pelo corredor. Seus miados animados pararam apenas quando ela se esfregou no tornozelo de Hayden e ele a pegou no colo. Ela roçou o focinho no queixo dele. Então Hayden atravessou o corredor ainda de sapatos. No piloto automático, botou comida para AG, então ficou parado na cozinha olhando, confuso, para os próprios pés. Eu o levei de volta até o hall de entrada e me ajoelhei na frente dele. Com uma leve ajuda, Hayden ergueu um pé, depois o outro. Tirei os sapatos e os guardei.

— Que tal eu preparar a banheira? — sugeri.

Ele levou alguns segundos para responder:

— Para mim?

— Para nós dois.

— Tudo bem. Não quero ficar sozinho agora.

— Que bom, porque eu não vou a lugar algum.

Peguei a mão de Hayden, que se arrastou pelo corredor ao meu lado, apertando meus dedos. Ele se sentou na borda da banheira enquanto eu abria a

torneira. Vasculhei os armários em busca de sais de banho, mas não encontrei nada. Os olhos dele não se desviaram de mim enquanto eu afrouxava a gravata e a passava por cima de sua cabeça. Depois, desabotoei a camisa, deixando as abotoaduras por último. Tinham o formato de pequenas caveirinhas.

— A Cassie me deu há dois anos, no meu aniversário — disse ele, pegando-as da minha mão e rolando-as entre os dedos.

Meu coração deu um salto.

— Eu nem sei quando é o seu aniversário.

— Você não perdeu a data enquanto esteve fora. É só no final de maio.

— Que bom — falei baixinho, passando a camisa dele pelos ombros.

Estava além da minha compreensão como podíamos ser tão próximos um do outro sem saber algo tão essencial quanto a data de aniversário. É o tipo de coisa que se pergunta logo no primeiro encontro. Quando Hayden ficou nu, estiquei os braços para trás e abri o zíper do vestido. Deixando-o cair no chão, saí do meio do mar de tecido.

Ele suspirou e abraçou minha cintura, me puxando para entre as pernas. Então virou a cabeça para o lado, repousando o rosto na minha barriga, e me abraçou forte.

— Queria que tivéssemos esperado até eu trazer você para casa.

— Estamos em casa agora. Você pode me ter se me quiser.

Eu sentia a ereção dele contra minha coxa, porém ele balançou a cabeça.

— Só preciso ficar perto de você agora.

— Eu também preciso disso, Hayden.

Massageei os ombros dele em círculos rítmicos e reconfortantes. Ele olhou para mim, revelando uma carência não mais como um reflexo de desejo, mas sim de algo mais profundo.

— Isso é tão bonito — disse ele, tirando a cinta-liga e desenrolando minha meia. Então beijou meu quadril de um lado e fez o mesmo no outro.

Tirar a roupa um do outro tinha uma sensualidade inerente. Eu queria tanto me perder nele depois daquele dia longo e difícil! Mas Hayden precisava de mais do que isso naquele momento. Percebi no jeito gentil como ele me tocava, na falta de pressa com que removía cada peça de roupa.

— Gosto de você usando isso. Mais do que quando veste preto.

— Por quê?

Ele esticou a meia solta, um meio sorriso surgindo no canto da boca.

— Porque reflete como eu vejo você: feminina, delicada e bonita.

Eu queria perguntar o que mais ele via em mim, mas me distraí quando ele pôs as mãos nas minhas costas e abriu meu sutiã. Seus olhos exploraram meu corpo de um jeito que parecia mais adoração do que sexo, e seus dedos passaram pelos meus seios. A mão dele veio parar no meu quadril, seu olhar descendo do meu rosto. O pomo de adão se mexeu quando ele engoliu em seco, e a língua dele surgiu, umedecendo o lábio.

— Você me prefere assim? — perguntei, olhando para a pilha de renda e de cetim pastel descartada, tão diferentes das outras lingerie que eu tinha.

— Pelada? Sempre.

Ele abriu um sorrisinho malicioso e jogou uma perna por cima da lateral da banheira, esticando-se para fechar a torneira. Então entrou na água e abriu espaço para mim entre as pernas. Eu me sentei na beirada e enfiei o dedo do pé na água, verificando a temperatura. Meus pés ainda estavam meio congelados por terem ficado descalços por uma hora, e o calor era um alívio.

Hayden envolveu minha cintura com os braços e se recostou, me levando com ele. Eu estava acomodada contra seu peito, submersa até os ombros. O nível da água subiu até chegar perigosamente perto da borda da banheira, mas Hayden não pareceu se importar.

Meu cabelo se espalhou na superfície, ficando mais escuro debaixo da água. Hayden o pegou e o colocou por cima do meu ombro. Os lábios dele foram ao encontro da minha pele, subindo da clavícula até o pescoço, parando quando ele chegou bem abaixo da orelha.

— Eu deixei uma marca — sussurrou ele, roçando os lábios na pele sensível.

— Não tem problema. Vai sumir em alguns dias — falei, preocupada com o remorso na voz dele.

— Deixei várias — comentou ele, repousando o queixo no meu ombro.

— Não me importo. Nenhuma é permanente.

— Não do lado de fora. — Ele apertou ainda mais minha cintura. — Queria que as coisas tivessem sido diferentes essa noite.

— Desculpe por ter me descontrolado na casa da Cassie.

— Não precisa se desculpar, gatinha. E não estou falando disso. Só não quero que você sinta que tem que fazer coisas com as quais não se sente confortável.

— Está falando sobre a transa? — Eu me virei para poder ver o rosto dele.
— Foi sugestão minha.

— Só porque eu tinha mencionado.

— Eu não teria dito nada se não quisesse. Precisava ficar com você. Fui eu que comecei.

— Não sei se concordo com isso. Você tem um histórico de se render, principalmente para mim.

— Você acha? Quem é que levou quem para o apartamento naquela primeira vez?

— Mas fui eu que beijei você. Eu que dei o primeiro passo — argumentou ele.

O flerte tinha quase me enlouquecido durante a sessão de tatuagem. O zumbido da máquina de tatuar tinha sido afrodisíaco.

— Eu não tinha nem como ter te dado mais mole. Devo lembrar que fui eu quem encontrou aquela brecha na sua regra ridícula? Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando chamei você para o meu quarto. Eu queria você. *Sempre* fui eu que provoquei, e não o contrário.

Hayden sorriu de leve, talvez imerso nas lembranças. Então sua expressão ficou séria enquanto ele traçava o contorno da asa que cobria meu ombro.

— Não estou falando só de sexo, Tenley. Digo de maneira geral.

A água espirrou e transbordou da banheira quando me virei para vê-lo melhor.

— Você não está se referindo à tatuagem, está? Porque eu me lembro bem de ter procurado você com a ideia. Não o contrário.

— Não. Não foi isso que eu quis dizer. De qualquer modo, lembra que eu pedi várias vezes para você dar um pulo no estúdio e fui eu que te convenci a fazer a tatuagem do cupcake.

Ele alisou meu quadril, perto da tatuagem mencionada.

— Eu teria levado o desenho para você em algum momento, mesmo sem a persuasão. E a tatuagem de cupcake foi um meio para um fim. A recompensa valeu a pena.

Hayden entrelaçou os dedos nos meus.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro — respondi, preocupada com a curva séria da sobrancelha dele.

— O que aconteceria se o Trey voltasse?

A pergunta estranha me pegou de surpresa.

— Ele não vai voltar.

— Como é que você sabe?

— Eu não tenho mais nada que ele queira.

— Mas e se ele voltasse? Como vou saber que você não vai embora de novo? Não era uma coisa que você queria fazer, mas você foi mesmo assim.

Então esse era o assunto que ele estava tateando. Achei que já tivéssemos lidado com aqueles medos, mas, no calor de tanto estresse, eles tinham ressurgido. O que Hayden não entendia era que Connor tinha sido o que se esperava para o meu futuro. Ficar com Hayden era uma escolha.

— Eu não tomaria a mesma decisão dessa vez. Eu estava com a cabeça em outro lugar na época. Não sabia como lidar com o que eu sentia por você. Sentia muita culpa, e eu não sabia o que fazer com ela.

Hayden me apertou mais no abraço.

— Só não quero que você me deixe de novo. Não consigo passar por isso de novo sem você.

A expressão dele me deu um aperto no coração.

— Hayden, você é tudo o que eu sempre quis. Você é o lugar onde eu quero estar.



HAYDEN

Já era meio-dia quando abri os olhos. Tenley demorava para acordar e mais ainda para começar a se mexer. Quando tentou se sentar, ela gemeu e resmungou, então desabou de novo na cama. Ficou de bruços, o rosto afundado no travesseiro.

— O que está doendo? — perguntei. O capô no meu carro não era um lugar muito macio para transar.

— Minha lombar — murmurou ela por trás do véu de cabelo.

Afastei as cobertas e me aproximei. Procurei hematomas, depois desci os polegares pela coluna dela. Quando cheguei ao cóccix, Tenley fez um ruído de incômodo.

— Bem aqui? — perguntei, apertando de leve.

— Aham, e meu quadril está travado.

Ela assoprou o cabelo para longe do rosto.

— Vou ajudar a melhorar.

Comecei a massagear, e ela soltou alguns sons de aprovação quando acertei um local mais dolorido.

AG pulou para a cama e começou a cheirar tudo, batendo o focinho na minha perna.

Às vezes tínhamos que trancá-la fora do quarto quando estávamos transando, porque senão ela sentava na beirada da cama e ficava miando para nós. Era bizarro e perturbador. Ainda mais quando Tenley começava a rir.

Agora, AG tinha subido nas costas de Tenley e começado a andar em cima dela, ajudando na massagem. Então se enfiou debaixo da minha mão e se acomodou bem no lugar que eu estava massageando.

Tenley deu uma olhada por cima do ombro.

— Parece que sua outra gatinha está com ciúmes.

— Até parece que ela não ganha atenção suficiente.

Peguei AG antes que ela começasse a arranhar e me deitei ao lado de Tenley, colocando a gata no meu peito. Ela se acomodou ali, esfregando o topo da cabeça debaixo do meu queixo, ronronando como uma tempestade.

— Como estão suas costas agora?

— Bem. Uns analgésicos devem dar conta do recado se elas continuarem me incomodando — respondeu Tenley, fechando os olhos.

Eu tinha outras perguntas — sobre quantos remédios ela tomava, sobre o que Cross e Miller tinham lhe dito na noite anterior, sobre a ideia estúpida mas brilhante de Chris de fazer uma viagem no Ano-Novo —, mas tudo isso podia esperar.

— Tenley?

— Hum?

Beije a ponta do nariz dela.

— Quer abrir o restante dos nossos presentes?

Ela abriu os olhos de imediato.

— Meu Deus! Claro que sim!

Ela rolou para fora da cama e se levantou depressa. No instante seguinte, desapareceu, caindo no chão. Inclinei-me para ver, sem saber ao certo o que tinha acontecido com ela. As mãos de Tenley apareceram na beirada do colchão enquanto ela se erguia, ficando cara a cara comigo.

— Entáááááão — disse ela. — Parece que eu não estou totalmente recuperada da nossa malhação de ontem à noite.

Joguei as pernas para o lado e passei as mãos sob seus braços. Ela murmurou algo sobre estar bem, o que era uma besteira sem tamanho, visto que se desequilibrava feito um bebê, se apoiando nos meus ombros.

— Vamos ter que tentar posições diferentes — falei para os seios dela, que estavam bem na minha cara.

— Agora? — A voz de Tenley se tornou um sussurro abafado.

Olhei para cima. Ela não tirava os olhos do meu pau estúpido, que não conseguia entender a mensagem e parar com aquela ereção.

— Hum, não, gatinha. Melhor a gente deixar isso quieto até que esse negócio de ficar em pé não seja mais um problema.

Ela fez bico, mas eu não ia ceder. Já passava do meio-dia no nosso primeiro Natal juntos. Eu queria abrir os presentes enquanto tomava café e comia os cupcakes que tinha encontrado escondidos na geladeira à noite.

Quando ela não precisou mais de mim para se apoiar, desci da cama e remexi no armário, pegando uma calça de pijama de estampa divertida.

Tenley ainda tinha o costume de levar uma malinha com roupas quando passava a noite lá em casa, o que precisava mudar. Eu tinha aberto espaço para ela no closet e havia algumas coisas dela penduradas lá, mas nenhuma roupa confortável de ficar em casa. Peguei um short e meu moletom escrito STRYKER. Ela cobriu toda aquela pele sexy, tornando mais fácil não perder o controle, e saímos do quarto.

Depois de preparar e servir o café — Tenley tornava o dela impossível de beber quando jogava um monte de açúcar e leite —, nós nos sentamos e trocamos presentes debaixo da árvore. Era a primeira vez, nos últimos sete anos, que eu realmente estava ansioso pelas festas de fim de ano.

Entreguei o primeiro presente a Tenley. Ela tirou o laço listrado vermelho e branco de cima e o colocou na cabeça com um sorriso atrevido. AG ficou brincando com os pedaços de fita que Tenley removeu depois. Com os olhos brilhando de expectativa, ela tirou com a unha a fita adesiva que fechava o pacote.

— Você que embrulhou?

— Sim.

Ela parou para me dar um beijo.

— Você é incrível, sabia? Isso é trabalho de profissional. Você podia abrir um negócio paralelo.

— Vou começar agora mesmo.

Ri da tentativa dela de abrir o pacote sem rasgar o papel. Tenley desistiu na metade e rasgou o resto. Eu tinha me esforçado bastante para fazer com que todos os pacotes ficassem bonitos. Cada presente tinha laços, fitas e todas aquelas porcarias cheias de babados. Até os menorezinhos. A animação dela fez tudo valer a pena.

Tenley jogou o papel rasgado na lixeira que eu tinha colocado ao lado da mesa de centro. Ela abriu a caixa, desdobrando o papel de seda. Havia um

moletom preto ali. Ela contornou o cupcake de caveira e ossinhos estampado em branco do lado esquerdo do peito. Leu as palavras que o contornavam, escritas em uma fonte que lembrava uma tatuagem.

— Está escrito... — Ela pegou o moletom da caixa para dar uma olhada melhor.

— É para ser uma brincadeira. — Mais ou menos. Não muito. — Gostei de como você ficou com o meu moletom, e você sempre o sequestra, então pensei em dar um para você. Esse é do seu tamanho. — Eu estava tagarelando de novo.

— Ah. Então a inscrição PROPRIEDADE DE HAYDEN STRYKER é a parte da brincadeira?

— Olhe as costas — respondi, evitando a pergunta porque aquela, na verdade, não era a parte da brincadeira.

Ela o virou e viu STRYKER escrito em letras vermelhas com alinhavo dourado. A questão não era só gostar de como meu moletom ficava em Tenley. Eu também gostava de ver meu nome nas costas e no peito dela. Eu jamais admitiria, nem em um milhão de anos, que tinha fantasiado tatuar meu nome em alguma parte do corpo dela. A dobra da virilha era com certeza a opção preferida na minha imaginação. Assim, eu a veria toda vez que a chupasse.

Até então, eu nunca tinha entendido por que as pessoas colocavam o nome de outra no corpo. Não dava para apagar. Até mesmo o laser era um método dolorido e nem sempre eficiente de remover esse tipo de erro. No entanto, tatuagens in memoriam fazem sentido. Eu tinha feito uma em Cassie certa vez, apesar de termos passado semanas discutindo onde fazer o desenho, até eu ceder.

Até respeitava os caras que apareciam e queriam eternizar os filhos nas costas, no peito ou no bíceps. Achava que era uma forma de consolidarem o papel de pai. Mas tatuar o nome de um amor no meu corpo sempre me pareceu absurdo. A tatuagem de Jamie que dizia “LISA” — nada menos do que na parte inferior do abdômen — tinha me deixado perplexo. Agora, nem tanto.

Além de Tenley, eu nunca tinha transado com uma pessoa a quem queria me referir como “amor”. Ela mudara aquilo. Antes de Tenley ir embora, eu

estava pronto para desenhá-la em versão pin-up nas costelas. Ainda queria, mas por motivos menos desesperados. Também a queria em um lugar bem mais visível. Não era muito diferente de colocar o nome dela em mim.

Ela passou o dedo pelo S do STRYKER.

— Achei que você fosse querer usar isso na faculdade. Sabe, quando for para as aulas e tal — sugeri. Assim, os caras que trabalhavam com Tenley não precisariam perguntar se ainda estávamos juntos.

— “E tal”, tipo, em reuniões do grupo?

— Claro — falei, tentando soar indiferente.

— Então você diria que o seu nome na frente é mais um aviso do que uma brincadeira?

Dei um sorriso tímido.

— Achei que você ia preferir isso às marcas de chupão.

Passsei o polegar pelo pescoço dela, onde apenas uma marca rosa-claro ainda restava da noite anterior. Algumas linhas pequenininhas e quase imperceptíveis no lábio inferior eram o único outro lembrete do estrago que eu tinha causado.

— Como você é atencioso — ironizou Tenley.

— Não gostou?

— Não. — Meu estômago deu uma reviravolta estranha. — Eu adorei. É perfeito, bem melhor do que um chupão. — Ela se aproximou e me beijou. — Mas tem lugares menos visíveis e mais sensíveis para você chupar, além do meu pescoço.

— É mesmo? — perguntei, mordiscando o lábio inferior dela.

— Aham.

— Talvez mais tarde a gente possa fazer uma exploração desses lugares.

— Talvez.

Ela se soltou dos meus braços e foi até a árvore. Então se apoiou nas mãos e nos joelhos, com a bunda para o ar, e vasculhou os embrulhos até retornar com um monte deles. Passamos as horas seguintes abrindo presentes e jogando os novos ratinhos de brinquedo para AG brincar. O último que abri era a terceira das três fotos que Lisa tinha tirado de Tenley.

Não era tão explícita quanto a primeira, mas era a mais provocativa. Tenley estava de perfil, com o corpo na sombra e os dedos na boca. Ela usava um

corpete coberto de cupcakes, os mamilos aparecendo pelo tecido justo e translúcido. A cereja do bolo era que ela estava sem calcinha, o que deixava a foto ainda mais sexy, com as meias sete oitavos sem liga com borda de renda. Uma contorção leve do torso fazia com que a luz iluminasse a tatuagem de cupcake, mas escurecia aquela linha perfeita entre as coxas.

Minha intenção era agradecer com um beijo, mas isso não deu muito certo, e não conseguimos nem chegar até o quarto. Contudo, encontrei uma posição que não forçava tanto o quadril dela.

Às quatro da tarde, tínhamos terminado de abrir os presentes, tomado um banho e almoçado. Estávamos de bobeira no sofá. Meu celular já tinha tocado várias vezes, assim como o de Tenley, mas ambos estávamos ignorando as ligações. Até debater com ela as opções para o Ano-Novo, eu não ia conversar sobre isso com Lisa.

Estávamos no meio de um filme de ação quando Tenley suspirou e começou a se mexer, esfregando uma perna na outra.

— Preciso fazer alguma coisa.

— Por que a gente não dá uma saída? Podemos andar por aí, pegar um ar puro.

Ela levantou do sofá e foi para o quarto, levando o moletom que dei a ela. Fiquei ali, porque vê-la pelada ia atrapalhar nossa saída. Precisávamos fazer algo além de sexo, embora isso fosse uma forma de manter a mente longe das coisas difíceis. Enquanto esperava, organizei os presentes debaixo da árvore.

Tenley voltou alguns minutos depois com o cabelo preso em um rabo de cavalo frouxo. Usava o moletom STRYKER e uma calça jeans roxa tão justa que parecia pintada no corpo.

— Gostou? — perguntou ela, dando uma voltinha.

— Gostei.

Assenti como um idiota, repensando a ideia de dar uma saída.

— Você pretende sair assim? — perguntou ela.

Passei a mão pelo peito.

— Acha que não devo?

A camiseta branca era tão fina que ela conseguia ver minhas tatuagens e os piercings nos mamilos.

— Fique à vontade, mas acho que, se você ficar de pau duro, pode ser difícil esconder — explicou Tenley, apontando para a minha calça de pijama.

Olhei para baixo. Já estava quase lá.

— Ok, entendi.

Troquei de roupa bem rápido. Quando voltei, Tenley estava esparramada no chão, e AG, empoleirada em seus joelhos, brincava com um cordão com um sino amarrado na ponta.

— Tenho uma ideia — disse Tenley.

— E qual é?

— Você disse que queria colorir esta semana, né? E se começássemos agora?
— Ela parecia esperançosa e um pouco nervosa.

— Tem certeza de que quer fazer algo assim hoje?

— Acho que sim. — Ela colocou AG no chão e se apoiou na mesa de centro para se levantar. — O dia ontem foi difícil para nós dois, e eu preciso de uma espécie de... alívio? Acho que isso pode ajudar.

Considerarei as opções. Se eu começasse pelos ombros, seria menos dolorido e poderíamos parar a qualquer momento. Não haveria pressão e não teríamos interrupções, já que o estúdio estaria vazio. Seria catártico. Mas tudo também podia dar muito errado. Era difícil ter certeza.

— Não sei...

— Por favor! Prometo que digo se achar que vai ser demais. Podemos descer até o estúdio. Se eu sentir que não vou ficar bem, a gente dá só uma caminhada.

Por não ter sentido pressão naquele pedido, eu cedi. Não tinha como saber a não ser que arriscasse.

— Podemos tentar.

— Mesmo?

Ela abraçou meu pescoço, sua animação contagiante. Eu não tinha trabalhado em Tenley desde que ela fora para Arden Hills. Tê-la de volta na minha cadeira poderia ser bom para nós dois.

— Mas eu digo quando achar que for suficiente.

— Claro. E, se eu me cansar antes disso, peço que você pare.

Ela me beijou, a língua tocando a minha, e fiquei imaginando se algum dia perderíamos essa necessidade insaciável um do outro. Eu esperava que não.



HAYDEN

No Inked Armor, Tenley andava de lá para cá na sala privativa, inspecionando os frascos de tinta e as latas rotuladas de apetrechos enquanto esperava que eu me organizasse. Demorei de propósito, para permitir que nos acostumássemos ao ambiente e ao que estávamos prestes a fazer.

Depois de tudo pronto, peguei a pasta de Tenley. Eu a tinha guardado ali depois que ela fora embora, fazendo e refazendo a paleta de cores sempre que ficava frustrado com meu desenho. Peguei as últimas versões e as espalhei pela mesa de trabalho.

O tom do desenho tinha mudado com o tempo e as revisões. O desenho original, que fora meu primeiro contato com a arte de Tenley e com ela própria, havia sido bastante alterado.

Os pretos e azul-escuros, bem como as explosões de chamas, estavam todos mais suaves, dominados por um brilho dourado. A mudança na cor tinha se concentrado mais nos ombros. Dava a impressão de que o sol estava brilhando sobre as asas, trazendo-as de volta à vida; as penas pretas e arruinadas caindo: um renascimento substituindo a destruição.

— Fiz algumas alterações. — Girei minha cadeira, achando que Tenley estava do outro lado da sala.

Ela estava bem atrás de mim.

— Estou vendo.

— Podemos seguir o original, se você preferir, mas pensei em ter mais opções.

Tenley colocou as mãos em meus ombros e se inclinou, olhando para todos os desenhos espalhados na mesa. Ela foi da esquerda para a direita, do original ao último.

— Você fez muitas mudanças.

— Muitas coisas mudaram desde que começamos a tatuagem.

— Hum. — Ela passou as unhas pela minha nuca e as arrastou para baixo.
— Isso é bem verdade. Gosto desses. São lindos. — Ela apontou para os últimos.

— Quer escolher um deles?

Com o consentimento de Tenley, deixei os outros de lado, menos o original e os que ela tinha selecionado. Então a puxei para o meu colo. Passamos mais uns bons vinte minutos decidindo as questões mais delicadas até ela tomar a decisão final. Escolheu a penúltima versão, que era a minha preferida. Eu adorava o fato de parecermos sintonizados em tantas coisas.

Liguei o aquecedor da sala privativa. Enquanto separava as tintas e preparava o aparelho, Tenley tirou a roupa da cintura para cima. Quando ficou seminua e tudo estava organizado, ela se sentou na cadeira, sem se preocupar em se cobrir.

— Tem certeza absoluta de que consegue aguentar isso hoje? — perguntei, olhando-a com atenção.

— Tenho. Se for demais, prometo que falo.

— Vou cobrar isso de você.

O sorriso largo que Tenley abriu aliviou um pouco minha tensão por fazer aquilo em um dia tão crítico para ela. Foi a mesma coisa que eu quis fazer no meu primeiro Natal sem família. Mas, em vez disso, entrei em uma *bad trip* que quase me matou. Naquela época, eu já tinha sido apresentado a Chris, que tentou entrar em contato comigo por dias seguidos sem nenhum retorno. Ele me deu um esporro quando enfim apareci para trabalhar, três dias depois. O olho roxo e os hematomas nas costelas que se seguiram marcaram o início oficial da nossa amizade. Foi a última vez em que me deixaram passar um feriado sozinho. A não ser pelo último Dia de Ação de Graças.

Tenley se esticou na cadeira e seu cabelo caiu para o lado. Estava tão comprido que quase encostava no chão.

— Vou começar pelos ombros. Acho que levo, no máximo, duas horas, mas depende de você.

— Me parece ok.

Coloquei uma música para tocar, lavei as mãos e calcei um par de luvas. Depois, preparei as costas de Tenley, limpando-as com spray antisséptico. O zumbido do aparelho de tatuar tomou conta da sala. Assim que tocou em sua pele, Tenley relaxou. Fechou os olhos e derreteu na cadeira, um sorrisinho surgindo no canto da boca. Trabalhei os primeiros minutos em silêncio, ciente de que ela precisava de um tempo para se acostumar com a sensação.

— Como está até agora?

— Não está ruim.

— Vai ser mais desconfortável porque estou colorindo, e não contornando, então, se você precisar de um intervalo, é só dizer.

Comecei pelo lado com as cicatrizes de propósito. Embora as dos ombros não fossem tão ruins quanto as do quadril, eram sensíveis mesmo assim. Se eu me livrasse da parte mais desconfortável no começo da sessão, o resto seria mais fácil de tolerar.

Depois de mais alguns minutos de silêncio, Tenley fez a pergunta que eu já esperava:

— Você vai me contar o que aconteceu ontem à noite?

— Com o Cross? — Mergulhei a agulha no amarelo e a levei de volta à pele dela.

— E a agente Miller.

— Cross foi o mesmo imbecil de sempre. Não sei qual é a dele, mas parece que gosta de me tirar do sério. — Limpei as costas de Tenley com um pano úmido. — Sei que fui um adolescente de merda, mas ele tem um ódio bizarro de mim.

— Por que será? — indagou Tenley, ecoando meus pensamentos.

Fiquei quieto por um minuto, mas não consegui pensar em mais nada além do meu temperamento.

— Não faço a menor ideia.

— E a Miller? A conversa com ela me pareceu tranquila.

— Ela deu uma olhada no caso dos meus pais. Como já tinha dito, eles precisam de novas evidências para que seja reaberto.

— E aquele quadro no quarto deles que você mencionou?

— Talvez. Mas *só* se chegou a ir para o depósito.

Tentei me concentrar na tatuagem, passando da tinta amarela para a cinza para dar profundidade.

— Podemos ir lá esta semana e dar uma olhada, enquanto você está com mais tempo livre.

— Pode ser que nem esteja lá — retruquei, exprimindo meu maior medo.

— Mas não custa nada dar uma olhada. A não ser que você não queira.

Ela estava me dando uma escolha.

— Não é isso. Sabe, eu já fui lá.

Tentei entrar várias vezes, mas sempre acabava sentado em frente à porta. A única vez em que consegui, terminei numa orgia de drogas que durou um mês e quase me custou mais que o emprego no Art Addicts.

Tenley me olhou, a pergunta não verbalizada estampada em seu lindo rosto.

— É que... — Desliguei o aparelho e o deixei de lado. Queria encontrar um modo de dizer aquilo sem parecer um cagão completo. — Eu sempre acreditei que a pessoa que matou meus pais seria pega, cedo ou tarde. Mesmo quando arquivaram o caso, eu ainda me apegava a essa esperança. Se o quadro não estiver lá ou se eu estiver me lembrando errado das coisas, então não terei mais nada. Vou voltar à estaca zero. Não sei se consigo suportar a possibilidade de nunca ter uma resposta.

Tenley se endireitou e cruzou os braços, colando os joelhos nos meus.

— Mas, se você tivesse as duas opções, essa não seria melhor? Mesmo que a resposta não seja a que você quer?

Eu entendia aonde ela queria chegar. Tenley jamais teria as respostas para algumas de suas perguntas. Ao menos eu tinha a opção. Eu precisava aceitá-la para poder seguir em frente, fosse qual fosse o resultado.

— Tudo bem. Podemos ir lá algum dia desta semana.

— Quando você estiver pronto.

Se qualquer outra pessoa que não Tenley tivesse olhado para mim daquele jeito, eu teria me sentido uma criança. No entanto, ela entendia tudo de um jeito que ninguém jamais conseguiria.

— Por que não fazemos um intervalo? — sugeri.

Eu tinha chegado à escápula e queria trocar de lado. Assim, ela não se sentiria pressionada a continuar por horas, e a coloração ficaria equilibrada.

— Tudo bem.

Tirei as luvas e fui para os fundos da sala buscar uma garrafa de água. Quando voltei, Tenley estava em pé em frente ao espelho de três lados, as mãos na cintura, admirando a tinta fresca. A pele estava vermelha em torno da tatuagem, mas estava ficando incrível. Os tons de amarelo vívido e pálido, ao lado do branco e do cinza-claro, davam a ilusão de que as asas brilhavam.

Foi impossível controlar a reação física ao ver minha arte nas costas dela e aqueles malditos piercings em seus mamilos.

— Pronto? — perguntou ela.

— Seria melhor terminar a sessão primeiro.

Estava claro que meu cérebro tinha tirado umas férias: o que passou pela minha cabeça saiu pela boca sem nenhum filtro.

— O que você...? — Ela pareceu confusa no começo, até que seus olhos desceram do meu rosto para minha braguilha. Abriu um sorriso tímido enquanto voltava para a cadeira. — Quando é que você não está pronto para isso?

Tenley se ajeitou na cadeira. Eu sabia que o quadril estava incomodando pela forma como se mexia, porém não estava mancando. Esperei até ela encontrar uma posição confortável antes de colocar um novo par de luvas.

— Posso perguntar uma coisa? — falei, rolando minha cadeira até o lado esquerdo dela e ligando o aparelho de tatuar.

— Claro — respondeu Tenley com um quê de apreensão.

— Com que frequência você toma analgésicos?

— Por causa do quadril?

— Você tem alguma outra dor?

Eu não tinha pensado que pudesse haver outros problemas, embora fosse bem possível.

— Às vezes tenho dor de cabeça. No início, era quase todo dia, mas agora não são muito frequentes.

— Tipo enxaqueca? — A agulha tocou a pele, a tinta penetrando pela superfície, dando dimensão ao contorno quase de imediato.

— Acho que essa seria a melhor forma de descrever. Eu sentia como se alguém estivesse batendo na minha cabeça. A dor ia e vinha sem aviso prévio. Em um segundo, eu estava no meio de alguma coisa e, no outro, estava no chão. Era assustador.

— Chegou a descobrir a causa?

— Não havia nada de concreto, apenas um monte de hipóteses. Acho que tinha mais a ver com o trauma. Minha visão ficava branca e eu tinha flashes vagos do acidente. Eu sentia tanta dor que não conseguia me apegar às lembranças. Não que eu quisesse. Depois de alguns meses, as dores de cabeça começaram a diminuir e eu passei a me lembrar de quase tudo o que aconteceu. — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Desculpe. Não foi isso que você perguntou. Agora, é só meu quadril que dá problema.

— Tudo bem. Eu quero saber de todas essas coisas se você quiser me contar — expliquei, dando um beijo em sua testa.

— Agora está mais fácil falar sobre isso — disse Tenley baixinho.

— Desde que voltou de Arden Hills, você quer dizer?

Passaram-se alguns segundos antes de ela responder, e fiquei apreensivo por ter forçado demais a barra.

— Antes de eu ir, me esforçava muito para manter minha vida aqui dissociada do que tinha acontecido. Não é mais assim.

— Fico feliz.

— Eu também. — Ela ficou quieta por um minuto. — Enfim, você perguntou sobre o meu quadril.

— Então, está melhor agora?

— Na maioria dos dias, sim. Acho que o frio é um problema, mas felizmente não preciso mais tomar nada muito forte. — Ela respirou fundo antes de continuar: — Os médicos me deram morfina na veia no começo. Fiquei tão desorientada que não conseguia distinguir a realidade da fantasia por um bom tempo. Não conseguia entender por que o Trey era a única pessoa que eu via. No fim, acho que não saber foi o melhor.

Larguei o aparelho de tatuar.

— Está dizendo que não sabia que todo mundo tinha morrido?

Ela se virou para me olhar, parecendo recordar aquele período.

— No início, não.

— Quanto tempo você levou para descobrir?

— Uma semana, talvez duas no máximo. Minhas lembranças daquela época não são muito claras. Eu acordava e apagava o tempo todo, então não tenho como saber direito. Foi o Trey quem me contou, é claro. Tive um colapso. Foi... horrível. Bem no fundo, eu sabia que os pesadelos que eu tinha não eram só sonhos, mas não queria acreditar.

Eu não conseguia imaginar acordar engessado, com ossos quebrados e queimaduras de terceiro grau e descobrir que todo mundo que eu amava tinha morrido. Só de pensar nisso me dava calafrios.

— Enfim... — Tenley pigarreou. — Não sei se meu quadril ainda vai ficar bom, mas está bem melhor.

— O que os médicos dizem?

— Até onde eles sabem, a cirurgia foi um sucesso. Fiquei de cama por semanas antes de me deixarem voltar a andar. Mas consigo andar normalmente na maior parte do tempo e tenho toda a amplitude de movimentos, ao menos por enquanto. O estrago foi grande; os médicos dizem que, em algum momento, vou precisar colocar uma prótese.

— Isso não parece bom.

Não gostei da ideia de ela ter que passar por algo desse tipo de novo.

— Mas não vai ser por muito tempo.

Fiquei pensando se estaríamos juntos até lá. Eu não conseguia imaginar meu mundo sem Tenley, mas também não tinha imaginado perder meus pais da maneira como aconteceu. Ataques cardíacos eu entendia, acidentes de carro, até mesmo acidentes terríveis de avião. Mas assassinato...

Esse era o medo que tinha me petrificado a ponto de eu me distanciar até mesmo das pessoas mais importantes. Era por isso que eu não tinha ido atrás de Tenley no começo. Tinha a sensação de que, ao me aproximar dela, a coisa não ia parar no sexo e estava certo. Tenley havia encontrado um caminho por entre as fendas da minha armadura e a estilhaçado. Eu queria ter o mesmo efeito sobre ela.



TENLEY

Por menos convencional que fosse passar o Natal no Inked Armor, a sessão de tatuagem era do que eu precisava. O zumbido tranquilizante do aparelho e a ardência causada pela agulha me distraíram da dor das lembranças que dividi com Hayden.

— Você acha que a gente pode ir ao depósito amanhã? — perguntou ele enquanto limpava mais uma vez minhas costas com o pano úmido.

— Claro — respondi, mas não esperava que ele quisesse ir tão depressa.

— Nunca mais voltei lá desde que me mudei para o atual apartamento. Eu ia pegar alguns dos móveis dos meus pais, mas não tive coragem. Tudo me lembrava o que eu tinha perdido.

— Você foi sozinho?

— Sim. Mas você vai estar comigo dessa vez, então talvez não seja tão difícil assim.

Eu esperava que aquilo fosse verdade.

Por fim, entramos de novo no assunto da noite anterior, e Hayden tocou no tópico do Ano-Novo com hesitação. Lisa tinha ligado para ele três vezes naquele dia. Na primeira, ela mencionou a Times Square. A segunda ligação era para propor ficarmos por ali mesmo. Hayden disse que eles podiam conversar sobre isso no dia seguinte. Meu voto era para não sairmos da cidade, mas eu podia tolerar uma viagem de carro.

— O que você costuma fazer no Natal? — perguntei.

Pelo canto do olho vi Hayden dar de ombros.

— Não muito. Às vezes passamos a noite na casa da Cassie e tomamos café da manhã lá. Na maior parte do tempo, ficamos à toa enchendo a cara. Na maioria das vezes, estou bêbado demais para dirigir de volta para casa e preciso ficar lá mais uma noite.

Li nas entrelinhas. As festas de fim de ano da casa de Cassie eram uma maneira de as pessoas que gostavam de Hayden ficarem de olho nele.

— Podíamos ter voltado lá hoje. Ainda podemos se você quiser — sugeri. Eu não queria afastá-lo das pessoas que o amavam.

— Não precisa. Por mais egoísta que seja, eu quero você para mim hoje. Além disso, se acabarmos indo a algum lugar no Ano-Novo com todo mundo, não vamos ter muito tempo sozinhos.

— Temos que levar seu carro à oficina — sugeri. Eu me sentia mal pelo estrago no capô.

— Tenho um cara que cuida disso para mim. Ele pode dar um jeito sem problema algum.

— Então vamos ter que usar o meu carro se formos viajar.

Hayden fez uma careta.

— É o jeito. Prefiro dirigir o seu do que o playboy-móvel.

— Vou vender a BMW — falei, olhando o pé dele bater no chão.

— Posso ajudar você com isso — disse Hayden depressa, pelo visto tão ávido por se livrar do carro quanto eu.

— Seria ótimo.

Eu já estava cansada de cuidar de tudo sozinha.

— Vou resolver isso semana que vem.

— Quanto antes, melhor.

Hayden tirou a agulha da minha pele e limpou meu ombro com um pano úmido.

— É por causa do que você encontrou no porta-luvas?

— Em parte.

Toda vez que olhava para o carro, eu me lembrava do que Trey tinha dito em Arden Hills. Mesmo que tivesse sido por rancor, eu jamais saberia a verdade e não queria um lembrete por perto.

— Quais são as suas outras razões para vender?

— Você não é muito fã do carro.

Hayden odiava a BMW, e não era só porque ele a considerava o tipo de carro dirigido por babacas pretensiosos.

— Não precisa se livrar do carro porque eu não gosto dele.

— Eu e Connor demos um tempo durante meu último semestre na faculdade — contei de súbito.

O zumbido do aparelho de tatuar cessou.

— Vocês terminaram? — perguntou Hayden, parecendo surpreso.

— Por um tempo.

Eu nunca tinha falado sobre aquilo; nem com minhas amigas nem com minha mãe. Tomei a decisão e fingi que não era nada de mais. Na verdade, foi doloroso. Odiei a separação em grande parte porque tinha medo do desconhecido.

— Você saiu com outras pessoas? — A voz dele soou um pouco nervosa.

— Algumas. Na verdade, eu precisava de espaço. Connor desistiu de uma viagem para casa porque estava atolado de trabalho. Ficou muito irritado com isso. O curso dele era rigoroso, e o meu também. Eu não conseguia dar conta de tudo. O estresse adicional estava afetando minhas notas, e a única maneira de eu conseguir pagar a mensalidade da Northwestern era com uma bolsa, então sugeri que déssemos um tempo.

— E ele aceitou isso numa boa? — perguntou Hayden.

O aparelho de tatuar ligou de novo, ainda bem. Eu precisava que Hayden se concentrasse em algo que não em meu rosto.

— Não, nem um pouco. A coisa virou uma briga enorme. Ele desligou na minha cara e eu não liguei de volta. Concluí que, quando ele se acalmasse, entenderia minha lógica e veria que fazia sentido.

Não foi o que aconteceu.

— Então vocês se entenderam?

— Depois de um tempo, sim. Quando Connor ficava bravo, ele era teimoso, era impossível discutir com ele. Eu sabia que ia me ligar quando estivesse preparado.

— E quanto tempo isso levou?

— Um mês.

Pareceu uma eternidade na época; agora era apenas uma cena da vida da qual eu me sentia completamente desconectada. Investi toda a minha energia e foco nos estudos e nos amigos durante aquele tempo, determinada a não ficar obcecada com o silêncio de Connor. Não deu muito certo.

— E aí vocês voltaram? — perguntou Hayden.

— Não. Foi mais um mês até isso acontecer.

— Eu ia ficar maluco se passasse tanto tempo sem você.

Pensei naquelas semanas em Arden Hills sem Hayden. Tinham sido indescritivelmente dolorosas. Os meses sem Connor haviam sido difíceis, mas eu estava acostumada com a distância, já que ele estudou na Universidade de Cornell durante todo o nosso namoro. A raiva dele e o meu medo eram as partes mais difíceis com que lidar.

— Achei que a gente fosse resolver as coisas quando nós dois estivéssemos prontos. Fui tão ingênua! Nunca me ocorreu que ele tinha dormido com meio mundo durante aquele tempo.

Hayden pareceu chocado.

— Foi ele quem contou isso para você?

— Não. Trey me contou.

Hayden desligou o aparelho de tatuar e o colocou na bandeja. Em seguida, tirou as luvas.

— Não precisa parar.

Até eu notei a hesitação na minha voz. Não queria chorar por causa daquilo, porém as incertezas que eu guardava tornavam difícil conter as lágrimas.

— Tenley, você não pode acreditar em nada do que aquele imbecil diz.

— Mas ele pode ter razão. Mesmo quando o Connor finalmente ligou, não era mais a mesma coisa entre a gente. Ele estava muito preocupado que eu fosse manchar minha reputação dormindo com qualquer um. Eu não entendi por que ele estava tão paranoico, mas faz sentido se era o que ele estava fazendo.

— Isso é só especulação. Medos alimentados pelas merdas que o Trey espalha para controlar você.

— Talvez. — Mas eu jamais saberia. — De qualquer forma, eu ainda não sabia se queria reatar o namoro quando Connor apareceu na minha formatura. Depois, ele me levou para uma viagem no fim de semana e me pediu em casamento. Tudo aconteceu muito rápido depois disso. Planejamos o casamento em menos de seis meses.

— Mais um motivo para você questionar se o que o Trey disse realmente aconteceu. Por que ele pediria você em casamento se queria curtir a solteirice e comer umas vadias?

— Para marcar território?

Hayden suspirou e me puxou, me colocando sentada. Apesar da minha quase nudez, os olhos dele permaneceram focados nos meus.

— Não faça isso consigo mesma. Eu sei como é fácil imaginar os piores cenários.

— Nunca vou saber a verdade — sussurrei.

— Já pensou que pode ter sido o próprio Trey quem colocou aquelas camisinhas lá? Com certeza seria capaz de fazer isso.

— Pode ser — respondi hesitante. — Mas e se o que o Trey disse for verdade e todo aquele tempo eu estava vivendo uma mentira? Não consigo parar de achar que, se as coisas tivessem sido diferentes, talvez minha família ainda estivesse viva. Eu poderia ter vindo para Chicago fazer meu mestrado. Talvez tivesse conhecido você mesmo assim.

— Tem um milhão de possibilidades. Você pode deixar que elas te consumam pelo resto da vida. É isso que eu tenho feito nos últimos sete anos e não me fez bem nenhum. Você precisa deixar isso para trás, Tenley.

— Não sei como.

Ele tocou meu rosto. Sua compreensão triste tocava o lugar no meu coração reservado apenas para ele.

— Sei que não é fácil. Mas não podemos ressuscitar os mortos para descobrir a verdade.

Hayden tinha razão. Saber a verdade não ia mudar o passado. Esquecer era o único caminho.

E eu não precisava de respostas, porque a única pessoa que eu amava e queria estava sentada bem à minha frente. Hayden era meu presente e meu futuro.

Na manhã seguinte, fiquei parada em frente ao espelho do banheiro com meu robe abaixado, observando a tatuagem recém-limpa.

— Vai ficar com torcicolo se continuar assim.

Hayden parou ao meu lado com uma toalha enrolada na cintura. A água do banho escorria por seu peito, e o cabelo estava penteado para trás. Quando não estava cobrindo os olhos, ele parecia um galã dos anos 1950.

— Não consigo parar. É linda.

O colorido no topo das asas era incrível. Mesmo que a tatuagem ainda estivesse um pouco vermelha nas bordas, as partes que foram pigmentadas estavam vívidas e tridimensionais agora.

Ele me deu um beijo no ombro, bem ao lado da ponta da asa.

— Fico feliz que você tenha gostado.

— Eu amei. Mal posso esperar para voltar à sua cadeira para mais uma sessão.

— Eu também. — Ele beliscou o local onde tinha beijado e se afastou.

Ao contrário de algumas das sessões anteriores, eu não tinha desmoronado daquela vez. A tatuagem não era mais uma punição pelos meus erros. Na verdade, o tempo que passamos no estúdio me ajudou a cicatrizar feridas que eu tinha criado ao ir para Arden Hills. A intimidade me fez sentir mais perto de Hayden. Ambos precisávamos da conexão, principalmente depois dos últimos dias.

Hayden estava ansioso com nossa ida ao depósito, e eu me sentia nervosa por ele. Queria que encontrasse o que estava procurando para conseguir as respostas de que precisava. Na noite anterior, ele estava preocupado demais para dormir bem. Acordei várias vezes e o encontrei enroscado em mim, com a mão no meu peito.

Ele abriu o armário do banheiro e pegou o estojo de barbear. Primeiro veio o barbeador de lâmina reta; depois, o pote e o pincel que ele usava para transformar a loção em espuma. Vesti o robe, sentindo a aspereza do cetim lavanda sobre a pele recém-tatuada. Dei o nó na cintura e me sentei na pia, cruzando as pernas. Eu achava Hayden muito sexy quando fazia a barba, em especial por ele usar um método tão tradicional.

— Você não tem um barbeador elétrico? Não seria mais fácil?

Eu já tinha visto o estojo debaixo da pia uma vez, quando fui procurar produtos de limpeza. Hayden me olhou como se eu tivesse duas cabeças.

— Aquilo é para cortar cabelo, e não para barbear o meu rosto. Se eu usasse, sua pele sensível ia ficar toda irritada.

— Então isso é para o meu bem. — Apontei para os itens espalhados pela pia.

— Eu diria que é bom para nós dois.

Hayden se debruçou sobre a pia, o cabelo caindo na testa enquanto ele lavava o rosto. Passou as mãos molhadas pelo cabelo para mantê-lo afastado, mas estava tão comprido que aquilo tinha se tornado uma batalha constante, impossível de vencer.

— Por falar em corte de cabelo, você leva jeito com uma tesoura na mão? — perguntou ele.

— Acho que sim. Eu cortava o cabelo do meu pai com certa frequência.

— Ah, é?

— Ele usava um corte militar. Não era muito desafiador.

Mudar do pente quatro para o zero na maquininha era fácil.

— Geralmente é a Lisa quem corta para mim, mas não temos tido tempo nas últimas semanas. Quer tentar?

— E se eu estragar tudo?

— Aí eu raspo a cabeça. Vai crescer de novo.

— Não sei.

Eu adorava o cabelo dele. Ia me sentir péssima se ele acabasse precisando raspar tudo.

Hayden se apoiou na pia, rodando a tesoura no dedo.

— Se a gente encontrar alguma coisa no depósito, quero levar para a polícia — anunciou, me olhando com nítida ansiedade. — Não quero ir à delegacia assim. Já agi como um babaca lá. Não preciso de mais cartas empilhadas contra mim.

— Isso é por causa do agente Cross?

— Não. Foi a Miller quem sugeriu. Ela tem razão. Seria mais fácil se eu fosse menos... menos “eu”.

— Eu adoro sua aparência.

Isso me tornava mais resistente à mudança, embora fosse só física.

— Sim, mas você não é um policial preconceituoso, é?

Eu entendia a razão dele. Hayden projetava perigo e ameaça; aquilo mantinha a maioria das pessoas longe. Eu estava entre os poucos privilegiados que realmente o conheciam.

— Vou ver o que posso fazer. Não consigo recriar o que você tinha quando nos conhecemos — falei enquanto me sentava na borda da banheira.

— Não tem problema. Só quero parecer normal — disse ele, me entregando a tesoura.

— Vou fazer o melhor que puder. — Tirei o cabelo dele do rosto. — Mas, só para ficar claro, sua aparência não vai mudar o que eu sinto por você.

Dei um beijo nele e comecei o trabalho.

No fim das contas, não ficou tão ruim; deixei bastante comprimento no topo para Lisa consertar outro dia. Passei os dedos pelo cabelo curto na nuca.

— Ficou bom — opinou ele, virando a cabeça para analisar as laterais.

— Agora os piercings são a única coisa te impedindo de ficar normal demais — brinquei.

— Quanto a isso...

Eu deveria ter esperado o que estava por vir. Talvez eu só não quisesse. Por que se dar o trabalho de cortar o cabelo e então manter os itens mais chamativos?

— Quais você vai tirar? — Passei o dedo pelas argolas no lábio dele.

— Esses, para começar, e o da sobrancelha.

— Agora?

— Acho que sim.

— Vai colocar de volta?

— Não sei se faz sentido. Vou ter que deixar esses faciais de lado em algum momento. Não quero ser um desses babacas de quarenta anos que ainda acham que têm vinte e poucos.

— E o transversal? — perguntei, tocando sua orelha.

Ele sorriu.

— Tudo das orelhas pode ficar.

— E você não vai tirar nada abaixo do pescoço?

Desci a mão pelo peito dele.

— Com certeza não.

Respirei aliviada.

— Tudo bem. Pode tirar os piercings do rosto.

— Eu não sabia que estava pedindo permissão — brincou ele.

— Achei que você fosse se sentir menos inseguro se eu dissesse que sim.

A boca de Hayden se curvou para cima. Segurei a nuca dele e o puxei para baixo, indo direto nos piercings do lábio. Lembrei-me da sensação daquele aço duro e quente apertando minha boca na primeira vez em que nos beijamos. Tinha sido surreal, fascinante.

Ele passou o braço pela minha cintura e me puxou, buscando conexão ou, quem sabe, uma distração.

Eu me aproveitei da carência dele, que ecoava a minha, e abri os lábios. Hayden respondeu de imediato, deslizando a língua pela minha boca, segurando meu cabelo ainda úmido. Ele fez um ruído baixo e impaciente quando me pegou e me colocou em cima da pia. Desceu as mãos para as minhas coxas, abrindo-as para se posicionar entre elas. Eu não estava usando nada debaixo do robe. Ele ainda estava coberto com a toalha da cintura para baixo.

— Puta merda. Eu não devia querer entrar em você de novo tão cedo — reclamou ele, agarrando a beirada da pia.

Fora o tempo que passamos na casa de Cassie e a sessão de tatuagem, no dia anterior, havíamos ficado pelados por um bom tempo nos últimos dias, batizando todos os lugares do apartamento dele. As oportunidades de escapismo tinham sido intermináveis.

— Está tudo bem. — Desci a mão pelas costas dele, sentindo os músculos se contraírem. — Você pode me ter sempre que quiser.

Ele apoiou a testa na minha, os ombros subindo e descendo com a respiração ofegante.

— Não se trata apenas de querer você. É a porra dessa *necessidade*. Não importa o que eu faça, o quanto eu me aproxime, é como se eu fosse consumido por isso.

— Eu sei como você se sente.

Eu o queria com a mesma urgência. Nunca me sentia saciada. Permanecia sedenta pelo carinho dele; nada, além dele, daria fim à dor ou ao desejo.

— Não sei se você sabe. Esse sentimento... — Ele engoliu em seco. — Ele me assusta pra cacete. E tem toda essa outra merda acontecendo, e eu não consigo lidar com ela, e só quero que você seja minha.

— Mas sou sua — falei, sentindo a angústia dele.

— Não toda. — Os lábios dele roçaram os meus. — Não a parte que conta.

Ali estava. A emoção que eu tinha tanto medo de expressar era o problema. O desejo infinito era produto de palavras não ditas. Eu não conseguiria dele o que precisava se continuasse segurando o que Hayden precisava de mim. Aquilo estava se tornando torturante para nós dois.

A toalha em torno da cintura dele caiu no chão. Ele abriu o cinto do meu robe, afastando as laterais, e o desceu pelos meus ombros. Então me puxou até a beirada da pia. Enganchei a mão na nuca dele e prendi as pernas em sua cintura para manter o equilíbrio. Os olhos de Hayden estavam fixos no espelho atrás de mim. Uma das mãos acariciava minhas costas, parando pertinho da tinta fresca.

— Quero estar dentro de você em todos os lugares — sussurrou ele.

— Hayden...

— Desculpe. Eu não devia forçar a barra. Melhor parar.

Eu havia sentido um vazio muito grande, por muito tempo. Até ele aparecer. O amor era isso: essa necessidade implacável e esmagadora de alguém que fazia todo o resto desaparecer.

— Hayden, olhe para mim. — Ele precisava da única coisa que eu podia lhe dar incondicionalmente, agora mais que nunca. — Você me *tem* inteira. Sou só sua.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não tenho. Mas vou aceitar isso.

Eu sabia que ele estava se referindo ao meu coração. Mas ele já o tinha havia muito tempo.

— Eu te amo, Hayden.



HAYDEN

Pisquei, sem saber se tinha imaginado aquilo.

— Desculpa. O quê?

Eu estava ficando louco, sem dúvida. Como tinha dormido pouco e estava pirando com a ideia de ir ao depósito, não era tão inusitado chegar a essa conclusão.

— Eu te amo — repetiu ela.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Tenley segurava meu rosto, seu toque macio e reconfortante.

Se havia alguém que podia dizer alguma coisa capaz de me ajudar a suportar aquela manhã terrível, era Tenley, e aquelas eram as palavras.

— Sêrio?

Ela desceu os dedos da minha têmpora até o queixo. Em seguida, refez o caminho com a boca, até alcançar a minha.

— Eu te amo.

Todo o sentimento acumulado e reprimido explodiu dentro de mim.

— Eu te amo pra caralho. — Beije-a com intensidade. — Sabe aquela noite em que você foi embora? Foi quando eu soube. Só depois que me vi sem você foi que percebi como precisava da sua presença, e, depois que você voltou, eu não sabia se ia conseguir dizer isso, mas não dizer estava acabando comigo. Merda. Estou estragando tudo. Por que não consigo calar a boca?

Tenley desceu as mãos pelos meus ombros e braços e as subiu de volta, me distraíndo do meu discurso inflamado, que era vergonhoso pra caramba depois de uma declaração daquelas.

— Eu te amo — sussurrou ela, mordendo meu lábio inferior.

Então ela se mexeu de forma que fez tudo se alinhar, meu pau deslizando sobre a pele dela.

— A gente devia fazer isso na cama — falei.

— Aqui está perfeito.

Ela enganchou os tornozelos na minha cintura, nos mantendo na posição. Daquele jeito, era difícil argumentar, mas tentei mesmo assim:

— A cama é mais apropriada, não acha?

— Foda-se o que é apropriado.

Tenley me apertou com as pernas e senti o piercing.

— Eu te amo de verdade, sabia? — falei. Saiu mais como um grunhido que como palavras.

— Eu sei. — Tenley jogou o cabelo por cima do ombro, expondo no espelho aquela maravilhosa tatuagem nova. — Agora me mostre.

A ânsia desesperada me abandonou, substituída por um desejo diferente. Eu tinha fantasiado entrar nela naquela posição, com a visão perfeita tanto da minha arte quanto do seu rosto. Eu teria apreciado o conforto macio da cama, mas aquela imagem era incrível.

O que tinha começado quente e frenético se tornou algo muito melhor. Era um ritmo controlado, nossos lábios se encontrando a cada movimento suave. Ela passou o polegar pelo piercing da minha sobrancelha, depois pelas argolas do lábio, acompanhando o caminho com a boca.

— Sempre vou poder colocá-los de volta se você quiser.

— Vou te amar da mesma forma, com ou sem os piercings.

Era exatamente o que eu precisava ouvir.

Tenley gozou me olhando nos olhos, e vi a verdade das palavras dela refletida ali. Nunca tínhamos estado tão próximos como naquele momento. Não queria perder aquela sensação.

Depois do segundo banho, Tenley enfim me convenceu a me vestir. Eu tinha medo de estragar aquele começo de dia fantástico indo ao depósito; ficar pelado era preferível. Mas eu já tinha adiado demais.

Vesti uma calça social enquanto Tenley escolhia uma camisa e uma gravata. Ela as pendurou no banheiro enquanto eu fazia a barba, já que tinha sido desviado dessa tarefa da outra vez. Depois, foi a hora de tirar os piercings.

— Você não vai tirar o da língua, vai? — perguntou Tenley ao se sentar na pia do banheiro para assistir.

— E perder os sons que você faz quando chupo você? De jeito nenhum.

Ela ficou vermelha e sorriu.

— Ótimo.

Tirei a argola da sobrancelha, porém precisei de uma pinça e da ajuda de Tenley para tirar os do lábio. Fiquei sentado na beirada da banheira enquanto ela afrouxava com cuidado as bolinhas de aço de cada argola. Então puxou os piercings e os colocou na minha mão. Cutuquei o local onde costumavam ficar; a ausência do metal era estranha.

Ela beijou o local.

— Você é lindo de qualquer jeito, Hayden.

Ri para esconder o desconforto. Aquela era, sem dúvida, uma das coisas que me preocupavam. Parte do que levava Tenley a se sentir atraída por mim era minha esquisitice. Se tirasse alguns piercings, eu pareceria uma pessoa qualquer, exceto pelas tatuagens.

Tenley me entregou a camisa e esperou até que eu tivesse passado os braços pelas mangas para começar a abotoar. Quando terminou, fez o nó da gravata e deu um passo atrás.

— Dê só uma olhada.

Fui até o espelho do banheiro, nervoso por achar que estava parecendo um idiota. O corte de cabelo e a ausência dos piercings no rosto tornaram a transformação extrema. Fora o transversal e os piercings na anti-hélice, ninguém saberia das minhas predileções. Estavam escondidas sob as roupas e uma capa de normalidade.

— Você ainda é a mesma pessoa — disse Tenley, abraçando minha cintura e repousando o rosto no meu bíceps. — Sua aparência não tem nenhum impacto sobre quem você é.

Foi Tenley quem dirigiu até o depósito, pois eu estava pilhado demais. Já fazia dois anos que eu não ia até lá e mais tempo ainda que eu não entrava. As coisas estavam exatamente como eu me lembrava: assustadoras pra cacete. O local me lembrava uma cena sangrenta de um filme de terror: corredores e mais corredores de galpões tipo garagens, com números identificando cada porta.

Tenley seguiu minhas coordenadas até chegarmos ao depósito que Nate tinha alugado quando ele e Cassie limparam a casa. Tenley deixou o motor ligado enquanto eu reunia a energia necessária para sair do carro.

Depois de alguns minutos, ela apertou minha mão.

— Não precisamos fazer isso.

— Estou bem, só preciso de mais um minuto.

Mais um minuto acabou se transformando em dez, mas Tenley não forçou a barra. Segurei minha mão e esperou que eu criasse coragem. Quando finalmente abri a porta do carro, ela desligou o motor e me seguiu. Usei a chave que Nate tinha me dado, depois digitei a senha. O som da tranca remetia a tiros, e tive que lembrar a mim mesmo que não havia perigo ali. Ninguém estava esperando lá dentro para nos emboscar. Ergui a porta do depósito e a luz automática se acendeu.

Embora eu estivesse de estômago vazio, achei que fosse vomitar. Comecei a morder o canto da boca na mesma hora, porém os piercings não estavam mais lá. Para compensar, coloquei o piercing da língua para fora e fiz o circuito de um lado para o outro entre os lábios. Aquilo me acalmou um pouco. Assim como a carícia de Tenley nas minhas costas.

Nada tinha mudado desde a última vez em que eu estivera ali. O depósito estava cheio de caixas e móveis antigos embrulhados com cuidado em plástico ou cobertos com pano. Eu lembrava, apenas pelo formato, como era cada uma daquelas peças. Os primeiros dezessete anos da minha vida estavam guardados naquele lugar. Eu tinha passado quase uma década tentando esquecer tudo. Não deu certo.

— Cassie conseguiu organizar este lugar melhor do que o porão do Serendipity. Foi um trabalho do cacete — falei, mais para quebrar o silêncio.

— Alguém deve ter ajudado.

— Ela não deixou ninguém encostar em nada. Ela ia até a casa todos os dias, passou semanas encaixotando coisas e trazendo para cá.

— Acho que cada um sofre à sua maneira — concluiu Tenley, aconchegando-se a mim; o contato me manteve no presente.

— A maneira dela foi melhor que a minha.

O tempo tinha tornado muitas coisas mais claras na minha cabeça. Agora eu enxergava como tinha sido difícil para Cassie perder a irmã, porque, de muitas formas, ela me perdeu também. Não para sempre, mas por um bom tempo. Éramos próximos, mesmo no início da minha fase de adolescente rebelde e idiota. Ela era a única pessoa com quem eu podia contar quando fazia besteira e precisava encontrar um jeito de consertar as coisas. Mas eu estava tão submerso pela culpa depois do que aconteceu que a afastei junto com todo mundo.

Soltei um suspiro pesado e passei pela porta. Por mais organizado que estivesse, aquele lugar me deixava em pânico — todas as coisas encaixotadas sem pertencer de fato a lugar nenhum nem ter nenhuma função. Fui até uma escrivaninha vermelha ornamentada e passei a mão pela superfície coberta de plástico.

— Ficava no escritório da minha mãe. Ela sempre escondia umas notas de vinte no fundo desta gaveta. Mas eu nunca peguei.

— Devia ser difícil de resistir para um adolescente.

Dei de ombros.

— Ela confiava muito em mim, apesar de eu não merecer na maior parte do tempo. Não queria estragar isso. Sinto muita saudade dela.

— Vocês eram próximos?

Assenti.

— Ela me deixou sair impune de um monte de merda, mas me entendia melhor do que o meu pai. Éramos muito parecidos, minha mãe e eu.

Fazia muito tempo que eu não me permitia sentir as emoções que afloraram quando os perdi. Fui rápido em vestir a armadura emocional e física depois dos assassinatos. Enterrar tudo era mais fácil do que encarar a dor.

Tenley abriu espaço para mim enquanto eu andava para lá e para cá, passando os dedos por todas as coisas de que me lembrava. Tudo estava coberto

com uma camada de pó. Não gostei daquilo. Parei junto a um abajur curvo de prata.

— Isso é muito legal — comentou Tenley, atrás de mim.

— Fiz com a minha mãe quando era criança. Achei legal, porque pude usar um maçarico. Meu pai odiou quando ela colocou o abajur na sala. Ele dizia que não combinava com o estilo antigo dos móveis. Minha mãe tinha umas ideias maneiras que não se encaixavam nas convenções. Já meu pai era diferente; sempre buscando subir na hierarquia social. Ela não estava nem aí. Eu adorava isso de ela não ligar nem um pouco para o que as pessoas pensavam na maior parte do tempo. Quer dizer, ela não ficou muito animada quando cheguei em casa com um piercing na sobrancelha no meu aniversário de dezessete anos, mas também não se incomodou. Era a reação do meu pai que a preocupava.

— Você se dava bem com seu pai?

— Desde que eu seguisse as regras, sim, mas isso não era muito frequente. A gente discutia muito. Ele vivia viajando a trabalho, então éramos só minha mãe e eu. E Cassie, durante o tempo em que ela morou com a gente. Minha mãe era permissiva, e eu me aproveitava disso. Meu pai tentava me pôr na linha se eu tivesse feito merda enquanto ele estava fora. Mas não adiantava muito.

— Não é isso o que todos os adolescentes fazem?

— Acho que sim. Mas eu fiz algumas cagadas bem feias. Comecei passando tempo no estúdio de tatuagem do Damen no começo do ensino médio. Na época, eu achava que ele era legal. Voltava para casa sempre bêbado e drogado, com chupões no corpo todo. Foi aí que as coisas desandaram. Eu não devia estar na rua com o Damen e os amigos drogados e fracassados dele na noite em que meus pais morreram.

Parei junto a uma pilha de caixas estreitas e compridas, nas quais estariam guardados os quadros. Analisei uma por uma, lendo as descrições rabiscadas nelas. Eu me lembrava de todos só pelo título.

— Lembra que ontem eu falei que você não podia ficar repensando todas as possibilidades? Que precisava deixar pra lá?

— Você tinha razão em relação às duas coisas. Mas não é fácil — disse Tenley baixinho.

Ela enlaçou minha cintura. Olhei para ela. Não havia pena em seus olhos, apenas compreensão.

— Foi uma coisa hipócrita de se dizer. Eu ainda penso nisso às vezes, no que poderia ter acontecido se eu tivesse ficado em casa naquela noite. Se eu nunca tivesse começado a andar com o Damen, não teria ficado de castigo, nem enfurecido meu pai, nem enchido tanto a cara. Talvez as coisas tivessem sido diferentes.

— É tão difícil lidar com o “e se”.

Voltei a me concentrar nas caixas, ainda imerso em lembranças e em uma culpa da qual não conseguia me livrar — e talvez jamais conseguisse. Tudo isso me deu uma nova percepção de quanto Tenley era forte. Em um ano, ela reconstruíra a vida e encontrara um modo de seguir em frente que não era completamente autodestrutivo. Eu tinha levado sete vezes mais tempo para conseguir a mesma coisa e ainda estava tentando. Os caminhos que tomamos para chegar ao mesmo fim eram bem diferentes.

— Cacete. Acho que está aqui. — Parei em uma das caixas no meio da pilha.

Estava escrito ANJO DA ELEANOR, em grandes letras maiúsculas, no topo da caixa. Se o conteúdo batesse com a descrição, aquele era o quadro com o qual eu vinha sonhando. Aquela do qual eu me lembrava da infância e a primeira coisa que vi quando abri a porta do quarto dos meus pais naquela noite.

Eu não sabia o que esperar. Puxei a caixa e tirei a fita. As abas se abriram. Era o quadro certo. Eu sabia por causa do arranhão no canto da moldura de mogno de quando o deixara cair, tanto tempo atrás.

— Acho que é melhor não tocar nele. — Minha voz ficou trêmula. — Não quero deixar digitais. Só para garantir, certo?

— Não sei. Talvez devêssemos chamar a agente Miller.

— E se não for nada? E se eu não estiver lembrando direito? — perguntei, com um pânico irracional. Minha visão ficou embaçada.

— Calma. Está tudo bem. — Os dedos enluvados de Tenley tocaram meu rosto. — Se chamarmos a agente Miller, podemos perguntar a ela o que fazer.

— Se você continuar de luvas, pode dar uma olhada primeiro. Não quero chamá-la à toa.

— Posso fazer isso. O que devo procurar?

— Não sei muito bem. Talvez seja melhor a gente esquecer isso.

— Acho que não há mal nenhum em eu dar uma olhada — retrucou Tenley para me tranquilizar.

Ela tirou o quadro da caixa com cuidado. Sob a luz fluorescente berrante, dava para observar os detalhes da obra com clareza. Vê-la trouxe mais uma onda de lembranças. Era um quadro muito estranho. Eu nunca tinha perguntado à minha mãe o que a motivara a usar aquela paleta de cores. Vendo-o agora, com a perspectiva que eu tinha ganhado, eu entendia bem melhor. O que eu não conseguia entender era por que meu pai a deixava manter aquilo no quarto deles. Era tão horripilante quanto etéreo, e talvez fosse isso o que o tornava tão atraente. O anjo era pintado em vários tons de vermelho. Mas o que mais me amedrontava eram as asas, que pareciam escorrer pela tela, como penas ensanguentadas.

Percebi que o desenho era estranhamente familiar. Lembrava vagamente a versão original da tatuagem que eu estava fazendo em Tenley. Só que eu tinha mudado boa parte do vermelho para dourados e prateados, de modo que ficou muito mais um reflexo da vida do que da morte.

Tenley se aproximou, inspecionando a pintura, pairando pela superfície os dedos cobertos pelas luvas, mas sem tocá-la.

Mesmo de onde eu estava, dava para ver os pontos marrons espalhados pela tela e pela moldura. Pontos que não combinavam com a pintura.

— Eu estou certo... Tenho que estar. O quadro estava lá quando eu encontrei meus pais.

Sentindo as pernas bambas, eu me apoiei na parede caso elas decidissem que não estavam assim mais tão interessadas em suportar meu peso.

— Melhor chamarmos a agente Miller.

Havia tantas perguntas sem resposta... Não fazia sentido que aquele quadro não tivesse sido analisado como evidência. Talvez, se tivesse, o caso não fosse arquivado. Eu não queria especular, mas tinha uma boa ideia de para quem apontar o dedo. A questão era por quê.

— Está vendo todas essas marcas aqui? E se for sangue? — perguntei.

— Pode ser que seja, mas a única maneira de conseguir respostas é se chamarmos a agente Miller.

— Certo. Sim. Ok.

Vasculhei o bolso e peguei o celular, porém não consegui digitar a senha de tanto que minhas mãos tremiam.

— Posso ajudar? — ofereceu Tenley.

Entreguei-lhe o aparelho e ela digitou a senha. O número de Miller já estava na minha lista de contatos, então Tenley o encontrou e tocou em Ligar. Não prestei atenção na conversa que se seguiu.

Tenley me entregou o celular de volta.

— Ela está a caminho. Por que não esperamos no carro? — sugeriu, me puxando pela mão.

— E o quadro? Não quero que você toque nele de novo.

Por mais irracional que fosse, eu tinha medo de que a pintura a perturbasse tanto quanto a mim.

— Está bem ali. A agente Miller vai chegar em alguns minutos para cuidar disso — disse Tenley, com o mesmo tom de voz que usava para falar com AG, toda serena e calma.

— Certo. Tudo bem.

Deixei que ela me guiasse até o carro e abrisse a porta. Deu a volta até o banco do motorista e ligou o motor. Enquanto eu olhava pelo para-brisa, observando-o desembasar, reconheci que estava em choque. Fiquei reprisando a noite em que encontrei os cadáveres dos meus pais: a subida pela escada, o cheiro de sangue e de cérebro, a varredura visual terrível e o quadro no chão, onde não deveria estar.

Meu bolso vibrou, mas nem pensei em atender. O celular de Tenley começou a tocar praticamente assim que o meu parou. Era Lisa — na certa queria falar sobre o Ano-Novo, o que não estava nos meus planos naquele momento, considerando a merda que se desenrolava.

Vi a boca de Tenley se mexer, formando palavras que não ouvi enquanto ela passava os dedos pelo meu cabelo sem parar. A atenção dela permaneceu fixa em mim o tempo todo. Desligou depois do que podiam ter sido minutos ou horas. Eu não estava focado o suficiente para saber.

— Eu realmente te amo pra caralho — falei. Saiu como se eu estivesse engasgado.

— Eu também te amo — respondeu ela, com um sorriso triste.

Minha vista ficou embaçada de novo, então esfreguei os olhos. Minhas mãos ficaram úmidas. Fiquei olhando para elas, sem saber bem o que estava acontecendo. Minha pele parecia estranha; meu peito, apertado.

— Está tudo bem, amor. Estou bem aqui com você. Sei que isso é difícil.

Tenley passou por cima do console e se sentou no meu colo. Consciente da tatuagem recente, enterrei o rosto no cabelo dela e tentei lutar contra a onda crescente de medo. Ela sussurrou palavras de conforto até eu não me sentir mais a ponto de perder a cabeça.

Uma viatura policial apareceu na esquina e desceu a ruela estreita. Tenley retornou ao banco do motorista enquanto o veículo parava a poucos metros do nosso. Abri a porta ao mesmo tempo que a agente Miller saía do carro, junto com outro policial que eu não conhecia. Tenley me encontrou na frente do carro e pegou minha mão enquanto Miller e o parceiro se aproximavam. As apresentações foram feitas, mas eu não absorvi nada. Tenley deu todas as explicações ao levar o quadro até eles.

A agente Miller e o parceiro vestiram luvas de borracha para pegá-lo.

— Algum de vocês tocou nisso? — perguntou Miller.

— Eu tirei da caixa, mas estava de luvas — respondeu Tenley.

Miller assentiu e se voltou para o quadro. Ela e o parceiro analisaram a obra.

— Está vendo isso? — perguntou Miller.

Houve acenos e murmúrios, muitos gestos.

— Esse quadro me assustava pra caramba quando eu era pequeno. — Como o policial se virou para me olhar, continuei, como se precisasse dar mais explicações. — Acho que é porque a cor é incongruente com o tema.

Ele me lançou um olhar estranho.

— Você é professor de artes ou algo assim?

Tirei os olhos do quadro e me virei para o olhar inquisitivo dele.

— Sou tatuador.

Ele me olhou dos pés à cabeça.

— Hum. Eu jamais teria adivinhado.

— Vou reter isto aqui — avisou Miller. — Precisamos levar para o laboratório.

Tenley me conduziu de volta ao carro. Observei Miller andando para lá e para cá, fazendo ligações, discutindo com o parceiro. O quadro voltou para a caixa. Tenley entregou a chave do depósito a Miller, que o trancou e foi até o nosso carro. Fiquei olhando pelo vidro quando ela bateu na janela. A agente abriu a porta e se agachou.

— Você está bem?

— Sim. Aham.

— Você fez a coisa certa ao ligar para mim.

— Aham.

— Tenley vai levar você até a delegacia. Temos algumas perguntas a fazer.

— Tudo bem.

— Agente firme.

Miller fechou a porta e conversou alguma coisa com Tenley. Dado o número de vezes que olharam para mim, deduzi do que se tratava.

Quando chegamos à delegacia, a agente Miller nos encontrou na porta de entrada e passou conosco rapidamente pelo saguão. Não houve olhares desconfiados dessa vez; quando as pessoas passavam por mim e por Tenley, apenas paravam para olhar por um instante antes de continuarem seu caminho. Uma das recepcionistas até sorriu quando passamos.

Fiquei paralisado quando chegamos ao corredor. Eu já tinha estado ali antes, e as lembranças associadas ao lugar não eram agradáveis.

— Aonde estamos indo?

— Para a minha sala. — Como não me mexi, a expressão da agente Miller ficou mais amena. — Isso não é um interrogatório, Hayden.

Respirei fundo, apertei a mão de Tenley bem forte e os segui pelo corredor. As lâmpadas fluorescentes no teto faziam ruídos e piscavam, dando uma sensação agourenta. Apesar da garantia de Miller, quanto mais andávamos, maior era minha sensação de dissociação. Por mais que tentasse, eu não conseguia não ser absorvido pelo passado.

Fomos levados até uma salinha, com uma poltrona velha de couro sintético desgastado atrás de uma mesa igualmente desgastada. Do outro lado havia duas

cadeiras de plástico. Quando pediram para me sentar, larguei-me em uma delas. Estava tonto. Tenley se sentou ao meu lado e arrastei minha cadeira para mais perto dela. O metal contra o linóleo fez um barulho horrível.

— Desculpem — murmurei, já que todos na sala se assustaram.

Meus joelhos tremiam. Tirei o casaco e o pendurei no encosto da cadeira. Abri com pressa o colarinho; a gravata parecia uma forca no meu pescoço. A sala era apertada, com coisas espalhadas por toda a mesa. A falta de organização me estressou ainda mais; estava muito quente; e parecia que eu não conseguia inspirar oxigênio suficiente. Queria enrolar as mangas da camisa, mas, se fizesse isso, todos saberiam que eu estava fingindo civilidade com minha roupa e a gravata.

— Vocês têm como pegar um copo d'água para o Hayden? — perguntou Tenley.

— Claro. Duggan? — Miller olhou para o policial.

Ele assentiu e saiu. Ficou um pouco menos claustrofóbico com uma pessoa a menos na sala, mas não muito. Tenley começou a traçar círculos lentos nas minhas costas, porém não ajudou a reduzir a ansiedade. Duggan voltou com um copo d'água. Virei-o, mas no mesmo instante quis vomitar tudo.

Então as perguntas começaram, o que não ajudou a melhorar a náusea. Recontei os acontecimentos da noite em que meus pais foram assassinados, do momento em que eles saíram pela porta à hora em que voltei para casa. Quanto mais eu falava, mais claros os detalhes ficavam. Contei sobre Damen indo me buscar, sobre os adolescentes que eu me lembrava de estarem conosco, sobre as garotas que depois descobri serem dançarinas da Dollhouse.

— Tinha um cara lá, não me lembro do nome dele. — Cocei a cabeça; a dor brotando entre os olhos dificultava o raciocínio. — Brant ou Brett, acho. Eu só tinha visto o cara uma vez antes. Tinha mais ou menos a mesma idade que eu, acho. Será que isso é importante? — Olhei para Miller, que estava gravando tudo o que eu dizia.

— Tudo o que você lembrar, por mais insignificante que pareça, pode ser útil.

— Ok. Esse garoto... tenho quase certeza de que o nome dele era Brett. Enfim, eu não queria conversar com ele porque era um fracassado. Irritante pra

caramba. Lembro que ele falava alto demais, como se quisesse se enturmar. Ele praticamente se pendurou no Damen nas duas vezes em que o vi. Eu o achava bizarro porque ficava me olhando. Eu estava com uma menina... — Olhei para Tenley, mortificado por ter que contar isso na frente dela. Ela me deu um sorriso sem julgamento algum, então continuei: — Eu já estava lesado naquela hora, porque o Damen tinha levado um monte de maconha e eu estava tomando cerveja. Naquela noite, aquele tal de Brett e o Damen ficaram tendo conversas paralelas. Damen ficava ignorando o cara. Uma hora ele ficou bem putado e o Brett foi embora. Nunca mais o vi depois daquilo.

— E esse tal de Damen, você chegou a vê-lo de novo? — perguntou a agente Miller.

— Sim. Alguns meses depois da morte dos meus pais, comecei como aprendiz dele. Trabalhei para ele por quase três anos. Ele tem um estúdio de tatuagem de segunda categoria, o Art Addicts. Tenho quase certeza de que ele foi interrogado, já que era meu álibi.

— Você sabe o sobrenome desse Damen? — perguntou Duggan.

— Martin. O sobrenome dele é Martin.

Miller e Duggan se entreolharam.

— O que foi? Vocês o conhecem?

— O nome parece familiar — respondeu Duggan. — Pode me contar mais sobre sua relação com ele?

Olhei para meus pés. A ponta do sapato direito tinha um arranhão.

— Ele foi meu empregador e meu fornecedor por vários anos. Ele me introduziu a um estilo de vida com o qual eu não queria me envolver depois que comecei a tomar consciência das coisas. — Olhei para Miller. — Fiz algumas escolhas quando era adolescente de que me arrependo, ainda mais depois que meus pais morreram.

— Eu vi as fotos da cena do crime. Você testemunhou algo bastante pavoroso.

— Sabe aquele quadro que você pegou? Ele não aparece nas fotos. Eu me lembro de ter ficado confuso com isso. Sei que estava todo ferrado na época e que não estava raciocinando direito, mas isso eu não consegui esquecer. Quando entrei no quarto dos meus pais — as imagens na minha cabeça eram

tão vívidas que meu estômago embrulhou —, o quadro estava no chão. Eu me lembro de ter pensado que, se meu pai tivesse visto aquilo, teria ficado furioso. Mas, nas fotos, o quadro não aparece.

— Tem certeza disso? — perguntou Miller, folheando o arquivo sobre a mesa, procurando algo.

— Absoluta. Falei para o Cross que havia algo errado quando fui interrogado, mas ele fez parecer que eu estava ficando louco.

Miller fez uma ligação. Mais pessoas entraram na sala, mais perguntas foram feitas, porém não foi nada como na noite do assassinato dos meus pais ou da última vez em que eu estivera na delegacia. Cross não estava lá para me alfinetar, e ninguém me tratou como um fracassado rebelde. Foi uma das experiências mais surreais da minha vida adulta.

Eu estava esgotado quando as perguntas acabaram.

Miller disse que ligaria depois que o quadro fosse enviado para o laboratório. Como não podíamos fazer mais nada, Tenley e eu fomos para casa. Meu celular vibrou no bolso, mas demorei demais para pegá-lo e perdi a ligação. Havia catorze — várias de Lisa e Jamie, algumas de Chris, uma de Sarah. As outras eram de Cassie. Eu não tinha energia para retornar todas as ligações, então acabei desligando o celular. Descansei a cabeça no encosto do banco e fechei os olhos para tentar relaxar, mas só conseguia ver aquela porcaria de quadro e todo o sangue.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou Tenley enquanto estacionava atrás do Serendipity.

Eu não fazia ideia do que responder. Fiquei olhando sem expressão pelo para-brisa. A neve tinha voltado a cair, pequenos flocos grudando no vidro antes de se dissolverem em pequenas lágrimas de cristal.

— Vou solicitar uma vaga para você na minha garagem no subsolo. Tenho direito a duas.

— Não precisa — disse Tenley, sem pressionar por uma resposta à sua pergunta.

— Você nem fica mais na sua casa. A garagem é aquecida. Você não ia precisar limpar o carro quando o tempo ficasse ruim.

— Isso seria conveniente. Por que não subimos para o seu apartamento? Vou fazer um sanduíche para você ou algo assim. Você não comeu nada o dia todo.

Aquilo não era um “não”, mas também não era um “sim” evidente. Embora eu estivesse exausto e minha capacidade de decisão fosse questionável, a vaga de garagem era minha maneira de testar em que pé Tenley e eu estávamos. Eu queria que ela ficasse ali de vez, e essa era uma forma de conseguir isso. Se ela estacionasse o carro no meu prédio, podia muito bem levar as coisas para lá também.

Mas não fui tão longe. Sabia que, se ela respondesse qualquer coisa que não fosse “sim”, eu não conseguiria lidar com a rejeição.



TENLEY

Meu telefone tocou e eu o peguei de cima do edredom. Era Cassie. Pela vigésima vez nos últimos quatro dias.

— Oi — sussurrei.

— Pode falar agora?

— Espere — pedi, rolando para fora da cama.

A água corria, mas isso não significava que Hayden ainda estava no banho. Antes de eu entrar de fininho no banheiro, alisei o edredom, esticando as dobras. Era inútil. Hayden provavelmente arrumaria a cama de novo depois que saísse do banho. Ele saberia que eu tinha deitado ali para esperá-lo.

Hayden estava longe de estar bem. Desde que entregamos o quadro à agente Miller, as coisas tinham piorado. Ela ligara no dia anterior para informar que diversas digitais foram identificadas e que eles tinham alguns pontos de partida promissores. Também confirmaram que havia manchas de sangue na pintura. Pediram que Hayden providenciasse uma amostra do sangue dele para checar se as manchas eram de sangue dos pais, mas ainda não tínhamos nenhuma notícia dos resultados. Eu achava que aquele processo seria uma reviravolta na vida dele. E foi, mas não de um jeito positivo.

Escondi o celular no bolso de trás e espiei pela fresta da porta. Não queria que ele soubesse que eu estava falando com Cassie de novo. Ele tinha ficado desconfiado do número de ligações que eu andava recebendo dela. Falei que ela estava preocupada, o que não era mentira. Todos estávamos. Lisa e Chris ligavam quase com a mesma frequência, mas ninguém podia fazer nada para ajudar.

Hayden estava de costas para o chuveiro, as mãos ao lado do corpo, a cabeça abaixada. Ele ficava assim até a água esfriar, às vezes até mais. Tive que tirá-lo à força dali mais de uma vez nos últimos dias, quando sua boca ficou azul por

causa de tanto tempo sob a água gelada. Depois do banho, ele ia limpar o banheiro. De novo. Estava assim com tudo desde que havíamos voltado da delegacia: limpando e reorganizando tudo, beirando a obsessão.

Nada estava bom o suficiente. Nem as dobras perfeitas dos lençóis, nem a fileira de almofadas na cama, nem os sapatos no armário do hall de entrada. No dia anterior, ele ficara sentado de pernas cruzadas no chão por uma meia hora, organizando e reorganizando os sapatos até haver exatamente um centímetro de distância entre todos eles e até os calcanhares estarem alinhados uns com os outros à perfeição. Suas tendências compulsivas tinham chegado a níveis assustadores. Eu estava relutante em admitir o quanto aquilo tinha se agravado, por medo do que isso pudesse significar.

— Hayden?

Ele ergueu a cabeça e abriu a porta de vidro do boxe. A água escorria pelas costas e pelo peito. Segui com os olhos o caminho dela. Ele se cobriu com a mão. Não tinha uma ereção desde a manhã em que fomos ao depósito. Encontrei seu olhar exausto e ansioso. Seus olhos estavam vermelhos e com olheiras profundas.

— Está tudo bem? — perguntou com a voz rouca.

— Sim, tudo certo. Vou até a cozinha pegar algo para beber. Só vou levar um ou dois minutos.

Depois de uma pausa longa, ele respondeu:

— Ok.

Eu não podia sair do quarto sem avisar. Se ele saísse do chuveiro e eu não estivesse lá, talvez tivesse um colapso. Isso tinha acontecido no dia anterior.

— Ele está no banho — falei quando cheguei ao corredor.

— De novo? Quantas vezes hoje?

— Essa é a terceira.

Ele estava tomando até quatro banhos por dia. Eu não sabia o que pensar.

— Isso não é bom — disse Cassie.

— Está ficando cada vez pior.

— Você parece prestes a chorar.

Tive que cobrir o fone com a mão para poder limpar a garganta.

— Estou bem. Só estou preocupada.

Cassie suspirou.

— Tenley, isso aconteceu quando os pais dele morreram. Receio que não vá melhorar se não interferirmos.

Aquilo não era o que eu queria ouvir, embora suspeitasse de que Cassie tinha razão. Sentei-me no sofá.

— Não sei o que fazer.

— Andei conversando com o Nate. Ele cobrou um favor de uma amiga e marcou uma sessão para o Hayden hoje à tarde. Está um pouco em cima da hora, mas podemos ir até aí e convencê-lo a ir.

— A que horas é a sessão?

— Quatro.

— Tão cedo?

Faltavam menos de três horas. Não nos dava muito tempo para atos de persuasão.

— Você acha que consegue se virar nesse tempo? — O tom de voz dela era gentil, porém sugestivo.

Dei uma olhada ao redor. A sala estava impecável. Eu morria de medo de tocar em qualquer coisa, porque Hayden saberia imediatamente. A busca dele por ordem era desgastante. Eu entendia a razão por trás daquilo: seu mundo e sua mente estavam um caos completo; ele só podia controlar o ambiente.

— Vou ver se consigo convencê-lo primeiro. Não quero que ele se sinta encurralado.

— Tudo bem. Mas, se você não ligar de volta em uma hora, Nate e eu vamos aí.

Anotei os detalhes e desliguei, enfiando o papel no bolso de trás. Não sabia bem como ia tocar no assunto com Hayden, mas ele precisava de mais ajuda do que eu podia dar.

AG pulou para o sofá e encostou a cabeça na minha mão. Ela andava tão assustada quanto eu nos últimos dias, incerta quanto às mudanças de humor imprevisíveis de Hayden. Em um minuto, ele estava concentrado em uma tarefa; no outro, explodia em frustração por não conseguir cumpri-la direito. Peguei AG e enfiei o nariz no seu pelo, ouvindo-a ronronar.

— Tenley?

O tom agudo da voz de Hayden refletia sua ansiedade, bem como as batidas pesadas de seus pés atravessando o corredor.

— Estou na sala! — gritei.

— Achei que você só fosse pegar algo para beber... — Ele parou de repente quando entrou na sala.

Estava apenas de cueca. O peito e os ombros cobertos de gotas de água, o cabelo molhado espetado na parte de trás. Ele o ajeitou com força, a preocupação se transformando em irritação.

— Esse lugar está um chiqueiro. Tem merda por todo lado — ralhou ele, me encarando com um olhar acusador.

Meu celular e minha caneta estavam na mesa de centro. Nada mais estava fora do lugar, até onde eu podia ver, mas, considerando a recente rigidez de Hayden, aqueles dois itens constituíam uma bagunça.

— Vou guardar...

— Eu faço isso.

Ele pegou a caneta e a colocou de volta na gaveta, batendo-a. Guardei o celular no bolso e fiquei parada. Esperando. Ele observou a sala em busca de coisas fora do lugar, as mãos na cintura. A tensão em seus ombros não diminuiu nem um pouco.

— Cadê seu copo?

— Acabei me distraindo com a AG.

Aquilo era em parte verdade. Se eu lhe dissesse que tinha colocado na máquina de lavar louça, ele ia conferir e saberia que era mentira. Hayden então se concentrou na gata, que se esfregava em meu queixo. A paranoia dele era dolorosa de testemunhar. Cassie tinha razão.

— Por que não vai se vestir enquanto eu faço alguma coisa para você comer? — ofereci com gentileza.

Eu tinha esperanças de que, se fizesse algo legal, amenizaria a transição para a conversa que não queria ter.

— Não estou com fome.

— Mas você ainda não comeu nada hoje.

— Porque não estou com fome.

O volume da voz dele assustou AG, que pulou do meu colo e atravessou o corredor às pressas, provavelmente indo buscar refúgio debaixo da cama. Eu queria poder fazer o mesmo.

— Bom, eu estou. — Passei bem longe dele para ir até a geladeira.

Peguei os ingredientes para um sanduíche e coloquei tudo em cima da bancada. Meu método de fazer sanduíches talvez causasse um aneurisma em Hayden, mas eu precisava me manter ocupada enquanto planejava como tocar no assunto da consulta. A mão dele voltou à cabeça enquanto me observava. Ainda bem que seu cabelo estava curto demais para ser arrancado pela raiz.

Tirei quatro fatias de pão do pacote. Mesmo que Hayden não pretendesse comer, eu ia preparar alguma coisa para ele.

— Melhor deixar que eu faça isso — ofereceu ele, aproximando-se para assumir o comando.

— Não precisa.

— A cozinha é minha.

Engoli um comentário sobre voltar para minha casa e cozinhar. Ele enlouqueceria com a possibilidade de eu ficar a mais que três metros dele.

— Acho que consigo fazer um sanduíche sozinha.

— Mas você vai fazer uma bagunça.

— Que vou limpar depois.

Ele bufou com sarcasmo.

Bati com o presunto na tábua de cortar e me virei para encará-lo.

— Hayden, eu te amo e sei que você é uma pessoa excêntrica, mas isso é demais. Você percebe o que está fazendo?

— Não é culpa minha se você não consegue se lembrar de onde deve guardar as coisas depois de usar.

— Como é?

— Nós dois sabemos que você não é muito organizada — sentenciou ele, fazendo aquilo parecer um crime.

Minha paciência diminuiu um pouco.

— Pelo amor de Deus, Hayden, comparada com você, até a Martha Stewart é uma porca! Eu consigo tolerar sua organização compulsiva. Na maior parte

do tempo, até gosto disso em você. Mas agora eu nem sequer posso fazer um sanduíche sem que você venha me encher o saco!

Ele piscou, surpreso por eu ter aumentado o tom de voz.

— Não sou tão ruim assim.

Apertei os punhos para tentar não gesticular muito.

— Você tem andado dois passos atrás de mim consertando os meus “erros” nos últimos dias. Isso está me deixando preocupada.

A postura rígida dele se desfez. Cruzou os braços e se recostou na bancada, os olhos no chão. Ele mordeu o lábio no lugar onde os piercings costumavam ficar.

— Não posso continuar esperando que a bomba exploda, Hayden. Você está no limite o tempo todo — falei em voz baixa.

Quando começou a atravessar a cozinha, ergui as mãos para barrá-lo. Ele foi em cheio contra elas. Hayden colocou meu cabelo para trás do ombro, acariciando minha clavícula.

— Não quero ficar enchendo seu saco desse jeito. Desculpe por eu estar sendo um idiota.

— Você está sob muito estresse.

— Queria me desculpar.

— Desculpas aceitas. Esta semana foi difícil para você — falei, mas não sabia se podia confiar nessa mudança repentina de humor.

— Mas eu posso melhorar.

Ele desceu a mão pelas minhas costas. Tirou o celular do meu bolso e o colocou na bancada para poder apertar minha bunda.

A hostilidade tinha sumido, substituída por uma espécie de carência. Ao que tudo indicava, Hayden respondia melhor à frustração do que a paparicos.

— Sexo não vai resolver o problema.

— Mas vai me ajudar a me sentir melhor.

Segurei-o pelos braços. Os dedos dele estavam perigosamente perto de lugares onde não deveriam estar se eu quisesse ter alguma esperança de terminar aquela conversa.

— Precisamos conversar primeiro.

— Podemos conversar depois.

Ele desceu as mãos pela minha calça.

— Você está fugindo.

— Eu sei. E você vai me deixar fugir.

Os lábios dele se abriram no meu pescoço. A língua surgiu, seguida pelos dentes. Fechei os olhos e me perdi na sensação por um breve momento.

— Você precisa conversar com alguém — falei, impressionada com a estabilidade na minha voz, considerando que as mãos e a boca dele não desistiam.

— Vou conversar com você depois que usar a língua para outras coisas.

— Quis dizer um profissional.

Ele recuou as mãos e afastou a boca do meu pescoço. Eu tinha conquistado sua atenção, sem dúvida.

— Eu sei resolver meus próprios problemas — argumentou ele.

— Hayden, eu te amo mais do que tudo e sei que isso tem trazido à tona um monte de coisas que você preferiria não enfrentar, mas me sinto como um alvo, e não como uma âncora. Você não está agindo normalmente, e isso está me assustando. — Fingir que estava tudo bem não era mais uma opção. — Não posso ficar aqui se as coisas não mudarem.

— Você não pode... Como assim?

— Não posso ficar pisando em ovos o tempo todo.

Ele arregalou os olhos em pânico.

— Caralho, então você vai me deixar?

— Não, Hayden, não vou embora. Mas não posso ficar aqui com você assim. Não é bom nem para você nem para mim.

— Você vai voltar para o seu apartamento?

— Se isso continuar, vou ter que fazer isso.

Senti um nó no peito diante dessa possibilidade, mas eu precisava que ele enxergasse o que aquilo estava fazendo conosco.

Mordendo ainda mais o lábio, ele refletiu.

— Não quero ferras com o nosso relacionamento. Não agora que você acabou de voltar para mim.

— Então você vai conversar com alguém? — perguntei, passando as mãos pelo peito e pelos ombros dele.

— E se eu não gostar?

Se concordasse, ele ia se sentar em frente a um completo estranho e conversar sobre o passado e suas fraquezas perceptíveis. Ele não ia gostar. Mas, se eu conseguisse que Hayden fosse ao menos uma vez, não descartaria a hipótese de chantageá-lo para que continuasse indo.

— Se não gostar, você não precisa voltar.

Não disse nada sobre encontrar uma alternativa. Depois eu pensaria sobre isso se precisasse.

Ele suspirou.

— Tudo bem.

— Você vai?

— Vou. Mas só me comprometo a ir a uma sessão. Vamos ver o que acontece depois.

— É só o que eu estou pedindo. Vou ligar para o Nate e confirmar.

— Espera aí. Como é? — indagou ele com uma expressão severa no rosto.

A cozinha ficou pequena de repente. Hayden estava perto demais.

— Nate marcou uma sessão. Ele disse que conhecia alguém de quem achava que você ia gostar.

— Você conversou com o Nate sobre isso?

— Conversei com a Cassie. Ela conversou com o Nate. Ele sugeriu e eu concordei, pelo motivo que acabamos de discutir.

Eu estava preparada para que Hayden perdesse a cabeça comigo e por um momento fiquei preocupada com o que ia acontecer. Ele me encarou, o maxilar tenso e as narinas se dilatando. Eu sentia seu pânico. Tinha certeza de que ele estava buscando uma forma de se livrar daquilo. A ideia de confrontar o passado o aterrorizava por motivos óbvios.

— Por favor, Hayden. Eu te amo. Quero ficar com você, mas não pode ser assim. — Coloquei a mão no peito dele.

Hayden olhou para o peito, para minha mão sobre seu coração e ficou quieto por um minuto. Comecei a abaixar a mão, mas ele a cobriu com a dele.

— A que horas é a sessão?

— Às quatro da tarde.

Ele ficou quieto de novo. Seus dedos apertaram os meus. Então, enfim falou:

— Tudo bem. Eu vou.



HAYDEN

A terapia foi um saco. Foi como passar uma hora em um microscópio. Falei para a psicóloga que não ia voltar, mas mesmo assim ela marcou uma sessão para dali a quatro dias. Então disse que eu era muito sortudo por ter tantas pessoas na minha vida que se preocupavam comigo. Rabugento, enfiei no bolso o cartãozinho com o horário marcado. Eu poderia ligar mais tarde para cancelar a consulta.

Saí da casinha pitoresca localizada entre lojas antiquadas e atravessei a rua até o café onde Tenley estava tomando chá com Cassie. Estavam a uma mesa em um canto nos fundos. Nenhuma das duas percebeu quando entrei, absortas demais na conversa. Em frente a Tenley havia um pedaço de bolo comido pela metade e uma pilha de guardanapos rasgados.

Uma garota vestida com uma blusa rosa-claro e calça preta parou na minha frente. Perto demais. Eu estava acostumado com pessoas que mantinham uma distância maior.

— Oi! Mesa para um? — Ela me olhou com uma expressão esquisita. — Caramba. Você tem os olhos mais azuis que eu já vi! São, tipo, superazuis.

— Ah... Obrigado? Vim encontrar minha tia...

— Que fofo!

— ... e minha namorada. Elas já estão aqui. — Apontei para a mesa delas.

— Ah — disse ela. Seu sorriso sumiu, porém ela não desviou o olhar. Aquilo foi estranho pra cacete.

Contornei a garota e fui até Tenley e Cassie, que se levantou assim que me viu. Não entendi por que ela parecia tão surpresa, até que lembrei que ninguém, fora Tenley e os policiais, tinha me visto desde que eu havia tirado os piercings faciais. Ela me deu um abraço caloroso e sussurrou “obrigada” no

meu ouvido. Eu não sabia bem por que ela estava me agradecendo, mas retribuí o abraço.

Puxei a cadeira de uma mesa vazia e a coloquei ao lado de Tenley. Ela parecia bastante ansiosa. Torci para que tivesse pedido algo descafeinado, senão ficaria agitada pelo resto do dia. Antes que me perguntasse qualquer coisa sobre a sessão, uma garçonete se aproximou e ficou me olhando com a mesma cara estranha. Pedi um café e um garfo extra para poder terminar o bolo de Tenley.

— Correu tudo bem?

Tenley aproximou a mão do meu braço, mas não me tocou. Em vez disso, colocou as mãos no colo e tentou mantê-las quietas.

Será que eu estava tão mal assim desde a ida à delegacia? Foi então que decidi que não ia cancelar a sessão seguinte. Por pior que fosse conversar sobre as merdas que eu tinha feito e pelas quais tinha passado, não podia esperar que Tenley suportasse aquilo ou a mim se eu mesmo me recusava a fazê-lo.

— Correu tudo bem. — Dei um beijo na cabeça dela. — Tenho outra sessão daqui a alguns dias.

Ela pareceu surpresa com a confissão.

— Sério? — perguntou com os olhos marejados.

— Ei. Está tudo bem, gatinha. Vamos ficar bem. — Passei o polegar pelo lábio inferior dela.

— Bom, acho que já vou indo — disse Cassie, levantando-se.

— Não precisa — respondi com uma leve decepção.

— Nate vai para casa mais cedo hoje.

Ela trocou olhares com Tenley e ficou com as bochechas coradas. Eu não quis saber por quê. Cassie vestiu o casaco e Tenley se levantou para abraçá-la. Cassie sussurrou algo que não ouvi e passou a mão carinhosamente pelo cabelo de Tenley antes de se afastar. Era um gesto maternal e afetuoso.

— Te ligo amanhã para dar uma resposta — garantiu Tenley.

— Não tem obrigação nenhuma.

Cassie deu um beijo no rosto dela e foi embora. As duas eram bem mais próximas do que eu imaginava.

— Sobre o que vocês estavam falando? — perguntei quando Tenley se sentou de novo.

— Fomos convidados para jantar amanhã.

— Você quer ir?

— Pode ser uma boa.

Eu tinha estado bem recluso nos últimos dias; não seria ruim sair por algumas horas no dia seguinte. Além disso, eu precisava agradecer a Nate.

Meu café chegou, o que me distraiu da conversa. Devorei o resto do bolo de Tenley e virei o café de uma vez. Pedi outro café e mais uma sobremesa, embora em geral só comesse os doces feitos por Tenley. Ela ficou tagarelando, falando sobre a nova orientadora da tese e os possíveis planos que tinha feito com Lisa e Sarah para a semana seguinte. Não tocou no assunto da terapia, mas a pilha de guardanapos retalhados na mesa dobrou de tamanho. Ela ainda estava nervosa com alguma coisa; eu só não sabia o quê.

— Acho que terminei — falei depois de acabar com a terceira xícara de café e o bolo de chocolate em camadas.

Meu apetite tinha voltado, e não apenas por comida. Eu estava com uma ereção imensa. Meu pau tinha acordado depois que Tenley me rejeitara por ter sido um tremendo idiota.

— Tem certeza de que não quer mais nada?

— Tenho. Estou pronto para voltar para casa.

Dobrei o guardanapo, coloquei-o no meio do prato e chamei a garçonete. Assim que pagamos a conta, fomos para o carro. Eu ainda não tinha levado o meu para a oficina. Precisava dar um jeito nisso. Tenley e eu não tínhamos saído muito desde o incidente do capô, mas eu já estava cansado de andar por aí em um veículo nada másculo.

Tenley estava inquieta no caminho de casa, as mãos subindo e descendo pelas pernas, o pé batendo no assoalho.

— Você está bem? — perguntei quando paramos no sinal vermelho.

— Aham.

— Quer tentar de novo? Pode falar a verdade dessa vez.

Eu me inclinei e dei um beijo no rosto dela para que soubesse que eu não estava sendo um babaca. Só queria saber qual era o problema.

Ela provavelmente não estava esperando aquilo, porque deu um salto.

— Desculpe. Excesso de cafeína.

Recuei e deixei pra lá. Ela ia falar quando estivesse pronta. Pressioná-la faria de mim um hipócrita, já que eu não ia contar nada sobre a sessão de terapia. Jamais conversaria com Tenley sobre um monte de coisas. Não porque não confiasse nela, mas porque não eram coisas que ela precisava saber.

Muitas delas envolviam meu medo de que algo acontecesse e a afastasse de mim de novo. Ao que tudo indicava, esse era um sintoma residual do distúrbio pós-traumático. Ao menos agora eu poderia descobrir como lidar com isso sem pitar com a localização do controle remoto em cima da mesa, como eu tinha feito no dia anterior.

Quando chegamos em casa, Tenley foi logo ao banheiro. Aproveitei a oportunidade para dar uma olhada nas planilhas do Inked Armor no laptop enquanto esperava que ela saísse do esconderijo. Cuidar das contas era trabalho de Lisa, mas eu sempre checava tudo mais uma vez.

Olhei para a data na parte inferior da tela e conferi de novo. O dia seguinte já seria Ano-Novo. Lisa tinha assumido o papel de planejar algo, depois do fiasco no Natal, porém as coisas tinham ficado malucas e eu tinha me esquecido completamente daquilo. O convite de Cassie devia ser por isso.

Tenley provavelmente estava cansada de ficar enfurnada no apartamento comigo. Por mais difícil que tivesse sido a sessão de terapia, fora reveladora em muitos sentidos. Eu era um retardado quando estava estressado. Agir como um idiota aos dezoito não tinha problema; mas não era bem assim agora, aos vinte e cinco.

Fechei o laptop e fui até o quarto. A porta do banheiro ainda estava fechada. Bati.

— Tenley?

— Só um minuto.

Fiquei andando para lá e para cá no quarto e repassei a sessão na minha cabeça. Eu tinha falado sobre o assassinato dos meus pais e sobre Tenley. Conversamos sobre minha vivência desses eventos e sobre como minha recusa em lidar com eles estava afetando meu relacionamento com ela. Agora que tinha essa perspectiva, eu enxergava o inferno pelo qual fizera Tenley passar nos dias anteriores.

A porta do banheiro se abriu e eu me virei, pronto para pedir desculpas. O que saiu da minha boca foi:

— Ah. *Caralho*.

O cabelo dela estava preso em um rabo de cavalo, suas bochechas vermelhas, e Tenley estava usando apenas adereços nos mamilos e salto alto. Ambos com temas de cupcake. Minha ereção instantânea quase rasgou a calça.

Ela olhou para baixo.

— Comprei piercings novos.

Pigarreei. Duas vezes.

— Estou vendo.

— E sapatos novos.

— Também reparei.

Os olhos dela se ergueram para encontrar os meus. Ela era o cúmulo da contradição entre a ingenuidade e a sexualidade.

Devo ter encarado em silêncio por um tempo, já que os olhos de Tenley desviaram para o chão e ela cruzou as mãos.

— Desculpe. Os últimos dias têm sido tão tensos e hoje mais cedo pareceu que você me queria... Deixa pra lá — disse ela, virando as costas e mostrando a tatuagem e a bunda enquanto ia em direção ao banheiro.

— Opa. Aonde você vai?

Ela olhou por cima do ombro.

— Me trocar.

— Acho que não.

Agarrei o pulso dela e a puxei. Segurando sua cabeça por trás, eu a beijei — com gentileza. Muita agressividade tinha partido de mim nos últimos tempos, e eu não queria levar isso para o quarto. Queria algo lento, descomplicado e íntimo, porque eu a havia afastado, preso demais na minha própria turbulência para enxergar como aquilo a afetava.

— Senti sua falta — sussurrou Tenley, passando as mãos por baixo da minha camisa e tirando-a.

— Eu também.

Envolvi sua cintura e a levei para a cama. Ela se sentou na beirada do colchão e abriu o botão da minha calça com mãos trêmulas. O zíper se abriu e a calça caiu no chão. Dei um passo para o lado enquanto Tenley acariciava meu pau com as pontas dos dedos.

— Eu não sabia... — Quando ela olhou para mim, havia muita vulnerabilidade em seus olhos. — Eu faria quase qualquer coisa por você.

— Eu sei. — Haviam se passado só quatro dias, mas parecia uma eternidade. — Só quero amar você.

E foi o que eu fiz.

As coisas estavam melhores. Eu não tinha a ilusão de que meus problemas haviam se resolvido. A compulsão não ia passar, mas ao menos eu reconhecia que era um problema. Não tomei mais como uma sabotagem o fato de Tenley não colocar algo exatamente onde eu queria.

Às três da tarde da véspera do Ano-Novo, estávamos nos arrumando para ir até a casa de Cassie. Todos os funcionários do Inked Armor tinham sido convidados. Sarah também, mas tinha que trabalhar. Chris soara puto quando falei com ele ao telefone. Ela não tinha sido chamada a semana toda, só aquela noite. Ele ia de carona comigo e Tenley.

— Você precisa se vestir — avisei.

Fechei a sacola que tinha arrumado caso resolvêssemos passar a noite lá. Ali estavam tanto as minhas coisas quanto as de Tenley. Eu gostava de ter nossas coisas juntas, organizadas. Em pilhas ordenadas.

Tenley estava andando de um lado para o outro só de calcinha de babados, fingindo decidir o que queria usar no Ano-Novo. Só havia dois vestidos pendurados na porção do closet que eu tinha separado para ela um tempo antes, então escolher um deles não deveria ser um problema.

— Qual deles? — perguntou ela enquanto se virava, segurando os vestidos; um era preto, e o outro azul-claro. Ela ainda estava usando os adereços de cupcake. Estavam me deixando louco.

— É melhor você parar de me provocar se não quiser deixar o Chris esperando. Ele vai chegar em dez minutos.

Ela me ignorou.

— Se você escolher o preto, posso usar os sapatos de cupcake de novo.

— Gosto do azul.

Eu não podia me responsabilizar pelos meus atos se ela usasse aqueles sapatos de novo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ela desapareceu dentro do closet e saiu cinco minutos depois com o vestido preto e os sapatos de cupcake. A tentativa de sedução teria funcionado se Chris não tivesse tocado o interfone um minuto depois. Pegamos o elevador, eu com a sacola, e Tenley com uma caixa de cupcakes feitos naquela manhã.

Chris estava nos esperando no saguão, com uma cara horrível. Arregalou os olhos quando me viu, o mau humor esquecido.

— Puta merda, Hayden!

Dei de ombros.

— Tenley cortou o meu cabelo.

— Percebi. Mas estou falando disso aqui.

Ele apontou para o próprio rosto. Chris não tinha muitos piercings acima do pescoço, só um na sobrancelha e uns alargadores.

— Não é nada de mais.

— Se você diz...

Percebi que ele ficou me olhando no caminho até a garagem, mas não disse mais nada. O carro de Tenley agora ficava estacionado em uma vaga em frente à minha. Chris disse que ia se sentar na frente e foi em direção ao Camaro, parando de supetão quando viu o capô.

— Que merda aconteceu com o seu carro?

— São só uns arranhões. Vou mandar arrumar.

Tenley havia ligado para a oficina naquela semana, porque eu não tinha condições de fazer isso sozinho.

Chris colocou as mãos no capô e se debruçou.

— São fundos. Parece que alguém tentou arrancar a tinta, e tem um amassado...

Como ficou óbvio que eu não ia dar nenhuma explicação, ele olhou para Tenley. Ela ficou vermelha e começou a mexer na caixa de cupcakes. Chris voltou a me olhar, erguendo uma sobrancelha questionadora. Balancei a cabeça, mas ele não captou o aviso.

— Tenley?

— Hum? — Ela olhou para Chris.

— O que aconteceu com o carro do Hayden?

Ela olhou para mim, esperando alguma dica. Como não dei nenhuma, Tenley revirou os olhos.

— Os arranhões são da fivela da minha jaqueta. O amassado é do joelho do Hayden.

Ele levou alguns segundos para processar as informações.

— Por que você... Ah! Mentira! Você é meio selvagem, hein, Tenley?

— Vamos no meu carro.

Ela se virou e foi até o dela, mostrando o dedo do meio para ele por cima do ombro. Ou talvez tenha sido para mim.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Quer dizer, o Camaro já está ferrado — ponderou Chris. — Eu posso voltar com o Jamie e a Lisa.

Dei um soco nas costelas dele.

— Puta merda! Ai! Desculpa!

Tenley se sentou ao volante e bateu a porta. O motor foi ligado com um ruído fraco.

— Valeu, babaca — falei para Chris.

— Não acredito que você não falou nada sobre isso. Quando foi?

— Não vou contar mais nada.

— Sempre posso perguntar para a Tenley.

— Faça isso e soco suas bolas — ameacei.

Ele me seguiu até o carro e grunhiu quando o empurrei ao ver que ele ia se sentar na frente.

— Nada de ir na frente.

Eu me acomodei ao lado de Tenley e tranquei a porta antes que Chris me arrastasse para fora. Ele entrou com relutância atrás e ocupou quase todo o banco. Tenley não disse nada enquanto engatava a ré.

— O que o seu carro está fazendo aqui? Você não pode ser multada por isso? — perguntou Chris.

— Tenho direito a duas vagas. Cadastrei o carro dela — respondi.

— Hum. O próximo passo vai ser vir morar com esse filho da puta possessivo, hein, Tenley?

Ela tossiu.

Às vezes Chris não sabia quando calar a boca.

A ida até a casa de Cassie levou o dobro do tempo normal, porque Tenley era uma motorista cautelosa.

Lisa atendeu à porta e, assim que entramos, as mãos dela foram parar no meu rosto, depois no meu cabelo.

— Cassie disse que você estava diferente, mas, caramba! Bom trabalho, Tenley!

— Eu não podia deixar que ele raspasse essa cabeça tão bonita.

— Bonita?

Olhei para ela. Já era ruim o suficiente que Tenley dissesse coisas assim quando estávamos sozinhos, mas essa era a segunda vez que ela fazia isso na frente de outras pessoas.

Ela sorriu.

— Tirou mais algum? — perguntou Lisa, virando meu queixo para o lado para analisar minhas orelhas.

— Não! — respondeu Tenley, praticamente gritando.

Jamie riu.

— Foi você quem não deixou? — perguntou ele.

— Isso mesmo. Ele não vai tirar nada do que interessa, de jeito nenhum — respondeu Tenley.

O clima estava leve quando fomos para a cozinha ajudar a preparar o jantar. Cassie estava no comando, e Nate não tinha permissão para passar da bancada central da cozinha enquanto ela estivesse operando sua mágica.

Tenley colocou o avental florido, lançando uma piscadela para mim enquanto começava a preparar um acompanhamento. Eu estava pronto para auxiliar se necessário, mas ela não parecia precisar de ajuda. Os doces dela eram

ótimos, mas, com base no que havia na geladeira de sua casa, eu achava que Tenley não sabia cozinhar. Estava enganado.

Enquanto as meninas faziam as coisas delas, Nate me puxou de lado com o pretexto de conversar sobre o imóvel que íamos começar a reformar na primavera — aquele ao qual eu tinha levado Tenley na noite de Natal. Eu o segui até o escritório e me sentei na poltrona em frente à dele. Esperei que me perguntasse sobre a sessão, mas, em vez disso, ele pegou um arquivo cheio de papéis e planilhas de custos e de trabalho.

— Não vai me perguntar sobre ontem?

Ele se recostou na poltrona.

— Não. Você foi lá. Está aqui hoje, Tenley também, o que é um bom sinal. Não vou pedir informações que você não esteja pronto para dar.

Caramba. Aquilo não foi nada esperado.

— Tenho outra sessão marcada.

— Fico feliz. Então você gostou da Beatrice?

Com aquele nome antiquado, quase virei as costas e fui embora antes de conhecê-la, imaginando uma velhinha com uns setenta anos que ia olhar para os meus braços e fazer todo tipo de julgamento. No fim, ela era uma mulher alta e magra, de quarenta e poucos anos, com um senso estético eclético. Não deu a mínima para as tatuagens.

— Sim, ela é legal. — Enxuguei as palmas das mãos nas pernas. — Obrigado por ter feito isso por mim. Sei que você queria que eu fosse há muito tempo.

— Só marquei a sessão. Foi você que fez a parte difícil.

— Acho que não teria ido se não fosse pela Tenley.

— Ela tem um impacto forte sobre você.

— Estou apaixonado por ela — falei. Sério. Eu deveria ter parado depois do agradecimento.

Nate sorriu.

— É óbvio que ela sente o mesmo por você.

— Sim. Por enquanto, pelo menos.

— Não sei se entendi.

A única coisa sobre a qual eu não havia conseguido falar com a psicóloga estava me atormentando naquele dia. Era o medo que me deixara paralisado por tanto tempo. Peguei a bolinha de aliviar a tensão da mesa dele para manter as mãos ocupadas.

— A agente Miller ligou esses dias, avisando que talvez eles tenham uma nova pista para o caso dos meus pais.

Nate se agitou com a mudança de assunto.

— E isso é bom?

— Acho que sim. Mas pode ser que não dê em nada. — Eu não queria ficar todo esperançoso.

— A espera deve ser difícil.

— Parte de mim não quer mais saber.

Nate assentiu.

— Você passou muito tempo sem uma conclusão. Tenho certeza de que a possibilidade de conseguir justiça é tão desconfortável quanto viver sem ela.

— Não é isso. Bom, acho que isso é uma parte. — Olhei para ele, e aquilo que eu não queria falar para ninguém saiu: — E se eu descobrir que a culpa foi minha? E se eu tiver provocado a morte deles? — Era isso que eu mais temia.

Nate se recostou na poltrona e brincou com os dedos, girando os polegares de um lado para o outro.

— Hayden, vou te dizer uma coisa e espero que você não se ofenda, mas seus pais tomaram algumas decisões infelizes em relação a você. Eles não estavam cegos quanto ao que acontecia. Eles sabiam o que você estava fazendo quando saía com seus amigos. Você nem tentava esconder...

— E o que isso diz sobre mim?

— Que você era um adolescente pedindo para ser notado. Eles amavam você; nunca pense o contrário. Mas escolheram sair em uma noite em que você estava de castigo, sabendo que você ia escapar no segundo em que eles pisassem fora de casa. Eles não fizeram nada para te impedir de tomar aquelas decisões. Você era um adolescente, fazendo o que os adolescentes fazem quando ninguém impõe limites. Você não é responsável pela morte deles, não importa o que descubra.

— Mas eu... — Abaixei os olhos, apertando a bolinha até quase fazê-la explodir. Levei um minuto para aceitar o que Nate estava dizendo. — Eu não tinha pensado por esse lado.

— É claro que não. Você está vendo a situação da perspectiva de um cara de vinte e cinco anos que nunca superou o que aconteceu, e não do adolescente que era na época.

— Que é onde entra essa história de terapia.

O que ele disse era verdade. Beatrice tinha falado algo parecido, mas eu a conhecia havia menos de uma hora. Vindo de Nate, aquilo enfim me atingiu.

— Posso perguntar uma coisa? — falou Nate, descansando os cotovelos na mesa.

— Claro.

— Tem a ver com essa sua crença de que os sentimentos da Tenley por você são passageiros. Vou dar uma opinião não solicitada e você pode se sentir livre para me mandar à merda ou calar a boca a qualquer momento.

— Tudo bem.

— Tenley sofreu um trauma sem precedentes e não apenas sobreviveu como amadureceu. Certo?

— Sim.

— As coisas pelas quais ela passou algum dia impediram você de amá-la?

— De jeito nenhum.

— Se existe alguém que consegue compreender o que você sente, é ela. Você encontrou uma mulher incrivelmente forte que enxerga exatamente quem você é e vice-versa. Não tem como prever o futuro, mas, como alguém de fora, vejo que o que vocês têm não é algo de que a maioria das pessoas se livraria com facilidade.

— Então é melhor eu parar de me preocupar com as coisas que não posso controlar?

— Você pode tentar. Nem sempre é tão fácil assim.

— Estou aprendendo isso.

Nate sempre parecia saber quando eu tinha atingido meu limite de falar sobre essas merdas sentimentais. Ele abriu o arquivo com os custos do projeto da reforma da casa e o empurrou para mim.

— O que você diria se eu quisesse bancar todo o projeto sozinho? — perguntei.

— Perguntaria por quê.

— Tenley está ficando na minha casa. Não é grande o suficiente para levarmos todas as coisas dela para lá.

Não que eu quisesse os móveis dela no meu apartamento. Talvez a cama. Era boa, desde que fosse para o quarto de hóspedes. A minha era king size; tinha vários lugares para a gente se apoiar quando transava.

— Você consegue juntar capital suficiente para cobrir os custos?

— Acho que sim. Já comecei a dar uma olhada nisso.

— Já conversou com a Tenley sobre isso?

— Ainda não.

Ele me lançou um olhar curioso.

— Por que você não se informa sobre o financiamento primeiro? Podemos partir daí.

Quando terminamos de revisar quanto dinheiro eu precisaria juntar, Nate colocou a papelada em uma pasta.

— Ah, mais uma coisa.

Ele largou uma sacola de papel na mesa.

— O que é isso?

— Encontrei na garagem.

Uma olhada lá dentro confirmou o que eu já sabia: eram os sapatos de Tenley.

— Eu... Hum...

— Cassie achou melhor que eu entregasse a você.

— Obrigado. Se a Tenley soubesse que outra pessoa os encontrou, ficaria...

— *Envergonhada pra caralho*. Dava para sentir o calor no meu rosto.

— Fico feliz por você querer mostrar à Tenley no que está investindo. — O sorriso de Nate deixou claro que ele sabia o que havia rolado naquela garagem.

— Só para você saber, tem um interruptor do lado do portão que aquece o piso da garagem. Ou, da próxima vez, você pode entrar e mostrar a casa toda para ela.

Filho da mãe impertinente.



TENLEY

Estávamos prestes a chamar os homens para jantar quando a campainha tocou.

— Que estranho. Não estamos esperando mais ninguém — disse Cassie, franzindo a testa ao olhar para o relógio. Eram quase sete horas.

— Vou ver quem é — avisei, largando as luvas de cozinha na bancada.

Sarah estava parada na varanda da frente, usando legging e um moletom tão grande que só podia ser de Chris.

— Achei que você tivesse que trabalhar!

Abri espaço para ela entrar e fugir do ar gelado. Foi então que notei que estava usando salto agulha e cílios postiços.

— Eu tinha.

— Quem é? — perguntou Cassie da cozinha.

— Sou eu! — gritou Sarah em resposta.

Ao ouvir a voz dela, Chris veio da sala de jogos.

— Achei que tivesse ouvido sua voz! Vem cá me fazer feliz, meu docinho.

Chris quase me derrubou no chão para chegar a Sarah. Ele a puxou em um abraço apertado. Com o salto dela, os dois ficavam quase da mesma altura, e Chris não era baixo. Desviei os olhos quando eles começaram a se beijar para valer. Hayden e eu provavelmente éramos assim também.

— Como você conseguiu sair? — perguntou Chris quando os dois enfim pararam para respirar.

Cassie e Lisa tinham vindo da cozinha para cumprimentá-la, e Jamie veio da sala de jogos, o taco de sinuca ainda na mão.

— Me desculpem por não estar com as roupas adequadas — disse Sarah, passando a mão pelo moletom.

— Ninguém liga para isso. Você ganhou folga?

— Hum... Não exatamente — respondeu ela, hesitante. Sarah se apoiou nos ombros do namorado para tirar os sapatos.

— Pediu demissão? Por favor, diga que sim.

Chris pegou as mãos dela e as encheu de beijos, puxando-a na direção da sala de estar. Ele mexeu as almofadas quando ela se sentou, garantindo que estivesse confortável.

— Meio que pedi.

— Você meio que pediu demissão? — perguntou Chris, tirando o cabelo dela do rosto.

— Não oficialmente. Fui lá com a intenção de pedir, porque você tem razão: a Sienna começou a oferecer oportunidades de... gorjetas melhores.

— Cacete, está falando sério? — perguntou Chris, o rosto assumindo um tom vermelho perturbador.

— Não se preocupe. Eu disse que nem a pau, e foi por isso que eles cortaram os meus horários. Enfim, sabe aquele cara assustador, o Damen? Aquele para quem você trabalhava?

— Damen? — O vermelho no rosto de Chris se tornou mais um roxo.

— Isso. Todas as meninas chamam o cara de Abutre. — Ela tremeu.

— Ele te deu amostras disso? — quis saber Chris.

Sarah assentiu.

— Sim, várias vezes. Percebi bem rápido como ele e a Sienna lidavam com as outras meninas.

Sarah olhou em volta, sem saber quanto deveria contar. Hayden e Nate tinham vindo do escritório. Hayden estava em pé atrás da minha cadeira, e fiquei me perguntando quanto ele tinha ouvido. Ele se abaixou e deu um beijo na minha cabeça. Os olhos de Sarah pararam em Cassie e depois em mim.

— Ninguém aqui está julgando você — disse Chris baixinho.

— Ok. — Sarah se aproximou dele e lhe deu um beijo rápido. — Então, as coisas ficaram estranhas quando entrei na boate. Max não estava na porta, e o Jay, que é tipo o guarda-costas pessoal da Sienna, também não estava no posto dele. Na verdade, não tinha ninguém protegendo a entrada do escritório dela, o que nunca acontece. Meu Deus, estou tagarelado sem parar, né?

Ela parou para tomar fôlego antes de continuar:

— Eu entrei, pensando em dizer à Sienna que não dava mais para mim e pegar minhas coisas do armário, só que ela e aquele tal de Damen estavam discutindo. Ele estava em cima dela. Primeiro achei que talvez eles estivessem... Bom, vocês sabem...

Algumas pessoas tossiram e alguém atrás de mim engasgou. Sarah fez uma careta e balançou a cabeça. Eu não queria pensar no que ela já tinha visto sem querer.

— Mas não. Eu nunca tinha visto a Sienna tão surtada. Quer dizer, ela está sempre surtando por causa de uma coisa ou outra, mas dessa vez foi diferente. Ela estava bem pior que o normal. Ouvi o Damen mencionar a polícia e concluí que talvez eles tivessem sido pegos. Não queria ficar presa ali, então acabei vindo direto para cá. É por isso que estou vestida assim.

— Você podia estar usando um saco de batata que estaria linda do mesmo jeito.

Enquanto eles trocavam carinhos, me virei para Hayden.

— Você acha que a agente Miller foi interrogá-lo? — perguntei. Eu tinha reconhecido o nome de Damen na mesma hora.

Hayden pareceu pensativo.

— Ela disse que estava seguindo umas novas pistas. É possível. Provável até.
— Ele se sentou no braço da poltrona. Cheguei para o lado, e Hayden se sentou comigo.

Isso fez com que Chris tirasse as mãos de Sarah.

— Você acha que o Damen pode estar envolvido no que aconteceu com os seus pais?

— Não sei. — Hayden coçou a testa. — Eu estava com ele na noite dos assassinatos. A polícia o interrogou naquela época.

— Talvez eles queiram um novo depoimento por causa das pistas — sugeri.

— Sim. Parece lógico — concordou Hayden. — Talvez eu devesse ligar...

— Acho que deve. Assim você vai saber se tem a ver ou não.

Eu não queria que a noite de Hayden fosse arruinada, mas, se ele não ligasse, provavelmente ficaria obcecado por isso.

Hayden pegou o celular e ligou para Miller. Ela não atendeu, então ele deixou uma mensagem.

— Ela vai ligar se algo acontecer — garanti.

— Eu sei — disse ele, me dando um beijo no ombro.

Cassie quebrou o silêncio tenso anunciando que o jantar estava pronto. Foi uma boa distração das perguntas que a chegada de Sarah tinha incitado. A conversa migrou para assuntos mais amenos enquanto jantávamos. Depois do prato principal, limpamos tudo e voltamos para o conforto da sala de estar. A sobremesa ia esperar.

Hayden ficou quieto na maior parte do tempo, um braço em volta dos meus ombros, tomando uísque enquanto eu ouvia histórias de celebrações anteriores de Ano-Novo. Percebi que muita coisa estava sendo censurada. Se era por minha causa ou de Cassie e Nate, eu não sabia.

— Então, Tenley, ouvi dizer que você foi à casa que o Hayden e o Nate estão reformando. O que achou? — perguntou Cassie.

Quase engasguei com o vinho.

— Eu, é... A garagem é bem espaçosa.

— Hum. É boa mesmo, principalmente o piso aquecido. E a suíte? Depois de reformada, vai ficar fantástica.

— Não chegamos a ir tão longe — interrompeu Hayden.

Eu o vi olhar para Cassie pelo canto do olho. Todo mundo estava reparando naquela troca de olhares com curiosidade. Cassie podia ser tia de Hayden, mas eles agiam mais como irmãos. Ela não hesitava em tirar sarro da cara dele e, como consequência, da minha quando tinha a chance.

— Ah, é? Que pena. Bom, é linda. Bem espaçosa. Quase do mesmo tamanho da nossa, né, Nate? Com certeza grande o suficiente para uma cama king size. Acho que essa foi uma das razões para Hayden se interessar tanto pelo imóvel; isso e o quintal. Tem uma piscina e uma Jacuzzi! Até onde você conseguiu ver?

— Cassie — chamou Nate, dando uma cotovelada nas costelas dela.

— Sim, querido?

Hayden encarava o próprio copo, com o rosto vermelho. Tentava não sorrir. Nate sussurrou algo que não ouvi, mas Chris estava ao lado dele e escutou.

— Caralho! Foi lá que você estragou o carro? Tenley, você é demais!

Eu estava tão constrangida que tentei usar o cabelo como escudo.

— O que aconteceu com o seu carro, Hayden? É por isso que você está andando naquela coisa esquisita? — perguntou Jamie.

— Não é nada de mais. O Chris está sendo exagerado. É só um arranhão.

— Um arranhão enorme e um amassado — corrigiu Chris.

Hayden apontou o dedo para ele.

— O que aconteceu com aquela história de ficar de boca fechada?

— Do que eles estão falando? — perguntou Lisa.

Sarah se aproximou de Chris e ele sussurrou no ouvido dela. Os olhos dela se arregalaram.

— Sério?!

— O quê? — perguntaram todos, olhando para Chris.

— Nem pense nisso — ameaçou Hayden.

— Ah, eu queria mesmo perguntar, você recebeu seus sapatos de volta? — perguntou Cassie, abrindo um sorriso inocente para mim.

— O que os sapatos têm a ver com tudo isso? — perguntou Jamie.

Eu me encolhi perto de Hayden e tomei um gole de vinho.

— Meu Deus — murmurou Hayden. — Você é uma chata, Cassie. Sério.

— São sapatos lindos. Eu não ia querer que Tenley pensasse que tinham desaparecido.

— Vai ter volta — disse Hayden para Cassie.

— Vá em frente, mocinho. Vamos ver o que acontece — provocou ela.

— Espere só.

— Quem quer sobremesa? — perguntei, mas todo mundo me ignorou. Virei o resto do vinho.

— Sabe, tem uma vaga extra na nossa garagem. Já que vocês estão pensando em passar a noite aqui, pode estacionar seu carro lá, Tenley — disse Cassie, sem tirar o sorriso safado do rosto.

Chris deu uma risadinha.

Hayden balançou a cabeça.

— Você que pediu. — Ele olhou para Nate, que estava com uma cara apavorada e balançou a cabeça para Hayden, os olhos indo dele para Cassie várias vezes. — Nate, você ainda quer ajuda para instalar aquele balanço no seu

quarto? Acho que agora tenho os parafusos certos. — Hayden sorriu satisfeito quando Cassie ficou de boca aberta.

— Por que o Nate ia querer um balanço...? Ah. — Vi o rosto de Cassie se encher de cor e o de Nate ficar pálido.

Cassie deu um tapa no braço do marido.

— Você pediu ajuda ao *Hayden*?

— Era para ele ficar de bico fechado. E é a única pessoa que tem ideia de como instalar algo assim.

Olhei abismada para Hayden.

— É o mesmo princípio dos equipamentos de escalada, gatinha — explicou ele.

Eu me levantei apressada, a taça vazia na mão. Não tinha interesse em ouvir mais nada daquilo.

— Preciso encher a taça.

— Eu também! — gritou Lisa, indo logo atrás de mim.

Todo mundo dormiu até tarde no dia seguinte, mas mesmo assim estávamos preguiçosos.

Hayden teria me mantido na cama o dia todo, testando minha capacidade de gozar em silêncio, se Chris não tivesse batido à porta quando era quase meio-dia.

— O brunch vai estar pronto em dez minutos! — gritou ele.

— Merda. — Hayden estava me convencendo de que eu precisava de mais uma rodada. — Descemos em cinco.

A maçaneta girou.

— Por que a porta está trancada? — berrou Chris, como se não pudéssemos ouvi-lo através de um painel de maneira.

— Eu disse que vamos descer em cinco minutos.

Ouvimos risadas do outro lado da porta, que ficaram cada vez mais distantes à medida que Chris se afastava no corredor para se juntar à Lisa e ao Jamie.

— Acho que quando chegarmos em casa vamos ter que retomar de onde paramos — disse Hayden, irritado, saindo de cima de mim.

Um ano antes, eu jamais teria imaginado que minha vida seria completamente transformada de novo. Nem teria pensado na possibilidade de encontrar alguém como Hayden. Passamos a tarde na casa de Cassie assistindo a programas aleatórios na TV, curando uma leve ressaca. Só voltamos para casa depois de escurecer.

Estávamos a dois quarteirões de casa quando vimos as luzes azuis e vermelhas ao longe. Pareciam várias; devia ser um acidente. Hayden entrou na primeira rua transversal, para meu alívio. Eu não tinha a menor vontade de estragar o ótimo dia que estávamos tendo.

— Não sei o que está acontecendo lá — disse Hayden —, então vou usar a entrada dos fundos.

Ele virou à direita, mas diminuiu a velocidade e parou o carro. A rua à frente estava bloqueada por um carro da polícia, as sirenes enviando seu aviso.

— Que diabos está acontecendo? — grunhiu ele e retornou o caminho.

Hayden deu a volta no quarteirão. Todas as ruas que davam no prédio dele estavam bloqueadas. Quando tentou ir por trás do Serendipity, ele encontrou a mesma coisa.

Estávamos a dois quarteirões do Inked Armor quando Hayden estacionou, a uns quinze metros da barreira de viaturas. Ele pegou o celular.

— Merda. Perdi um monte de ligações.

Para evitar distrações, ele tinha guardado o celular na noite anterior, pouco depois de ter ligado para a agente Miller, e não o tinha checado desde então. Colocando no viva-voz, ele ouviu as mensagens.

Os recados de voz eram da agente Miller, com exceção do último. A primeira mensagem dela era uma garantia calma de que eles estavam analisando as pistas e que ela ligaria com mais notícias. A segunda era um pedido pela localização de Hayden. A terceira era muito menos educada, pedindo que ele retornasse a ligação o quanto antes. Isso tinha sido várias horas antes. A última mensagem era de Sienna. O dedo de Hayden ficou pairando

em cima do botão de deletar até que a voz aguda frenética dela começou a falar:

— Hayden? Cacete. Porra de caixa postal. Olha, querido, eu não sabia. O que quer que o Damen diga, o que quer que seja, *eu não sabia*. Isso é muito bizarro. Me desculpa, nunca quis ferrar você. Aquele imbecil vai me afundar junto com ele. Sei que fui uma verdadeira vaca nesses anos, mas juro que, se soubesse, eu teria... Merda. Sei lá. Feito alguma coisa. Desculpa. — Ao final da mensagem, ela estava chorando.

Hayden pôs a mensagem para tocar de novo.

— Isso soou como o que eu estou pensando? — perguntou ele, com uma calma assustadora.

— Você precisa ligar para a Miller.

— Soou?

— Não sei...

— Se estou entendendo direito, aquele filho da puta do Damen tem algo a ver com a morte dos meus pais.

Hayden me olhou com a constatação da traição estampada nos olhos.

— Não é culpa sua.

— Eu sei. Eu tinha dezessete anos. Era só uma criança — falou ele, sem nenhum sentimento ou emoção.

Ele desligou o carro e tirou o cinto. O ar gelado entrou quando ele abriu a porta e saiu na noite escura de inverno.

— Não acho que isso seja uma boa ideia — falei.

Hayden me ignorou e desceu a rua em direção à barricada, o celular na orelha. Tive que correr para alcançá-lo.

— Estou na minha rua. Está tudo bloqueado pela polícia. — Depois de uma pausa curta, ele continuou: — Quase consigo vê-lo daqui.

Policiais ocupavam a calçada, impedindo que a multidão se aglomerasse. Olhei para além deles, na direção do olhar de Hayden. Atrás das luzes, vi algo brilhando na calçada.

Onde ficavam as janelas do Inked Armor, havia buracos pretos. Uma figura estava sendo erguida por um agente uniformizado. A luz do poste iluminava

seu rosto enquanto ele era levado a um carro de polícia.

— Puta que pariu — sussurrou Hayden. — Conheço aquele cara.



HAYDEN

Pela quarta vez em menos de duas semanas, eu estava de volta à delegacia. A agente Miller nos levou até lá na viatura, porque eu não tinha condições de dirigir. Aquela noite estava se transformando em algo incrivelmente bizarro.

Tenley estava comigo quando identifiquei Damen e Brett em duas filas separadas. Brett estava exatamente como eu me lembrava dele, só mais velho e acabado. Ele era baixo e estava começando a ficar careca. O rosto tinha cicatrizes. Os dentes estavam estragados. Mas era isso que acontecia com viciados em metanfetamina. A droga também fazia com que a pessoa ficasse psicótica a ponto de roubar uma casa com uma arma carregada sem verificar se os moradores estavam lá.

Damen não estava muito melhor, e era impossível me sentir mal por ele. Apesar de Brett ter puxado o gatilho, foi Damen quem coordenou tudo. Ele forneceu as drogas, ele plantou a ideia e, estupidamente, arrumara a arma. Mas a parte que mais me perturbava era que eu tinha trabalhado para ele por anos e nunca soube. Era o cúmulo da falsidade.

Sentado na sala de Miller, pensei por um instante no que poderia ter acontecido com Sienna. Seria cármico se Damen a dedurasse. Todos aqueles anos empurrando drogas para as dançarinas até que elas fossem forçadas a se prostituir era algo criminoso.

O mais absurdo daquilo era o fato de ela já ter passado por aquela situação. Ela sabia como era não ter escolha, mas mesmo assim ferrava com as pessoas que confiavam nela.

O parceiro de Miller, Duggan, estava empoleirado na beirada da mesa. Estava calmo e controlado, mas Miller parecia tão agitada quanto eu.

— Quer um café? — perguntou Duggan, tomando um gole.

— Água seria bom, por favor.

Minha garganta estava tão seca que eu tinha dificuldade para engolir. Estava à beira do pânico; só Tenley me mantinha controlado. Ela quis ligar para Cassie e Nate no caminho até a delegacia, porém pedi que esperasse, pois a presença dos dois teria tornado aquela situação parecida demais com a primeira vez. Eu ficava olhando por cima do ombro, esperando que Cross aparecesse e me interrogasse de novo. No fim das contas, não tinha nada com que me preocupar.

— Cross foi detido — disse Miller, organizando as canetas na mesa em uma linha reta.

Eu apenas a encarei.

— Queria ter lhe contado antes. Sei como isso tem sido difícil para você...

— Por quê? — perguntei, enfim, quando a lacuna entre meu cérebro e minha boca se preencheu.

— Brett Wilson é meio-irmão do Cross. A versão resumida é que ele prejudicou a investigação para protegê-lo.

— Filho da puta.

— Foi mais ou menos a mesma reação que eu tive — contou Duggan.

Miller o encarou.

Massageei as laterais da cabeça, onde uma dor leve tinha se transformado em um rugido latejante. A revelação explicava muito e nada ao mesmo tempo.

— Qual é a versão não resumida? — perguntei, mesmo sem saber se conseguiria aguentar mais.

Eu esperava ficar aliviado por saber a verdade, mas aquilo tudo tinha levantado mais questões.

— Brett era um adolescente perturbado. Ele tinha problemas quando era mais novo, mas, como Cross era da polícia, acabava ganhando um desconto. Brett tinha feito dezoito anos duas semanas antes do homicídio.

— Antes de ele matar meus pais, você quer dizer?

Tenley colocou a mão sob a minha. Eu a apertei.

— Tem certeza de que quer que eu continue? — Como assenti, Miller prosseguiu: — Brett alega ter feito duas ligações naquela noite. A primeira foi para Damen, e a segunda para o irmão. Mais ou menos na mesma hora, recebemos uma ligação na linha de emergência. Cross foi o primeiro a chegar à

cena. Pelo que entendemos, ele arquivou errado ou destruiu as evidências, fazendo com que boa parte delas fosse inadmissível. Alguns relatórios não faziam sentido. Ao mesmo tempo, parecia que o parceiro do Cross é que tinha sido o problema, mas agora sabemos que Cross orquestrou tudo para isso. O quadro foi a única coisa da qual ele não conseguiu se livrar. Foi relatado como roubado. Achamos que ele o escondeu com a intenção de voltar lá e destruí-lo depois, mas isso não aconteceu. Os resultados do laboratório confirmam as digitais tanto dele quanto de Brett no quadro.

Levei um minuto para processar tudo enquanto as peças se encaixavam.

— Mas o Cross não podia ir atrás do Damen, certo?

— Não sem denunciar a si mesmo — respondeu Duggan.

— Eles vão ser presos?

— Vai haver um julgamento — afirmou Miller.

— Vou ter que testemunhar?

— Seu depoimento será útil para o caso.

Reviver aquilo tudo seria um saco — mas eu não queria que nenhum deles recebesse uma pena menor do que merecia.

No fim de fevereiro, o caso foi julgado. As coisas andaram bem mais depressa do que eu esperava, o que era tanto um alívio quanto um desafio.

Tenley ajustou minha gravata e alisou as lapelas do meu paletó.

— Acho que estamos prontos.

Abracei-a forte.

— O que quer que você ouça hoje, por favor, lembre que tudo isso aconteceu há muito tempo.

— E eu quero que você lembre que qualquer coisa que venha à tona durante o julgamento não vai mudar nada. Ainda vou estar aqui, tentando me lembrar de não deixar a calcinha largada no chão do closet.

Sorri e recostei a cabeça no ombro dela.

— Te amo.

— Eu também te amo. Nunca duvide disso.

Ela pegou minha mão e abriu a porta do tribunal.

Eu podia ter ficado sentado quieto durante todo o julgamento ouvindo Brett e Damen relatarem suas versões dos acontecimentos, mas nada ia mudar o resultado. A única coisa que eu queria àquela altura era justiça em forma de prisão. Era para isso que eu ia depor.

Minha ansiedade disparou quando fomos escoltados para a frente do tribunal. Reconheci uma série de rostos: meninas que trabalharam na Dollhouse e conseguiram sair, outras que não conseguiram. Alguns dos funcionários de Damen também estavam lá. Todos sentados juntos, unidos contra as pessoas que tinham acabado com eles.

Sienna estava sentada na segunda fileira, no lado oposto do tribunal. Era difícil não notá-la com seu macacão laranja. Parecia frágil e pequena. A cicatriz em seu rosto era mais perceptível sem maquiagem. A cena parecia orquestrada para fazer as pessoas sentirem pena dela. Ela me olhou quando passei, seu arrependimento era óbvio. Damen a tinha derrubado do pedestal — e de mais do que isso. Além de intimada a testemunhar naquele caso, ela também estava encarando uma infinidade de outras acusações. Por mais que implorasse e barganhasse, Sienna pagaria por seus crimes. Eu quase sentia pena dela. Mesmo do seu jeito fodido, ela um dia se preocupou comigo, mas nunca do jeito que eu precisava.

Fui o único a depor. Tinham me dado uma ideia do que poderia ser questionado, mas as perguntas foram dolorosas de responder mesmo assim. Mantive o foco na primeira fileira, onde estava minha família: Cassie, Nate, Chris, Jamie e Sarah, uma muralha de solidariedade e apoio. No meio, estava Tenley. Ela era quem tinha me ajudado a suportar tudo aquilo — porque, assim que acabasse, eu teria alguém por quem valia a pena seguir em frente.

Não voltei para o tribunal depois daquilo. Não foi necessário. Embora o julgamento tenha durado semanas, o júri foi rápido para emitir um veredicto. Todos os três foram para a cadeia.



TENLEY

Hayden ergueu os olhos de sua estação de trabalho quando entrei no estúdio.

— Só uns minutinhos. Nate e eu estamos quase no fim.

— No fim *no fim* mesmo? — perguntei, debruçando-me no balcão em que Lisa estava e largando a bolsa no chão para abraçá-la.

— Você precisa ver — disse Lisa. — Cassie vai pirar.

Quando fui dar uma espiada, Nate ergueu a mão para me impedir. Hayden deu um tapa na mão dele.

— Estou colorindo o rosto dela, seu retardado. Não se mexa.

— Mas você nem está trabalhando nesse braço.

— Não importa. Se você mexe um braço, todo o seu tronco se mexe junto.

— Hayden manteve os olhos fixos no desenho, mas apontou para mim. — Você. Fique onde está até eu acabar.

Dei um passo atrás.

— Desculpe, Cupcake.

O aparelho de tatuar se afastou do braço de Nate quando Hayden ergueu a cabeça para me olhar.

Chris, que estava atendendo outro cliente, parou o que estava fazendo.

— Eu ouvi direito? A Tenley acabou de chamar você de “Cupcake”?

Lisa engoliu o riso. Fui para trás do balcão e a usei como barricada.

— Achei que tivéssemos concordado que você ia guardar segredo disso — disse Hayden.

— Foi sem querer.

Mais ou menos.

— Melhor se cuidar. Não vai ter ninguém aqui mais tarde para salvar você.

— Ele voltou a tatuar o braço de Nate.

— Promessas, promessas.

Eu o via sorrindo, mesmo de cabeça baixa. Seu cabelo tinha crescido um pouco desde o fim do julgamento. Estava quase caindo sobre o rosto de novo, como quando o conheci. Eu preferia um pouco mais comprido, então ele não tinha cortado novamente.

Hayden demorou nas últimas linhas de tinta. Depois que desligou o aparelho, levou mais tempo do que o necessário analisando a tatuagem.

— Pronto. Terminei. Quero dar uma olhada daqui a uma ou duas semanas caso precise de um retoque, mas por enquanto é isso. — A satisfação dele era evidente.

Nate se levantou. Estava usando uma regata fininha. A camisa social e a gravata estavam penduradas direitinho em um gancho na estação de trabalho de Hayden. A primeira coisa que notei — mas tentei não reparar — foi o contorno de um anel de metal do lado esquerdo do peito dele.

— Aquilo é...?

— Um piercing de mamilo? — terminou Lisa. — Coloquei para o aniversário da Cassie há alguns anos.

— Esses dois são meio malucos, não são?

— Você nem faz ideia.

O sorriso dela dizia tudo. Ergui a mão para impedi-la de continuar. Eu não fazia a menor questão de saber sobre qualquer outro piercing de Nate.

— E nem quero saber.

Nate e Hayden tinham ido até o espelho de três lados para analisar a tatuagem pronta.

— Quando é sua próxima sessão? — perguntou Lisa, puxando minha blusa de ombro de fora para dar uma olhada na tatuagem quase pronta.

— Não faço ideia.

Eu tinha passado pela cadeira de Hayden quatro vezes nas oito semanas anteriores; mais duas sessões e estaria pronta. Ele estava demorando para colorir porque precisava ficar perfeita e não queria trabalhar em mim por mais de duas horas.

Eu tinha a sensação de que ele estava prolongando aquilo de propósito. Era o lugar onde Hayden se sentia mais confortável para contar o que tinha acontecido nas sessões dele com Beatrice, então eu não estava com pressa de

terminar aquele tempo com ele. Faltando apenas duas sessões, eu ficava imaginando onde mais conseguiríamos aquela mesma conexão.

Lisa clicou o mouse e abriu a agenda de Hayden.

— Que tal na próxima sexta à noite? Ele tem duas horas livres no fim do dia, sei lá por quê.

— Duas semanas depois da última sessão, o que é perfeito. Ele não tem por que dizer que não.

Mas Hayden era muito bom em inventar desculpas quando queria.

Lisa me encaixou naquele horário.

— Certo, garotas. Hayden deixou vocês olharem! — gritou Nate.

Ele inclinou o braço para nos mostrar o desenho. A semelhança com Cassie era marcante. A versão pin-up dela era tanto tímida quanto sexy.

— Ficou linda. Cassie vai amar — disse Lisa.

Nate sorriu.

— Estou contando com isso. Tem sido um saco manter o curativo para que Cassie não veja. Acordei duas vezes essa noite com ela tentando espiar.

— Estou chocado — ironizou Hayden. — Vamos cobrir isso. Nada de esfregar qualquer coisa aí nos próximos dias, Nate. Não quero ter que fazer uma sessão de retoque de duas horas.

— Vou dizer para Cassie tomar cuidado.

— Cara, sério? Você não tem limites?

— Já levou a Tenley para ver o resto da casa ou ela ainda só conhece a garagem? — alfinetou Nate.

Hayden se virou, pronto para retrucar. Devia ter sido a cor do meu rosto que o calou.

Nate se sentou de volta na cadeira.

— Aliás, *se* você estiver pensando em levar a Tenley lá para ver, hoje e amanhã à noite são uma boa.

Hayden ergueu a sobrancelha, mas não olhou para ele.

— Ah, é?

— É.

Nate assentiu enquanto observava Hayden enrolar plástico filme na tatuagem e prender tudo com fita adesiva.

Ficou claro que estava rolando alguma coisa, mas, o que quer que fosse, nenhum dos dois parecia disposto a contar enquanto eu e Lisa estivéssemos prestando atenção. Fiquei feliz por Hayden ter se aproximado de Nate nos últimos meses, mas não gostava de ficar de fora das coisas.

— Então — disse Nate enquanto enfiava o braço com cuidado pela manga da camisa —, quando o Jamie vai começar sua pin-up?

— Hum... Eu, é... Ainda não conversamos sobre isso... — gaguejou Hayden.

Lisa tossiu para encobrir uma risada.

— Pin-up? — perguntei.

— Puta merda — disse Nate baixinho.

— Será que alguém pode explicar? — pedi, cruzando os braços.

Foi Lisa quem respondeu:

— Hayden vem namorando a ideia de fazer outra tatuagem há um tempo. Ele tem um desenho em mente, mas ele e o Jamie ainda estão analisando o local, então não tem nada decidido ainda.

— Por que eu não vi? — questionei.

Era a segunda vez em que me sentia deixada de lado desde que tinha entrado no estúdio. Até Lisa parecia saber da tatuagem.

Hayden ficou se balançando para a frente e para trás.

— Eu queria que ficasse perfeita antes de mostrar para você.

— Está perfeita agora?

— Ainda não, mas tenho uma cópia no meu arquivo em casa. Você pode dar uma olhada depois.

— Beleza.

Parei de insistir, ciente de que tinha algo mais envolvido, já que Lisa estava brincando com as pontas do cabelo e Nate demonstrava interesse excessivo pela própria gravata.

Nate tentou pagar, mas Hayden se recusou a aceitar. Já tinha passado das nove quando Hayden terminou de limpar a estação de trabalho. O primeiro cliente do dia seguinte ia precisar usar uma das salas privativas, então ele me

levou para lá enquanto organizava tudo. Eu me sentei na cadeira de tatuar e fiquei brincando com o encosto reclinável enquanto Hayden juntava as tintas e todos os apetrechos necessários para a sessão.

— Então, eu estava pensando... — Ele se sentou no banco ao meu lado. — O que acha de ver a casa hoje?

— Para conhecer a parte de dentro dessa vez? — perguntei. Cassie não tinha parado com as piadinhas.

— Era essa a ideia.

Ele esfregou o lábio, tentando esconder um sorriso.

— Eu adoraria.

— Mas, se você quiser passar um tempinho a mais na garagem, não vou me opor.

— É claro que não. — Puxei-o pela camisa e mordisquei seu lábio. — Sei que você está escondendo alguma coisa de mim.

Hayden passou uma perna por cima da cadeira e se sentou de frente para mim.

— Você é esperta demais, isso pode ser perigoso. Nunca ouviu falar em surpresa?

— Não gosto que todo mundo saiba de tudo menos eu. Eu é que deveria ser sua parceira.

— Você é minha parceira.

Hayden se sentou no meu colo, apoiando o peso do corpo nos descansos de braço, e abaixou a cabeça, roçando os dentes pela minha clavícula. Senti a ereção dele contra minha barriga. Eu não podia fazer mais nada a não ser me contorcer, já que ele estava sentado nas minhas pernas.

— Você já fodeu aqui dentro?

Usei o palavrão de propósito. Descobri que isso excitava Hayden, porque eu quase nunca dizia coisas assim.

— Não.

Ele se mexeu, afastando minhas pernas com o joelho.

— Não?

Sempre que eu estava na cadeira dele, queria tirar a roupa e tê-lo dentro de mim. Hayden balançou a cabeça e se acomodou entre minhas coxas.

— Quer me foder aqui?

Ele parou de me beijar e ergueu a cabeça para me olhar nos olhos.

— A gente não fode, Tenley. A gente transa. Às vezes, até fazemos amor, mas não fodemos.

Olhei para ele com perplexidade evidente. Aquilo era uma baita mentira. Diversas vezes o mero desejo tinha vencido nossas tentativas de sermos amáveis e carinhosos — o que não me incomodava nem um pouco.

Eu ia chamar a atenção dele para isso, mas mostrar que ele podia me amar e me foder ao mesmo tempo não ia ajudar meu plano para o momento. Eu estava excitada. Hayden estava tão cansado nas últimas noites que tinha apagado no sofá assim que chegara do trabalho. E minhas matérias e minha tese estavam demandando boa parte da minha atenção. Não transávamos havia dias.

— Tudo bem. Quer transar comigo aqui?

— Agora? — A voz dele saiu abalada.

— Podemos trancar a porta.

— Não. — Ele apertou ainda mais os braços da cadeira. — Não com o Chris e o Jamie e a Lisa na sala ao lado.

— Se estivéssemos sozinhos, você transaria?

Desci as mãos pelas costas dele e as passei por baixo do cós da calça. Ele estava sem cueca. Hayden encostou a testa no meu ombro.

— Puta merda, Tenley. Por que você está insistindo nessa merda agora? — A voz dele foi abafada pelo meu cabelo.

— Porque você está acordado e não corre o risco de pegar no sono em cima de mim. Já faz dias. Sinto sua falta.

Hayden ergueu a cabeça e franziu a testa.

— Quanto tempo?

— Tempo demais — respondi, tentando controlar a frustração.

Minhas unhas se afundaram na bunda dele e seus músculos se contraíram sob meus dedos. Mas eu sentia falta não apenas de sexo. Sentia falta do corpo dele, da maneira como ele me envolvia, me consumia. Sentia falta da conexão que tínhamos quando ele estava dentro de mim, tanto física quanto emocionalmente. Eu desejava aquilo. Precisava daquilo.

Notei que ele estava fazendo contas de cabeça, tentando se lembrar da última vez em que tínhamos feito sexo. A expressão dele mudou de duvidosa para arrependida.

— Primeiro vou mostrar a casa; depois, recompenso você pela minha negligência.

Com um sorriso safado, ele desenganchou minhas pernas de sua cintura e se levantou. Esticando a mão, me ajudou a me levantar e me puxou para si.

— Só para você saber, quero ter você nesta cadeira desde que fiz aquele cupcake. Então se prepare para concretizar essa ideia assim que eu tiver a chance.

Quando chegamos à casa, havia uma série de marcas de pneus na neve acumulada na entrada.

— Parece que alguém esteve aqui há pouco tempo — observei.

— Decidimos começar a reforma mais cedo.

Ele apertou um botão no para-brisa e o portão da garagem se abriu. Estacionamos lá dentro e descemos do carro.

— Está quente aqui dentro — falei.

— O piso é aquecido. Eu não sabia disso da outra vez.

Hayden deu um sorrisinho tímido e foi até uma escada que levava a uma porta. Segurou minha mão e me guiou para dentro da casa, acendendo as luzes enquanto passávamos por um hall de entrada recém-pintado. Mais luzes se acenderam quando chegamos a outra porta, que dava para um espaço amplo.

Observei a cozinha de última geração.

— Você não disse que esse lugar precisava ser reformado?

— E precisava.

— Quanto você mexeu? — perguntei, tirando os sapatos para não riscar o piso de madeira.

— O suficiente.

Olhei para Hayden. Ele estava mordendo o lábio, apesar de os piercings não estarem mais lá. Só fazia isso quando estava ansioso ou queria sexo.

— Venha — chamou ele, me puxando. — Tem mais coisa para ver.

Mordi a língua para não fazer as outras perguntas que queria, como por que eu nunca soube que eles começariam a reforma “mais cedo”. No andar principal, uma enorme janela ocupava o lugar de uma das paredes, com pé-direito de quase três metros, e o espaço era pintado com cores neutras. Havia uma sala de jantar atrás da cozinha, com um candelabro ornamentado. A sala de estar era enorme, com linhas simples e paredes claras; me lembrava o apartamento de Hayden, só que com o triplo do tamanho, com adornos arquitetônicos.

Quando terminamos o tour do térreo, Hayden me levou ao andar de cima. Havia quatro quartos. Ele deixou a suíte por último: teto em abóbada, janelas imensas do chão ao teto e até um cantinho de leitura.

— Isso é incrível — comentei.

Dei uma volta no quarto. Assim como em todos os outros cômodos, as paredes eram claras. As dali eram de um cinza-clarinho.

— Quando vocês começaram tudo isso?

— Em meados de janeiro.

Eu me virei.

— Você está escondendo isso de mim há dois meses?

— Nate sugeriu que começássemos por dentro para que só sobrassem o paisagismo e a pintura externa para a primavera. Eu precisava de uma distração do julgamento. E queria fazer uma surpresa para você.

— Por quê?

— Eu que banquei a reforma. Quero comprar a parte do Nate.

— Achei que vocês fossem revender.

Ele estava nervoso; ficava desviando o olhar.

— Esse era o plano original.

— Por que o plano mudou?

— Você não gostou da casa?

Ele parecia quase magoado. Eu estava ficando cada vez mais confusa.

— Claro que gostei. É linda. Só não sei quando você mudou de ideia e por que só estou sabendo disso agora.

Hayden olhou para a linda abóbada no teto.

— Gosto da planta desta casa e deste quarto. Mas é espaço demais para uma pessoa só. — Ele se afastou da porta e deu alguns passos na minha direção. — Ela também fica um pouco mais perto da Northwestern.

Meu coração deu um pequeno salto.

— É verdade.

— Deve ficar pronta em algumas semanas. — Hayden ajeitou meu cabelo atrás da orelha. — Pode ser que não pareça tão grande assim com duas pessoas morando. E a AG, é claro.

— Está me chamando para morar com você? — perguntei. Eu tinha quase certeza de que não estava entendendo direito.

Ele colocou as mãos nos bolsos.

— É cedo demais para isso?

— Não sei se consigo ser tão organizada como você.

Ele sorriu.

— Eu não espero que seja.

— Mas posso tentar — falei, incapaz de conter a animação.

— A casa é enorme. Você pode ter um quarto para deixar bugigangas espalhadas se quiser.

Ele enganchou um dedo no passador de cinto da minha calça e me puxou.

— Não prometa nada desse tipo se você não vai conseguir cumprir — provoquei.

— Você pode manter a porta fechada. Eu nunca vou ver.

— Isso pode funcionar.

Ri e dei uma olhada no quarto, imaginando que seria nosso. Começou a cair a ficha da magnitude do que ele tinha feito. Todas as noites em que havia chegado tarde e apagado no sofá tinham sido por causa disso. Estava fazendo isso por nós dois.

Hayden me abraçou pela cintura.

— Então você vem morar comigo aqui?

— Eu praticamente já moro com você.

— Mas você ainda tem o seu apartamento.

— Não durmo lá há meses. — Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo. — Vou avisar a Cassie amanhã.



HAYDEN

Coloquei minhas chaves ao lado das de Tenley na casa nova e fui para a cozinha. Com sorte, eu a encontraria cumprindo tarefas domésticas vestindo um daqueles aventais e quase mais nada. Era sexy pra cacete. Mas, para minha decepção, ela não estava lá.

— Tenley?

Larguei a sacola na bancada e desempacotei as compras. Chamei de novo, mas ela não respondeu. Reorganizei tudo o que estava fora do lugar na geladeira e nos armários, olhando por cima do ombro várias vezes para ter certeza de que não seria pego. Eu estava me esforçando, porém não tinha a ilusão de que seria curado do meu problema. Desde que não atrapalhasse minha habilidade funcional ou minha vida sexual com Tenley, ficaria tudo bem.

Procurei-a no restante do primeiro andar, mas sem sucesso. No meio da escada, ouvi o som da voz dela. Tenley estava cantando. Devia estar desfazendo as malas.

Eu a encontrei no quarto extra que ela tinha escolhido como escritório. O covil da desorganização. Ela estava com fones de ouvido e uma roupa de videoclipe dos anos 1980: short curto e polainas. A blusa, que era um tanto transparente, estava caída em um ombro. Sem sutiã. O tecido branco e fino proporcionava uma visão embaçada da tatuagem inteira. Se eu me esforçasse, veria o bloco de quinze centímetros no meio da asa direita que ainda não tinha sido colorido.

Nossa última sessão estava marcada para aquela noite. Eu já havia adiado duas vezes. Tínhamos nos mudado para a casa nova. Tudo, com exceção daquele quarto, estava organizado. Tenley estava em dia com os estudos. Eu não tinha mais nenhuma desculpa válida. A paciência dela estava se esgotando.

Eu andava enrolando apenas porque não queria terminar, mas ia tentar adiar de novo mesmo assim.

Tenley começou a rebolar enquanto guardava os livros nas prateleiras, organizando-os sem nenhum critério, pelo que eu via. Bom, ela não seguia mesmo o Sistema Hayden Stryker de organização de livros. Eu me recostei no batente da porta e fiquei assistindo. Aquilo era bastante divertido, embora eu quisesse entrar ali e mudar tudo de lugar. Não havia nenhuma linha reta, nenhuma continuidade. Era um caos. Ou talvez eu estivesse sendo dramático demais. Isso acontecia às vezes.

Quando a caixa ficou vazia, Tenley a desmontou e a jogou na pilha de papelão descartado. A visão dela se abaixando era espetacular. Eu só precisaria trabalhar dali a quase uma hora; tinha tempo de sobra para tirar aquele short.

Tenley se virou e deu um pulo, arrancando um dos fones.

— Que susto!

— Desculpe. — Na verdade, eu não me arrependia nem um pouco.

As mãos dela foram parar na cintura.

— Há quanto tempo você está aí?

— Tempo suficiente. — Esfreguei a mão na boca para esconder um sorriso.

— Gosto muito mais dessa sua versão do que da música original.

— Rá, rá. Você é mesmo um comediante. — As bochechas dela ficaram cor-de-rosa.

— É sério.

A voz dela não era nem um pouco ruim, e Tenley sabia disso. Sempre cantava junto com o rádio no carro.

Ela ignorou o comentário e se virou para a pilha de caixas.

— Que horas são?

— Onze e pouco.

— O quê? Não percebi que tinha passado esse tempo todo. Preciso me trocar — disse ela, soltando a caixa e tentando passar por mim.

Enrosquei o braço em sua cintura para impedi-la.

— Aonde você precisa ir?

Não tinha nada no calendário, e ela não precisava assistir a nenhuma aula nem lecionar naquele dia.

— Tenho uma reunião com o grupo. Remarcamos ontem. Eu me esqueci de te avisar ontem à noite.

Na noite anterior, eu tinha fuçado algumas das caixas dela. Encontrei brinquedinhos eróticos. Foi revelador; muitas das coisas que estavam ali me surpreenderam. Depois que Tenley se recuperou da vergonha desnecessária, eu a mantive bem ocupada. Dava para entender por que ela se esquecera de me contar sobre a reunião.

— Com o Clube dos Nerds?

— Não fale assim — disse ela, sorrindo.

— A que horas você tem que sair?

— Não vou sair. Eles vão vir aqui.

— Aqui? Na nossa casa?

Ela tentou se desvencilhar de mim, mas não a deixei sair.

— Achei que não tivesse problema. É melhor que fazer uma reunião no campus.

— Mas eu tenho que ir para o Inked Armor.

Na reunião anterior, aquele filho da mãe do Ian tinha conseguido voltar para o grupo. Os outros caras eram uns nerds inofensivos, mas Ian se achava malandro. Estava sempre tentando virar meu amigo, me dizendo como Tenley era legal. Como se eu já não soubesse.

Ela franziu a testa.

— Não precisamos de um segurança. Vamos trabalhar em um projeto, e não dar uma festa e encher a cara.

— Eu sei.

Tenley suspirou.

— Eles vão chegar em meia hora. Preciso ligar para o Patrick e perguntar se podemos nos encontrar na casa dele?

— Não precisa. Aquele babaca do Ian ainda está no grupo?

Tenley ergueu a sobrancelha.

— Ele não está interessado em mim.

— Está, sim.

— Ele sabe que eu moro com você.

— Isso só torna o desafio maior.

— Ele tem namorada.

— Só porque você não está disponível.

Ela revirou os olhos e empurrou meu peito.

— Ele não está no nosso grupo, então não importa.

— Por que você não disse logo?

— Porque você é impossível. Me solta. Preciso tomar banho antes que eles cheguem.

Soltei-a. Mas a capturei novamente quando saiu do banho e me aproveitei do fato de estar nua. Tenley ainda estava se vestindo quando o grupo chegou, então eu os recebi. Exatamente como havia planejado. Tinha uma menina nova no lugar de Ian. Ela parecia um pouco nervosa, mas fiquei feliz por ver outra mulher no grupo. Levei-os até a sala e até ofereci bebidas, como um bom anfitrião. Tenley desceu com o moletom STRYKER e uma calça jeans.

— Preciso correr — avisei, puxando-a para um beijo. Ela manteve os lábios fechados mesmo quando passei a língua por eles.

Tenley se afastou, o rosto vermelho denunciando seu constrangimento.

— Vou estar no estúdio lá pelas sete.

Merda. Eu queria ter tocado no assunto mais cedo, antes de atrasá-la com o sexo pós-banho.

Dei uma olhada no Clube dos Nerds e A Menina Nova. Talvez a presença deles ali me ajudasse. Tenley provavelmente não ficaria chateada comigo na frente de outras pessoas.

— Por falar nisso...

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Ah, não. Não. De jeito nenhum.

Ou talvez ela não se importasse de falar na frente dos outros.

— Mas eu...

— Já volto. Fiquem à vontade.

Tenley abriu um sorriso forçado para o grupo e pegou minha mão, me arrastando para fora da sala. Parou quando chegamos à cozinha, longe dos olhos e dos ouvidos de todos.

— Você já adiou a sessão duas vezes; não vai fazer isso de novo.

— Mas tem um cliente meu que precisa de...

— Você tem vários clientes que precisam de alguma coisa, e eu sou um deles. Já esperei demais. Quero essa tatuagem terminada, Hayden.

— Eu entendo. É que...

Eu não tinha nenhuma razão justificável para continuar adiando.

— Primeiro você fica todo territorialista porque meu grupo vinha aqui e agora quer adiar minha sessão de novo. O que está acontecendo? — perguntou ela, inclinando a cabeça.

Estava claro que eu não conseguiria escapar sem dar uma explicação. Olhei para o chão e empurrei os dedos dela com o pé.

— Não quero que essa seja a última sessão.

Tenley abraçou meu pescoço e repousou o rosto no meu peito.

— Terminar a tatuagem não significa que esta será a última vez em que estarei em sua cadeira.

— Eu sei.

Do ponto de vista racional, eu entendia isso, mas terminar uma tatuagem daquele tamanho trazia à tona uma série de emoções. Não apenas para Tenley, mas para mim também. Essa era a parte que mais me incomodava, porque eu nunca tinha me sentido assim com ninguém. Já tinha vivenciado os altos e baixos pós-tatuagem várias vezes. Às vezes os altos eram maiores do que os baixos. Mas nem sempre. Em parte, era por isso que eu ficava adiando — temia não apenas que Tenley não suportasse a última sessão mas que eu mesmo não conseguisse.

— Então por que ficar adiando?

— Quero que seja bom para você.

— Vai ser — garantiu Tenley. Ela parecia tão segura!

Não tinha saída agora. Antes de o dia chegar ao fim, a tatuagem de Tenley estaria terminada.

Minha agenda de clientes do dia estava completa. O cara antes de Tenley chegou atrasado e precisou de mais intervalos do que eu tinha previsto, o que a obrigou a esperar. Tenley não ficou muito feliz, talvez por temer que eu usasse aquilo como mais uma desculpa para adiar a sessão final.

Ela e Lisa foram visitar Cassie no Serendipity e pegar cafés. Tenley não voltara a trabalhar lá desde que regressara a Chicago, já que não precisava do dinheiro. O emprego era uma maneira de ela ocupar o tempo. E agora tinha se tornado desnecessário, porque ela não estava mais fugindo da dor.

Já passava das oito quando terminei com o cliente. Lisa, Jamie e Chris estavam indo embora, então Tenley e eu tínhamos o estúdio só para nós. A sessão duraria apenas umas duas horas, e isso se eu enrolasse, que era o que eu planejava fazer.

Apesar de estarmos sozinhos, tranquei a porta da sala privativa e me ocupei checando a bandeja de materiais. Era desnecessário. Eu já tinha organizado tudo no começo da tarde para preparar meu estado de espírito.

As coisas estavam bem entre nós. Exceto pela minha manifestação de possessividade excessiva naquela manhã, não havia acontecido nenhum drama. Eu não estava perdendo a cabeça se as toalhas não estivessem alinhadas à perfeição. Tenley estava indo bem na faculdade; a nova orientadora era uma pessoa bem mais fácil de lidar. Calder perdeu o emprego quando o vídeo vazou “acidentalmente” na internet e foi encaminhado ao reitor. Eu não queria que nada prejudicasse o equilíbrio que tínhamos estabelecido.

Refleti sobre minha reação naquela manhã, tentando entender qual era o meu problema, além do óbvio, mas ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão racional.

Tenley se sentou na cadeira, toda vestida. Em geral, ela ficava quase nua assim que eu trancava a porta.

— Você vai ter que tirar isso para eu poder começar — falei, apontando para o moletom dela.

— Primeiro quero fazer uma pergunta.

— Manda — falei, começando a ajustar o aparelho de tatuar.

— Por que você está tão preocupado que esta seja a última sessão?

— Já conversamos sobre isso hoje.

Quase me atrapalhei com a agulha, me rendendo ao nervosismo. Tenley era perceptiva. Eu não conseguia esconder muita coisa dela.

Ela tirou o moletom, um movimento bem orquestrado para garantir que, se eu respondesse àquela pergunta com sinceridade, ela tiraria mais peças de

roupa. Estava usando por baixo uma camiseta que acentuava suas curvas.

— Me explique de novo. E eu já sei que você gosta de ter sua namorada na sua cadeira. Isso é óbvio.

— Tecnicamente, eu nunca *tive* você na minha cadeira, mas acho que podemos consertar isso... — Larguei o aparelho e tirei as luvas. Eu estava enrolando para começar a sessão.

— Você já usou o sexo como distração hoje. Não pode fazer isso de novo.

— Achei que o limite fosse de duas vezes por dia.

Eu me aproximei para beijá-la, mas Tenley virou a cabeça. Acabei mordendo seu pescoço.

— Responda à pergunta. — Ela pareceu só um pouquinho ofegante.

— Já respondi. — Dei uma chupada leve. O gosto dela era bom, como sempre.

— Você não vai conseguir provocar a mesma reação de hoje de manhã. Depois do que aprontou, acha que vou cair nessa? Não me subestime.

Eu não esperava que a tática da dispersão funcionasse, mas ao menos havia tentado. Recostei-me na cadeira de rodinhas e deslizei para perto de Tenley. Não podia começar a sessão com aquela tensão entre nós. Não era justo com ela.

— Estou nervoso.

— Com a minha reação quando terminarmos a tatuagem? Estou pronta para isso.

Fazia um bom tempo que ela não demonstrava nenhuma tristeza depois das sessões. Pelo contrário: pairava sobre Tenley uma paz que eu invejava à medida que nos aproximávamos do fim. Eu era o único que estava com dificuldades. Contornei as veias do dorso da mão dela com o dedo, precisando de algo em que me concentrar.

— A questão sou eu, mais do que você. — Depois de uma longa pausa, olhei para ela, encontrando seus olhos questionadores. — Não quero perder isso.

— Isso? Quer dizer o que temos quando estamos aqui dentro? — perguntou Tenley, virando a mão e entrelaçando os dedos nos meus.

— É estúpido. Estou sendo idiota.

— Não, não está. — Ela beijou minha mão. — Acho que a gente devia ter conversado sobre isso antes. Só deixei você adiar essa sessão duas vezes porque sei quanto me sinto conectada a você quando estamos aqui.

Eu não deveria ter me surpreendido por ela me entender ou por sentirmos os mesmos medos.

— Desculpe ter adiado tanto.

— Imaginei que você tivesse seus motivos. — Ela se mexeu e eu abri as pernas para que as dela se encaixassem entre as minhas. Os dedos que não estavam entrelaçados nos meus alisaram meu cabelo. A mão de Tenley repousou na minha nuca. — Essa tatuagem não é mais uma representação da perda, Hayden. Começou assim, mas o tempo mudou isso. Você mudou isso. Não é um fim. É como encerrar um ciclo, trazendo a gente de volta para onde tudo começou.

— Só tenho medo de que terminar a tatuagem signifique que você não precisa mais de mim.

Ela passou o polegar pelo meu rosto.

— Isso não vai acontecer. Você é importante demais para mim para eu me afastar, Hayden.

Peguei a mão dela e a levei à boca. Apesar de serem só palavras, era a garantia de que eu precisava.

— Eu te amo.

— Eu sei. Também te amo. Agora vamos acabar o que começamos.

Tenley se afastou e esperou. Eu queria prolongar cada parte daquele processo, sabendo que aquela primeira vez para ela e para mim não era algo que poderíamos recriar.

Demorei a tirar a camiseta dela, roçando as mãos pelas costelas delicadas. Então surgiu o sutiã vermelho com bolinhas pretas e babados de renda. Eu tinha certeza de que ela estava usando a calcinha do conjunto. Era a versão viva do contorno que Jamie tinha feito no meu braço uma semana antes.

Eu não confiava em mim mesmo para tirar mais peças de roupa dela sem ir longe demais, então calcei as luvas enquanto Tenley abria o sutiã. Ela estava

usando os piercings de cupcake de novo. Deu um sorriso tímido, esperando que eu parasse de olhar para os seios dela e começasse a trabalhar.

— Você precisa se virar, gatinha — falei para o peito dela. — Por favor.

As sessões com Tenley tinham se tornado uma espécie de preliminar e eram quase tão íntimas quanto o sexo de fato. Com o limite de duas horas por sessão, ela não ficava tão cansada e depois a conexão se estendia até o quarto. O sexo era sempre arrebatador. Mais um motivo para eu querer adiar a sessão final.

Ela se virou e sentou na cadeira, permitindo que meu cérebro voltasse a funcionar. A área na qual eu ia trabalhar era pequena, com somente quinze centímetros de altura por vinte de comprimento.

— Pronta?

— Para você? Sempre. — O sorriso encabulado de Tenley aliviou um pouco da tensão.

Comecei com os dourados e os prateados, depois passei para os vermelhos e azuis das chamas que consumiam a parte de baixo das asas. Eu gostava mais daquela parte, porque representava a luz e a escuridão com a mesma proporção. Para mim, Tenley sempre seria a luz na minha escuridão.

A mão dela veio repousar no meu joelho enquanto eu coloria a asa. Ela não reclamou quando trabalhei em cima das costelas nem nos locais mais sensíveis. Foi assim em quase todas as sessões. Mesmo quando eu tatuava sobre as cicatrizes, o único som que ela emitia era de alívio quando a agulha deixava a pele e eu limpava a tinta residual. O único sinal de dor era a tensão em seu corpo.

Nossa conversa foi leve, nada como as de algumas das primeiras sessões, que tinham sido recheadas de revelações difíceis.

A sessão passou rápido demais.

Quando terminei, olhei para o desenho inteiro, procurando lugares que precisassem de retoque. Não havia nenhum. Eu tinha sido meticuloso. Desliguei o aparelho de tatuar e o larguei. Então, removi a tinta com um pano limpo, admirando a tatuagem completa pela primeira vez.

— Está pronta.

O sorriso dela era cheio de uma satisfação calorosa.

— Quero ver.

Ajudei-a a se levantar e a levei até o espelho de três lados, ajustando o ângulo para que ela não precisasse inclinar a cabeça. Os vermelhos, os azuis e os tons esfumados de roxo na base das asas apresentavam um contraste impactante com os dourados e os prateados etéreos dos ombros. Eu duvidava de que algum dia faria algo mais sombrio e mais belo.

Os dedos dela contornaram a ponta da asa. Tenley parecia um anjo em chamas.

— É tão linda... — disse ela baixinho.

— É você que a faz assim.

Lágrimas escorriam por seu rosto enquanto analisava a arte. As emoções e a expectativa que surgiam com a conclusão de um desenho daquele tamanho eram o motivo. Eu sempre tinha visto a arte corporal como uma maneira de exorcizar demônios, mas não tinha nada a ver com isso. Era um puxa e empurra; uma forma de deixar para trás e se apegar ao mesmo tempo. Tenley vestia a perda em uma armadura de tinta, assim como eu.

Cobri a tatuagem com uma camada protetora de plástico filme, depois tirei as luvas e sequei as lágrimas dela.

Tenley envolveu meu pescoço com os braços. Ainda em frente ao espelho de três lados, o reflexo me dava a imagem perfeita da tinta fresca de vários pontos de vista.

— Obrigada por terminar isso e, na verdade, por ter concordado em ser meu tatuador.

— Como se houvesse outra opção. — Passei o dedo pela borda do desenho.

— Assim que isso cicatrizar, quero que a Lisa tire outra foto.

Tenley desceu os dedos pelo meu peito.

— Preciso te lembrar de que moro com você? Não acha que vai ver isso o suficiente?

— Não existe suficiente quando se trata de você.

— Sei perfeitamente como é.

Tenley deslizou as mãos por baixo da minha camiseta e pela lateral do meu corpo. Não a interrompi quando tirou minha camiseta e a largou no chão.

Também não resisti quando agarrou meu cinto e me arrastou até a cadeira de tatuar. Então ela mesma tirou o cinto e abriu o botão da minha calça.

A legging dela foi a próxima.

— Adoro isso. Nada de zíper nem botão para atrapalhar — falei.

Ela riu quando puxei a legging com firmeza. Eu me sentei na cadeira de tatuar com a calça nos joelhos e aproveitei um instante para apreciar o fato de que Tenley estava, realmente, usando uma calcinha que fazia par com o sutiã sexy.

Enganchei os polegares no elástico e puxei a calcinha para baixo, traçando um caminho de beijos do umbigo até a pelve. As mãos de Tenley foram parar no meu cabelo, como sempre iam quando minha boca descia pelo seu corpo. Ela raramente deixava dúvidas em relação ao que queria.

Dei uma lambida antes de olhar para ela.

— Talvez seja melhor eu levar você para casa.

Ela estreitou os olhos de um jeito sexy e ameaçador.

— Não ouse.

Tenley ia pegar fogo se eu deixasse. Ela soltou meu cabelo e empurrou meus ombros para que recostasse na cadeira, e então montou em mim. O quente e o molhado encontraram o duro. Segurei o quadril dela para impedi-la de se mexer.

— Hayden — gemeu Tenley.

O rabo de cavalo caiu por sobre o ombro, o adereço de mamilo quase invisível por trás da cascata. Ela era minha tentação definitiva, linda, sedenta e cheia de fogo. Seria fácil demais apenas penetrá-la, mas desacelerei as coisas.

— *Preciso* de você. Por favor. — Ela me beijou, toda lenta e doce.

— Você acha que não sinto o mesmo?

— Então me come, caralho!

Eu ri. Tenley mordeu meu lábio, porém estava sorrindo e se derreteu toda sobre mim, como se compreendesse.

Jamais haveria outras primeiras vezes como aquela: a primeira tatuagem finalizada nas costas de Tenley e a primeira vez em que tatuei algo tão

significativo em alguém que eu amava. Aquilo era importante pra caramba. Então eu ia curtir a experiência. E ela deixou.

Estávamos o mais próximos possível, unidos em todos os sentidos. Nos anos entre a perda e a vida, eu tinha esquecido como era amar. Não sabia como era me sentir completo, estar presente na minha própria vida.

Então apareceu Tenley, que me fez notar tudo o que eu estava perdendo, mas tinha medo de reconhecer. Ela estava fugindo, assim como eu, mas isso agora era passado. Eu tinha um desfecho — e, mais do que isso, eu tinha Tenley. Ela era o início, meu recomeço, o renascimento pelo qual eu ansiava. Ela incorporava a fênix embutida na minha pele, ressurgindo das cinzas para começar de novo.

Nesse ponto, estávamos marcados um pelo outro. Ia muito além da tinta ou da pele. Ia diretamente na alma.

Nesta vida, pelo tempo que durasse, seríamos a armadura um do outro.

HELENA HUNTING mora em Ontário, no Canadá, com a família e dois gatos um pouco nervosinhos. Formada em letras, ela põe em prática o que aprendeu na hora de escrever seus romances. Saiba mais em <www.helenahunting.com>.

Copyright © 2014 by Ink & Cupcakes Inc.
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Inked Armor

Capa
Alfredo Rodrigues/Filigrana sobre design original de Damon Za e Jae Song

Preparação
Isabela Fraga

Revisão
Sheila Louzada
Luana Luz de Freitas
Sabrina Primo

ISBN 978-85-438-0516-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

SUMÁRIO

Capa

Rosto

Dedicatória

Agradecimentos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)